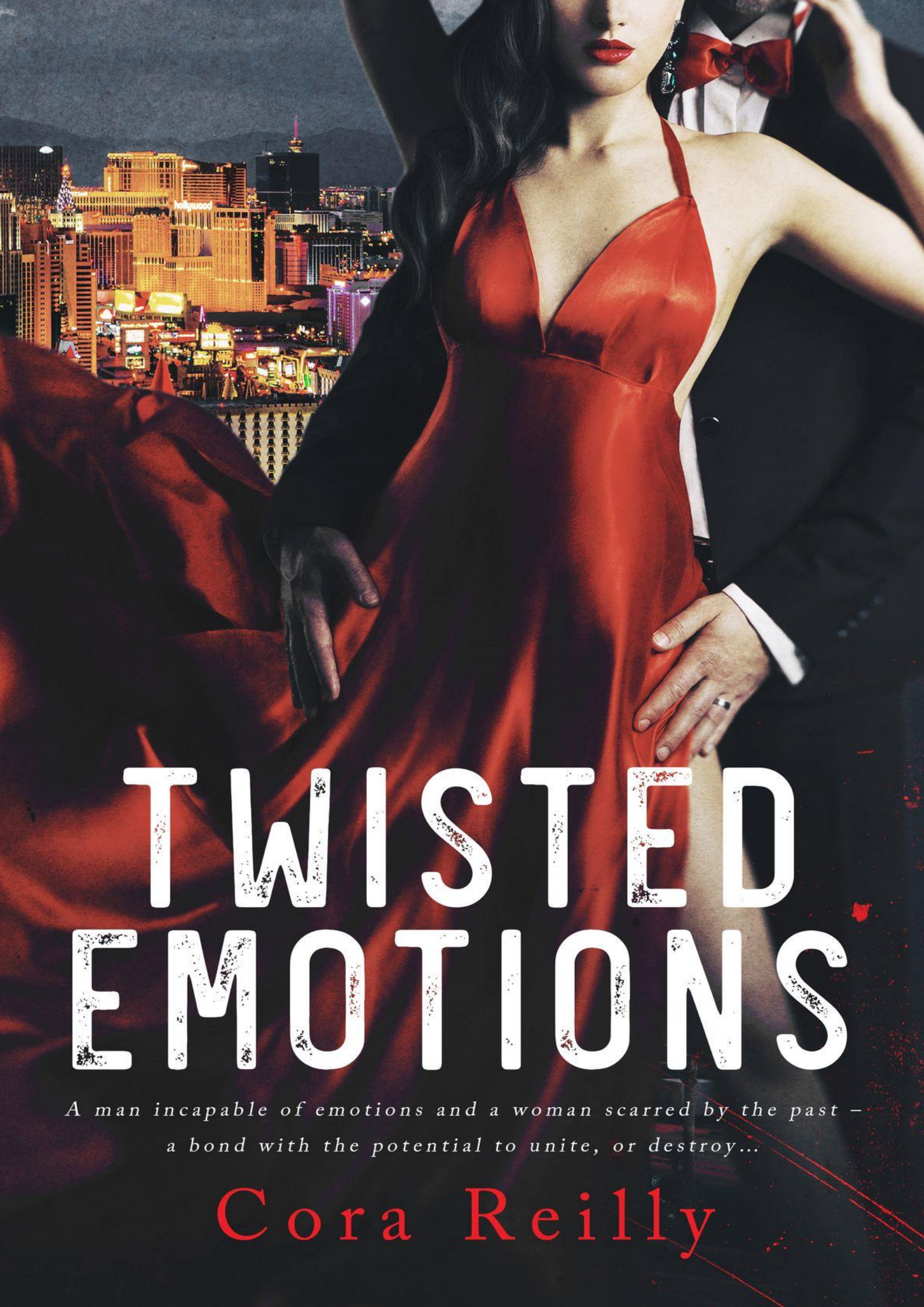




TWISTED EMOTIONS

*A man incapable of emotions and a woman scarred by the past –
a bond with the potential to unite, or destroy...*

Cora Reilly





Cora Reilly

#2 Twisted Emotions

Série The Camorra Chronicles



Tradução Mecânica: Magali

Revisão: Si

Leitura: Aurora

Data: 02/2019

Twisted Emotions Copyright © 2019 Cora Reilly

SINOPSE

Nino Falcone é um gênio e um monstro. Como braço direito e irmão do Capo da Camorra, sua falta de sentimentos é uma bênção, não uma maldição - até que seu irmão lhe pede para se casar por causa da Camorra.

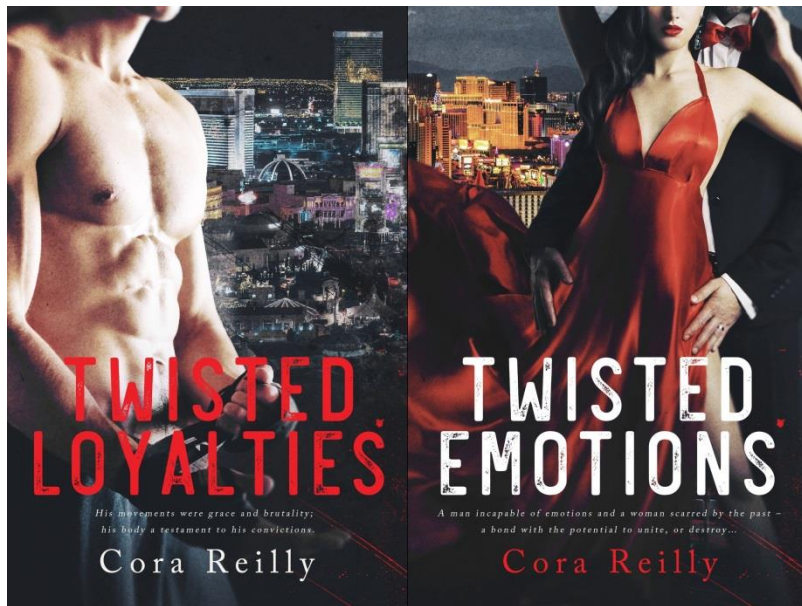
Kiara Vitiello, prima do Capo da Famiglia de Nova York, é escolhida para se casar com Nino Falcone para evitar a guerra com a Camorra, mas o que ela ouve sobre Las Vegas faz suas veias pulsarem de terror. Depois que seu pai traiu seu Capo e pagou com sua vida, sua família acha que o casamento é sua única chance de trazer honra ao seu nome; mas apenas Kiara sabe que ela é um prêmio defeituoso dado em troca da paz.

Um homem incapaz de ter emoções e uma mulher marcada pelo passado - um casamento arranjado com o potencial de unir ou destruir...

A SÉRIE

Série The Camorra Chronicles

Cora Reilly



Prólogo

KIARA

Os Falcones iriam se sentir enganados. Uma virgem deveria ser dada em sacrificio aos monstros em Las Vegas como uma promessa de paz. Nunca tive a chance de ser virgem. Essa escolha foi tirada de mim. *Dolorosamente arrancada de mim.*

O medo, agudo e cru, arranhou meu peito quando meu marido me levou para o nosso quarto no fim da noite e fechou a porta nos rostos sorridentes de seus irmãos. Nino me soltou e eu rapidamente criei distância entre nós, movendo-me em direção à cama.

Seis anos se passaram, mas as lembranças ainda me acordam durante a noite. Eu estava com medo de estar perto de um homem, de qualquer homem, especialmente este homem - meu marido.

De pé alguns passos em frente à cama, meus olhos varreram os lençóis brancos - lençóis que minha família esperava ver manchados com meu sangue pela manhã.

Sangue que não estaria lá.

Eu me aproximei da cama. Houve sangue na primeira vez, na segunda vez e até na terceira vez. Muito sangue, dor, terror e mendicância. Não houve apresentação de lençóis naquela época. Nossa empregada, que nunca me ajudou, lavou-as.

Eu não imploraria esta noite. Não tinha parado o meu agressor há muitos anos.

Isso não impediria meu marido.

Eu conhecia as histórias. Eu o vi na gaiola.

Meu único consolo era que eu duvidava que ele pudesse me quebrar mais do que já tinha sido todos aqueles anos atrás.

Capítulo Um

ANTES

NINO

— Você se lembra do que eu disse a Luca da última vez que o vi? Duvido que ele tenha algum interesse em trabalhar conosco depois disso — murmurou Fabiano, andando pela sala. — Ele vai me matar no momento em que eu colocar meus pés no território dele, confie em mim. Porra, eu me mataria se fosse ele.

Remo sacudiu a cabeça. — Ele está com raiva, mas ouvirá a voz da razão.

Eu assenti. — Ele queria proteger sua propriedade, sua esposa, mas ainda é um homem de negócios e temos bons argumentos para a cooperação. As drogas ainda são seu principal negócio, e nosso contato em seu laboratório nos diz que eles não podem produzir o suficiente para a demanda crescente. Luca precisa importar drogas, mas ele não pode, porque nós dominamos o oeste e Dante domina o meio. Seus contrabandistas perdem muita coisa antes de chegar à Costa Leste. Se ele trabalhar conosco, podemos garantir transporte seguro em nosso território e em troca ele nos promete ficar de fora de nossa luta com Dante Cavallaro. Nem sequer queremos a ajuda dele.

— Nós não precisamos dele, — insistiu Remo, olhos escuros endurecendo. Nós discordamos sobre esse ponto; ajuda adicional diante de um oponente como Dante Cavallaro seria muito apreciada, mas como Luca, Remo deixa as emoções entrarem no caminho das decisões racionais.

Fabiano franziu a testa. — Luca não é como você, Nino. Nem todas as suas decisões são baseadas em razões lógicas. Ele está furioso porque insultamos Aria, e seu orgulho pode impedi-lo de tomar a decisão lógica. Confie em mim sobre isso.

Orgulho e fúria. Nenhum deles era útil.

— Se você disser a sua irmã que deu a Leona aquele bracelete, ela o convencerá. Ela vai pensar que você é seu irmãozinho novamente. Ela vai querer acreditar. Leve Leona com você. Faça parecer uma visita à família, por tudo que me importo, mas convença Aria e Luca a falarem conosco. Diga-lhe que me encontrarei com ele pessoalmente, — disse Remo.

Eu dei a Remo um olhar enviesado. A última vez que ele falou com Luca não correu muito bem. Anos se passaram, mas se Luca guardava ressentimentos, ele também se lembraria disso. E Remo tinha um jeito de provocar pessoas o que não era bem visto pelo outro Capo.

— Ele não acredita que somos confiáveis, — disse Fabiano. — E você falar com Luca é a pior coisa que poderia acontecer. Remo, você é uma maldita bomba-relógio. Você fica de pau duro apenas imaginando como seria se banhar no sangue de Luca, droga. Você realmente acha que pode se impedir de tentar matá-lo?

Remo se recostou com um sorriso no rosto do qual aprendi a ser cauteloso. — A Famiglia é toda sobre títulos para garantir a paz, não é? Nós daremos a eles o que eles querem, o que sua irmã queria para você e todos os outros.

Ele não respondeu a pergunta de Fabiano.

Fabiano parou de andar e cruzou os braços. — E o que seria isso?

— Paz e amor. — A boca de Remo torceu como se ele fosse começar a rir. — Vamos sugerir um casamento entre nossas famílias. Funcionou entre a Outfit e a Famiglia por um tempo.

Remo não havia mencionado nada para mim. Normalmente ele me consultava antes de tomar esse tipo de decisão. Para Remo, era um plano surpreendentemente razoável. Os casamentos haviam impedido muitas guerras ao longo dos séculos da história da humanidade - é claro que eles haviam começado muitas também.

Fabiano riu, mas percebi que ele estava descontente pelo estreitamento de seus olhos. — Por alguns anos e agora eles voltaram a matar uns aos outros.

— Alguns anos é tudo o que precisamos, — eu disse a ele. — Luca sabe tão bem quanto nós que qualquer tipo de acordo de paz será sempre apenas por um curto período de tempo.

— Você não pode acreditar que Luca vai concordar com um casamento arranjado.

— Por que não? — Remo perguntou, sorrindo. — Funcionou para ele e sua irmã. Olhe para eles, doentiamente apaixonado. Tenho certeza de que ele pode dispor uma de suas primas. Você não disse que o pai dele tinha três irmãs e dois irmãos? Tem que haver algumas primas em idade de casar, ou até mesmo uma prima de segundo grau pelo que me importo.

— Uma dessas irmãs era casada com um traidor que nosso pai matou. Duvido que ela nos dê suas filhas — lembrei Remo.

— Uma de suas filhas é daquele filho da puta do Grawl. Como se eu a aceitasse ou sua irmã na nossa família, — Remo cuspiu. Inclinei minha cabeça concordando. Passaria a mensagem errada se permitíssemos que a Famiglia nos desse as sobras de nosso meio-irmão traidor.

— Luca não escolheria nenhuma delas. Mas quem diabos deveria se casar com uma mulher da Famiglia? — Fabiano perguntou, erguendo as sobrancelhas loiras para o meu irmão. — Não me diga que vai ser você, Remo, porque não vou fazer essa porra de oferta. Nós todos sabemos que você é a última pessoa que podemos apresentar como marido. Você perde a paciência o tempo todo. Isso acabará em um casamento maldito e você sabe disso.

Remo sorriu, seus olhos mudando para mim. Isso explicava por que ele não tinha me consultado. — Eu não vou casar com ninguém. Nino vai.

Levantando minhas sobrancelhas para ele, perguntei: — Eu vou?

Fabiano afundou no sofá, fazendo uma careta. — Sem ofensa, mas Nino também não é a pessoa certa para interpretar um marido.

Eu inclinei minha cabeça, nunca pensei em casamento. Parecia desnecessário. — Se você está se referindo à minha falta de emoções, posso assegurar-lhe que posso fingir, se necessário.

Remo encolheu os ombros. — Não é como se fosse um casamento por amor. Nino não precisa sentir nada para se casar. Ele só precisa dizer sim e foder sua noiva, talvez fazer um ou dois filhos, e manter sua esposa viva enquanto quisermos a paz com a Famiglia. Você pode fazer isso, certo?

Estreitei meus olhos, não gostando do tom dele. — Eu posso fazer isso.

Fabiano balançou a cabeça. — Isso é uma péssima ideia e você sabe disso.

— Não é convencional, — admiti, — mas é uma prática que tem sido usada em nossos círculos há gerações. Mesmo antes de nossas famílias virem para os EUA, eles arranjaram casamentos para estabelecer laços entre famílias diferentes. E a Famiglia tem valores do velho mundo. Eles são a única família fora da Itália que ainda segue a tradição dos lençóis ensanguentados. Tenho certeza de que a família de Luca aceitará a ideia de outro casamento arranjado entre famílias; Luca precisa manter os tradicionalistas na Famiglia felizes, especialmente agora que ele teve que receber alguns de seus parentes da Sicília. E ainda há tradicionalistas na Camorra que apreciarão esse tipo de acordo.

Fabiano balançou a cabeça novamente. — Volto a dizer que Luca não concordará. Ele vai me matar.

Remo sorriu. — Vamos ver. Ouvi dizer que ele precisa proteger seus filhos.

Fabiano levantou. — Aria tem filhos?

Remo e eu sabíamos há algum tempo. Um dos nossos contatos nos disse. Luca fez questão de manter Aria e as crianças fora da imprensa e até matou alguns fotógrafos que não entendiam o conceito de privacidade. Remo não queria que Fabiano soubesse porque se preocupava que Fabiano ficasse muito emotivo durante sua visita a Nova York. Aparentemente, ele mudou de ideia.

— Uma filha e um filho, — eu disse. — Ele precisa protegê-los, e se lhe oferecermos paz, isso deve convencê-lo.

Fabiano ficou calado. — Há quanto tempo você sabe?

— Isso é importante? Não é como se Luca fosse deixar você se aproximar de seus filhos — disse Remo.

Fabiano assentiu, mas sua boca estava apertada. — Você sabe que Dante não foi a principal força por trás do ataque contra nós. Foi meu pai. — Ele olhou para mim e depois para Remo. — Dante pode matar meu pai antes de colocarmos as mãos nele. Eu não quero que

isso aconteça. Deixe-me ir para Chicago e trazê-lo para Las Vegas. Ainda podemos pedir paz a Luca depois disso.

Remo me deu um olhar aguçado, obviamente precisando que eu fosse a voz da razão como de costume.

— Isso parece imprudente, — eu disse. — Você está muito emocionalmente envolvido para liderar um ataque no território da Outfit, especialmente contra seu pai. E não sabemos ao certo se seu pai agiu sem as ordens diretas de Dante. Dante pode não matá-lo.

— Foi um plano do meu pai. Você ouviu o que os filhos da puta da Outfit disseram quando os separamos. Meu pai mandou aqueles filhos da puta porque queria que eu morresse — grunhiu Fabiano. — E eu quero matá-lo. Quero despedaçá-lo, membro a membro.

— E você vai, — Remo disse com firmeza, tocando o ombro de Fabiano. Ele fez uma pausa. Mais uma vez com aquele sorriso. — Mas seria um bom presente de casamento. Se pusermos as mãos em Scuderi, poderíamos usar sua morte como uma oferta de paz para Luca e seu clã. Afinal, as irmãs Scuderi também não amam muito o pai.

— Claro que não. Ele é um idiota desprezível, — disse Fabiano.

— Não podemos entrar em Chicago e arrastar o Consigliere para fora. Você percebe isso, certo? Dante deve ter colocado toda a proteção possível no lugar. — Eu tinha que dizer isso porque estava ficando cada vez mais óbvio que nem Remo nem Fabiano fariam a escolha sábia quando se tratava de derrubar a Outfit. — A única escolha lógica é me mandar para Nova York para encontrar com Luca. Eu não estou emocionalmente envolvido e serei capaz de atenuar a situação, se necessário.

Remo sacudiu a cabeça. — Eu sou o Capo. Eu deveria estar à frente disso. Só um maldito covarde enviaria seu irmão para arriscar sua bunda em uma situação como essa.

— E a porra da minha bunda? — Fabiano murmurou.

— Sua bunda está segura por causa de sua irmã. Não importa o que Luca diga, ele sempre pensará duas vezes antes de colocar uma bala na sua cabeça. Com Nino, nada o impedirá.

— Ele não vai atirar em mim. Sua próxima entrega terá que atravessar nossas fronteiras nos próximos dias... se nossos informantes

no México forem confiáveis. Nós interceptamos, mantemos seus homens e suas drogas até a reunião, e eu darei a ordem para liberá-los como oferta de paz, um sinal de boa vontade.

— Drogas e soldados dispensáveis não impedirão Luca de matar você, — disse Fabiano.

— Vamos ver, — eu disse. — É a única escolha lógica.

— Sua maldita lógica está me irritando, — Remo murmurou.

— Eu sou o futuro marido, então é a escolha *lógica* me enviar. Faremos isso do meu jeito, Remo. Não quero que vocês dois estraguem tudo isso com suas emoções.

— Eu acho que ele está me irritando de propósito, — disse Remo para Fabiano.

Fabiano assentiu. — Eu acho que ele está.

— Não é preciso muito esforço para te chatear, Remo.

Remo estreitou os olhos para mim. — A escolha lógica seria levar alguém com você. Você não deveria ir sozinho. Leve Fabiano.

Fabiano revirou os olhos. — Sim, me leve. Porque, aparentemente, sou à prova de bala porque sou um maldito Scuderi.

Eu considerei o homem loiro. — Talvez sua presença abraze muitas feridas para Luca. Nós não queremos começar com o pé errado.

— Acho que é tarde demais, — disse Fabiano.

— Você quer vir comigo para Nova York? — Eu perguntei, minha expressão duvidosa.

— Eu prefiro ir para Chicago e matar a porra do meu pai, mas se um casamento insano entre você e alguma pobre mulher da Famiglia me levar mais perto desse objetivo, vou para Nova York e falarei com Luca porra Vitiello. Mas não acho que ele ficará muito feliz em me ver. Ele não vai acreditar que mudei nem por um segundo.

— Você não mudou realmente. Exceto pelo seu comportamento em relação à Leona. Você ainda é um bastardo cruel, então Vitiello não deveria confiar em você — eu disse.

Fabiano olhou entre Remo e eu. — Eu vou ou não? Vou ter que descobrir uma maneira de contar a Leona sobre isso sem enlouquecê-la.

Remo sacudiu a cabeça. — Eu deveria ir como Capo.

— Nós vamos guardar esse encontro para uma segunda reunião, quando Vitiello estiver convencido de que os benefícios de um vínculo superam a alegria de cortar sua cabeça, — eu disse.

— Entendo que isso significa que estou indo. — Fabiano se levantou. — Eu realmente espero que essa provação me permita matar meu pai, ou vocês dois terão muito a me compensar.

Eu ainda não estava convencido de que a presença de Fabiano melhoraria nossa situação. Ele era irmão de Aria, é verdade, mas nem isso o protegeria para sempre. Levar Remo estava fora de questão. Eu teria que ter certeza de que Luca e Fabiano seguiriam meu raciocínio e não deixariam suas emoções imprevisíveis dirigirem o show.

KIARA

Fiquei afastada, como de costume, longe o suficiente da pista de dança, para que ninguém se sentisse obrigado a me convidar para dançar. Meus olhos seguiram Giulia enquanto ela dançava com o marido, Cassio. Seus olhos captaram os meus brevemente e ela sorriu. Ela já havia se mudado quando tive que ir morar com tia Egidia e tio Félix seis anos atrás, mas ela e eu nos tornamos amigas íntimas, no entanto, mais próximas do que qualquer outra pessoa, especialmente meus irmãos mais velhos. Eles foram autorizados a ficar em Atlanta depois que nosso pai foi morto por meu primo Luca. Eu tremi com a memória.

Giulia foi uma das poucas que me olhou com gentileza e não com um desdém superior. Eu resisti ao desejo de esfregar meus braços; Parecia que eu estava sempre com frio. Nem a música me deixava à vontade. Eu mal podia esperar para voltar para casa e sentir as teclas do meu piano sob as pontas dos meus dedos.

Minha coluna endureceu quando Luca se dirigiu para mim. Sua esposa, Aria, provavelmente sentiu pena de mim e disse-lhe para me convidar para dançar. Eu realmente queria que ele não fizesse.

— Você gostaria de dançar? — Ele perguntou, estendendo a mão. Desde que fiz dezoito anos no ano passado, esperava-se que eu participasse de eventos sociais. Até tia Egidia e tio Félix não tinham mais desculpas para me manter longe. Eu ainda era evitada por muitos, não abertamente, mas percebi seus olhares quando achavam que eu não estava prestando atenção.

— É uma honra, — eu disse baixinho e peguei a mão dele. Meu corpo se revoltou com o contato físico, mas forcei a submissão e segui Luca em direção à pista de dança. Ele era meu primo e eu o conhecia toda a minha vida, não que o conhecesse muito bem. Nós tínhamos muitos primos em nossa família para permitir um vínculo mais estreito.

Tentei me preparar para o próximo passo, para a mão dele na minha cintura, tentei me preparar para não estremecer, mas no momento em que a palma da mão dele tocou meu quadril, meu corpo inteiro enrijeceu. Luca me olhou, mas não recuou. Ele provavelmente estava acostumado a esse tipo de reação das pessoas. Sua reputação e tamanho teriam feito até uma mulher normal fugir. Eu tentei suavizar meu corpo enquanto ele dançava, mas era uma batalha perdida e, eventualmente, desisti.

— Seu pai era um traidor, Kiara. Eu tive que matá-lo.

Eu nunca usei isso contra ele. Meu pai sabia as consequências da traição, mas Luca parecia pensar que essa era a razão pela qual eu não suportava seu toque. Eu queria que fosse isso. Deus, como desejei que fosse apenas isso, desejei que fosse apenas o toque de Luca que me deixava em pânico. Engoli as memórias das noites que me quebraram.

— Você tinha, — eu concordei. — E eu não sinto falta dele. Ele não era um bom pai. Sinto falta da minha mãe, mas você não a matou. Foi o meu pai.

Na minha cabeça comecei a tocar a melodia que estava trabalhando nas últimas semanas, esperando que isso me acalmasse. Não aconteceu.

Luca assentiu. — Conversei com tia Egidia e Felix. Eles estão preocupados que você não tenha se casado ainda.

Eu tinha dezenove anos e ainda não havia sido prometida para ninguém. — Quem quer se casar com a filha de um traidor? — Eu murmurei. No fundo, fiquei aliviada. O casamento revelaria um segredo que eu precisava guardar, um segredo que me transformaria em uma pária em nossos círculos.

— Você não fez nada errado. As ações do seu pai não definem você.

As pessoas estavam me observando. — Por que você não diz isso a eles, — eu cuspi, olhando para o nosso público. Eu me encolhi com meu tom. — Sinto muito. — Luca era Capo. Eu precisava mostrar respeito.

Ele me olhou, usando uma máscara em branco. — Eu não quero prometer você a um soldado. Você é uma Vitiello e deve se casar com um dos meus capitães ou subchefes.

— Está tudo bem. Eu tenho tempo — eu disse baixinho, minhas bochechas corando de vergonha. Eu realmente não tinha tempo. Estava envelhecendo e era solteira e a filha de um traidor só faria as pessoas falarem mais.

A dança finalmente acabou e dei a Luca um sorriso rápido e forçado antes de me afastar novamente. Depois disso, fiz o que sabia fazer melhor - aprendi a fazer melhor - fingi não estar lá. Minha tia escolhendo vestidos modestos em cores suaves da coleção do ano passado definitivamente ajudava nisso. Eu mal podia esperar que a festa de Natal dos Vitiello terminasse. A época de Natal estava ligada a muitas lembranças horríveis.

Época de Natal há sete anos

Eu não conseguia dormir. Não importava o quanto me contorcesse e me virasse, sempre conseguia me deitar sobre as contusões. Papai estava com um humor horrível hoje. A mãe disse que tinha algo a ver com estarmos em Nova York. Amanhã, nós finalmente voltaríamos para Atlanta, e então o humor dele melhoraria. Em breve, tudo estaria melhor. Logo, o pai resolveria todos os seus problemas e

finalmente seríamos felizes. Eu sabia que não era verdade. Ele nunca seria feliz, nunca pararia de nos bater. Papai desfrutava de sua infelicidade e gostava de nos fazer sofrer.

Algo caiu no andar de baixo. Eu saí da cama e me estiquei, tentando me livrar da dor em meus membros da surra que levei esta manhã. Um som no corredor me atraiu para a porta, e eu cuidadosamente a abri, espiando pela fresta. Um homem alto pulou em mim. Algo sobre minha cabeça brilhou na luz, e então uma faca foi cravada no batente da porta de madeira. Eu abri minha boca para gritar, mas o homem colocou a mão sobre a minha boca. Eu lutei, apavorada com o enorme estranho.

— Nenhum pio. Nada vai acontecer com você, Kiara. — Eu congelei e dei uma olhada no homem. Era meu primo Luca, o Capo do meu pai. — Onde está seu pai?

Apontei para a porta no final do corredor, o quarto dos meus pais. Ele me soltou e me entregou a Matteo, meu outro primo. Eu não tinha certeza do que estava acontecendo. Por que eles estavam aqui no meio da noite?

Matteo começou a me levar embora quando minha mãe saiu do quarto. Seus olhos aterrorizados pousaram em mim um momento antes de ela estremecer e cair no chão.

Luca se jogou no chão quando uma bala atingiu a parede atrás dele. Matteo me empurrou para longe e avançou, mas outro homem me agarrou em um domínio implacável. Meu olhar congelou em minha mãe, que olhava para mim com olhos sem vida.

Só meu pai estivera no quarto com ela e ele a matara.

Morta. Simplesmente assim. Uma pequena bala e ela partiu.

Fui arrastada para o andar de baixo e para fora da casa, empurrada para o banco de trás de um carro. Então eu estava sozinha com o som da minha respiração superficial. Passei meus braços em volta do meu peito, estremecendo quando meus dedos tocaram as contusões nos meus braços causados pela explosão do meu pai esta manhã. Comecei a balançar para frente e para trás, cantarolando uma melodia que minha professora de piano havia me ensinado algumas semanas atrás. Estava ficando frio no carro, mas não me importei. O frio era bom, reconfortante.

Alguém abriu a porta e eu recuei com medo, puxando minhas pernas para o meu peito. Luca enfiou a cabeça para dentro. Havia sangue em sua garganta. Não muito, mas não consegui desviar o olhar. Sangue. Do meu pai?

— Quantos anos você tem? — Ele perguntou.

Eu não disse nada.

— Doze?

Eu fiquei tensa, ele fechou a porta e sentou na frente ao lado de seu irmão, Matteo. Eles me garantiram que eu estava segura. Segura? Eu nunca me senti segura. A mãe sempre disse que a única segurança em nosso mundo era a morte. Ela a encontrou.

Meus primos me levaram até uma mulher mais velha chamada Marianna, que nunca havia visto antes. Ela era gentil e amorosa, mas eu não podia ficar com ela. Por uma questão de honra, tinha que ficar com a família, então fui mandada para Baltimore para morar com minha tia Egidia e seu marido, Felix, que era Subchefe na cidade como meu pai fora Subchefe em Atlanta.

Eu a encontrei apenas durante festividades familiares porque ela e meu pai se odiavam. Luca levou-me a eles alguns dias depois do funeral da minha mãe. Fiquei em silêncio ao lado dele e ele não tentou conversar. Ele parecia zangado e tenso.

— Sinto muito, — eu sussurrei quando paramos em frente a uma grande vila em Baltimore. Com o passar dos anos, aprendi a me desculpar, mesmo que não soubesse o que fiz de errado.

Luca franziu a testa para mim. — Pelo quê?

— Pelo que meu pai fez. — Honra e lealdade eram as coisas mais importantes em nosso mundo, e papai havia quebrado seu juramento e traído Luca.

— Isso não é sua culpa, então não é nada que você deva se desculpar, — ele disse, e por um tempo eu acreditei que era verdade. Até que vi o rosto desaprovador de tia Egidia e ouvi Felix dizer a Luca que isso refletiria mal sobre eles se me aceitassem. Luca não lhes deu ouvidos, então fiquei com eles, e eventualmente eles aprenderam a me tolerar, e ainda assim nem um dia se passou sem eu estar ciente de que era vista como a filha de um traidor. Eu não os

culpo. Desde tenra idade, aprendi que não havia crime maior do que a traição. Papai manchou o nome da nossa família, manchou meus irmãos e eu, e nós sempre carregaremos a mácula. Meus irmãos, pelo menos, poderiam tentar fazer um nome para si mesmo se eles se tornassem Homens Feitos, mas eu era uma menina. Tudo que poderia esperar era misericórdia.

Hoje

Ser considerada a filha de um traidor, encarar as expressões de piedade ou repugnância não era a pior parte dessas reuniões. Nem mesmo perto. Ele era. Ele encontrou meus olhos do outro lado da sala, e seu rosto continha o conhecimento do que tinha feito, o triunfo sobre o que tinha tomado. Ele ficou ao lado da minha tia - sua esposa - ao lado de seus filhos - meus primos - e era considerado com respeito. Seus olhos em mim fizeram minha pele arrepiar. Ele não se aproximou de mim, mas seu olhar malicioso foi o suficiente. Seu olhar era igual ao seu toque; Era humilhação e dor, e eu não aguentei. Suor frio cobria minha pele e meu estômago se agitava. Eu me virei e corri para o banheiro das mulheres. Eu me escondi lá pelo resto da noite, até a hora de sair com minha tia Egidia e tio Félix.

Espirrei meu rosto com água, ignorando a maquiagem mínima que usava. Felizmente, era um rímel à prova d'água e uma pitada de corretivo para cobrir as sombras sob meus olhos, então não causei muito dano. Eu precisava do frio da água para me ajudar a controlar meu pânico crescente.

A porta se abriu e Giulia entrou. Ela estava linda em seu ousado vestido violeta realçando seu cabelo castanho claro. Ela se portava com confiança e o fazia por tanto tempo quanto eu me lembrava. Provavelmente foi assim que ela conseguiu fazer seu casamento com Cassio funcionar apesar da diferença de idade.

Ela veio em minha direção e tocou meu ombro, suas sobrancelhas se unindo. — Você está bem? Você saiu da festa.

— Eu não estou me sentindo bem. Você sabe que não sou boa com tantas pessoas.

Seus olhos se suavizaram ainda mais, e eu sabia o que estava por vir. — Luca o mataria se você lhe contasse o que ele fez.

— Não, — eu resmunguei, meus olhos correndo para a porta, com medo de alguém entrar e nos ouvir. Muitas vezes me arrependi de ter confiado em Giulia pouco depois de ter acontecido, mas estava quebrada e confusa, e ela sempre foi gentil. — Você jurou não contar a ninguém. Você jurou isso, Giulia.

Ela assentiu com a cabeça, mas eu poderia dizer que ela não gostou. — Eu jurei e não vou contar a ninguém. A decisão é sua, mas acho que tio Durant precisa pagar pelo que fez.

Eu estremeci, ouvindo o nome dele. Virando as costas para ela, lavei minhas mãos novamente. — Você sabe que eu serei a única a pagar, Giulia. Este mundo não é bom, muito menos para uma mulher como eu. Não posso passar por isso. Estarei pior do que estou agora. Seus pais já têm dificuldade em encontrar um marido para mim. Se a verdade saísse, eu morreria uma solteirona. Eles nunca me perdoariam.

Seus lábios formaram uma linha fina. — Meus pais nunca te trataram da maneira que deveriam. Eu sinto muito.

Eu balancei a cabeça. — Está tudo bem. Eles me acolheram. Eles nunca me machucaram, nunca me puniram severamente. Poderia ter sido pior.

— Eu poderia perguntar a Cássio se um de seus homens seria um bom par para você. Há muitos homens decentes entre seus soldados.

Decentes. Cássio governava a Filadélfia com mão de ferro. O que ele considerava decente provavelmente não se qualificava assim para outras pessoas, mas eu não tinha o direito de ser exigente ou julgar os outros.

— Não. Isso ofenderia seus pais. Você sabe como eles são.

— Sim, eu sei... — Suas sobrancelhas franziram.

— Não se preocupe comigo. Não tenho pressa em me casar, — eu disse. O casamento seria minha ruína final.

Capítulo Dois

NINO

— Eu suponho que você aguentará durante a nossa reunião e não ofenderá Vitiello, — eu disse quando Fabiano e eu embarcamos no avião.

— Não sou um gênio como você, mas também não sou imbecil. Não se preocupe, eu sei quando calar a boca.

Eu balancei a cabeça enquanto afundava em um dos confortáveis assentos de couro. Fabiano geralmente tinha um bom controle sobre suas emoções, ao contrário do meu irmão. — Luca ter concordado em nos encontrar é um bom sinal.

Fabiano sentou no banco a minha frente. — Pode ser, sim, ou Luca quer colocar uma bala nas nossas cabeças.

— Não, — eu disse. — Ele não arriscará uma guerra com a Camorra. Remo atacaria, e ele não faria isso com táticas sutis como Dante Cavallaro. Ele iria para Nova York e faria uma matança que a Famiglia nunca viu antes.

Fabiano sorriu. — Sim, ele faria isso. Mas ouvi dizer que Luca cometeu alguns assassinatos impressionantes nos últimos anos para manter a Famiglia sob controle e calar a boca da Bratva. Ele e Remo são bem parecidos quando se trata disso.

— Até certo ponto, mas Remo não tem esposa e filhos que precisa proteger.

Fabiano levantou uma sobrancelha. — Remo protege Savio e Adamo, e até você e eu em algum grau.

— Isso é diferente, — eu disse.

Fabiano me olhou com cuidado. — Você realmente acha que se casar é uma boa ideia?

— É...

— Não diga que é a escolha lógica, — Fabiano murmurou. — Eu quero saber se você realmente acha que pode estar com uma mulher dessa maneira. Você é confuso, Nino. Não da mesma forma que o Remo é confuso, mas ainda assim, fodido. Porra, até eu sou confuso, e isso quase me custou Leona. E ainda é difícil às vezes fazer esse relacionamento funcionar porque continuo dizendo ou fazendo coisas que a perturbam. E sejamos reais: eu sou o maldito epítome da normalidade comparado a você. As mulheres não são como nós. Elas querem o cavaleiro da armadura brilhante. Elas querem rosas e toda essa merda emocional. Elas querem declarações de amor. Isso não é algo que você dará a sua futura esposa. Para ser honesto, acho que a maioria das mulheres se mataria em poucas semanas casadas com você, em vez de viver sob o teto com todos vocês, malditos Falcone.

— Pelo que sei, casamentos arranjados não são baseados em emoções. São baseados na tradição e racionalidade. Uma mulher que me aceite em casamento sabe o que é esperado. Ela saberá que é um negócio. Ela é uma peça do jogo. E posso assegurar-lhe que a impedirei de se matar enquanto sua sobrevivência for necessária para a paz.

Fabiano suspirou, tocando sua têmpora. — Talvez você devesse manter seus pensamentos para si mesmo também. A maior parte da merda que sai da sua boca não deixa ninguém à vontade, muito menos uma mulher.

Meus músculos ficaram tensos quando parei nosso carro alugado em frente à usina abandonada de Yonkers. Depois que pousamos em Nova York, Romero me enviou um texto dizendo que era onde Luca se encontraria com a gente. O prédio era decrepito e a área deserta. Um bom lugar para torturar e matar, eu tive que dar isso a Luca.

— Isso é ótimo, — disse Fabiano, seus lábios se curvando. — Eu não estou com vontade de morrer hoje.

— Nenhum de nós vai morrer hoje, — eu disse, abrindo a porta do carro e saindo. Meus olhos percorreram a área. No telhado do prédio, dois atiradores estavam à espreita. No momento em que Fabiano se aproximou de mim, um portão do antigo prédio da fábrica se abriu e três homens surgiram. Eu os reconheci como Luca, Matteo e Romero.

— Eu presumo que você viu os atiradores apontando suas armas para nossas cabeças, — Fabiano murmurou. Apesar de suas palavras, ele parecia relaxado por fora.

Inclinei minha cabeça em confirmação.

Os três homens pararam a cerca de dois carros de distância de nós. Luca me avaliou por um momento antes de estreitar os olhos para Fabiano. — Você se lembra do que eu te disse da última vez que você esteve em Nova York?

Matteo e Romero seguravam suas armas, o primeiro particularmente parecendo querer colocar de bom grado uma bala na cabeça de Fabiano. Eu poderia dizer que o sentimento era mútuo.

Fabiano assentiu. — Você me disse que eu seria um homem morto se voltasse a Nova York.

Luca assentiu. — E aqui está você pedindo para morrer.

— Estamos aqui para oferecer trégua, Luca. — Eu interrompi o que certamente teria se transformado em uma discussão não muito agradável. — Como Consigliere da Camorra, tenho o poder de negociar um tratado de paz entre nossas duas famílias.

Matteo bufou e trocou um olhar com Romero.

Luca deu um passo à frente. — Você realmente acha que eu vou trabalhar junto com a Camorra depois da mensagem que Remo me enviou através de Fabiano da última vez, depois que você ameaçou minha esposa anos atrás.

— Remo queria avaliar você. Ele não pretendia insultá-lo nem prejudicar sua esposa. — Isso era apenas uma meia verdade, mas não havia sentido em revelar isso para Luca.

Luca zombou. — Cada palavra que sai da sua boca é uma mentira. Eu sei que você interceptou uma das minhas entregas de drogas. Você provavelmente está desmembrando meus soldados enquanto conversamos. Não tenho absolutamente nenhum motivo para confiar em você.

— Eu não confio em ninguém, Luca, e confiança não é necessária para trégua.

Luca e eu nos viramos em direção à voz. Remo andava em nossa direção, completamente despido, exceto por cuecas pretas. — Eu não estou armado como você pode ver. — Meu irmão estava até descalço. Eu estreitei meus olhos para ele. Isso era insano. Eu não sabia por que ainda me importava em fazer planos se Remo agia por conta própria.

— Um dia, vou matar esse filho da puta, — Fabiano murmurou. — Ele acabou de assinar a merda da nossa de sentença de morte.

Remo me deu seu sorriso torcido quando bateu no meu ombro, em seguida, no de Fabiano antes de se aproximar ainda mais de Luca e dos outros. — Eu achei que seria bom conversarmos cara a cara, Luca. De um homem de honra para o outro. De Capo para Capo.

O rosto de Luca refletia o ódio, mas também havia respeito presente. — E eu achei que você fosse um covarde que enviou seu Executor e irmão para lutar suas batalhas.

— Eu sou muitas coisas, Luca. Covarde não é uma delas, — disse Remo.

— Quer saber, por que não colocamos uma bala na sua cabeça e ajudamos Las Vegas a eleger um novo Capo? Alguém menos fodido, — disse Matteo apontando a arma para Remo. Romero apontou a arma para mim.

Fabiano puxou sua própria arma, mas Remo balançou a cabeça. Eu caminhei para o lado dele. — Matar-nos não teria nenhum propósito, — eu disse calmamente. — Savio entrará em contato com Cavallaro no momento em que estivermos mortos e lhes oferecerá cooperação, e nem mesmo você pode lutar contra a Camorra e a Outfit.

— Seu irmão Savio tem apenas dezesseis anos. Ele não será capaz de controlar a Camorra.

— Eu tinha apenas dezessete anos quando comecei minha luta para reaver meu território. Você só tinha dezessete anos quando esmagou a garganta de um homem. Savio é um Falcone. Ele é um assassino nato, Luca. Ele pode controlar a Camorra. O nome Falcone detém o poder em Las Vegas e além, — disse Remo.

Luca estreitou os olhos, mas achei que era um bom sinal ele ainda não ter nos matado. — Você quer arriscar a cooperação entre a Outfit e a Camorra? Você não terá paz com Dante Cavallaro, a menos

que envie sua cunhada e seu capitão. — Eu balancei a cabeça em direção a Romero.

Luca continuou calado. Ele provavelmente estava tentando decidir se deveria nos matar. Meu dedo descansou frouxamente no gatilho, mas com os franco-atiradores no telhado, nem minhas habilidades nos salvariam.

Remo se aproximou ainda mais de Luca até que eles estavam no comprimento de um braço. Luca era cerca de três centímetros mais alto que Remo, mas isso não era uma surpresa.

— O que há para falar, Remo? E desta vez sabendo que seu irmão Nino não está mirando na minha esposa, não há nada que me impeça de tomar banho no maldito sangue dos Falcone.

Remo sorriu. — A Camorra não tem nenhum interesse em ferir sua família, Luca. Não sua esposa, *nem seus filhos*.

Luca saltou, seus dedos apertando a garganta de Remo. Meu irmão não fez nenhum movimento para se defender. Ele não tirou os olhos do Capo da Famiglia enquanto murmurava: — Nós não somos os únicos que sabem sobre seus filhos. A Outfit sabe e o mesmo acontece com a Bratva. A Outfit atacou meu território quando acharam que eu estava vulnerável. Quem você acha que eles atacam para machucá-lo, Luca? Scuderi tentou se livrar de Fabiano, seu próprio filho, *seu herdeiro*. O que ele fará com as filhas que o desapontaram, que arruinaram a paz entre a Outfit e a Famiglia?

O Capo da Famiglia parecia querer esmagar a garganta de Remo, e eu sabia que ele poderia ter feito isso. Remo era um dos lutadores mais cruéis, brutal até o núcleo, mas uma luta com Luca provavelmente mataria os dois. Nem mesmo Fabiano e eu poderíamos impedir isso, não com Matteo, Romero e os franco-atiradores.

O rosto de Remo ficou vermelho, mas ele continuou falando. — Dante Cavallaro é nosso inimigo, e eu vou entrar em Chicago e mostrar-lhe o que significa estar em guerra com a Camorra, mostrar-lhe porque somos detestados, mesmo entre os nossos. Eu vou fazê-lo pagar, e não será rápido ou justo. Quanto a Scuderi, Fabiano vai matá-lo lentamente, e se você quiser, podemos enviar o vídeo para que você possa compartilhá-lo com as irmãs Scuderi. Você quer a morte de Cavallaro tanto quanto nós.

Luca liberou Remo. — Não subestime Cavallaro. Ele é um peixe frio por fora, mas ele é um filho da puta cruel como você e eu. E Scuderi é um maldito pedaço de merda, mas um gênio estratégico. É por isso que ele permanece como Consigliere sob o governo de Dante.

Fabiano soltou um grunhido baixo, mas permaneceu em silêncio.

Remo assentiu, esfregando a garganta. — Eu sei que tipo de homem Cavallaro é. E não duvido que Scuderi seja um mentor de planos distorcidos, mas vou atacar onde ele e Cavallaro não esperam. Eu vou vencê-los em seu próprio jogo. E vou aproveitar cada maldito minuto disso.

Luca estreitou os olhos. — Eu não vou me juntar a você em sua cruzada. Tenho a sensação de que não vou gostar do seu plano. Você é insano pra caralho.

— Eu não estou pedindo para você se juntar a mim. Eu estou pedindo para você ficar fora da minha luta. No passado, a Camorra e a Famiglia trabalharam juntas. A paz em nossos territórios pode levar à paz entre nossas famílias na Itália também.

— Meu território é minha única preocupação.

Remo encolheu os ombros. — Nós dois podemos lucrar com uma união. Posso oferecer-lhe rotas seguras de entrega para suas drogas no meu território. Você perde mais da metade de suas entregas porque meus homens ou soldados da Outfit as interceptam. Paz significa que você não terá que se preocupar mais com isso. Você pode dobrar seus lucros. E vou manter Dante ocupado com ataques para que você possa se concentrar na Bratva e não se preocupar tanto com a sua família.

— E tudo que você quer, por sua vez, é que eu fique fora de sua guerra com a Outfit? — Luca soou suspeito.

Eu falei. — Dante pode se aproximar de você depois que começarmos nossos ataques. Queremos ter certeza de que ele não conseguirá convencê-lo a ajudá-lo.

Luca sorriu friamente. — Não tenho intenção de trabalhar com a Outfit. Eu quero Dante Cavallaro morto, confie em mim. — Ele estreitou os olhos. — Então, como você quer chegar a paz?

— Primeiro, vamos liberar seus soldados e suas drogas, — disse Remo com um sorriso. Ele apontou para mim e eu peguei meu telefone, fazendo com que todas as armas girassem em minha direção.

Enviei uma mensagem rápida para Savio, para que ele organizasse a libertação dos homens da Famiglia. Eu assenti. — Seus homens estão sendo liberados enquanto falamos, e suas drogas chegarão com segurança em seu território.

— Por que você simplesmente não desembucha? — Matteo murmurou. — Há mais nisso. Estou ficando sem paciência aqui.

Eu lancei um olhar para Remo. Matteo soava como ele.

— Queremos mostrar-lhe que a Camorra está disposta a mudar, — eu disse calmamente. — Fabiano foi autorizado a estar com uma estranha. Ele deu a ela aquele bracelete que sua esposa lhe deu.

— Eu não dou a mínima para nada disso, — Luca rosnou. — Eu não me importo se Fabiano encontrou uma prostituta para foder.

— Cuidado, Luca, — Fabiano assobiou, dando um passo à frente.

Luca levantou as sobrancelhas.

— Por que não voltamos aos negócios, — sugeri. — Você precisa de paz. Nós precisamos de paz. Você quer Cavallaro e Scuderi mortos. Nós vamos matá-los.

Remo abriu os braços. — E para mostrar a você que estamos falando muito sério sobre a trégua com você e a Famiglia, quero que organizemos um casamento entre um dos seus e um dos meus.

Matteo riu. — Oh, isso está ficando bom.

— Estamos falando sério, — eu disse, porque a expressão de Remo me preocupou. Eu poderia dizer que Matteo estava começando a irritá-lo seriamente. — Casamentos arranjados entre Famílias asseguraram a paz por séculos, e sua Famiglia sempre seguiu a tradição. Você e Aria são a prova de que é a solução perfeita.

A boca de Luca se apertou quando mencionei a irmã de Fabiano. — Deveria trazer a paz com a Outfit e agora há guerra.

— Bem, — Remo disse, gesticulando para Matteo e Romero, — foi a sua Família que causou isso. Posso assegurar-lhe que manteremos nossa parte do acordo.

— Se eu der uma das nossas mulheres para a Camorra, quem garantiria que ela estaria segura? — Perguntou Luca.

— Nossas mulheres estão tão seguras quanto as suas, confie em mim. Elas não têm nada a temer em nosso território, — eu disse. Nada que elas não teriam que temer durante o casamento em nossos círculos, pelo menos.

A boca de Luca se curvou em desgosto quando ele olhou para o meu irmão. — Eu não vou te dar uma mulher em casamento, Remo. Eu não confio nem um pouco em você. Você é louco demais para o meu gosto.

— Não sou eu que vou me casar. É meu irmão Nino, e você vai descobrir que ele está absolutamente no controle de si mesmo. Olhe para ele. Ele não parece o sonho de toda sogra?

Eu dei a meu irmão um olhar de aviso antes de me virar para Luca. — É um bom negócio para a Família e a Camorra. Não permita que velhos ressentimentos ou rixas estraguem suas chances de aumentar os lucros da Família e garantir seu território.

— Isso é ridículo, — disse Matteo, mas Luca ficou em silêncio. Ele era um homem de negócios. Ele sabia o que rotas de entrega segura através do nosso território poderiam significar para ele. Luca fez sinal para seu irmão e Romero segui-lo. Eles saíram do alcance da voz.

Remo sorriu.

— Eu não sei por que você está sorrindo. Isso não é o Texas Hold'em¹. Apostar tudo não é o caminho certo, — Fabiano murmurou. — Este é um maldito acidente de trem.

— Luca vai concordar, — eu disse com firmeza.

Meu irmão e Fabiano me olharam com curiosidade.

¹ **Texas hold 'em** (também conhecido como **Texas holdem, hold' em e holdem**) é uma variação do jogo de cartas do poker. Duas cartas, conhecidas como cartas hole, são distribuídas com a face voltada para baixo para cada jogador e, em seguida, cinco cartas comunitárias são distribuídas com a face para cima em três fases.

— Você tem certeza? — Remo perguntou.

— Luca não é o homem que costumava ser antes de ter sua esposa e filhos. Ele não vai arriscar uma guerra aberta com a Outfit, mas ele quer Dante morto e nos prefere do seu lado. Se você tem algo a perder como ele, você escolhe a opção segura.

Romero caminhou em nossa direção.

— Esse foi aquele que quebrou a trégua com a Outfit por roubar a virgindade da sua irmã, certo? — Remo sussurrou.

Fabiano fez uma careta. — Sim, e eu os deixei atirarem em mim para que pudessem escapar. Eu fui um idiota do caralho.

Romero nos olhou com desconfiança aberta. — Luca considerará sua oferta. Nós temos outro carregamento de drogas em três dias. Se chegar ao nosso território com segurança, discutiremos uma trégua em mais detalhes.

— Chegará em segurança, não se preocupe, — Remo murmurou.

Romero assentiu. — Luca quer que você saia de Nova York agora. Entraremos em contato em poucos dias se tudo correr como planejado.

— Tudo vai correr como planejado, — disse Remo, sorrindo amplamente. — É melhor Luca começar a procurar uma esposa para o meu irmão. Estamos ansiosos para conhecê-la.

Capítulo Três

KIARA

Apesar da temperatura mais quente que março trouxe, eu estava feliz pelo meu suéter de lã grossa. Eu nunca me acostumei com o clima frio de Baltimore. O tempo em Atlanta era muito mais quente. Meus dedos estavam rígidos quando os coloquei nas teclas do piano e comecei a tocar. Melancólicas notas baixas de música encheram a sala, um reflexo das minhas emoções atuais. Eu tinha começado a mexer com a composição há alguns dias atrás, mas ainda estava longe de estar bom.

Quando minha tia entrou na sala de estar, com um estilo perfeito - como sempre - em um vestido bege de caxemira, com o cabelo escuro preso no alto da cabeça, tirei as mãos das teclas e o som cessou em uma suave expiração.

Tio Félix entrou atrás dela. Ele era um homem alto, corpulento, com um bigode que se contorcia quando ele falava. Eles trocaram um olhar e algo pesado se estabeleceu no meu estômago.

— Precisamos ter uma palavra com você, — disse Felix.

Levantei-me do banco e segui-os em direção à área de estar. Eles se sentaram no sofá e peguei a poltrona na frente deles. Parecia que eu estava enfrentando um tribunal.

— Não tem sido fácil para nós, criá-la, — Felix começou, e eu enrolei meus dedos no couro da poltrona. Não foi a primeira vez que ouvi isso, mas ainda doía. — Mas nós fizemos o que podíamos. Nós te demos o que podíamos para te criar.

Eles me deram abrigo e educação, mas carinho ou mesmo proteção contra os duros sussurros da sociedade... Não. Nunca isso. Eu estava grata de qualquer maneira. Eu sabia o quanto as aparências externas eram importantes, e eles arriscaram sua reputação ao receberem a filha de um traidor.

— Mas você é uma mulher adulta agora e é hora de ter sua própria casa, ser esposa e mãe.

Meu interior apertou, mas eu mantive meu rosto em branco. Ao longo dos anos, aprendi a esconder minhas emoções. — Você encontrou um marido para mim?

Quem teria concordado em casar comigo? Talvez tivessem se decidido por um soldado depois de tudo. Era o melhor. Se eu me casasse, o casamento e a cerimônia seriam um assunto discreto, sem atenção, pouco potencial para escândalo. Um soldado poderia me ver como uma maneira de melhorar sua posição, porque, apesar de ser filha de um traidor, eu era prima do Capo. Talvez isso o fizesse ignorar meu defeito.

Tia Egidia sorriu, mas seus olhos demonstravam culpa, talvez até vergonha. Felix pigarreou. — Eu sei que você não está ciente dos detalhes do meu negócio, mas a Famiglia está em guerra.

Como se alguém não soubesse disso. Até mesmo as crianças menores foram criadas com o conhecimento de que tínhamos que estar vigilantes porque a Outfit poderia atacar, ou Deus nos proteja, a Camorra.

— Eu sei, tio Felix, — eu disse baixinho.

— Mas Luca foi abordado com uma oferta de paz. Você não precisa se preocupar com os detalhes, mas pode ser o último passo para destruir a Outfit.

Minha respiração ficou presa na minha garganta. O que ele estava falando? Se a oferta não veio da Outfit, quem mais estava disposto a concordar com uma trégua?

— É uma honra, Kiara. Depois do que seu pai fez, pensamos que teríamos que lhe encontrar um soldado ou nenhum marido.

— Com quem eu vou casar? — Eu forcei as palavras, mas elas soaram estranguladas.

— Você vai se casar, — tia Egidia me assegurou com um sorriso tenso, mas seus olhos... seus olhos ainda tinham pena, e no fundo eu sabia que quaisquer horrores que sofri no passado, logo seriam acompanhados por novos horrores.

— Quem? — Eu disse asperamente.

— Nino Falcone, segundo no comando de seu irmão Remo Falcone, o Capo da Camorra, — disse Felix, evitando meus olhos.

Eu não ouvi nada depois disso, levantando-me sem uma palavra e saindo. Subi as escadas, continuei até meu quarto e afundei na espreguiçadeira, olhando fixamente para minha cama. Estava bem arrumada. Eu não deixava as empregadas fazerem isso, não às deixei fazer isso em anos. Toda noite eu pegava meu travesseiro e cobertor e me enrolava na minha espreguiçadeira para dormir, e de manhã eu devolvia tudo e arrumava a cama para que ninguém descobrisse que não usava a cama e não o fazia há seis anos.

Seis anos. Eu tinha apenas treze anos.

Enquanto olhava para a minha cama, os horrores do passado tomavam forma novamente, como faziam todas as noites quando eu fechava os olhos.

SEIS ANOS ATRÁS

Estava escuro no meu quarto quando passos me acordaram. Eu me virei e reconheci meu tio Durant sob o brilho do luar. Ele viera a Baltimore com a esposa, tia Criminella, para visitar tia Egidia e tio Felix por alguns dias.

Confusa com sua presença, sentei-me. Sua respiração era alta e ele estava usando um roupão de banho. — Shh, — disse ele, inclinando-se sobre mim, seu corpo me forçando para baixo.

Medo disparou através de mim. Eu não deveria estar sozinha com homens no meu quarto. Essa foi uma regra que aprendi desde cedo. Dura de terror, vi quando ele tirou o roupão de banho; ele estava nu por baixo. Eu nunca tinha visto um homem nu. Sua mão agarrou meu ombro e sua outra mão pressionou minha boca. Eu deveria mostrar respeito aos idosos, aos homens em particular, mas eu sabia que isso não estava certo. Eu comecei a lutar.

Ele rasgou minhas roupas. Ele era muito forte. Ele puxou e beliscou. Suas mãos machucavam entre as minhas pernas. Eu chorei, mas ele não parou. Ele se moveu em cima de mim, entre as minhas pernas.

— Esta é sua punição por ser uma traidora suja.

Eu queria dizer que não traí ninguém, mas a dor roubou minhas palavras. Parecia estar sendo rasgada, quebrada, como cair e despedaçar. Sua respiração estava quente no meu rosto e eu chorei, choraminguei e implorei. Sua mão só apertou mais forte ao redor da minha boca, e ele grunhiu enquanto empurrava em mim uma e outra vez. Eu chorei mais porque doía muito.

Machucou-me toda, meu corpo inteiro e profundamente no meu peito.

Ele continuou grunhindo acima de mim. Eu parei de lutar, respirei pelo meu nariz entupido. Dentro e fora. Dentro e fora. Seu suor pingava na minha testa. Ele estremeceu e caiu em cima de mim. Sua mão escorregou da minha boca.

Eu não gritei. Eu estava quieta, imóvel.

— Ninguém vai acreditar em você se você falar sobre isso, Kiara. E mesmo se o fizerem, culparão você e ninguém mais a desejará. Você está suja agora, Kiara, está me ouvindo? Inútil.

Ele saiu de mim e eu chorei da dor aguda. Ele me deu um tapa. — Fique quieta.

Eu pressionei meus lábios, observando-o levantar e vestir o roupão de banho. — Você já teve seu período?

Eu balancei a cabeça porque não conseguia falar.

— Bom. Não quero que você tenha um bastardo, certo? — Ele se inclinou sobre mim novamente, e eu vacilei. — Vou me certificar de que as criadas saibam que você está menstruada, não se preocupe. Não deixarei ninguém descobrir que você é uma putinha sem valor. Eu vou te proteger. — Ele acariciou minha bochecha antes de se afastar, e eu não me movi até que ele saísse. Quando seus passos se desvaneceram, levantei-me e consegui ficar de pé apesar da dor.

Algo quente escorria pelas minhas pernas. Eu tropecei para frente, agarrei minha calcinha descartada e apertei-a entre as minhas pernas, chorando novamente. Tremendo, eu me enrolei na espreguiçadeira, olhando para a escuridão da cama.

Antes do nascer do sol, a porta se abriu novamente, e eu pressionei contra o encosto, me encolhendo. Uma das criadas, Dorma, entrou no meu quarto. Ela era uma das mais jovens, e me olhava como

se eu fosse um incômodo. Seus olhos se moveram sobre mim. — Levante-se, — ela disse bruscamente. — Precisamos limpar você antes que os outros acordem.

Eu levantei, estremecendo com a dor entre as minhas pernas. Eu olhei para mim mesma. Havia sangue nas minhas pernas e algo mais que fez meu estômago apertar bruscamente. Dorma começou a juntar os lençóis. Eles também estavam cobertos de sangue. — É melhor você ficar quieta sobre isso, — ela murmurou. — Seu tio é um homem importante e você é apenas uma traidora. Você tem sorte de não terem matado você também.

Esperei em silêncio enquanto ela ajeitava os lençóis e os colocava no chão. Então ela começou a puxar minhas roupas, ignorando minha vacilação, até que fiquei nua. Eu me sentia suja, sem valor e quebrada sob seus olhos cruéis.

Ela adicionou minha camisola ao monte de sangue no chão, em seguida, me ajudou a vestir um roupão de banho. — Vamos ao banheiro agora e, se alguém perguntar, você menstruou, certo?

Eu assenti. Não perguntei por quê. Não lutei.

Naquela noite, tio Durant entrou no meu quarto novamente, e novamente na noite seguinte, e novamente até que finalmente teve que voltar para Atlanta. Todas as manhãs, Dorma limpava os lençóis e a mim. Alguns dias depois que ele partiu, ela usava um colar caro. O preço pelo seu silêncio.

HOJE

Uma batida soou, me arrancando das lembranças dolorosas. Eu respirei fundo e desejei que minha voz estivesse forte. — Entre.

Tia Egidia abriu a porta, mas ela não entrou. Preocupação apertou sua boca. — Kiara, isso foi muito rude, — disse ela. Ela me olhou, em seguida, desviou o olhar, que novamente estava preenchido com uma pitada de culpa. — Você deveria estar honrada em ser dada a alguém importante. Com o seu passado, é uma benção. Seu casamento será um espetáculo. Isso trará honra ao seu nome.

— E ao seu, — eu disse baixinho.

Ela endureceu e imediatamente me arrependi das minhas palavras. Eu não tinha o direito de criticá-la ou ao meu tio. — Enfrentamos muitos aborrecimentos porque a acolhemos. Você não pode nos culpar por estarmos felizes em ter encontrado um parceiro tão honrado para você.

— Já foi decidido? — Perguntei em voz baixa.

Ela franziu a testa. — Praticamente. Os Falcone insistem no parentesco com Luca para o casamento, naturalmente, então Félix sugeriu você. Luca gostaria de falar com você antes de fazer a oferta, o que não costuma ser feito, mas se ele insiste em seu consentimento, dificilmente podemos recusá-lo. Nós o convidamos e a sua esposa para jantar. — Seus olhos encontraram os meus, finalmente. — Você vai dizer que está honrada, Kiara, não vai? Esta é sua chance de resgatar sua família e você mesma. Talvez seus irmãos tenham permissão para se tornarem capitães se você se casar com alguém como Nino Falcone.

Minha garganta se fechou com força e meu olhar encontrou a cama novamente.

— Kiara, você vai dizer a ele que concorda, não vai? Seu tio já disse a Luca que você concordaria. Isso levantará rumores se você recusar.

Olhei de volta para minha tia, que parecia preocupada.

— Eu vou concordar, — eu sussurrei, porque o que mais havia a fazer?

Naquela noite, antes do jantar, Luca me puxou de lado para falar comigo sem minha tia e meu tio, o que os desagradou muito, deixando claro pela carranca em seus rostos.

— Eu não vou lhe forçar a se casar se você recusar, — disse ele. Sua presença me deixava nervosa.

— Farei vinte neste outono. Eu preciso casar.

— Isso é verdade, — admitiu Luca. Seus olhos cinzentos me observavam como se ele achasse que poderia tirar qualquer verdade de mim apenas com seu olhar vigilante, mas eu aprendi a guardar meus segredos. — Mas você poderia se casar com outra pessoa.

Poderia, mas se eu me recusasse a casar com Nino Falcone, seria considerada ainda mais uma pária em nossos círculos. O tio Felix e a tia Egidia ficariam desapontados, e teriam ainda mais dificuldade em encontrar outra pessoa. E como eu justificaria minha recusa? Em nosso mundo, você se casava com o homem que seus pais escolhiam para você, não importa quão ruim fosse a escolha. — Quem se casaria com Nino Falcone em meu lugar?

— A maioria das minhas primas é prometida ou casada. Eu teria que escolher uma das filhas dos meus capitães. Algumas delas atingirão a maioridade neste ano e não estão comprometidas.

Outra garota dada aos monstros em Las Vegas. Uma garota mais inocente que eu. Uma menina que merece uma chance de felicidade, não importa o quão pequena fosse em nosso mundo.

Ninguém me protegeu há anos atrás, mas eu poderia poupar outra garota desse destino. — Eu vou casar com ele. Você não tem que escolher mais ninguém. — Minha voz não traía meu terror. Estava firme e determinada, e me forcei a encontrar o olhar de Luca pela primeira vez esta noite.

Luca olhou para mim por mais um momento, mas eu poderia dizer que ele aprovou minha decisão. Dever e honra eram os pilares do nosso mundo. Cada um de nós tinha que fazer o que era esperado. Teria feito ele e a Famiglia ficarem mal se não pudesse oferecer uma de suas primas para a Camorra. Essas eram as regras pelas quais vivíamos, e sua própria esposa lhe fora dada pela paz. Era assim que era feito, como sempre seria feito.

Depois do jantar, foi Aria quem se aproximou de mim. Ela sorriu gentilmente e tocou meu braço enquanto os homens bebiam seu uísque na sala de estar e tia Egidia preparava o café para nós. — Ninguém te culparia se você se recusasse, — disse Aria.

— Você se casou com Luca. Você fez o que era esperado, o que a honra ditou, e eu sei que o mesmo é esperado de mim, — eu disse com um sorriso.

Ela franziu a testa. — Sim, mas...

— Não é como se aqui fosse minha casa. Mesmo que não tenha sido eu a quebrar o juramento, estou pagando pelo erro do meu pai. Eu quero seguir em frente. Esta é a minha chance de me redimir. Las Vegas pode ser um novo começo para mim.

Essas eram as palavras esperadas de mim, mas elas caíram pesadamente dos meus lábios porque sabia que meu casamento com Nino poderia destruir tudo. Minha reputação e qualquer chance de paz. E sob essas preocupações, havia um medo mais profundo e sombrio - um medo nascido no passado que assombrava meu presente e determinaria meu futuro.

NINO

— Isso foi muito arriscado e você sabe disso, Remo. Um dia você vai se matar, — eu disse quando Remo e eu sentamos em uma mesa no Sugar Trap. Eu sabia que ele estava começando a ficar cansado das minhas palestras, mas enquanto ele agisse impulsivamente, teria que ouvi-las.

Remo jogou os pés em cima da mesa, observando a stripper balançar seus quadris, seus seios saltando para cima e para baixo. A Sugar Trap estava deserta, exceto pelas mulheres se preparando para a noite.

— Quando isso acontecer, você estará aqui para governar a Camorra.

Eu fiz uma careta. Ele estava encarando isso muito levianamente. Ele nasceu o Capo. Ninguém poderia assustar as pessoas com a mesma facilidade e rapidez que Remo. Eu não queria me tornar Capo. Esse era o direito inato de Remo, não meu.

— Não me olhe desse jeito, Nino. Eu sei que você teria lidado com as coisas de maneira diferente.

— Qualquer um teria lidado com as coisas de maneira diferente.

— Funcionou. Luca pegou suas drogas e concordou em dar uma chance a essa união. E aposto que Aria participou do assunto. Ela quer

seu irmão de volta. Ela é uma mulher. Elas querem paz e amor. Elas gostam de se intrometer.

— Você não é um especialista no que diz respeito às mulheres. Quando foi a última vez que você falou mais de duas frases a uma mulher?

Remo tirou as pernas da mesa, se levantou e apontou para a stripper. — Eu quero fodê-la. Leve sua bunda para o vestiário. Estarei lá em dois minutos. É melhor você estar nua. — A mulher assentiu e correu para os vestiários. Remo levantou uma sobrancelha escura. — Viu? Quatro frases.

Eu suspirei e me levantei. — Isso não é falar, isso é comandar. Um monólogo, na melhor das hipóteses. Para que seja uma conversa real, ela tem que dizer algo em troca.

Remo sorriu. — Por que eu iria querer ouvir o que ela tem a dizer? Eu prefiro sua boca cheia com o meu pau. — Ele apontou para outra stripper que entrou no clube. — Por que você não pega essa? Em poucos meses, você será um homem casado. Sem mais boceta de stripper para você então. — Ele riu de sua própria piada, sabendo que os homens feitos podiam fazer o que quisessem, e bateu no meu ombro. — Vamos, relaxe um pouco antes de você ter que encontrar Luca amanhã.

Ele tinha um ponto. Encontrei o olhar da mulher e fiz sinal para ela. Eu tinha a fodido antes. — CJ, — eu disse, e seus olhos se arregalaram. Elas sempre se surpreendiam por eu lembrar seus nomes, mas nunca esqueci um nome ou qualquer outra coisa.

— Sim, Sr. Falcone? — Ela lambeu os lábios porque achou que era o que me excitava. Eu achava mais perturbador do que qualquer outra coisa. Se eu não tivesse a intenção de fodê-la, não teria chamado. Não havia sentido em tentar me excitar ainda mais. Remo já havia se dirigido para os vestiários. Eu agarrei seu pulso, levei-a para o banheiro, e a fodi contra o reservado. Ela gemeu, mas eu sabia que era falso. Ela estava molhada em volta do meu pau, mas definitivamente não tinha gozado. Seu corpo não exibia os sinais reveladores do orgasmo. Como uma prostituta, ela estava acostumada a fingir para fazer seus clientes felizes, mas eu odiava isso. Eu agarrei-a com mais força, estreitando os olhos e a fodi mais rápido. — Você sabe o que acontece com as pessoas que mentem para mim?

O medo brilhou em seu rosto. Estendi a mão entre nós, sacudi seu clítoris e, eventualmente, ela teve que se render a mim - como sempre faziam - e ela gozou. Eu há seguí alguns instantes depois, saí de cima dela, joguei o preservativo no vaso sanitário e deixei-a ali de pé.

Luca e eu decidimos nos encontrar em Nashville. Era um campo neutro, que era a melhor opção para uma segunda reunião, considerando que ambos estaríamos sozinhos. Luca me avaliou enquanto eu andava até ele no estacionamento deserto de um complexo de cinema abandonado.

Estendi minha mão para ele apertar. Ele pegou e, para minha surpresa, não tentou esmagar minha mão como algumas pessoas faziam quando queriam intimidar. Talvez ele soubesse que não tinha esse efeito em mim.

— Nos encontramos de novo, — disse ele com os olhos apertados. — Da última vez nós não conseguimos conversar em particular. Foi você quem ameaçou minha esposa.

— Eu não a ameacei, — eu objetei. — Encontrei uma fraqueza em suas medidas de segurança, e Remo apontou isso para você para impedi-lo de matá-lo.

O olhar de Luca endureceu. — Você não vai ameaçar minha esposa nunca mais.

Talvez uma pessoa comum tivesse medo dele, mas eu o olhava friamente, meu pulso tão calmo como sempre. — Táticas de intimidação não funcionam comigo. Eu não tenho a predisposição para que tenham efeito sobre mim. Não tenho intenção de ameaçar sua esposa no futuro. Acho que uma trégua entre a Família e a Camorra é a solução lógica para nosso problema com a Outfit, e para que as tréguas funcionem, teremos que concordar em não ameaçar ou matar uns aos outros por enquanto.

Luca me olhou por alguns segundos, um sorriso de escárnio no rosto. — Existe algum irmão Falcone são?

— Qual é a sua definição de sanidade? — Perguntei. — A sociedade não considera nem você ou eu são. Somos psicopatas porque gostamos de matar. Ou está tentando me dizer que se sente culpado quando tortura e mata?

Luca deu de ombros. — Talvez nós sejamos psicopatas, mas você e Remo fazem a maioria dos psicopatas parecerem sensatos.

Eu sabia que Remo e eu éramos o resultado do mesmo catalisador. Animais adaptados ao seu ambiente, se quisessem sobreviver. Era um processo de evolução que às vezes acontecia em pequena escala dentro de um único ser. Remo virou-se para suas emoções, soltou-as e, como resultado, mal tinha controle sobre sua raiva.

Meu corpo havia sobrevivido se livrando completamente de emoções. Eu preferia minha adaptação à dele. Isso tornava a vida mais previsível.

Adamo não tinha nascido quando Remo e eu nos tornamos os homens que éramos hoje, e Savio tinha apenas três anos de idade, jovem demais para entender ou lembrar. Eles não compartilhavam as minhas predisposições e de Remo. — Eu sou perfeitamente capaz de agir de acordo com os padrões da sociedade, se eu quiser.

— E você quer se casar por trégua?

— É a única razão pela qual eu consideraria casar, — eu disse honestamente. — O casamento realmente não serve a outro propósito. Eu não preciso de companhia. Eu tenho isso em meus irmãos e Fabiano. E não preciso de casamento para aplacar meu desejo sexual. Há mulheres suficientes em Las Vegas para isso.

Luca soltou uma risada sombria. — Eu acredito em você.

— Tive a impressão de que você era a favor de um casamento entre nossas famílias.

— Eu não sou a favor, mas como você disse, é a escolha lógica. Tenho que pensar na Famiglia e na minha própria família. Não quero vocês, malditos Falcone, nas minhas costas. Prefiro que vocês façam o inferno da vida de Cavallaro. Eu tenho minhas mãos cheias com a Bratva. Não quero lidar com ele. O fato de vocês matarem Scuderi da maneira mais brutal que alguém poderia inventar é um bônus adicional.

— Então está resolvido. Dado o histórico de sua família, seus capitães e subchefes são a favor da união, eu presumo.

— Eles seguem meu julgamento, mas os casamentos arranjados são muito populares na Famiglia, é claro.

Casamentos arranjados ainda eram populares mesmo entre a Camorra. — Você já escolheu uma mulher para mim?

A boca de Luca se apertou. — Não será uma surpresa se eu disser que a maioria dos meus Subchefes e Capitães não estão ansiosos para mandar uma de suas filhas para a Camorra. O nome Falcone tem uma certa reputação.

— Sou perfeitamente capaz de cumprir meus deveres como marido. Eu posso fornecer proteção, ser pai, e dinheiro também não é um problema.

Luca fez uma careta. — Eu não dou a mínima para isso. O que quero saber é se vou ter que atacar Vegas para salvar uma de minhas primas de você e seus irmãos.

— Você não terá motivos para salvar ninguém e, mesmo se tentasse, Las Vegas é forte demais para você. Mas garanto a você que minha esposa não sofrerá violência. — Fiz uma pausa. — E devo lembrá-lo de que é a sua família que defende a tradição de lençóis sangrentos e não a nossa? Isso força a mão de qualquer marido na noite de núpcias.

— Algumas tradições não podem ser anuladas.

— A questão permanece: você tem alguém em mente?

Luca assentiu. — Uma das minhas primas está na idade de casar. Seus guardiões sugeriram-na para a união. Ela não vai ficar triste por deixar a Famiglia.

Eu estreitei meus olhos. — Guardiões? O que há de errado com a garota?

— Nada. Ela é mais do que capaz de se tornar uma esposa, mas seu pai, meu tio, era um traidor, e muitas pessoas não a deixam esquecer isso. Ela cresceu com a nossa tia Egidia.

— Filha de um traidor para nós. Algumas pessoas podem considerar isso um insulto.

— Seu irmão Remo será um deles?

Era sempre difícil dizer com Remo, mas ele não dava a mínima para a história da família. — Remo julga as pessoas por suas próprias ações, não pelos erros cometidos pelos pais. E ela ainda é sua prima.

Ele levou a mão para o bolso de trás e eu levantei minha mão para o meu coldre.

A tensão atravessou o corpo de Luca. — Telefone. — Ele puxou o celular, e depois de um momento virou para mim. Na tela havia uma imagem de uma jovem de olhos castanhos escuros e cabelos quase pretos, mas sua pele naturalmente morena era bastante pálida, o que sugeria que ela não saía de casa com muita frequência. — Esta é minha prima Kiara Vitiello. Dezenove. Uma mulher honrada. — O último foi dito com uma sugestão de advertência.

— Ela vai servir, — eu disse.

Luca colocou o celular de volta no bolso de trás. Ele assentiu uma vez e depois suspirou. — Então está resolvido.

Eu voltei tarde naquela noite para a nossa mansão. Remo estava acordado como de costume. Ele nunca dormia mais do que algumas horas. Ele se levantou do sofá no momento em que entrei na sala de jogos. Savio e Adamo estavam ocupados jogando videogame, algum tipo de corrida. Adamo estava na liderança; Assim como na vida real, ele sabia dirigir um carro.

— E? — Havia uma pitada de ansiedade na voz de Remo. Eu não tinha certeza se ele esperava que Luca não tivesse concordado depois da reunião de hoje para que pudéssemos atacar a Famiglia ou se realmente queria paz. Remo prosperava no caos e na violência.

— Ele sugeriu uma de suas primas, Kiara Vitiello.

— Se o sobrenome dela é Vitiello, o pai dela deve ser um dos tios traidores de Luca.

— Você está certo. Seu pai foi morto por trair Luca.

— Então ele nos dá a filha de um traidor? — Remo perguntou em voz baixa.

— Não nos importamos com esse tipo de coisa.

Remo jogou uma de suas facas em uma das poltronas, e ela cravou no couro. Já havia outros buracos nela. — Mas a Família faz. O idiota arrogante provavelmente quer mandar alguma mensagem com o casamento.

— Talvez Nino seja uma punição para ela, — refletiu Savio quando seu carro bateu contra uma parede, seus olhos castanhos brilhando com o que eu assumi ser diversão. Adamo não parecia se importar por ele ganhar o jogo. Ele pousou o controle e me olhou com um rosto que provavelmente deveria transmitir tédio.

— Às vezes eu acho que Nino é meu castigo também, — disse Remo. — Faz sentido Luca punir sua prima dando-a a Nino.

Eu tinha considerado essa opção também, mas Luca não era o tipo de punir uma mulher assim, especialmente uma mulher inocente. — Se não fosse por mim, você estaria morto há muito tempo.

Remo encolheu os ombros. — Talvez. Nunca saberemos.

— Então você vai mesmo se casar? — Perguntou Adamo. Seu cabelo tinha crescido muito e caía em seus olhos, então ele tinha que empurrá-lo para trás constantemente. Ao contrário de mim, ele nunca usou um rabo de cavalo ou penteou para trás.

— Eu vou.

— Mas você nem conheceu a mulher. E se você não puder suportá-la? — Perguntou Adamo.

Savio revirou os olhos. — Você poderia soar mais como um boceta? Você realmente precisa foder.

O rosto de Adamo ficou vermelho. — Cale-se.

— Vamos, você tem quase quatorze anos. Quando eu tinha a sua idade, já tinha fodido algumas garotas. — Savio olhou para Remo. — Tranque-o em uma sala com algumas prostitutas para que elas possam transar com ele.

Adamo empurrou o ombro de Savio. — Cale-se! Eu não preciso de suas prostitutas.

— Se você quer ser um verdadeiro Falcone, não pode ser um virgem maldito. É patético. Ou talvez você seja um bicha?

Adamo deu um pulo e se jogou em Savio. Ambos caíram no chão e começaram a se socar. Adamo ainda não tinha lutado na jaula como Savio, então não era sábio ele atacar.

Remo balançou a cabeça, mas não interviu. Eu me aproximei para ter uma visão melhor, caso as coisas ficassem muito difíceis. Savio havia conseguido a vantagem e montado em Adamo, socando-o com força uma vez, duas vezes, e depois levantou o braço para outro soco. Dei um passo à frente para detê-lo, mas Remo se jogou no sofá, aterrissou ao lado de Savio e o agarrou pelo colarinho antes de tirá-lo de Adamo e empurrá-lo para longe. Savio aterrissou no sofá, respirando com dificuldade e fazendo um movimento para se levantar.

— Você fica aí, — eu pedi. Seus olhos seguraram o desafio antes que ele assentisse e caísse contra o encosto.

Adamo estava esparramado de costas, rosto vermelho e lábios estourados. Ele se moveu, mas não fez nenhum movimento para levantar. Remo se inclinou sobre ele e estendeu a mão. Adamo não aceitou, apenas olhou. — Adamo, — disse Remo. — Não tente minha porra de paciência.

Adamo aceitou a mão de Remo e deixou que ele o colocasse de pé. Adamo estremeceu, depois com um último olhar para Savio, foi em direção às portas francesas e partiu.

— Porra, talvez ele realmente goste de garotos, — disse Savio, franzindo o rosto. Então seus olhos se arregalaram. Às vezes, quando estávamos negociando, ele conseguia agir como um homem, mas em momentos como esse, ficava óbvio que ele não faria dezessete anos por mais um mês. Na sua idade, Remo e eu já estávamos endurecidos há anos na rua. Eu não tinha certeza se já fomos adolescentes. — Você vai matá-lo, então?

Remo avançou em Savio. — Nós somos irmãos. Nós vamos ficar um ao lado do outro. Eu não me importo se Adamo gosta de cabras, patos ou homens. Ele é nosso irmão.

Sávio assentiu devagar. — Ele é chato pra caralho. Se foder um cara faz com que ele seja mais tolerável, eu posso viver com isso.

Remo bufou. Então se virou para mim. — Fale com ele. Você é o único que pode lidar com ele.

Fui para o jardim, seguindo o cheiro de fumaça, em direção a uma das espreguiçadeiras ao lado da piscina. Adamo estava debruçado, fumando um cigarro comum. Desde o último aviso de Remo, ele não tocou em nada mais forte. Eu estava curioso quanto tempo isso duraria. Eu arranquei a merda da mão dele e joguei na piscina. — Sem drogas.

— É um cigarro, não maconha ou heroína, — ele murmurou.

Eu puxei outra cadeira em direção a ele e me sentei na sua frente. — O que está acontecendo?

Ele olhou — Nada.

— Adamo, se você quer ser tratado como um adulto, você tem que agir como um. Agora me diga por que você está agindo desse jeito.

Seu olhar baixou para seus tênis. — Eu não quero foder uma prostituta ou qualquer uma das strippers que você traz para casa.

— Isso ficou óbvio quando você atacou Savio. O que eu te disse sobre lutar?

— Só ataque se tiver certeza de que pode vencer seu oponente.

— Você não pode vencer Savio. Ainda não.

— Eu nunca vou ser tão bom quanto vocês. Eu não gosto de machucar as pessoas tanto quanto vocês.

Eu tinha imaginado isso. Adamo nunca foi uma criança muito violenta. — Você é forte e um bom lutador. Você não precisa se machucar ou matar para ser bom nisso.

Ele engoliu em seco. — Eu não quero matar de novo.

Ele matou seu primeiro homem durante o ataque à Roger's Arena e, ao contrário de Remo, Savio e eu, seu primeiro assassinato assombrou-o. — Você vai se acostumar com isso.

— Talvez eu não queira me acostumar com isso, — ele murmurou. — Eu não sou como você.

— Você tem tempo, — eu disse. Não adiantava discutir isso agora. Ele ainda tinha cinco meses até completar quatorze anos; ele não seria iniciado até então. — Qual é o seu problema com as mulheres que nossos irmãos e eu trazemos para casa?

Ele endureceu e levantou a cabeça. — Eu não sou gay.

Eu o observei, mas seu rosto permaneceu nas sombras, tornando ainda mais difícil lê-lo. — Remo não iria punir você por isso. Somos irmãos, Adamo. Nada vai mudar isso.

Adamo mordeu o lábio e estremeceu.

— Vou ter que costurar isso.

Ele assentiu. — Eu não sou gay.

Inclinei a cabeça, mas ele continuou sem mais estímulos.

— Eu não quero uma prostituta porque elas nem gostam de você. Elas te fodem porque você é o chefe delas ou porque estão com medo. Não quero isso. Quero uma garota que goste de mim e que queira estar comigo.

— No nosso mundo é difícil encontrar isso.

— Porque você não está procurando. Fabiano encontrou Leona.

— Ele encontrou, mas passou por muitas mulheres antes disso.

Adamo encolheu os ombros. — Eu não quero ser forçado a dormir com uma prostituta.

— Remo não vai forçar você e nem eu vou.

— Sério?

— Sério. — Eu não conseguia entender o raciocínio de Adamo. Ele era um adolescente. Em algum momento, seu impulso sexual seria muito forte para esperar por alguém com quem ele se importasse, ainda mais por alguém que se importasse com ele. — Mas, Adamo, somos os Falcones. As pessoas sempre agem de forma diferente ao nosso redor. Encontrar alguém em quem confiar é difícil.

— Você não quer que sua futura esposa goste de você?

— A afeição não é necessária em um casamento. Eu não tenho expectativas assim.

— Mas e se ela quiser afeição? — Sua boca torceu com a palavra, e ele estremeceu novamente.

Eu dei a ele uma olhada e me levantei. — Você me conhece.

Adamo encolheu os ombros. — Eu meio que sinto muito por ela.

— Vamos. Deixe-me costurar seu lábio agora. — Talvez também sentisse pena de Kiara Vitiello se eu fosse capaz disso.

Capítulo Quatro

KIARA

Tia Egidia parecia incrivelmente satisfeita quando entrou na biblioteca onde eu estivera me escondendo o dia todo dela e do meu tio. — Luca teve uma reunião com Nino Falcone hoje.

Eu larguei o livro que estava lendo, tentando manter meu rosto sem emoção. — E?

— Luca mostrou a Nino uma foto sua e ele concordou em se casar com você.

Ela me observou com expectativa, como se achasse que eu faria uma dança feliz porque Nino havia aprovado minha aparência. Eu engoli em seco. — Isso é uma boa notícia. — Foi tudo que consegui, e faltou entusiasmo.

Minha tia franziu os lábios. — Kiara, na verdade, não acho que você entenda o que isso significa.

Eu sabia exatamente o que significava e esse era o problema. — Demora um pouco para me acostumar, a ideia de me casar com ele, tia Egidia. Não se preocupe, quando eu tiver que me casar com ele, serei capaz de transmitir minha excitação adequadamente.

Era uma mentira descarada. Se eu conseguisse não recuar a cada toque, isso seria um enorme sucesso.

— Bem, você não tem muito tempo. Remo Falcone insiste que as coisas progridam rapidamente. O casamento está marcado para daqui a quatro semanas.

Eu enterrei meus dedos no couro da poltrona, a cor escoando do meu rosto. — Quatro semanas? Mas isso não é tempo suficiente para planejar tudo.

Definitivamente, não há tempo suficiente para me preparar mentalmente para casar com um Falcone - se eu pudesse me preparar para algo assim.

— Não se preocupe. Eu já entrei em contato com algumas lojas de noivas. É claro que alguns dos vestidos mais populares já estão esgotados, mas eles me garantiram que têm peças bonitas o suficiente.

— Isso é bom, — eu disse em uma voz monótona.

Tia Egidia assentiu. — Aria e Giulia se juntarão a nós. Eu já falei com as duas e elas estão animadas. Aria foi ótima marcando um horário com a melhor loja de noivas em Nova York. Nova York parece ser a escolha mais sensata, dado que não podemos esperar que a esposa do Capo viaje até Baltimore. Claro, a loja conseguiu nos encaixar amanhã. Quem poderia negar algo a Aria Vitiello?

— Amanhã? — Eu perguntei horrorizada.

— Não é maravilhoso?

— Maravilhoso, — eu consegui dizer.

Tia Egidia franziu a testa novamente. — De qualquer forma, Felix e Luca estão tentando descobrir o melhor lugar para realizar o casamento. Não vai ser em Nova York. Luca não quer os Falcons em sua cidade.

Não quer? Eu quase ri.

— Tenho certeza de que há opções suficientes, — eu disse baixinho.

— Sim. Sim. Tenho certeza — disse Egidia sorrindo. — Eu deveria ligar para algumas floristas e fazer arranjos com elas.

Não me incomodei em apontar que isso não faria sentido até sabermos onde as celebrações aconteceriam. Este era o show da tia Egidia, mesmo que eu fosse a atração principal.

Quando ela saiu, fechei meus olhos. Quatro semanas.

Quatro semanas até a minha noite de núpcias.

Quatro semanas até que Nino quisesse reivindicar seu prêmio.

Quatro semanas para eu descobrir uma maneira de esconder que alguém tinha tomado esse prêmio anos atrás. A náusea tomou conta de mim e eu pressionei a mão no meu estômago.

Dez minutos depois, Giulia ligou. — Minha mãe já falou com você?

— Alguns minutos atrás, — eu disse.

Giulia suspirou. — Eu não gosto disso, Kiara. Quatro semanas, sério? É como se não pudessem jogar você para Falcone rápido o suficiente, como se estivessem preocupados que fossem começar a se sentir culpados se esperassem mais.

— Pelo menos isso deixa menos tempo para eu me preocupar. — Eu me preocuparia de qualquer maneira. Minhas noites seriam assombradas por pesadelos ainda piores do que antes.

— Até mesmo Cassio desconfia dos Falcones. Ele me mostrou um vídeo de Nino Falcone na gaiola. É doentio.

— Um vídeo? — Eu ecoei. — Onde posso assistir?

Houve silêncio do outro lado. — Não. Não assista isso.

Minha garganta se apertou. — Onde?

— É um fórum na Darknet que a Camorra usa para mostrar suas lutas de gaiolas e corridas ilegais de rua.

— Dê-me os dados de login.

— Kiara...

— Eu tenho dezenove anos, não nove. Eu quero vê-lo, Giulia. *Eu preciso*. — Se eu fosse confrontada com esse monstro pela primeira vez em nossa noite de núpcias, eu fugiria. Precisava ver do que ele era capaz, mesmo que uma briga de gaiola fosse muito pouco.

— Me dê um segundo. Preciso pedir a Cássio a informação novamente. — Ouvi o farfalhar seguido do silêncio do outro lado por um tempo até ouvir vozes abafadas. Depois do que pareceu uma eternidade, Giulia falou novamente. — Você tem algum lugar para anotar? É longo e complicado. A Darknet usa várias etapas para manter as pessoas fora.

Peguei a caneta e o papel que sempre mantinha perto quando lia um livro; Eu gostava de escrever minhas citações favoritas. — Estou pronta.

Depois de anotar tudo, escutei outro aviso de Giulia antes de encerrarmos a ligação. Agarrando o papel na palma da minha mão suada, fui para o meu quarto pegar meu laptop. Meus dedos tremiam quando entrei no fórum. Havia uma lista de lutas dos últimos anos. Eu digitei o nome de Nino no mecanismo de busca, e várias lutas surgiram imediatamente. Eu cliquei na mais recente, de apenas algumas semanas atrás.

A câmera estava focada em uma gaiola enorme. Um homem largo estava dentro dela, mas ele estava na casa dos trinta e não tinha nenhum cabelo. Ele era velho demais para ser Nino Falcone. Um silêncio atravessou a multidão e outro homem entrou na gaiola, mais alto que o primeiro, e eu congelei. Por vários momentos, minha respiração ficou presa na minha garganta. Se um mero vídeo já invocava esse tipo de horror, o que faria Nino na vida real?

Nino era alto e musculoso, e cada centímetro de seu torso e braços estava coberto de tatuagens. Chamas e facas e rostos gritando, e mais imagens e palavras que eu não pude entender. As chamas viajaram pelos braços até os pulsos. Elas também entraram em seu short de luta, terminando em suas coxas musculosas.

Sua expressão estava focada, mas completamente sem emoção.

Meu medo se transformou em puro terror quando a luta começou. Nino era uma máquina de luta. Cada um de seus golpes era *preciso*, mas o que era pior era sua expressão analítica. Ele não parecia estar lutando em uma gaiola. Quando seu oponente acertava um golpe, o rosto de Nino dificilmente refletia qualquer sinal de dor. Ele chutava e socava forte e rápido, sem piedade, mesmo quando seu oponente caiu de joelhos. Nino estava em cima dele em um piscar de olhos, batendo o joelho nas costas do homem, que então se esparramou no chão ensanguentado. Mesmo isso não foi suficiente. Nino envolveu seu antebraço ao redor da garganta do homem e cortou seu ar. Seu oponente empurrou seu cotovelo na lateral de Nino, mas ele nem sequer estremeceu, apenas aumentou ainda mais o seu aperto e, eventualmente, o homem desmaiou. Nino o soltou então e se levantou. Seu olhar passou sobre a multidão até que se concentrou na câmera. Era como se ele estivesse olhando diretamente para mim, e o brilho frio e duro em seus olhos despertou os horrores que eu não conseguia me livrar.

Eu não podia acreditar que esse era o homem com quem eu deveria casar.

Eu não dormi mais de duas horas. Todas as noites, o rosto do tio Durant assombrava meus sonhos enquanto pairava sobre mim e me quebrava, mas naquela noite foi um rosto diferente que pairou sobre mim, um rosto maravilhosamente frio.

Quando nosso guarda-costas nos levou à Filadélfia para buscar Giulia, minha tia tentou envolver-me em uma conversa sobre vestidos, mas eu estava muito chateada para entrar em qualquer tipo de interação. Fiquei feliz quando Giulia se juntou a nós no banco de trás. Depois de um olhar na minha direção, ela rapidamente distraiu sua mãe falando sobre seus planos de verão com as crianças.

Eu enviei-lhe um olhar agradecido antes de fixar meu olhar na janela, observando a paisagem passar por mim.

Ao contrário de muitas mulheres, eu não tinha um vestido de sonho. Eu nunca olhei vestidos de noiva a menos que eu estivesse em um casamento.

Aria esperava com seu guarda-costas dentro da loja porque estava ventando. No momento em que entramos, uma vendedora correu até nós. — Quem é a noiva feliz?

Giulia, Aria e tia Egidia olharam para mim e a vendedora tocou meu braço. — Emocionante, não é? Você vai ser uma noiva de tirar o fôlego. Eu posso dizer.

Dei-lhe um pequeno sorriso e a segui em direção à exibição de vestidos. — Por que vocês não vasculham os vestidos e me mostram o que escolheriam para mim? — Eu perguntei, afundando em uma das poltronas macias.

Isso atraiu um olhar da vendedora, mas a essa altura eu não me importava mais.

Aria e Giulia assentiram imediatamente e partiram em busca de vestidos, mas a expressão de tia Egidia deixou claro que ela desaprovava. No entanto, depois de um momento, ela começou a procurar por vestidos adequados também.

Claro, tia Egidia escolheu vestidos que teriam deixado a maioria das princesas da Disney com ciúmes. Muito chamativo, atraentes demais, tudo demais. Nada como eu. Felizmente, Aria e Giulia trabalharam juntas e encontraram vestidos mais próximos do meu gosto.

Eu escolhi um sereia branco simples, um vestido tomara que caia com renda ao redor do decote. Um véu transparente estava preso ao decote e caía nas minhas costas e nos meus braços nus, para que eu não me sentisse tão exposta.

— Lindo, — disse Aria com um sorriso gentil. Ela ainda estava tentando descobrir minhas verdadeiras emoções em relação ao casamento, mas aprendi a escondê-las bem ao longo dos anos. Foi a única maneira de sobreviver depois do que aconteceu.

Giulia acenou com a cabeça, os olhos lacrimejando e até a tia Egidia parecia satisfeita com a minha escolha - mesmo que não fosse tão chamativa quanto planejava. — Você parece muito elegante e sofisticada. Uma verdadeira dama.

Respirei fundo, esperando que Nino me tratasse como uma dama. O homem que eu vi lutando na gaiola não me pareceu alguém que o faria.

NINO

Nós paramos em frente à enorme Vila Vitello de pedra e estuque em Baltimore, onde a festa de noivado aconteceria. Com apenas dois dias antes do casamento, não havia razão lógica para noivar oficialmente, mas decisões lógicas não eram o forte da Famiglia. Savio, Adamo e Fabiano permaneceram em Las Vegas para garantir que as coisas corressem bem por lá. Eles só voariam para o casamento real. Não era como se algum de nós se importasse com as festividades. Não seria um grande evento como o casamento de Aria e Luca tinha sido há muitos anos. Nossos Subchefes e Capitães ficariam em seu território. Remo não arriscaria nada após o ataque da Outfit.

— Se eles convidaram aquele filho da puta do Grawl, eu vou pintar as paredes de vermelho brilhante com o sangue dele e de qualquer filho da puta da Famiglia que ficar no meu caminho, — Remo rosnou.

— Ele não será convidado, Remo. Luca não vai arriscar. Ele sabe que você e Grawl vão se chocar.

— E você? Você ficaria parado e observaria aquele filho da puta se vangloriando por matar nosso pai antes que pudéssemos?

— Claro que não. Eu o fatiaria de orelha a orelha.

No momento em que saímos do carro alugado, a porta da casa se abriu e Felix e Egidia Rizzo apareceram na porta. Remo me lançou um olhar, um canto de sua boca se curvando. — Alguém estava olhando pela janela, parece, — ele murmurou enquanto nos aproximamos da tia e do tio da minha futura esposa. O noivado não seria um grande banquete, apenas para apaziguar os tradicionalistas da Famiglia que exigiam um compromisso oficial antes do casamento, mas os Rizzo estavam vestidos com um smoking e um longo vestido de noite de qualquer maneira.

— Eu acho que estamos mal vestidos, — eu disse baixinho. Eu tinha colocado uma blusa de gola alta e calça preta com sapatos pretos de camurça. Remo estava vestido de maneira semelhante, menos a gola alta, que ele trocara por uma camisa preta.

Remo encolheu os ombros.

— Todo de preto, — disse a Sra. Rizzo com as sobrancelhas levantadas depois que eu beijei sua mão. — Que escolha curiosa para a ocasião.

— É a cor escolhida pela nossa profissão. O sangue é muito difícil de lavar, — Remo disse em seu melhor inglês de Oxford enquanto beijava sua mão. Isso foi praticamente a única coisa que ele aprendeu durante o nosso tempo na Inglaterra. Claro, ele só usava isso para desestabilizar as pessoas.

A Sra. Rizzo deu um pequeno passo para longe de Remo, puxando a mão para fora de seu alcance.

Estendi a mão para Rizzo e ele apertou mais do que o necessário. Eu inclinei minha cabeça, estreitando os olhos. Se ele tentar

isso com Remo, a camisa preta iria provar o seu valor. — Estamos honrados em dar-lhe Kiara em casamento, — disse ele, soltando minha mão. — Por favor, me chame de Felix, e esta é minha esposa Egidia.

Enviei a Remo um olhar de aviso antes de ele apertar a mão do homem.

— Entre, — Felix disse, recuando. Remo e eu o seguimos para dentro. Era uma grande casa antiga com muita madeira escura e tapetes no hall de entrada.

— Os convidados já se reuniram na sala e no pátio, mas você e Kiara devem entrar juntos, — disse Felix, em seguida, virou-se para Remo. — Talvez você possa se juntar aos convidados. Minha esposa vai lhe mostrar o caminho.

Egidia deu um sorriso tenso e fez sinal para Remo segui-la, mas ele não fez nenhum movimento para fazê-lo. — Eu acho que por agora meu irmão e eu vamos ficar juntos.

Felix piscou e assentiu lentamente. — Tudo bem. Vamos. Eu escolhi a biblioteca para o seu primeiro encontro. É o lugar onde Kiara passa a maior parte do tempo.

Eu levantei uma sobrancelha. — Ela gosta de ler?

Felix hesitou. — Ela gosta, mas também é muito bonita e recatada. A esposa perfeita apesar de sua inteligência.

Remo revirou os olhos atrás das costas do homem. Nós entramos em uma sala ampla que estava cheia de estantes de madeira escura. Um livro estava aberto na mesinha ao lado da cadeira de leitura. Eu andei em direção a ele quando Felix franziu a testa. — Ela deveria estar aqui.

— Talvez ela tenha decidido fugir, — Remo ofereceu solícito.

— Ela não faria isso, — Felix disse rapidamente, mas eu peguei o indício de preocupação em seu rosto, e Remo também.

Eu peguei o livro. Era sobre a história de Las Vegas. Agradou-me que ela fez um esforço para aprender sobre a história da minha cidade natal.

— Lá está ela, — Felix disse em voz alta.

Eu coloquei o livro de volta, e meus olhos se moveram para a porta.

Kiara Vitiello era uma mulher de ossos finos, mais baixa do que eu esperava, quase frágil na aparência, mas seus quadris curvavam-se delicadamente sob o vestido, e ela tinha seios de tamanho acima da média. Ela usava um vestido rosa claro, quase branco, mas isso a fazia parecer ainda mais frágil. Claramente era para enfatizar sua inocência, mas eu preferia cores mais ousadas. Seus olhos escuros se fixaram no meu rosto - não nos meus olhos -, mais abaixo, talvez no meu nariz, e seus ombros enrijeceram um pouco. Ela não se moveu da porta, parecendo quase congelada. Sua palma da mão pressionava o batente da porta, e eu sabia que era para se firmar.

Remo olhou para mim, avaliando minha reação, o que foi um esforço fútil da parte dele.

Seu tio fez sinal para ela se aproximar. — Vamos, Kiara. Cumprimente seu futuro marido e cunhado.

Um segundo se passou antes que ela se afastasse da porta e andasse em nossa direção. Seus movimentos eram elegantes e determinados, mas continham um toque de tremor que ela não conseguia reprimir.

Ela parou ao lado de seu tio.

Mesmo usando saltos, ela só alcançava meu queixo. — É um prazer conhecê-lo, — disse ela em uma voz suave. Seus olhos correram do meu rosto para o de Remo, em seguida, rapidamente de volta para seu tio.

— O prazer é meu, — eu respondi, e o sorriso de Remo se alargou. Kiara estremeceu ligeiramente, quase imperceptível, mas Remo notou, contraindo o lábio, e eu também.

Seu tio pigarreou desconfortavelmente.

— Eu gostaria de alguns minutos a sós com ela para dar-lhe o anel e conhecê-la, — eu disse, nunca tirando meus olhos dela.

— Tudo bem, — disse seu tio, seus olhos passando entre Remo e eu e depois para Kiara. — Não tenho certeza...

Remo lançou-lhe um sorriso torcido. — Eles vão se casar em dois dias. Então ela virá para Las Vegas conosco, mas você está preocupado

por ela estar sozinha por alguns momentos com meu irmão? Ela estará sujeita à vontade dele pelo resto da vida.

Os ombros de Kiara curvaram, desmoronando e ela engoliu em seco.

Felix empalideceu, seus olhos endurecendo. — Isto é pela paz. Não esqueça disso.

Eu falei antes que Remo pudesse, porque ele parecia querer usar sua faca em vez de palavras, e eu queria que esse jogo de poder chatos terminasse rapidamente. — Você não deveria esquecer também. Kiara não é mais sua preocupação. Ela é minha. — Mostrei-lhe o anel e seus olhos se voltaram rapidamente para ele. — Hoje, vou colocar este anel no dedo dela, e então minha palavra é a lei, não a sua.

Resignação encheu seu rosto, e seus ombros caíram, mas ela se segurou rapidamente e se endireitou novamente.

— O que você diz, Kiara? — Seu tio perguntou. — Você concorda em falar com Nino?

Ela encontrou seu olhar, seus lábios tensos. — Esta é a primeira vez que você me pergunta se eu concordo. Como o Sr. Falcone apontou, eu estarei sob o domínio do meu futuro marido em breve, então não vejo como isso importa agora.

Seu tio olhou para ela, um olhar vazio no rosto. Obviamente ele não estava acostumado a qualquer objeção dela. Ele deu um aceno brusco e se virou, correndo para fora da sala.

Antes de Remo seguir em frente, ele se virou para Kiara. — Nunca mais me chame de Sr. Falcone. Esse era meu pai e eu teria queimado o filho da puta vivo se tivesse tido a chance.

Ele passou por Kiara, e ela se afastou dele para que seu braço não roçasse o dela. Remo fechou a porta e Kiara deu um pulo. Ela não era naturalmente submissa, mesmo que agisse assim.

Estendi minha mão, uma ordem silenciosa, e me perguntei se ela obedeceria. Ela se aproximou de mim e colocou a palma da mão na minha, sem encontrar meus olhos. Eu envolvi meus dedos ao redor de seu pulso, meu polegar pressionando contra suas veias. Ela estremeceu, arrepios subindo por sua pele.

Pupilas dilatadas, respiração acelerada, pulsação acelerada, tremores, Kiara tinha os indícios de terror. Eu mantive meu polegar em seu ponto de pulso enquanto a olhava. Ela finalmente levantou o olhar para o meu, e seu pulso acelerou ainda mais. As reações de seu corpo também poderiam ser um sinal de excitação, mas eu sabia que não eram.

— Então você não concordou em se casar comigo, — eu indiquei.

Suas bochechas coraram e seu olhar voltou ao meu queixo. — Eu concordei quando Luca me perguntou, mas meu tio nunca perguntou quando ele fez a oferta.

— Por que você concordou quando Luca perguntou, então?

Suas sobrancelhas se uniram. — Porque não era realmente uma escolha; foi disfarçado como uma. Nesta vida, as mulheres não têm escolhas.

Eu a observei por alguns momentos. Ela parecia com raiva. Sua raiva me serviu melhor do que o terror submisso que ela demonstrou antes. Eu levantei a mão dela, e ela ficou tensa novamente, como se tivesse esquecido o meu toque. Seu pulso disparou contra as pontas dos meus dedos. Eu mostrei a ela o anel. — Eu não vou te dizer que você tem a opção de aceitar isso ou não. Nós dois sabemos que você aceitará como dirá sim em dois dias.

Ela empalideceu e deu um pequeno aceno de cabeça. — Caso contrário, não haverá paz.

— De fato.

Seus dedos tremiam quando coloquei o anel de noivado. O joalheiro o recomendou depois que eu disse que dinheiro não era um problema. Uma simples faixa de ouro com um grande diamante no meio. Eu nunca entendi o motivo dos anéis de noivado. Ela engoliu em seco novamente, e percebi que era para conter um pouco do seu terror. — Você percebe que isso não é uma sentença de morte.

Olhos castanhos escuros se ergueram para encontrar os meus. — A morte não é o pior que pode acontecer.

— Você será minha esposa, — eu disse a ela. O que quer que ela tenha ouvido sobre meus irmãos e eu, e o que estava acontecendo em Vegas, ela não tinha que temer esse tipo de coisa.

A porta se abriu e Kiara rapidamente puxou a mão da minha, engolindo de novo, mas ela não conseguiu apagar o medo em seu rosto. Uma mulher de longos cabelos castanhos, uma sombra mais clara que a de Kiara, enfiou a cabeça para dentro, os olhos vagando entre Kiara e eu. Ela estreitou os olhos e entrou no quarto. — Eu não estou interrompendo nada, estou?

Eu a reconheci a partir de fotos dos Subchefes e Capitães da Famiglia que estudei. Giulia Moretti, esposa de Cassio Moretti, Subchefe da Filadélfia. — Eu acho que esse era o propósito da sua aparição, não é?

Ela não parecia culpada quando se moveu para o lado de Kiara e me dirigiu uma expressão arrogante. — Não é apropriado você ficar sozinho com ela ainda. Não sei como você lida com as coisas em Las Vegas, mas aqui lidamos com elas assim.

Eu dei a ela um sorriso frio. — Não se preocupe, estou muito ciente de suas tradições, por mais peculiares que sejam como a apresentação dos lençóis.

Se eu tinha pensado que Kiara estava com medo antes, minha menção a essa tradição aumentou seu medo.

Estendi a mão, mas olhei para Giulia. — Kiara e eu devemos fazer uma aparição juntos, Sra. Moretti... A menos que essa tradição tenha sido alterada recentemente?

Ela olhou para Kiara, que lhe deu um sorriso firme. — Ele está certo, Giulia. Nós não queremos desapontar os convidados.

Ela colocou a mão de volta na minha e levantou o queixo. Meu polegar encontrou sua pulsação novamente e ela estremeceu. *Baque-baque. Baque. Baque.* Um ritmo errático *Baque-baque. Baque.*

Giulia saiu, mas não fechou a porta.

Sem outra palavra, levei Kiara para a sala de estar, onde os convidados aguardavam nossa aparição. Eles começaram a bater palmas quando entramos. Que demonstração de excitação falsa. Remo estava ao lado de Luca, seu irmão Matteo e Romero. As mulheres da família estavam reunidas do outro lado da sala, provavelmente por causa do meu irmão. A expressão de Remo não era boa. Talvez ele estivesse chateado por não ter a chance de derramar o sangue do nosso meio-irmão, mas eu disse a ele que Luca não ousaria convidá-lo.

O tio de Luca e Kiara falou algumas palavras como era esperado. Depois disso, eu liberei Kiara, para que ela pudesse mostrar seu anel para as mulheres.

— E o que você achou? Você está satisfeito com sua futura noiva?
— Remo perguntou com um sorriso quando parei ao lado dele. Luca nos lançou um olhar duro. Remo, sendo seu habitual provocador, não se incomodou em baixar a voz.

— É muito cedo para avaliar o meu nível de satisfação ainda, — eu disse, considerando-a novamente. Seu rosto era uniformemente moldado nas proporções certas, agradável de olhar, e seus olhos escuros e cabelos contrastavam de um modo agradável com a pele pálida. Seu corpo preenchia todos os requisitos para atrair a atenção masculina: cintura estreita, pernas finas, bunda redonda e seios maiores do que a média. Eu não teria problemas em reivindicá-la em nossa noite de núpcias.

— Terminou sua avaliação? — Remo disse enquanto me seguia em direção a enorme quantidade de iguarias na mesa de jantar. — Você definitivamente vai gostar de transar com ela. Eu gostaria de poder provar um pouco.

— Mas você não vai, — eu disse claramente.

Remo inclinou a cabeça. — No passado, o rei tinha o direito da primeira noite.

— *Ius primae noctis*².

— Talvez eu devesse estabelecer algo assim em Vegas. — Remo riu, seus olhos examinando a multidão em busca de mulheres adequadas. — Mande todas as suas virgens para que eu possa desvirginá-las.

Eu balancei a cabeça. Pelo menos desta vez ele teve o bom senso de falar baixinho. Luca precisava de paz tanto quanto nós, mas sua paciência certamente tinha limites. — Você não é rei, Remo. E você não tem direito à primeira noite com Kiara.

— Ciúme não combina com você, — Remo disse com uma pitada de... isso era curiosidade?

² Direito a primeira noite em Italiano.

— Eu não estou com ciúme, mas há algumas coisas que não quero compartilhar com você e Kiara é uma delas.

Remo acenou para mim. — Ela é toda sua. Não se preocupe. — Eu não estava preocupado. Remo era imprevisível, distorcido e brutal, mas ele era meu irmão e nunca meteria a mão em algo que fosse meu. — Mas eu vou ter que dar a isso... como você chama?

— *Ius primae noctis*, — eu forneci.

— Sim, isso. Talvez eu tenha que pensar sobre isso.

Eu olhei para o meu irmão, tentando descobrir se ele estava falando sério. Muitas vezes era difícil dizer com Remo, e minha falta de compreensão das emoções humanas tinha pouco a ver com isso. — Você percebe que a maioria dos homens não vai achar a ideia de você *foder* suas mulheres muito atraente. Existe um limite para o que as pessoas vão aceitar, até mesmo de você. O medo tem seus limites. Em algum momento, os humanos se revoltam.

Remo revirou os olhos. — Você percebe que é humano também, certo?

— Eu sempre tive a impressão de que você e eu tínhamos pouca humanidade.

Remo bateu no meu ombro. — Verdade. — Seu sorriso se tornou perigoso. — Quem precisa de emoções e moral quando pode foder e mutilar e matar o que quiserem?

Eu nunca tinha visto o apelo de ter emoções.

Kiara olhou para mim do outro lado da sala novamente, mas rapidamente desviou o olhar quando encontrei seus olhos. Ela estava tentando esconder suas emoções, mas eu podia sentir seu terror, mesmo a distância. Emoções sempre foram uma fraqueza.

Capítulo Cinco

KIARA

Tia Egidia cuidou dos preparativos do casamento com a ajuda de Aria. Os Falcons não pareciam demonstrar muito interesse nos detalhes da celebração. Para eles, era negócio, nada mais. Decidiu-se que o casamento seria na mansão dos meus pais nos Hamptons - o lugar onde eles foram mortos. Minha mãe pelo meu pai e meu pai pelo Luca. Era quase simbólico que este era o lugar onde eu também perderia a minha vida.

No dia do meu casamento, entrei no hall da mansão, um lugar onde não pisava há anos. Estava quase deserto desde então. Meus irmãos haviam herdado o lugar - não eu desde que era mulher - e preferiam ficar em Atlanta, longe de Luca e longe de mim. Eles eram muito mais velhos, então nunca tivemos muito em comum. Eles estavam ocupados fazendo nomes para si mesmos, apesar dos erros do pai. Meu casamento com Nino deveria lavar a mácula do passado, mas meu segredo poderia arruinar a todos nós.

Nos últimos dias, limpadores e designers de interiores haviam despertado o local de seu estado desolado. A festa principal aconteceria em uma enorme tenda de festa no jardim. Era final de abril e planejar a festa do lado de fora sem qualquer abrigo teria sido muito arriscado.

Subi as escadas devagar e meus olhos encontraram o lugar onde minha mãe havia morrido. Com um arrepio, eu rapidamente corri para o meu antigo quarto. Também estava preparado para o dia. Flores frescas haviam sido colocadas em vasos ao redor do quarto, provavelmente para encobrir o cheiro de mofo da negligência. Minha tia estava conversando com a estilista, que faria meu cabelo e maquiagem, na penteadeira. Um espelho de chão havia sido montado para a ocasião. Meu vestido estava espalhado na cama de quatro colunas.

Era um vestido lindo: branco, da cor da inocência e da pureza.

Olhei para minha tia e pensei em contar o que havia acontecido comigo seis anos antes. Como sempre, não fiz porque eu valeria menos

a seus olhos. Algo quebrado, algo sujo. Não digno desse vestido branco perfeito.

Giulia entrou no quarto, usando um lindo vestido cor de vinho, e me abraçou. — Eu não posso acreditar que eles escolheram este lugar para as celebrações, — ela murmurou.

— Pertence aos seus parentes vivos mais próximos, seus irmãos. É o que a honra dita.

A honra ditava tantas coisas em nossas vidas que dificilmente deixava espaço para escolhas.

Giulia revirou os olhos. — Então não tem nada a ver com o fato de que ninguém queria arriscar sua mansão para a festa porque o risco de derramamento de sangue é muito alto? Afinal, é por isso que não vai acontecer em um hotel.

Tia Egidia franziu os lábios para a filha. — Giulia, na verdade, alguém poderia pensar que seu casamento com Cássio teria acabado com sua insolência.

— Cassio gosta da minha insolência, — disse ela, suas bochechas coradas.

Tia Egidia suspirou, em seguida, estreitou um olhar nervoso em direção ao estilista; ela estava sempre preocupada em deixar uma impressão ruim na frente dos outros. — Acho que devemos começar agora. Com seu cabelo rebelde, provavelmente vai demorar um pouco para que seu penteado de noiva termine.

Minha tia provou estar certa. O estilista levou uma eternidade para domar meus cachos em uma trança que caía pelas minhas costas. Um fio fino de folhas de ouro e pérolas que usou adornava o estilo simples.

— Você está muito bonita, — disse Giulia em voz baixa.

Egidia apertou a mão na frente de seu estômago, me olhando com mais afeto do que eu já tinha visto antes. — Você está.

O estilista saiu da sala com um pequeno sorriso, que eu devolvi mesmo quando meus músculos faciais pareciam prontos para explodir de tensão.

Egidia alisou o véu que revestia meu decote novamente antes de me encarar, tocando meus ombros. — Como mulheres, temos que cumprir nosso dever com nossos maridos... — ela começou, e eu fiquei tensa porque sabia onde ela estava indo com isso. — Você não precisa ficar... — Ela se conteve. Não precisa ficar com medo? Essas eram as palavras que toda mãe dizia a sua filha no dia do casamento. Eu sabia, porque Giulia me dissera que Egidia disse a mesma coisa para ela no dia do seu casamento. Eu encontrei o olhar de tia Egidia e a culpa que eu tinha visto nos olhos dela antes estava de volta. — Faça-o tratar você como uma dama.

Giulia se aproximou de Egidia. — Mãe, deixe-me falar com Kiara, ok? Eu acho que ela vai se sentir mais confortável ao meu redor.

Tia Egidia assentiu, parecendo aliviada. Ela deu um tapinha no meu ombro e saiu, deixando-me sozinha com a minha meia-irmã.

Giulia suspirou ao me olhar no espelho. — Eu não gosto disso, Kiara. Você não deveria estar se casando com um Falcone. Você é a última pessoa que deveria.

— Por quê? Melhor que alguém inocente.

Giulia segurou minha mão com força. — Pare com isso. Você não é suja ou menos ou o que você pensa que é por causa do que ele fez com você. E você não merece isso.

— Quem merece isso? Não desejo esse destino a nenhuma outra garota. Eu sobreviverei.

Giulia se empoleirou na penteadeira. — Eu não sei o que te dizer.

— Não diga nada. Não há nada que você possa dizer que me deixe à vontade — eu disse a ela rapidamente. Eu sabia o que ia acontecer hoje à noite e já tinha passado por isso antes. Engoli. — Eu não vou lutar com ele. Eu farei o que ele quiser. Então certamente será suportável. Eu não tenho mais treze anos. — Minhas palavras foram silenciadas, vogais quebradas murmuradas.

Giulia respirou profundamente. — Meu Deus, Kiara. Conte a Luca. Ele ainda pode encontrar uma maneira de livrar você disso.

— Cancelar o casamento hoje? Isso seria um tapa na cara de Remo Falcone. Ele não é um homem que dá a outra face. Ele buscará

vingança, não importa o preço. — Eu respirei fundo. — Não. Eu vou casar com o Nino. Você pegou as pílulas que eu pedi?

Ela estendeu um pequeno pacote para mim. — Deve funcionar, mas eu realmente não acho que você deva se drogar para ficar calma.

— É um sedativo leve. Não vai me derrubar. — Embora, eu preferisse esse efeito, mas Nino não apreciaria se eu estivesse inconsciente quando ele me reclamasse. Meu estômago apertou fortemente e pressionei minha palma contra ele.

— Kiara...

— Não. Eu vou fazer isto. Muitas escolhas foram tiradas de mim ao longo desta vida, mas escolho salvar minha honra, escolho manter minha cabeça erguida, não importa o que aconteça. Deixe que esta seja a minha escolha.

Giulia assentiu e se levantou. — Porque os Falcones são temidos, porque eles governam sem piedade, não significa que Nino não vai te tratar com gentileza. Alguns homens não trazem violência para suas esposas. Alguns homens podem distinguir entre os que precisam proteger e aqueles que precisam quebrar. Eu acho que Nino pode ser um deles.

Eu me perguntei se ela realmente acreditava em suas palavras ou se eram apenas para me consolar, mas eu não tive coragem de lhe perguntar. Enfiar as pílulas na pequena bolsa branca que combinava com o meu vestido. — Você pode me dar na festa? Não posso levá-la pelo corredor.

Giulia pegou e me abraçou brevemente. — Claro.

NINO

Meus irmãos e eu não éramos religiosos, então nos recusamos a casar na igreja, para grande desaprovação da Famiglia. Eu não sabia por que eles se apegavam às suas crenças quando quebravam todas as regras estabelecidas por sua religião diariamente. Todo homem acabaria no Inferno, se o que eles acreditassem fosse verdade.

Esperei no altar que havia sido colocado em frente à tenda nos jardins. Remo estava ao meu lado como meu padrinho, seus olhos despiando a dama de honra de Kiara, Giulia, de uma maneira que fez seu marido Cassio franzir o cenho. Enviei a Remo um olhar de advertência, mas ele me ignorou. Provavelmente preferia um casamento sangrento e, a partir do olhar no rosto de Matteo sentado na primeira fileira, também preferia. Adamo e Savio sentaram-se a alguns lugares dos Vitiellos. Para minha surpresa, Luca permitiu que Aria se sentasse ao lado de Leona. Elas pareciam estar se dando bem, e até mesmo Fabiano trocou uma palavra ocasional com sua irmã.

Remo revirou os olhos quando seguiu o meu olhar. Ele deveria estar feliz que seu plano insano estava funcionando. Uma trégua entre o Famiglia e a Camorra parecia uma possibilidade válida.

Um silêncio caiu sobre a multidão quando a música começou a tocar e Kiara apareceu no final do corredor. Ela havia escolhido um vestido elegante com um véu que cobria seus ombros. Felix a trazia para mim, mas Kiara nunca levantou os olhos para encontrar os meus, em vez disso, os manteve fixos no meu peito.

Quando Felix a entregou para mim, sua mão tremeu na minha. Eu pressionei meu polegar contra seu pulso, sentindo a pulsação acelerar sob as pontas dos meus dedos. Eu observei seu rosto. Sua expressão era neutra, mas em seus olhos havia uma expressão que eu costumava ver nos olhos das pessoas antes de começar a torturá-las.

Dada a nossa reputação, o terror dela era compreensível, mas era completamente infundado. Ela não era minha inimiga, mas minha esposa. Eu não tinha dado razão para esse tipo de reação.

Ela nunca olhou para mim quando o pastor deu seu longo sermão e finalmente nos declarou marido e mulher.

— Você pode beijar a noiva, — disse o pastor.

Eu me virei para Kiara e seu pulso acelerou ainda mais. Seus olhos aterrorizados finalmente se levantaram para os meus e ela engoliu em seco. Segurando seu olhar, eu segurei sua bochecha, ignorando seu tremor, e pressionei meus lábios nos dela. Eles eram macios e tremiam contra os meus. Quando eu me afastei, ela engoliu novamente.

Passamos pelos convidados e paramos ao lado de uma mesa, preparada com taças de champanhe.

Depois de termos recebido as felicitações dos nossos convidados, o buffet foi finalmente aberto. Kiara estava tensa durante o jantar e quase não comeu nada. Ela só relaxou quando se levantou e foi até Aria e as outras irmãs Scuderi para conversar.

— Animado em fazer sua esposa sangrar hoje à noite? — Remo perguntou no momento em que ela estava fora do alcance da voz se recostando na cadeira. Fiquei surpreso por ele ter se preocupado em esperar até que ela não pudesse ouvir suas palavras.

Os olhos de Leona se arregalaram e ela olhou para Fabiano. — Ele está se referindo à tradição dos lençóis sangrentos que a Famiglia ainda sustenta. Requer que o noivo apresente os lençóis em que ele e sua noiva passaram a noite.

Leona franziu os lábios. — Você está brincando, certo?

— E eles nos chamam de bárbaros, — Remo disse com um sorriso. — Mas tenho que te dizer, eu invejo sua chance de derramar sangue hoje à noite. Já faz muito tempo. Eu realmente quero matar alguém.

Fabiano revirou os olhos para Remo.

— Quando houve um dia sem sangue em nossas vidas? — Perguntei.

Os olhos de Remo se apertaram com uma emoção que não consegui ler. — Verdade, — ele disse. — Lembre-se, não a foda contra a parede ou a incline sobre a mesa. Lençóis ensanguentados são o que a querida Famiglia quer. Ele ergueu o copo e tomou um gole de vinho, mas nenhum de nós se embebedaria hoje.

— Não se preocupe. Eu vou providenciar lençóis ensanguentados.

Remo sorriu retorcido. — Eu sei que você vai.

Meus olhos encontraram minha esposa novamente. Ela ainda estava conversando com as irmãs Scuderi, mas virou o olhar para mim quando percebeu minha atenção. Ela ficou tensa e engoliu em seco, a mão segurando seu copo tremendo ligeiramente.

Temendo-me como estava, ela provavelmente iria sangrar sua segunda e terceira vez também. Eu sabia como agradar as mulheres com minhas mãos, língua e pau, mas até mesmo as habilidades sexuais tinham seus limites quando confrontadas com o terror.

Quando chegou a hora de nossa primeira dança, eu me levantei e Kiara se aproximou de mim, aceitando minha mão estendida. Eu a levei em direção ao centro e nossos convidados se reuniram em torno de nós para assistir. Ela se permitiu olhar nos meus olhos por mais tempo do que já fez. Medo e incerteza cintilavam em seu rosto. Quando ela não encontrou o que estava procurando, ela baixou o olhar para o meu peito e engoliu em seco. Deveria ser seu jeito de suprimir o medo.

Eu toquei suas costas e a puxei contra mim. Ela fez um pequeno som no fundo da garganta, um forte som de desconforto. Eu observei o rosto dela. Ela estava respirando mais rápido e suas bochechas estavam pálidas. Isso era só uma mera dança. Se isso a perturbava, a consumação do nosso casamento seria particularmente desagradável. Ela não era do tipo que lutava, muito obediente e criada para agradar. Ela cederia a mim, mas isso não tornaria as coisas mais fáceis para ela.

Talvez palavras de consolo acalmassem seu terror, mas eu não era um homem que confortava os outros.

A música terminou. Como era de se esperar, Luca, o Capo que a entregou para mim, assumiu o controle. Kiara não amoleceu. Ela estava com tanto medo de dançar com ele quanto comigo. Eu me forcei a libertá-la. Ela não estava em perigo. Isso era uma dança. Não havia razão para transformar em mais.

Eu me virei para Aria. Luca estreitou os olhos para mim. Eu ignorei sua reação irracional e estendi minha mão para sua esposa. Ela pegou e me deu um sorriso. Ela era uma boa atriz. Se não fosse pela ligeira tensão em seus dedos e a aceleração de seu pulso, eu poderia ter acreditado em sua expressão.

Puxando-a contra mim, começamos a dançar. Ela era fácil de dirigir, assumiu a minha liderança e manteve um sorriso agradável.

— Você tem os olhos de Fabiano.

Seu olhar voou para o meu, e sua expressão vacilou. — Ele é meu irmão. Mesmo que você o tenha feito acreditar em outra coisa.

— Nós não o fizemos acreditar em nada, — eu corrigi. — Nós ensinamos a ele que o sangue não define suas lealdades.

— Você o transformou em...

— No quê? Um assassino? Um torturador?

Ela suspirou.

— Todo homem nesta sala é um assassino, e os meninos estão a caminho de se tornar um. — E pelo que eu sabia de Luca, ele definitivamente era um dos homens mais cruéis em nossos círculos, mas Aria provavelmente tinha conhecimento limitado no que dizia respeito aos hábitos de negócios do marido.

— Isso não é conversa de casamento, — disse ela. — Espero que este casamento nos permita encontrar a paz, e espero que seu irmão permita que Fabiano esteja perto de sua família de sangue.

— Cabe a Fabiano, mas ele está com a Camorra agora. Não esqueça disso.

— Eu não vou, confie em mim, — disse ela bruscamente. Seus olhos seguiram o marido e minha esposa enquanto dançavam. Kiara estava rígida nos braços de Luca.

— Kiara é muito tensa em torno dos homens, — eu disse.

Aria franziu a testa. — A maioria das mulheres ficam tensas no dia do casamento.

— Elas ficam?

Ela me deu uma olhada, mas eu não consegui ler. — Homens, — ela disse baixinho. Não tinha nada a ver comigo ser homem, mas não elaborei. — Para uma noiva, uma noite de núpcias contém um pouco de terror.

— O medo do desconhecido é comum, mas é apenas a união de dois corpos. Nada a temer.

Aria piscou para mim. — Talvez para você, mas Kiara pode discordar, como qualquer outra mulher, especialmente considerando quem ela tem que se juntar aos corpos.

— Eu sou mais do que capaz de cumprir meus deveres como marido.

— Eu não duvido que você possa passar por isso. A Camorra é notória, afinal de contas. — Ela fez uma careta. — Não é da minha conta.

Mas sua voz deixou claro que ela queria que fosse da sua conta. — Não é. Você está certa, — eu disse lentamente. Uma trégua não significava que Remo ou eu permitiríamos que a Família interferisse em nossos negócios.

Quando as últimas notas da música desapareceram, ela se apressou em dizer: — Seu pai batia nela antes de ser morto. Isso pode explicar seu problema com os homens. Mas acho que pode haver mais...

— Mais?

Ela recuou. — Obrigada pela dança. — Ela se virou e se moveu em direção a Luca, que estava esperando por ela na beira da pista de dança. Kiara já havia sido entregue a Felix.

Eu me movi em direção a Remo, que estava ao lado de Fabiano perto do bufê. Como meu irmão mais velho, seria sua vez de dançar com Kiara depois de seu tio Felix. Eu agarrei o braço dele e ele levantou as sobrancelhas escuras.

— Tente assustá-la o mínimo possível.

— Eu posso ser agradável e gentil se eu quiser, — disse ele.

Fabiano riu. — Desculpe, Remo, mas essa é a melhor piada que ouvi em muito tempo.

— O que eu devo fazer para deixar sua pequena esposa à vontade? — Ele perguntou, mas seus olhos seguiram uma jovem que passou por nós. Eu realmente esperava que ele não tentasse nada com uma das mulheres da Família.

Eu era a pessoa errada para perguntar. — Eu não sei.

Nós olhamos para Leona que corou. — Talvez sorrir?

A boca de Remo se abriu em um sorriso.

— Já vi hienas com sorrisos menos perturbadores, — murmurou Fabiano, e Leona engasgou com a risada e enterrou o rosto no braço dele. A música terminou, e Remo se soltou, indo até Kiara, que parecia um cordeiro enfrentando um açougueiro.

Giulia me surpreendeu quando pediu uma dança. Eu tinha quase certeza de que não era como as coisas geralmente eram feitas, mas eu a levei para a pista de dança e a puxei contra mim. Seu marido nos

observava do seu lugar ao lado de Luca no bufê. Eles eram altos e musculosos e compartilhavam uma disposição similar para uma liderança brutal... Se os rumores fossem verdadeiros.

— Eu não sei se você é capaz de tal coisa, mas peço que seja gentil com Kiara.

Eu olhei para Giulia. — Você me pede? — Eu disse com as sobrancelhas levantadas.

Ela franziu a testa. — Se você tem um coração, por favor, não a machuque.

— Disseram-me que não há como não ferir uma mulher em sua primeira noite.

Seus olhos se encheram de lágrimas, mas sua expressão parecia zangada. — Você sabe o que eu quero dizer!

— Kiara é minha esposa, uma mulher adulta e, a partir de hoje, faz parte da Camorra. Ela não é sua preocupação, — eu disse em um tom de aviso.

Giulia ficou tensa, mas não disse mais nada. No segundo em que a música acabou, eu a soltei e ela voltou para o marido enquanto eu voltava para os meus irmãos e Fabiano.

KIARA

Remo Falcone me alcançou, e foi preciso um esforço considerável para não correr. Seus olhos eram quase negros como o cabelo dele. Havia algo em seu rosto que falava de violência desenfreada, e isso não era por causa da cicatriz que ia da testa até a maçã do rosto. Ele estendeu a mão com um puxão torcido de sua boca. Foi uma reminiscência de como um leão observava uma gazela.

Sua palma e dedos estavam cheios de cicatrizes e queimaduras.

— Você deve pegar minha mão para que possamos dançar, — disse ele no que eu assumi era aborrecimento.

Suprimindo um estremecimento, enfiei a mão na dele. Eu não olhei para o rosto dele. Teria sido minha ruína. Seus dedos se fecharam ao redor da minha mão com menos pressão do que eu esperava, e sua outra mão gentilmente tocou minhas costas e me puxou contra ele. Meu corpo enrijeceu, minha respiração ficou presa na minha garganta. Eu tive que segurar um suspiro. Ele me levou junto com a música, mas meu tremor não facilitou para ele. Ele apertou seu domínio sobre mim, nos aproximando, e eu exalei agudamente com a sensação de seu corpo duro contra o meu.

Meus dedos em seu bíceps começaram a escorregar enquanto eu lutava contra o iminente ataque de pânico.

— Olhe para mim, — ele ordenou.

Eu não podia.

— Olhe para mim. — Um murmúrio baixo cheio de comando, e eu finalmente encontrei seu olhar. Sua expressão não era zangada, mais como se ele estivesse me avaliando. — Isso é só uma dança. Não faça isso em algo mais do que é, porque você deixa sua imaginação correr livre.

Eu estava momentaneamente assustada. Ele parecia muito com Nino; talvez ele escondesse sua inteligência por trás de suas camadas de violência.

— Agora finja que você é uma noiva feliz. Este é um dia de festa, — disse ele, e seus próprios lábios formaram um sorriso assustador.

Eu tentei ao máximo relaxar em seus braços, para fazer meu rosto parecer agradável, mas não tinha certeza se consegui. contei os segundos até o final da música, mas quando finalmente terminou, tio Durant apareceu ao nosso lado e o terror do passado tomou conta de mim. Eu enterrei minhas unhas em Remo, me agarrando a ele, sem dúvida deixando marcas com minhas unhas.

— Eu gostaria de dançar com a minha sobrinha agora, — disse Tio Durant a Remo, mas seus olhos estavam em mim, cheios de conhecimento e triunfo como sempre.

Ele não me tocou desde aquelas noites. Agarrei Remo firmemente, olhando para ele. Seus olhos escuros me observaram, estreitando-se ligeiramente. *Por favor, não me deixe dançar com ele.* As palavras não

saíram da minha boca. Durant estendeu a mão para mim, mas Remo nos inclinou para que ele ficasse entre meu tio e eu.

Remo voltou seu olhar para o meu tio, mas não me soltou. — Eu não posso permitir isso infelizmente. Meu irmão a quer de volta ao seu lado.

— É tradição na Famiglia, — disse o tio Durant. — Talvez você não se importe com tradições em Vegas, mas aqui nós fazemos.

Os lábios de Remo se abriram e percebi que seus sorrisos eram genuínos; ele estava sendo legal. Esse sorriso tinha uma sensação sinistra. — Honramos nossas tradições também. Em Vegas, é tradição eu cortar as línguas das pessoas que me incomodam. Se você insistir em suas tradições, terei que insistir na minha. E sua língua ficará bem na minha coleção.

O rosto do tio Durant ficou vermelho. Seu olhar raivoso pousou em mim brevemente, e eu pressionei em Remo, mas então meu tio se afastou.

— Você pode me libertar agora, — Remo murmurou.

Eu soltei meu aperto e recuei, envergonhada. Remo segurou minha mão, não me permitindo ir. Seu polegar pressionou contra o meu pulso de um jeito parecido com o de Nino.

— O que foi isso? — Remo perguntou em uma voz baixa e perigosa.

— Nada. Eu não gosto dele.

— Isso não era antipatia, Kiara, — disse ele, ainda naquela voz aterrorizante. Seus dedos pressionaram mais forte no meu pulso. Eu arrisquei uma olhada nele. Seus olhos estavam estreitos em mim, como se ele pudesse ver nos cantos mais profundos e escuros da minha alma. — Não gostar não teria feito você procurar proteção em meus braços, confie em mim.

— Eu não fiz...

— Não minta para mim. Eu sou seu Capo agora.

Nada me faria revelar meu segredo, nem mesmo a assustadora carranca de Remo. — Eu não pedi a sua proteção, — eu sussurrei.

Ele se aproximou e eu me encolhi. — Você me implorou por proteção. Ao contrário de Nino, não tenho dificuldade em ler suas emoções.

Eu não tinha certeza do que ele queria dizer.

— Você não tem que me proteger. Eu não sou sua responsabilidade.

— Você é uma Falcone agora. A esposa do meu irmão. Você está sob o meu domínio. Isso faz com que você seja minha para proteger.

Ele apertou ainda mais o meu pulso, ignorando minha hesitação, e me arrastou para fora da pista de dança em direção a Nino, que levantou as sobrancelhas para seu irmão. Remo praticamente me empurrou para os braços de Nino. Apesar da minha tensão, Nino passou um braço pela minha cintura e deixou lá. — Essa foi sua última dança com alguém além de nós, — Remo ordenou. — Eu não dou a mínima para suas tradições. Ela está sob nosso comando agora.

Nino estreitou os olhos. — Qual é o problema?

— Nada, — disse Remo. — Mas a família dela está começando a me irritar.

Nino olhou entre o irmão e eu, mas não disse mais nada. Depois disso, não tive que dançar novamente.

Capítulo Seis

KIARA

— Leve-a para cama, leve-a para a cama! — O canto começou antes que eu conseguisse me preparar mentalmente. Talvez eu tenha sido idiota por achar que poderia me preparar para isso.

Os irmãos de meu marido, Remo e Savio, gritavam mais alto, mas a maioria dos outros homens era quase tão barulhentos. O irmão mais novo, Adamo, permaneceu sentado, os lábios pressionados em uma linha firme. Ele não falou ou dançou comigo ou com qualquer outra pessoa.

— Leve-a para a cama, leve-a para cama! — Os gritos ficaram mais altos.

Eu procurei o olhar de Nino. Ele acenou para mim, levantou-se e estendeu a mão. Tomei porque não podia recusar com todo mundo nos observando. Abafando meu medo, levantei-me e o segui passando pelas fileiras de convidados que se alinharam para nos ver. Os homens bateram nos ombros de Nino; as mulheres captaram meu olhar com pena e simpatia em seus olhos. Giulia estava pressionada contra o marido, preocupação enchendo sua expressão. Eu rapidamente desviei o olhar.

— Aos terrenos inexplorados!

— Queremos ver os lençóis!

Houve mais comentários como esse, e eles transformaram meu estômago em rocha sólida.

O rosto de Nino não revelou sua reação aos gritos. Seus dedos pressionaram meu pulso com força, e eu fiquei feliz por eles me aterram, me impediram de vacilar, de derivar para o passado.

Remo e Savio ficaram por perto enquanto descíamos pelo longo corredor - um corredor que guardava muitas lembranças de infância,

poucas delas boas e hoje à noite lembranças piores seriam acrescentadas à lista.

Chegamos em frente à porta de madeira escura do quarto principal, dezenas de homens atrás de nós.

— Não foda sua noiva virgem contra a parede, lembra? — Remo disse com uma risada.

Eu me agitei, meu pulso dobrando. Os dedos de Nino apertaram contra o meu pulso.

— Remo, — ele rosnou em uma voz que enviou medo em cada fibra do meu ser.

— Divirta-se! — Gritou Savio com um sorriso.

Os Falcones iriam se sentir enganados. Uma virgem deveria ser dada em sacrifício aos monstros de Las Vegas como uma promessa de paz. Nunca tive a chance de ser virgem. Essa escolha foi tirada de mim. *Dolorosamente arrancada de mim.*

O medo, agudo e cru, arranhou meu peito quando meu marido me levou para o nosso quarto no fim da noite e fechou a porta nos rostos sorridentes de seus irmãos. Nino me soltou e eu rapidamente criei distância entre nós, movendo-me em direção à cama.

Seis anos se passaram, mas as lembranças ainda me acordavam durante a noite. Eu tinha medo de estar perto de um homem, de qualquer homem, especialmente este homem - meu marido.

De pé alguns passos em frente à cama, meus olhos varreram os lençóis brancos - lençóis que minha família esperava ver manchados com meu sangue pela manhã.

Sangue que não estaria lá.

Eu me aproximei da cama. Houve sangue na primeira vez, na segunda vez e até na terceira vez. Muito sangue, dor, terror e mendicância. Não houve apresentação de lençóis naquela época. Nossa empregada, que nunca me ajudou, lavou-os.

Eu não imploraria esta noite. Não tinha parado o meu agressor há muitos anos.

Isso não impediria meu marido.

Eu conhecia as histórias. Eu o vi na gaiola.

Meu único consolo era que eu duvidava que ele pudesse me quebrar mais do que já tinha sido todos aqueles anos atrás.

Eu não conseguia tirar meus olhos daqueles lençóis brancos perfeitos - tão brancos quanto o meu vestido. Um sinal de pureza, mas eu não era pura.

— São suas tradições, não nossas, — disse Nino calmamente, mas alto o suficiente para me arrancar dos meus pensamentos.

Eu eduquei meu rosto em placidez. — Então por que segui-las? — Eu perguntei quando me virei. Minha voz me traiu. Muito abafada, atada com um terror que eu esperava que ele confundisse com medo virginal.

Ele não estava tão perto quanto eu esperava. Ele nem estava olhando para mim. De pé ao lado da mesa, ele lia a nota que minha tia escrevera, parabenizando-nos pelas núpcias. Ele colocou de volta no lugar, em seguida, olhou para mim. Não havia nada em seu rosto que me desse uma sensação de esperança. Sem bondade, sem pena. Era uma tela em branco. Lindamente fria com olhos cinzentos vazios, uma barba curta imaculada e cabelo penteado para trás.

Quando ele balançou a cabeça, destruiu a pouca esperança que eu tinha. — A Família quer sangue, eles terão.

Ele estava certo. Era o que minha família esperava, o que eu deveria entregar, mas eles não receberiam sangue. E meu marido perceberia que seu prêmio era defeituoso. A Camorra cancelaria a trégua. Meu marido repudiaria o casamento e eu seria deixada para viver como uma pária.

Seria minha ruína. Minha família me abandonaria. Ninguém jamais iria querer se casar comigo depois disso, e uma mulher solteira em nosso mundo estava condenada.

Ele começou a desabotoar sua camisa, com calma e precisão. Finalmente a tirando dos ombros, revelando cicatrizes e tatuagens - tantas, tão perturbadoras - e músculos firmes. Eu me virei, meu pulso galopando em minhas veias. O terror, semelhante ao que eu senti há muitos anos, arranhou minhas entranhas. Eu precisava controlar isso, descobrir uma maneira de sair dessa bagunça. Eu

precisava me salvar, não dele reivindicando meu corpo, mas de mim perdendo minha honra.

Enfiei a mão na minha bolsa, que pendia do meu antebraço e tirei uma pílula da embalagem. Minha garganta estava apertada, e eu não tinha certeza se conseguiria engolir sem água, mas entrar no banheiro parecia impossível no meu estado atual. Eu não tinha certeza se conseguiria sem quebrar.

Com os dedos trêmulos, eu trouxe a pílula branca aos meus lábios. Uma mão enrolou em volta do meu pulso, me impedindo. Meus olhos voaram para encontrar os olhos estreitos de Nino. Eu nem o ouvi aproximar-se.

— O que é isso? — Ele perguntou ríspidamente.

Eu não disse nada, apavorada demais para falar. Com a mão livre, ele enfiou a mão na minha bolsa e pegou o pacote. Seus olhos examinaram a descrição. Ele jogou fora antes que seus olhos cinzentos encontrassem os meus e estendeu a mão. — Dê-me essa pílula.

— Por favor, — eu sussurrei.

Nenhum lampejo de emoção em seu rosto bonito e frio. — Kiara me dê essa pílula.

Eu deixei cair na palma da mão dele, e ele jogou fora também. Eu poderia ter chorado. Como eu deveria controlar meu terror, manter as memórias à distância sem algo para me acalmar?

Seu polegar roçou meu pulso e ele murmurou: — Não vou te ter drogada. — Ele me soltou. Eu dei um passo para trás e me virei para encarar a cama, respirando fundo. Ele estava me observando.

Levei as mãos para trás até os botões do meu vestido. Eu seria a única a abri-los. Isso me daria uma sensação de controle, ao contrário da última vez em que minhas roupas foram arrancadas de mim contra a minha vontade, meu corpo muito fraco para lutar contra isso.

Eu engoli a bile. Meus dedos tremiam demais para manusear os pequenos botões.

— Deixe-me, — veio o sotaque frio do meu marido que estava logo atrás.

Não! Eu queria gritar, mas engoli o som. — Eu quero fazer isso sozinha, — eu consegui em uma voz quase calma.

Ele não disse nada e não ousei olhar para o rosto dele. Eu me atrapalhei com os botões e um após o outro abri. Levou um tempo terrivelmente longo. Ele esperou em silêncio. Sua respiração calma e minha respiração irregular encheram a sala.

Então lembrei que o noivo deveria cortar o vestido da noiva com a faca. Nino deve ter esquecido - afinal, essa também não era sua tradição. Eu não tive coragem de lembrá-lo ou abotoar meu vestido novamente para que ele pudesse cortá-lo. Eu me perderia completamente.

Eu empurrei meu vestido para baixo e ele se agrupou aos meus pés. Agora só restava minha calcinha e sutiã sem alças. Eu descartei meu sutiã, mas não tive coragem de tirar minha calcinha ainda.

Os frios olhos cinzentos de Nino percorreram o meu comprimento. — Seus enfeites de cabelo precisam ser removidos também. Eles serão desconfortáveis contra sua cabeça.

Eu sufoquei uma risada desesperada, mas tentei soltar a fina linha de ouro do meu cabelo. Meus dedos trêmulos não permitiam isso. Nino se aproximou e eu recuei. Seus olhos cinzentos encontraram os meus. — Eu *vou* removê-lo.

Soltando meus braços, eu assenti.

Seus longos dedos desembaraçaram rapidamente os adornos dos meus cachos. Então ele recuou novamente.

— Obrigada, — eu consegui dizer.

Eu me forcei em direção à cama e deitei de costas, meus dedos esticados contra o tecido liso dos cobertores.

Nino me olhava friamente. Ele se aproximou da cama. Alto, musculoso e mortalmente frio, ele não parecia ser afetado de maneira alguma. Ele pegou o cinto e o soltou. O terror entupiu minha garganta. Eu desviei o olhar, lutando contra as lágrimas. Do canto do meu olho, eu o vi remover a cueca e depois subir na cama, nu e determinado. Eu tremia. Não conseguia parar.

Sua mão tocou minha cintura e subiu lentamente. O toque era suave. Eu me afastei. — Não me toque.

Seus olhos estavam duros e frios quando ele olhou para mim. — Você sabe que não posso. Não darei a sua família qualquer motivo para tomar Las Vegas como fracasso. — Não foi dito de maneira cruel. Ele afirmou fatos.

— Eu sei, — eu sussurrei. — Só não me toque. Apenas faça o que você precisa. — Se houvesse algum que antecedesse ao que estava por vir, eu não seria capaz de conter meu terror.

— Se eu não preparar você, será muito doloroso. — Ele soou como se não se importasse de qualquer maneira. — Seria melhor se fizéssemos você relaxar.

Isso não ia acontecer. — Só faça isso, — eu disse. Dor era bom. Eu poderia lidar com isso.

Ele me olhou por mais alguns momentos. Então ele tirou a mão da minha caixa torácica e sentou-se. Seus dedos engancharam sob a cintura da minha calcinha, e ele as deslizou para baixo. Um gemido baixo se encravou na minha garganta.

Ele moveu um joelho entre as minhas pernas, separando-as, seus olhos cinzentos em mim. Ele estava se movendo devagar, e eu desejei que não, desejei que ele parasse de olhar para mim. O pânico começou a sair do meu peito e eu tentei empurrá-lo de volta. Eu apertei meus olhos, tentando bloquear o que estava acontecendo. Quando ele se ajoelhou entre as minhas pernas completamente, eu enrijei de completo terror.

— Se você não relaxar, vai machucar.

Meus olhos se abriram e algumas lágrimas escorreram. Ele se apoiou em um braço, pairando sobre mim. Alto e forte. *Não não não não.*

— Tente relaxar. — Ele era tão clínico sobre isso. Seu olhar seguiu a trilha que minhas lágrimas deixaram nas minhas bochechas e garganta. Elas não o afetaram. Eu tentei relaxar, mas era completamente impossível. Meus músculos estavam congelados de medo. Ele deu uma pequena sacudida de cabeça, quase desaprovando. — Isso não está funcionando, — disse ele. — Eu terei que usar muita força para passar por seus músculos tensos e entrar em você.

Eu podia sentir o gosto amargo da bÍlis na minha garganta enquanto lembranças de muito tempo passavam pela minha mente.

E algo em mim apenas... quebrou. Algo escuro e assustador e profundamente enterrado. Não havia como eu segurar isso.

Um soluço de quebrar os ossos escapou da minha garganta, e doeu pelas memórias que trouxe. Eu pressionei minhas palmas contra o meu rosto com força, em seguida, enrolei minhas mãos em punhos e pressionei meus dedos contra os meus olhos fechados. Querendo tirar as lembranças da minha cabeça, eu tentei arranhá-las como se estivesse arranhando meu tio muitos anos atrás, mas, assim como no passado, não havia como escapar.

Eu não conseguia respirar. Não. Podia. Respirar.

E eu queria morrer. Eu precisava que a dor fosse embora. Eu não queria mais viver esse horror e não queria novos pesadelos.

Mãos fortes se enrolaram em meus pulsos, puxando, e eu resisti, lutando, mas elas eram implacáveis e continuaram puxando até que minhas mãos saíssem do meu rosto. Meus olhos se abriram, minha visão borrada de lágrimas. E através do nevoeiro, dois intensos olhos cinza entraram lentamente em foco, e então eles eram tudo que eu via, tudo que eu podia ver, tudo que importava.

Tão calmo. Clínico. Frio.

Era o que eu precisava. Foi uma inundação fresca contra esse inferno cheio de terror. Felizmente sem emoção. Eu olhei em seus olhos, olhei por um longo tempo, e ele deixou, até que consegui o primeiro sopro de oxigênio para os meus pulmões.

Eu podia respirar de novo, e o rosto do meu marido entrou em foco, seus olhos semicerrados sabendo demais.

Baixando o meu olhar para o queixo dele, puxei meus pulsos de seu domínio. Ele me soltou e eu coloquei minhas mãos no meu colo. Meu colo nu. Ele também estava completamente nu, ajoelhado na minha frente. Ele deve ter me colocado em uma posição sentada durante meu ataque de pânico.

Era isso. Ele sabia que havia algo totalmente errado comigo. Puxei minhas pernas contra o meu peito, engolindo.

Eu queria que ele me matasse agora. Sempre desejei a morte depois que meu tio me quebrou.

— O que aconteceu com você? — Sua voz era sem emoção.

Eu considerei mentir, mas menti por muito tempo. E eu tinha a sensação de que ele sabia. — Eu tinha treze anos, — eu disse, mas depois não consegui dizer mais nada. Comecei a tremer de novo e ele pôs a mão no meu ombro. Eu não recuei dessa vez. O toque era muito impessoal para provocar qualquer terror.

— Alguém te estuprou.

A palavra me fez sentir pequena, suja e sem valor. Eu dei um aceno de cabeça.

— Seu pai?

Eu balancei a cabeça. Ele já estava morto na época, e ele nunca teria feito isso. Ele sabia que me arruinaria. Ele me batia e gritava comigo, mas nunca me tocou assim. Talvez ele fizesse mais tarde se Luca não o tivesse matado.

— Algum de seus parentes distantes, então. Garotas como você são protegidas. Deve ter sido alguém com quem você convive.

Eu assenti.

— Quem foi? — Ele perguntou com firmeza. — Seu tio que criou você?

Eu lambi meus lábios. — Meu outro tio.

— Por quanto tempo?

Eu levantei quatro dedos.

— Quatro anos?

Eu balancei a cabeça.

— Quatro vezes?

Apenas quatro noites, mas todos os dias desde então.

Desde então.

— Eu sonho com isso toda noite, — eu sufoquei. Admitir isso foi bom. Eu estava condenada de qualquer maneira. Selei meu destino. Nada mais importava.

Não me atrevi a olhar para ver seu desgosto, sua raiva por ter recebido alguém danificada. — Você sabe, — eu disse baixinho. — Um homem gentil me pouparia da humilhação de ter que encarar minha família, viver com vergonha e simplesmente me mataria.

— Um homem gentil poderia, — disse ele em voz baixa.

Eu levantei meus olhos, resignada.

Um sorriso aterrorizante brincava no rosto de Nino. Não alcançando seus olhos. — *Mas eu* vou encontrar o homem que fez isso com você e fazê-lo sentir o mesmo terror que você sentiu naquela noite e dor diferente de tudo o que ele imaginou ser possível. E eventualmente, quando ele tiver implorado por muito tempo e quando perder a esperança, eu lhe darei a morte.

Minha respiração ficou presa na minha garganta. Eu o encarei. Não consegui fazer mais nada. Ele estava calmo sobre isso, mas no fundo dos seus olhos havia algo escuro e perigoso. Não dirigido a mim. E não ousei esperar que isso realmente pudesse ser verdade.

— E o que você vai fazer comigo? Eu não sou o que foi prometido. Eu não sou uma virgem.

Ele olhou para mim quase como se eu tivesse dito algo estúpido. — Eu não me importo se você é virgem. É um pequeno pedaço de carne que é completamente inútil. Mas estou ciente da importância que tem nas mentes de tantas pessoas, até mesmo da sua.

— Então por que você está furioso se não é porque alguém roubou o que queria para si mesmo?

— Porque alguém roubou o que você não estava disposta a dar, — ele murmurou.

Desviei o olhar porque lágrimas estúpidas encheram meus olhos. Eu não entendi sua reação ou ele, aliás. Eu ouvi os rumores sobre Vegas, sobre como eles lidavam com mulheres que não pagavam suas dívidas ou desagradavam Remo Falcone de alguma outra forma.

Eu aponte para os lençóis. — É tradição. Minha família espera ver sangue. — Eu engoli em seco. — Se você me tomar com força, eu sangrarei?

Ele assentiu, sua expressão impassível. — Já faz anos e você só fez sexo algumas vezes, então se eu usar força suficiente, você definitivamente vai sangrar. Seus músculos vaginais estão muito tensos pelo medo, e vai rasgar quando eu me forçar para dentro de você.

Meu estômago se contraiu. Ele parecia um médico explicando os efeitos físicos de suas ações. Meus lábios lutaram para formar as palavras que a racionalidade queria dizer. — Então faça isso para que minha família e a Famiglia recebam o sangue que esperam.

Ele se inclinou para frente, seu belo rosto frio tão perto que eu podia ver as manchas escuras em seus olhos cinzentos. — Eles vão receber sangue, não se preocupe.

Eu balancei a cabeça e me movi para me deitar, mas ele se levantou da cama e vestiu sua cueca. Isso me confundiu. — Eu achei que você iria...?

Ele vestiu suas calças e afivelou o cinto. Ele não disse nada até que estivesse vestido novamente em seu terno de casamento preto e amarrado suas facas. — Eu vou encontrar o homem que estuprou você e matá-lo como um porco nesses lençóis. Você acha que isso será sangue suficiente para sua família?

Eu engasguei, deslizando para fora da cama, segurando os cobertores contra a minha nudez. — Isso significará guerra. Luca nos matará a todos.

Nino não disse nada, mas se aproximou. Eu fiquei tensa, mas não recuei. Ele levantou a mão e eu me encolhi. Eu não tinha sido atingida há anos, não desde meu pai - e mais tarde o tio Durant -, mas meu corpo ainda esperava por isso.

— Eu não vou bater em você. — Abri os olhos e olhei para sua camisa branca. Ele colocou um único dedo sob o meu queixo e levantou meu olhar. Seu rosto frio olhou para mim, quase curiosamente, como se eu fosse algo que ele precisava entender. — Você quer que seu tio viva?

— Não, — eu admiti.

E isso selou todos os nossos destinos.

NINO

Eu afastei a minha mão e caminhei até a mesa para pegar meu celular, em seguida, levei para o meu ouvido.

Remo atendeu depois do segundo toque. — Você não deveria estar ocupado?

— Eu preciso que você venha aqui.

— Suponho que não é porque você quer que eu te ajude a foder sua esposa.

— Não, não é isso.

Silêncio. — Dois minutos. É melhor que seja bom. Eu escolhi uma garçonne para foder.

Ele desligou e, como prometido, bateu dois minutos depois. Eu abri a porta e seus olhos escuros foram para algo além de mim. Eu me afastei e ele entrou. Kiara recuou, os lençóis ainda cobrindo seu corpo nu, seu rosto manchado de lágrimas.

Remo se virou para mim com as sobrancelhas levantadas. — Isso foi rápido. Você percebe que não pode devolvê-la assim que a fodeu, certo?

— Eu vou matar alguém. E queria te avisar.

O sorriso torcido escorregou do rosto dele. Remo inclinou a cabeça. — Então você não está pedindo minha permissão.

— Não, não desta vez. Eu vou matar aquele homem e nada vai me impedir.

Remo olhou para Kiara e ela corou, tentando se tornar ainda menor. Seus ombros se encolheram, seus braços envolveram os lençóis ao redor de seu corpo.

— Alguém a pegou antes que você pudesse? Você quer cancelar tudo?

— Alguém a estuprou quando ela era *criança*. — Fiz uma pausa, considerando a minha esposa, que agora olhava para o chão, tremendo. — E ela virá para Las Vegas comigo.

Ela levantou os olhos arregalados.

— O estuprador dela está entre os convidados. Ele é o marido da tia de Luca, Criminella, Subchefe de Pittsburgh — falei. Remo precisava saber a extensão dos nossos problemas.

— Eu sei.

Eu levantei minhas sobrancelhas. — Você sabia?

Ele deu de ombros e depois estalou o pescoço, esticando as mãos. — Então é melhor eu afiar minhas facas e carregar minhas armas.

— Poderíamos evitar a guerra se avisássemos a Luca.

— Pedir permissão a ele para se vingar de alguém que atacou sua propriedade? — Ele rosnou. — Ele nos deu menos do que foi prometido e você acha que devemos algo a ele?

— Não pedir, mas avisá-lo, — eu disse. Eu me virei para Kiara, que se pressionou contra a parede na explosão de Remo. — Vista-se.

Seu olhar cintilou entre Remo e a porta do banheiro ao lado dele.

Remo compreendeu sua expressão antes de mim. Ele se aproximou de mim, afastando-se da porta do banheiro. Kiara pegou sua bolsa e rapidamente correu para o banheiro.

Eu levantei minhas sobrancelhas para ele.

— Ela estava com medo de passar por mim, — disse Remo com um encolher de ombros.

— Ela é medrosa.

— Não são todas elas? — Ele pegou o telefone. — Vou ligar para o Fabiano. É melhor Savio ficar com Adamo antes que o garoto seja morto.

— Vamos lá, — eu disse e levei-o para o corredor. Estava deserto.

Fabiano chegou alguns minutos depois, seus olhos se estreitaram. — Não me diga que você matou a menina.

Eu levantei uma sobrancelha. — Eu não sou propenso a explosões emocionais como Remo.

— Talvez você tenha fingido suas emoções muito bem, — Fabiano murmurou.

— Eu não fiz. Kiara está viva e bem, considerando as circunstâncias.

Fabiano lançou um olhar para Remo. — Nino quer derramar o sangue de seu tio. Ele a estuprou quando ela era criança, — meu irmão disse.

Fabiano fez uma careta no que eu assumi ser desgosto. — Matar a família de Luca não será bom.

— Luca o mataria se ele não fosse da família. Eu vi o olhar que ele deu ao velho filho da puta. E o cara nem tem o sangue de Luca. Ele é casado com a tia de Luca.

— É um dos seus homens. Ele insistirá em castigá-lo.

— Não, — eu disse. — Ele puniu o primo de Aria por olhá-la lascivamente no território da Outfit. Ele vai entender que eu mesmo preciso matar seu tio.

Fabiano considerou minhas palavras. — Talvez. Mas não é um bom começo para esta união. — Ele me olhou. — Mas eu vejo que você vai fazer isso não importa o que eu diga, então vou procurar por Luca e tentar controlar os danos. Talvez ele não tenha partido para sua mansão ainda. — Fabiano fez uma pausa. — Aonde você vai matar o imbecil?

— Eu o matarei nos meus lençóis de casamento, — eu disse, e minha boca abriu em um sorriso.

Fabiano suspirou, depois se virou e foi em busca do Capo da Famiglia.

— Pronto para buscar seu encontro para a noite? — Remo disse com uma risada.

Eu tentei descobrir o que ele queria dizer com isso.

— Eu suponho que você vai fodê-lo com sua faca. — Eu olhei para a lâmina no meu coldre.

Eu balancei a cabeça lentamente. — Eu vou levar o meu tempo quebrando-o, corpo e mente.

— Eu espero que você me deixe entrar na diversão.

Inclinei minha cabeça. Não seria razoável evitar que Remo participasse. Eu conhecia todos os pontos de um corpo que causavam agonia, mas Remo sabia como quebrá-los com jogos mentais. Ambos eram mais eficazes se aplicados em combinação.

— Vamos, — eu disse, e Remo me deixou liderar porque essa era a minha cruzada.

Mantendo-nos nas sombras, encontramos Durant nos jardins com sua esposa, rindo alto e segurando um copo de vinho na mão. — Espero que ele não esteja bêbado, — Remo murmurou. — Não quero que ele perca a noite de sua vida.

— Vamos deixá-lo sóbrio, — eu disse baixinho enquanto o observava. Ele era um homem alto, ombros largos, mas tinha uma barriguinha que me dizia que fazia um tempo desde que ele realmente lutara. Não que isso importasse.

Remo zombou. — Foder uma criança. Isso me dá arrepios. Espero que ele não seja um daqueles que desmaia rapidamente.

— Nós vamos ter certeza que ele fique acordado. — Eu queria que ele aproveitasse cada segundo de suas últimas horas.

Fabiano estava parado, ao lado do bufê, com Luca. Não foi difícil ler as emoções do Capo. Ele estava furioso.

— Vamos lá, — eu disse para Remo. — Vamos pegar Durant.

Ele não precisou de mais encorajamento. Segurei minha faca de Bowie³, os dedos enrolando ao redor do cabo de madeira lisa, enquanto Remo e eu nos movíamos ao longo da margem da festa. A maioria das pessoas ainda estava ao redor bêbados. No momento em que Durant viu a mim e meu irmão, seus olhos se arregalaram. Ele deixou cair o copo e

³ Uma faca de Bowie é um padrão de faca de luta de lâmina fixa criado por James Black no início do século 19 para Jim Bowie, que se tornou famoso por usar uma faca grande em um duelo conhecido como o Sandbar Fight.

se virou, fugindo da festa e deixando sua esposa de pé ali com uma expressão estupefata.

Remo suspirou. — Por que eles sempre acham que podem escapar?

Comecei a correr e vi Durant cambaleando pela encosta que levava à água. Talvez ele esperasse poder alcançar um dos barcos e fugir. Quando cheguei a um bom lugar, parei e joguei minha faca. A lâmina de Damasco⁴ brilhou magnificamente ao luar antes de cravar na panturrilha de Durant. Seu grito estridente foi um bom começo para a noite. Nenhum grito de prazer esta noite. Apenas agonia.

Durant caiu de joelhos, segurando sua panturrilha.

— Bom trabalho, — reconheceu Remo quando parou ao meu lado. Descemos a colina devagar enquanto Durant se levantava e tentava mancar em direção ao barco mais próximo, mas não conseguia colocar pressão na perna machucada. Ele deveria ter puxado a faca; teria ajudado a se mover mais rápido ou o faria sangrar rapidamente. Ambos os resultados seriam melhores do que o esperado sob as minhas mãos e de Remo.

Nós chegamos a ele e Remo deu a volta para encará-lo. — Por que você está fugindo? A diversão está prestes a começar.

Durant deu um passo para trás. Eu chutei as pernas dele, então ele caiu de joelhos. Eu peguei a faca e torci. Ele gritou, seus olhos voando para encontrar os meus. — O que quer que tenha dito, a pequena prostituta mentiu.

— Como você sabe que isso é sobre Kiara? — Remo perguntou calmamente. — Talvez eu não tenha ido com a sua cara. Nino e eu matamos por menos.

O olhar de Durant passou entre meu irmão e eu, sua respiração acelerada. O terror começou a encher suas veias como veneno. Eu conhecia os sinais reveladores. Isso era apenas o começo.

Eu me inclinei, minha boca se curvando. — Você vai admitir isso em breve, e antes que do sol nascer, você implorará a Kiara por perdão, confie em mim.

⁴ **O aço de Damasco** era o aço forjado que compreendia as espadas de espadas feridas no Oriente Médio a partir de lingotes de aço importado da Índia e do Sri Lanka.

Torcendo a faca novamente, deixei na perna dele. Dei a Remo um sinal e nós colocamos Durant de pé, segurando seus braços.

Enquanto o arrastávamos de volta para a casa, Luca e Fabiano entraram no nosso caminho. Luca olhou para o tio sem emoção alguma. — Este é o meu território, e Durant faz parte da Família.

Eu encontrei o seu olhar. — Isso é verdade, mas eu serei o único a despedaçá-lo. Ou você está me dizendo que teria agido de forma diferente se alguém tivesse desonrado Aria antes de sua noite de núpcias?

Luca sorriu. — Eu teria matado todos que me impedissem de puni-lo. — Então sua expressão endureceu. — Eu preciso ver Kiara antes de permitir que você comece... — seus olhos correram para a faca na panturrilha de Durant. —... ou continue.

— Luca, — Durant começou, mas Remo apertou seu braço, fazendo as palavras morrerem em um grito.

— Vamos continuar, Luca, mas é claro que você pode ter uma rápida conversa com minha esposa, *se ela concordar*.

A boca de Luca se apertou, mas ele assentiu com a cabeça. Ele nos seguiu enquanto arrastávamos Durant para a mansão. Algumas pessoas observavam a cena e olhavam abertamente. Matteo correu até nós, mas Romero ficou com as irmãs Scuderi.

— Eu sabia que este dia terminaria em um fodido casamento sangrento, — Matteo murmurou depois que Luca lhe contou os detalhes. — Claro, eu esperava que isso me desse à chance de enfiar minha faca em um de vocês filhos da puta.

— Idem, — disse Remo com um sorriso perigoso.

Não paramos e, quando passamos pelo pátio, Giulia nos avistou. Ela se afastou do marido, Cassio, e se aproximou de nós quando entramos no vestibulo.

— Você deve sair, — disse Luca com firmeza.

Ela entrou no nosso caminho e olhou para Durant. — Esta noite você finalmente terá o que merece pelo que fez com Kiara. — Ela encontrou meu olhar. — Faça-o pagar.

— Oh eu vou.

Cassio se aproximou e puxou sua esposa de volta. Ele olhou para Luca, descansando a mão em sua arma. — Você precisa de ajuda?

— Não, — disse Luca. — Este é um assunto da Camorra.

Inclinei a cabeça, surpreso com a resposta dele. Quando entramos no quarto principal, Kiara estava na frente da janela, vestida de calças e um suéter grosso. Ela empalideceu quando viu seu tio e recuou, batendo contra a parede.

Remo e eu largamos o tio dela no chão.

— O que você disse a eles, sua puta traidora? — Ele rosnou.

Eu puxei a faca de sua panturrilha com uma torção afiada quando me inclinei sobre ele e bati meu punho em sua garganta para silenciá-lo. Ele gaguejou e caiu para frente.

Kiara assistiu a cena com os olhos arregalados.

Luca deu alguns passos em direção a Kiara, mas ela se encolheu, ainda paralisada pelo terror. Eu barrei seu caminho. — Infelizmente, não posso permitir que você chegue mais perto da minha esposa.

Luca franziu a testa, mas assentiu. — Ela é sua. — Então ele falou com Kiara. — Eu só posso permitir que Nino puna Durant se souber que ele merece.

Kiara colocou os braços ao redor do peito, engolindo em seco quando olhou para o tio e desviou o olhar. Por um tempo ela não disse nada, mas começou a tremer. — Eu tinha treze anos, — ela sussurrou, em seguida, soltou um soluço quebrado. Seus olhos escuros encontraram os de Luca, e o que quer que ele tenha visto em seu rosto o convenceu porque sua expressão se transformou em pedra quando nivelou seu olhar em Durant. — Você está sujeito ao julgamento da Camorra, *tio*. — Seus lábios se curvaram em um sorriso não muito diferente dos que Remo era notório. — Eu diria para você esperar por misericórdia, mas sabemos que não receberá nada de Nino e Remo.

Misericórdia? Não.

Durant tossiu, ainda tentando recuperar a voz depois do meu soco na garganta. — Luca, eu sou sua família.

Luca zombou. — Você é um molestador de criança. Você não é da família. — Luca olhou de Kiara para Durant e depois para mim. — Não

espirre sangue no teto e nas paredes. É um trabalho do caralho pintá-los.

— Luca! Você não pode fazer isso! — Durant implorou. Ele caiu para frente e agarrou os pés de Luca. — Eu te imploro.

Luca estreitou os olhos. — Deixe-me ir. — Quando Durant não o fez, Luca o agarrou pelo colarinho e o jogou para longe de si mesmo. Durant levantou-se com um estremecimento e eu entrei em seu caminho.

Matteo entrou e estendeu a corda para Remo, que a pegou com um sorriso torto. Então o Consigliere da Famiglia partiu.

Luca também saiu, mas antes de fechar a porta, ele disse: — Não perturbe os vizinhos com seus gritos e não o alimente com seu pau. Quero apresentá-lo com os lençóis pela manhã para passar uma mensagem aos meus homens.

— Há partes do corpo dele suficientes para alimentá-lo, não se preocupe, — disse Remo. — Suas bolas devem bastar.

Luca fechou a porta.

Durant olhou para Kiara, que estava sentada no sofá ao lado da cama. — Por favor, Kiara.

Eu esmaguei meu punho em sua boca. Ele caiu para trás, gritando roucamente. — Você não vai se dirigir a ela. Você não vai olhar para ela, a menos que ela lhe dê permissão.

Durant segurou a boca sangrando, gemendo e chorando.

— Se só isso faz você chorar, a noite não será fácil para você, — disse Remo, puxando sua faca. Então ele riu.

— Você quer minha ajuda? — Fabiano perguntou. Ele já arregaçava as mangas e sempre era um recurso útil quando se tratava de tortura, mas hoje à noite Remo e eu lidaríamos com isso.

— Não. Peça transfusões ao médico da Famiglia. Eu não quero que ele morra cedo demais, — eu disse a ele. Fabiano saiu correndo imediatamente.

Durant recuou enquanto eu avançava. Agarre-o e empurrei-o para a cama. Ele tentou sair, mas o empurrei para baixo e enfiei meu

punho em suas bolas. Ele gritou e eu me inclinei sobre ele, olhando em seus olhos cheios de dor e arregalados de terror enquanto enfiava uma meia em sua boca. — Seus gritos não serão ouvidos como os de Kiara não foram quando você forçou seu pau dentro dela. — Mostrei-lhe minha faca e murmurei: — Vou forçar cada centímetro da minha lâmina no seu corpo. Espero que você goste tanto quanto eu.

Fiz um gesto para Remo e ele veio para frente com uma corda. Nós amarramos Durant com as pernas abertas.

Saindo da cama, comecei a desabotoar minha camisa e dei de ombros. Remo tirou a camisa também. Não fazia sentido arruinar nossas camisas brancas.

— Você quer que ela fique?

Eu por acaso dei uma olhada em Kiara, que não se moveu do sofá, seus olhos enormes enquanto olhavam para seu tio.

— Você pode sair, — eu disse a ela.

— Vá para o meu quarto, — disse Remo. — Você pode dormir lá. Eu vou ficar muito irritado depois disso para dormir.

Ela piscou uma vez e então deu um pequeno aceno, mas ainda não se moveu. Talvez ela precisasse assistir. Eu me virei para o tio dela. — Primeiro, vou quebrar cada um dos seus dedos, — expliquei a ele. — Dedos que a tocaram sem permissão.

Eu balancei a cabeça para Remo. Eu agarrei a mão esquerda de Durant e Remo agarrou a direita dele. — Isso será doloroso. Mas não se preocupe, você se acostumará com a dor. Quando isso acontecer, vou me esforçar um pouco mais por você.

Capítulo Sete

KIARA

Eu vacilei cada vez que os gritos abafados do meu tio ecoavam enquanto Remo e Nino quebravam cada um dos seus dedos. Meus olhos não estavam no meu tio, mas sim no rosto do meu marido. Sua expressão era áspera e atenta enquanto observava meu tio como se estivesse conduzindo uma experiência interessante.

Em seguida, eles começaram a cortar suas roupas de seu corpo, cortando sua pele repetidas vezes no processo. Eu me levantei. Eu não podia ver isso, não podia vê-lo nu, não podia mais ouvir seus gritos abafados.

Nino olhou para mim e impediu o irmão de tirar a cueca do meu tio. Nino andou em minha direção. — Você quer ouvir o que ele tem a dizer antes de ir?

Eu não tinha certeza, mas dei um pequeno aceno de cabeça.

Nino voltou e tirou a meia da boca do meu tio. — Sinto muito, — Durant resmungou. — Por favor, me perdoe. — Seus olhos me imploravam.

Nino olhou para mim, os olhos cinzentos e frios sem emoção, apesar do que ele estava fazendo com meu tio. — Você o perdoa?

Eu poderia perdôá-lo? Você pode perdoar ter sua infância destruída? Ter sua inocência arrancada de você? Perder a confiança infantil em sua família da pior maneira possível? — Não, — eu disse.

Nino enfiou a meia de volta na boca de Durant.

Eu tive que sair quando Nino colocou a faca no peito do meu tio. Eu fechei a porta e respirei trêmula, em seguida, enrijei quando notei Fabiano vindo em minha direção, carregando sacos de transfusão. Eu me movi para o lado para que ele pudesse entrar, mas ele retornou um momento depois com os braços vazios. — Vou levá-la para o quarto de Remo. Nino vai se juntar a você mais tarde.

Eu não disse nada, apenas observei o homem alto e loiro. Nós andamos em silêncio, e quando eu entrei no quarto de Remo, ele me deixou sozinha. Fui até a cama e rastejei sob os cobertores, olhando para a escuridão. A cama estava muito cheia com as lembranças do passado, mesmo que não tenha sido a mesma cama onde acontecera.

Saindo da cama, me enrolei em uma das poltronas, sem me incomodar com um cobertor. Muito mais tarde, a porta se abriu. Quando a luz derramou do corredor, pude ver Nino vestido com seu traje de casamento. Então ele fechou a porta, nos banhando na escuridão. Ele parou no meio do caminho para a cama. — Você pode dormir na cama. Remo não vai exigir isso hoje à noite. É nossa.

Engoli. — Eu não tenho dormido em uma cama em anos.

— Por quê? — Não havia julgamento em sua voz, apenas uma leve curiosidade.

— Porque foi aí que aconteceu, — eu engasguei.

— Ele implorou pela morte no final, se lhe serve de consolo.

Eu respirei fundo. Servia? Não deveria, mas parte de mim se sentiu consolada. — Obrigada, — eu sussurrei.

— O poder que ele ainda detém sobre você... é algo que você tem que quebrar.

Levantei-me e caminhei lentamente em direção à cama. Na penumbra eu só conseguia distinguir a forma alta de Nino, mas tive a sensação de que ele estava me observando.

Deitei-me e me cobri com o cobertor.

A sombra de Nino mudou e pude ouvir roupas sussurrando. Ele estava saindo do seu traje de casamento. Os resquícios de medo fizeram minha respiração mudar. Talvez sempre seria assim. Ele tentaria de novo? Eu era sua esposa depois de tudo.

— Você deveria tentar dormir, — ele disse calmamente, enquanto deslizava sob as cobertas. Ele não chegou perto o suficiente para que nos tocássemos.

— Eu não consigo.

— Os pesadelos não vão parar porque ele está morto, — disse ele, e eu sabia que ele estava certo, mas era inquietante que ele *soubesse*. Eles o chamavam de gênio, tão torcido e perigoso quanto inteligente. E percebi que ele era tudo isso e muito mais. *Monstruoso*.

Cada corte que ele infligira ao tio Durant na minha presença falava de precisão clínica, de anos de prática, e eu sabia que o que aconteceu depois que eu saíra tinha sido pior.

Ele implorou pela morte no final.

— Mas ele nunca mais vai machucá-la, e ninguém mais o fará, — disse ele, como se suas palavras fossem lei.

Por causa da mensagem sangrenta que ele enviou hoje. — E você? — Silêncio. — Você vai me machucar?

Ele se mexeu e a cama se moveu sob seu peso. Eu respirei fundo antes de poder me conter. Mesmo no escuro, pude vê-lo virar-se para mim. — Eu não vou te machucar também. Fisicamente, pelo menos.

— Mas você vai abusar de mim mentalmente? — Eu perguntei.

— Não. Não intencionalmente. — Ele fez uma pausa. — Mas eu não sinto.

— Sente o quê?

Pena? Misericórdia?

— *Emoções*.

Eu tentei entender o que ele queria dizer. — Você não sente emoções?

— Não desde que eu era criança. — Ele fez uma pausa. — Não como as pessoas costumam fazer. É difícil explicar.

Um sociopata. Era assim que pessoas como ele eram chamadas.

— Eu os reconheço e posso simulá-los de maneira satisfatória, se quiser, mas não os sinto.

Eu não sabia o que dizer. Talvez sua admissão devesse ter me assustado. — Então, o que isso significa para nós?

— Isso significa que eu nunca vou agir com raiva, medo ou tristeza, mas...

— Mas nunca com amor ou afeto também, — eu terminei. Eu me perguntava por que ele havia matado meu tio se não fosse por raiva. Era por hábito? Porque era assim que as coisas eram resolvidas em Vegas? Mesmo em Nova York, qualquer homem feito teria matado o homem que desonrou sua noiva.

— De fato.

Eu não precisava de amor, desde que soubesse que estava a salvo dele. Além disso, eu tinha vivido sem afeto real por anos. Eu poderia viver mais. — E quanto ao desejo?

— Isso não é uma emoção. É um impulso animalesco. E basicamente humanos são animais.

Não tão segura afinal de contas. — Então você age com desejo. — O medo estava de volta na minha voz, e meu corpo enrijeceu com isso.

No escuro, pude ver o leve movimento de seu rosto. — Eu ajo. E para ser sincero, desejo o seu corpo.

Lá estava. Meu pulso acelerou e pude sentir uma nova onda de pânico começar a subir.

— Mas eu não vou agir sobre isso.

— Você não vai?

— Em algum momento pode ser necessário gerarmos descendentes, mas até lá eu posso procurar outras mulheres para lidar com minhas necessidades... se é isso que você prefere?

Tão clínico e sem emoção. — Sim, — eu disse, aliviada por ele ter sugerido algo assim. Eu poderia ter chorado de alívio.

Ele não disse nada. Para ele isso estava resolvido. Fechei meus olhos. Parecia que um peso havia sido tirado do meu peito e eu podia respirar livremente de novo.

Eu lutei com ele, tentei empurrá-lo, mas ele era muito forte. Ofegante, acordei e entrei em pânico porque havia algo me segurando. Eu lutei com mais força, o terror arranhando meu peito. Apenas um dos meus braços estava livre. Eu me debati.

Uma mão firme pegou meu pulso e eu soltei um som abafado.

As luzes se acenderam e eu pisquei contra o brilho.

— Acalme-se, Kiara. Você está emaranhada nas cobertas.

Levei um momento para perceber quem estava falando, quem estava segurando meu pulso. O rosto de Nino entrou em foco acima de mim e me encolhi no travesseiro. Eu puxei o pulso que ele estava segurando e ele me soltou.

— Deixe-me ajudá-la. — Ele estendeu a mão para mim e eu endureci, observando sua mão. Ele pegou as cobertas e puxou. Elas se soltaram e eu estava livre. Eu respirei fundo.

Seu cabelo estava desganhado e, sem estar penteado para trás, ou em um rabo de cavalo curto, ele parecia mais humano, quase acessível. Claro, isso mudou no momento em que meus olhos mergulharam abaixo de sua garganta, onde suas tatuagens começavam. Quase cada centímetro de seu torso estava coberto por elas. Elas mal tocavam seu pescoço, então não eram visíveis se ele usasse uma camisa. As tatuagens serpenteavam por cima do ombro, por suas costas e desciam pelos braços, alcançando os pulsos como mangas. Eles não escondiam o contorno dos músculos ou as cicatrizes levantadas.

Eu engoli e sentei. Minha pele estava escorregadia de suor, mas eu tremia. — Eu não estou acostumada com tanto espaço. A espreguiçadeira onde eu dormia não permitia que eu me movesse o suficiente para me enredar assim.

Nino ainda estava apoiado em um dos braços. Seu olhar percorreu meu rosto, e isso me fez consciente da nossa proximidade e da maneira rude que o acordei. Ele deve ter percebido que tipo de negócio ruim tinha conseguido agora. Eu não era nada como o prêmio prometido. Ele não podia me reivindicar e eu roubava o seu sono. — Eu sou uma bagunça, — eu sussurrei. — Pelo menos, você não precisa se preocupar com outros homens se interessando por mim.

— Eu não estou preocupado com isso, — disse ele em voz baixa.

Eu inclinei minha cabeça. — Você descobriu que recebeu um prêmio com defeito?

— Com defeito? — Ele perguntou.

Eu fiz um sinal para mim mesma. — Quebrada. Eu não sou o que foi prometido. Você deveria me devolver.

Nino se sentou e nos aproximou. Eu me forcei a permanecer parada, mas meu corpo ficou tenso. Seus olhos cintilaram em mim, talvez percebendo minha reação, mas não recuou. — Recebi a promessa de uma mulher Vitiello em casamento. Uma mulher com beleza e graça. Você cumpre minhas exigências.

Eu olhei. — Você acha que eu sou bonita?

— Achar sugere que nasceu da minha imaginação, mas sua beleza é fato. E a razão pela qual não me preocupo com o fato de homens agirem sobre você é porque você é uma Falcone agora, minha esposa, e em Las Vegas ninguém nos desafia.

Eu engoli mais forte.

— A escuridão tem poder sobre você porque ele te machucava à noite?

Eu balancei a cabeça, seguido por outro duro engolir.

— Suas noites estão seguras. Você está segura agora, Kiara. Mesmo no escuro não há nada que você tenha que temer, ninguém, porque estarei lá e eles terão que passar por mim. E ninguém nunca venceu contra mim. Eu sou a coisa mais perigosa no escuro, mas você não tem que me temer.

Eu abaixei meus olhos, não entendendo. — Por quê?

— Porque o quê?

— Por que eu não tenho que temer você? Você é um Falcone.

— Eu sou. E meus irmãos e eu protegemos uns aos outros porque somos uma família e protegemos Fabiano porque fizemos dele uma família, e agora vamos protegê-la porque você é minha esposa e isso faz de você família também. É assim que a família deve ser, você não acha?

Eu olhei para ele com um sorriso trêmulo. — Foi assim que a sua família criou você? Como seu pai te criou? Porque meu pai me batia e matou minha mãe em uma tentativa de salvar a própria vida. Minha tia Egidia e tio Félix me trataram como um fardo e pária porque meu pai era um traidor, e meu tio Durant, ele... ele... — Eu ainda não conseguia dizer.

— Meu pai e minha mãe nunca foram da família. Eles eram sangue, nada mais. Meus irmãos e eu somos sangue, mas também decidimos ser mais, ser uma unidade. Nós somos sangue e família escolhida. E nós protegemos a família. — Sua expressão era mais animada do que eu já tinha visto, e me perguntei se ele percebeu isso... se ele realmente era tão sem emoção quanto dizia ser. — Se você optar por ser uma Falcone, se você optar por ser nossa família, se você optar por ser minha não apenas no papel e porque é seu dever, então nós iremos protegê-la.

— O que eu tenho que fazer para ser uma família? Para ser sua?

— Seja leal. Seja confiável. Esqueça sua família de sangue e Nova York. Corte os laços que a ligam a eles e se torne uma Falcone. Somos nós contra o resto. Sempre será assim.

— Eu posso fazer isso. — Nada me segurava em Nova York. A única pessoa com quem eu me importava e que se importava comigo era Giulia, e mal nos víamos porque ela morava na Filadélfia e eu morava em Baltimore com os pais dela. Ela também tinha filhos de Cássio para cuidar.

Ele assentiu e reclinou na cama. — Tente dormir agora.

Deitei-me de lado e Nino apagou as luzes. Como sempre, meu corpo enrijeceu de medo no escuro. Eu me concentrei na respiração calma de Nino. Ele estava longe demais para eu sentir o calor de seu corpo, mas eu o ouvia. Ele não estava dormindo. Não sei por que eu sabia disso, apenas sabia. Fechei meus olhos e contei sua respiração até o sono me arrastar.

NINO

A respiração de Kiara permaneceu tensa por muito tempo depois do pesadelo. Eu sabia que ela estava tentando me fazer acreditar que tinha adormecido, e permiti que achasse que estava tendo sucesso. Era curioso com que frequência às pessoas esqueciam os pequenos detalhes quando se tratava de sua linguagem corporal. Respirar no sono tinha um aspecto diferente de quando acordado, especialmente se seus momentos de vigília estivessem cheios de medo.

O medo de outras pessoas era algo que eu estava acostumado; as pessoas me temiam por causa do meu nome e minha tatuagem da Camorra. Mesmo que não me conhecessem, me temiam porque me viam na gaiola ou porque percebiam que eu não sentia. Perturbava profundamente a maioria das pessoas quando percebiam que minha expressão vazia não era forçada. Era natural.

Kiara se mexeu um pouco. Ela estava dormindo agora, mas nem minha mente nem meu corpo ansiavam por dormir. Normalmente, não tinha dificuldade em encontrar o sono depois de torturar alguém. Isso não acelerava meu pulso, nem fazia meu sangue ferver, e ainda que desta vez houvesse uma inquietação subjacente em meus membros enquanto eu me deitava ao lado de Kiara.

Eu não tinha certeza porque tinha reagido tão fortemente. Talvez porque como minha esposa, me senti obrigado a protegê-la.

Eu saí da cama e saí do quarto. A casa e os jardins estavam tranquilos há esta hora. As pessoas tinham saído da festa enquanto Remo e eu estávamos ocupados com Durant. Presumi que Luca os aconselhou a se despedirem. A escuridão nunca abrigara horrores para mim como fizera para Kiara. Eu gostava da sua tranquilidade pacífica. Desci e segui uma leve brisa em direção às janelas francesas. Como esperado, Remo também estava acordado. Ele estava no alto da colina e olhava para o oceano. Ele não se incomodou em vestir uma calça ou camisa depois que terminamos com Durant. Estava apenas de cueca.

Seu corpo enrijeceu brevemente com a minha aproximação, mas então seus músculos relaxaram. Eu parei ao seu lado, mas ele não se virou para me olhar. O cheiro de cobre inundou meu nariz e meus olhos percorreram seu corpo. Mesmo na luz do luar, era óbvio que ele não se limpava ainda.

— Por que você ainda está coberto de sangue? — Eu perguntei curiosamente.

— Quando já houve um dia sem sangue em nossas vidas? — Ele jogou minhas palavras anteriores de volta para mim. Eu fiz uma careta. Remo estava com um humor estranho.

— Você sabe que dia é hoje?

— 25 de Abril, — eu disse, mas sabia que não era para onde ele estava indo com suas palavras.

Ele virou a cabeça e sua expressão teria feito a maioria das pessoas correr. — É o maldito aniversário dela.

— Eu sei.

— Neste exato momento ela está tomando uma respiração, uma respiração que não deveria tomar. Ela deveria queimar no inferno.

Meu peito se apertou como fazia às vezes quando Remo se sentia obrigado a mencionar nossa mãe. — Ainda podemos matá-la, — eu disse.

Remo fechou as mãos em punhos. — Sim. Nós poderíamos. — Seus olhos me avaliaram. — Quatorze malditos anos e ela ainda está respirando.

— Poderíamos pedir ao Fabiano para fazer isso. Ele entenderia.

— Não, — Remo rosnou. — Esse dia é problema nosso. E se alguém tem que matar a nossa mãe, seremos nós. Juntos. — Ele estendeu a mão, sua tatuagem da Camorra em exibição.

Eu balancei a cabeça e segurei seu antebraço enquanto ele segurava o meu. — Eu andaria no fogo ardente por você.

— Você já fez, Remo, — eu disse.

Ele soltou meu braço e respirou fundo. — O cheiro de sangue sempre me lembra daquele dia. Não é irônico considerando quanto sangue nós derramamos ao longo dos anos? Você pensaria que abafaria aquele maldito dia.

— Algumas coisas ficam com você, — eu disse.

Remo assentiu. — Você está aqui, suponho que não fodeu sua esposa.

— O passado dela também ficou com ela. Matar o tio não mudou isso.

— Matar nossa mãe mudaria as coisas para nós? — Ele perguntou baixinho.

Eu considerei isso, mas pela primeira vez não sabia a resposta. — Não sei.

Capítulo Oito

NINO

Como sempre, acordei por volta das seis da manhã, de costas, olhando para o teto. Eu dormi cerca de duas horas, o que não foi muito diferente que a minha noite normal. Eu virei minha cabeça em direção ao som da respiração suave. Kiara estava enrolada em si mesma, com o rosto escondido sob o cabelo castanho escuro ondulado. Depois do pesadelo, ela dormira profundamente e, quando voltei ao quarto da conversa com Remo, logo peguei no sono. Eu não tive problemas para dormir ao lado dela, mesmo que fizesse anos desde que tinha compartilhado uma cama com alguém; naquela época tinha sido com meus irmãos porque só tínhamos duas camas.

Sentei-me, querendo preparar tudo para a apresentação dos lençóis - e Durant.

Kiara acordou abruptamente, os olhos arregalados e aterrorizados quando caíram em mim. Seu corpo se encolheu ainda mais antes de engolir visivelmente e finalmente relaxar. — Desculpa.

— Pelo quê? — Eu perguntei. Ela pedia desculpas pelas reações naturais de seu corpo. Eu não sabia por que ela achava que o medo me ofenderia. Depois do que ela passou, e considerando quem eu era, era natural ela reagir da maneira que fazia. Matar seu tio e não reivindicar seu corpo não mudaria isso.

Ela não disse nada e não consegui ler sua expressão. Eu balancei minhas pernas para fora da cama e me levantei.

Kiara engasgou atrás de mim. Olhei por cima do meu ombro para ela. Eu estava nu porque preferia dormir sem roupa. — Vou tomar um banho. Minha nudez incomoda você?

Ela moveu a cabeça em uma mistura inquieta de balançar e tremer, olhando para as cobertas.

— Isso é um sim ou um não?

— Você é meu marido.

— Eu sou. Mas isso não responde à minha pergunta. — Eu me virei, totalmente de frente para ela, tentando coagir uma reação mais forte.

Ela engoliu em seco, suas bochechas vermelhas. — Isso não me incomoda.

Eu estreitei meus olhos. — Ser confiável significa não mentir, Kiara.

Seus olhos foram para o meu rosto, e ela franziu os lábios em... frustração? — OK. Eu menti. Isso me incomoda muito. Você me assusta quando está nu. Feliz?

— Não imagino como isso me faria feliz.

Ela balançou a cabeça. Então seus olhos dispararam para a minha virilha e ela ficou tensa novamente e desviou o olhar.

— Minha nudez não representa um risco para você. Isso não me torna mais perigoso, nem as roupas oferecem qualquer tipo de proteção. É uma questão de força física, não de camadas de roupa.

Minhas palavras não tiveram o efeito pretendido. Ela afundou os ombros, tornando-se menor. Medo. Eu não sabia como lidar com ela. Minha falta de emoções nunca foi um grande problema ao lidar com meus irmãos ou Fabiano; eles não se ofendiam com facilidade, e muito menos se assustavam. Com outros, minha falta de emoções era um recurso útil.

— Kiara, — eu suavizei minha voz, algo que nunca tinha feito. Seus olhos castanhos cintilaram em meu rosto. — Eu sou mais forte que você. Isso é fato. Se eu quisesse te machucar, nada me impediria. Isso também é verdade. Mas como te disse, não tenho intenção de te machucar. Estar nu não muda isso de qualquer forma. Nem você estando nua ao meu redor mudaria isso. Sou mais do que capaz de controlar meus impulsos como qualquer outro homem faria.

— Meu tio, — ela murmurou.

— Seu tio não queria controlar seus impulsos, e pagou por isso com sua vida. — Para mim, o assunto estava resolvido, então me virei e fui para o chuveiro.

Quando estávamos os dois vestidos, verifiquei a hora. Eram apenas sete e meia. Ainda era cedo. — Por que não tomamos o café da manhã antes da apresentação dos lençóis?

Os olhos de Kiara se arregalaram. — Quais lençóis?

— Os lençóis onde seu tio sangrou, — eu disse a ela.

— Todo mundo vai saber o que aconteceu comigo, — ela sussurrou, franzindo o rosto.

— Você está envergonhada? — Eu perguntei, porque ainda tinha dificuldade em ler o rosto e os olhos dela. Levaria um tempo para ligar suas expressões faciais às emoções apropriadas.

Ela soltou uma risada e engoliu em seco. — Claro que estou.

— Você não tem nada para se envergonhar. Você não fez nada errado. Não se transforme na agressora quando você foi a vítima.

Ela balançou a cabeça para mim, os olhos arregalados. — Você não entende. Não importa que ele tenha feito isso comigo. Eles vão me culpar. De alguma forma, as vítimas sempre acabam sendo tratadas como cúmplices. Você é um homem. Você não entende.

Sua voz e palavras me fizeram perceber que a emoção que seu rosto mostrava era raiva. — Não é uma questão de ser homem. É fato que você não fez nada errado. Ele forçou você.

— Você não entende? Eu sou uma mulher. Sou culpada por padrão. É sempre assim. Eles vão dizer que eu pedi por isso. Um sorriso significa que estou flertando. Uma conversa agradável significa que estou pedindo por isso. Roupas reveladoras significam que estou convidando ao toque. *Isso é fato, Nino.*

Eu a observei surpreso com sua veemência. As mulheres com quem meus irmãos e eu lidamos não eram propensas a retornos verbais, mas Kiara era eloquente e inteligente, e ela podia se manter sozinha, se superasse o medo de mim e dos homens em geral.

— Se você se sentir envergonhada, se permitir que eles a façam sentir dessa maneira, cimentará sua ignorância. Lute.

— Eu lutei uma vez na minha vida, e isso só fez com que ele me machucasse ainda mais! — Ela gritou. Ela engoliu em seco novamente. Eu assumi que era sua tentativa de controlar suas emoções, de impedir suas lágrimas, mas elas se reuniram em seus olhos de qualquer maneira. Talvez eu devesse ter prolongado a tortura de seu tio por alguns dias, mas nós deveríamos voltar a Vegas hoje.

Seus olhos cintilaram no meu rosto e ela endureceu. — Eu sinto muito.

Eu inclinei minha cabeça. — Pelo quê?

— Por gritar com você. Eu não deveria fazer isso, não deveria provocá-lo.

— Me provocar?

Ela franziu a testa para mim. Minhas palavras pareciam fazer pouco sentido para ela, assim como as palavras dela faziam pouco sentido para mim. Ela colocou os braços em volta do peito em um gesto protetor.

Ela estava com medo da minha reação?

— Expressar sua opinião não me provoca, Kiara. E como eu disse, não reajo a raiva. Você não precisa ser submissa. Não me sentirei se você me enfrentar. Estou ciente do meu status e poder e não preciso de sua submissão ou bajulação.

A carranca se aprofundou, mas ela baixou os braços. Seus seios se ajustaram bem contra seu top quando ela fez isso, mas mudei meu olhar para o seu rosto. Outro pensamento passou pela minha cabeça, algo que eu não tinha considerado antes. — Quando ele molestou você, deve ter havido sangue nos lençóis.

Ela empalideceu. — Sim. A cada vez.

— Por que as empregadas que recolheram seus lençóis não alertaram seus guardiões? Seu tio Félix teria agido quando Durant o desonrou sob seu teto. É o que a honra determina.

Ela estava visivelmente lutando consigo mesma, e eu permiti a ela alguns momentos para formar uma resposta. — Ele pagou uma das

empregadas para me limpar e aos lençóis, depois... depois que ele terminou comigo.

Inconscientemente, toquei seu ombro, sabendo que muitas pessoas encontravam conforto na proximidade física. Seu corpo era agradável de olhar e gostoso de tocar. Ela não se afastou. Ela engoliu em seco novamente e me deu um pequeno sorriso.

— Qual é o nome dela?

— A empregada?

Eu assenti.

Kiara hesitou, seus olhos procurando meu rosto, mas o que quer que esperasse ver, não estava lá.

— Por que você quer saber?

— Qual é o nome dela? — Eu repeti a pergunta, mas tornei minha voz mais dominante.

Como esperado, ela cedeu ao domínio. Ela foi criada para obedecer. — Dorma. Ela trabalha para o tio Felix e a tia Egidia. — Os olhos dela se arregalaram. — O que você vai fazer com ela?

— Eu não vou fazer nada, — eu disse com sinceridade, e ela relaxou. Remo faria.

Eu estendi minha mão. — Vamos. Vamos comer alguma coisa. — Depois de um momento de hesitação, ela enfiou a mão na minha. Meus irmãos, Kiara e eu, e Fabiano e Leona fomos os únicos a passar a noite na mansão, mas as pessoas deveriam chegar para um brunch e a apresentação dos lençóis em algumas horas.

Kiara me seguiu silenciosamente pela casa.

— Isso pertencia a seus pais antes de serem mortos.

— Sim, agora pertence aos meus irmãos.

— Luca matou seu pai.

— Ele matou, — ela disse simplesmente.

— Você não sente falta dele?

Ela encontrou meu olhar brevemente. — Você sente falta do seu pai?

Inclinei minha cabeça. — Não. — Entramos na cozinha. Algumas empregadas domésticas das famílias Rizzo e Vitiello estavam ocupadas preparando tudo para o brunch.

Meus irmãos já estavam na mesa da cozinha, tomando café da manhã. Fabiano e Leona ainda estavam no andar de cima, provavelmente fodendo.

As empregadas se viraram quando entramos e, quando me viram, rapidamente abaixaram a cabeça. Uma delas, uma mulher de trinta e poucos anos com cabelo castanho curto, dirigiu seu olhar para Kiara, cuja pulsação acelerou sob o meu polegar. Essa deveria ser Dorma.

Eu a puxei para a mesa e afundei na cadeira ao lado de Remo. Ele estava de calça de moletom, nada mais. Provavelmente roupas de Savio desde que Remo não voltou para o quarto para pegar as suas. Kiara sentou-se ao meu lado com um sorriso hesitante. — Bom dia.

— Bom dia, — disse Adamo. — Como você dormiu? — Seus olhos dispararam para mim, e ele corou. Remo se inclinou sobre a mesa e bateu na sua testa com um sorriso. — Ela não dormiu. O que você acha?

Kiara me deu um olhar incerto, como se não tivesse certeza de como reagir. Ela teria que aprender a não procurar minha aprovação. Eu soltei seu pulso, peguei uma maçã e mordi.

— Teria sido uma manhã melhor se você me deixasse fazer parte da diversão, — disse Savio para mim.

Adamo olhou para Kiara novamente. — Las Vegas é realmente legal. Há muito que você pode fazer.

— Tenho certeza que vou gostar, — Kiara disse suavemente.

Remo levantou uma sobrancelha para mim enquanto me inclinava para ele e sussurrava em seu ouvido: — Depois que seu tio a estuprou, uma das empregadas da casa o ajudou a manter segredo. Ela limpou o sangue de Kiara.

Remo recuou, com a boca em um sorriso. — Onde eu a encontro?

Meus olhos foram para a mulher com o cabelo curto. Remo seguiu meu olhar, então olhou para mim, um brilho animado em seus olhos. — Eu vou cuidar dela depois da apresentação dos lençóis. Eu não quero perder isso.

— Devo dizer ao nosso piloto que vamos sair mais tarde?

Remo considerou isso. — Eu não vou demorar muito.

Dorma se aproximou com uma enorme panela. — Eu fiz ovos e bacon como você pediu, — disse ela para Remo.

Ele sorriu. — Sim. Eu preciso reabastecer minhas reservas. — Ela colocou alguns ovos e bacon na sua frente.

Ela olhou para mim. — Você quer um pouco? Tenho certeza de que vai precisar de um pouco depois da sua noite de núpcias. — Os olhos dela se moveram para Kiara, que afundou ainda mais na cadeira.

— Isso é verdade, — eu disse em voz baixa. Meu olhar parou no caro colar em volta do pescoço dela. — Uma joia requintada essa que você está usando. Os Rizzos lhe pagam bem?

Ela piscou e tocou o colar, seus olhos indo para Kiara mais uma vez. — Foi... foi um presente, — ela disse indignada.

Eu sorri friamente. — Você tem certeza? Ou alguém pagou um preço por isso, *Dorma*?

Ela empalideceu e deu um passo para trás. Remo a observou como um gato faria com um rato. Ela se virou e colocou a panela no fogão, em seguida, aproximou-se das outras empregadas. De vez em quando, ela olhava para Kiara, que se encolhia a cada vez.

— Ela está seriamente começando a me irritar, — Remo murmurou. Ele se levantou e se espreguiçou. Todas as empregadas olharam para ele. Este era o seu show. Sua calça de moletom pendia baixa em seus quadris, e elas olharam para o peito marcado. Remo, como eu, era rasgado por anos de luta. Você poderia dizer que nossos músculos não eram apenas de levantar pesos. Nós tínhamos sangrado por eles. Ele pegou o coldre de faca e colocou-o sobre o peito nu. Os olhos de Kiara se arregalaram. Então ela rapidamente desviou o olhar. As empregadas estavam apanhadas em algum lugar entre choque de boca aberta, medo e fascinação.

Savio revirou os olhos e murmurou. — Exibicionista.

Remo foi até as empregadas e parou bem atrás de Dorma.

— Isso parece delicioso, — disse ele sombriamente enquanto olhava por cima do ombro do que quer que ela e a outra empregada estivessem preparando. Claro que ele não estava se referindo à comida. Dorma se aproximou do balcão, mas Remo se inclinou para mais perto. — Eu mal posso esperar para provar. Estou *morrendo de fome*.

Adamo balançou a cabeça e fez uma careta para o prato.

Dorma sacudiu a cabeça. — É para mais tarde. Você não pode comer agora.

Remo aproximou a boca do ouvido dela. — Eu posso esperar. Não se preocupe. Vai valer a pena.

Ela estremeceu visivelmente, mas Remo recuou, pegando outro pedaço de bacon da panela antes de voltar para a mesa.

Kiara ficou na cozinha com Leona, Adamo e Fabiano enquanto Savio, Remo, e eu acompanhamos Luca e Matteo até o quarto principal.

Abri a porta para que Luca pudesse entrar. Ele e seu irmão observaram a cama e seus arredores.

— Eu não lhe disse para não sujar as paredes de sangue? — Perguntou Luca, aborrecido, mas havia um lampejo de outra coisa em seus olhos. — A única maneira de limpar esse quarto é com mangueira.

— Melhor ainda, queimando-o, — sugeriu Matteo. Ele balançou a cabeça e trocou um olhar com o irmão.

Remo ofereceu-lhe um encolher de ombros e um canto da boca inclinou-se para cima. — As coisas ficaram um pouco fora de controle no final.

— Não duvido, — disse Luca secamente, avaliando o outro Capo.

Savio caminhou ao redor da cama, em direção a Durant. — Cara, da próxima vez me chame quando estiver se divertindo. Por que eu tive que tomar conta do Adamo enquanto você ia com tudo?

Luca sacudiu a cabeça. — Foda-se, vocês Falcones são todos loucos.

Eu aponte para a cena. — Eu suponho que o quarto será suficiente para enviar a mensagem que você pretendia?

Matteo bufou. — *Suficiente*, minha bunda. É meio irônico que vocês foram os únicos a entregar uma mensagem contra o estupro.

Eu olhei para o outro homem com calma, depois olhei para Luca. — Você desaprova nossas maneiras.

— Sim, — disse Matteo, mostrando os dentes.

— Como você castiga as mulheres em seu território?

— Se possível, não o fazemos.

— O que você faz com traficantes do sexo feminino que roubam dinheiro ou traem você e vendem para a Bratva? Como você lida com prostitutas que não pagam para fazer ponto em suas ruas ou mulheres que pedem dinheiro emprestado e não o pagam?

Remo se aproximou de Matteo. — Você lida com elas como lida com os homens, eu suponho. Ou você encontrou um modo de torturá-las de uma maneira feminina amigável? Você encontrou uma maneira de tornar a morte menos definitiva para elas?

A mão de Matteo se contraiu mais perto de sua faca, e eu descansei minha mão na minha arma, mas Remo podia se defender, e ele tinha visto o movimento de Vitiello. Ele sorriu. — Nós lhes damos uma escolha. E o que você acha que todas eles escolhem?

Matteo zombou. — Então você deveria reconsiderar seus métodos.

Remo riu. — Não se preocupe com meus métodos. Eu sou Las Vegas. Eu possuo todos os clubes e prostitutas e traficantes. E logo eu banirei cada maldito filho da puta da Bratva de todo o meu território, e depois disso, vou lidar com a porra dos mexicanos e então serei o Ocidente.

Não seria tão fácil assim. Las Vegas e Reno estavam sob nosso controle total, mas ainda tínhamos que compartilhar muitas das outras cidades do Ocidente com os russos e o Cartel. Bani-los de todas as cidades exigiria esforços e forças consideráveis. Forças que estávamos atualmente utilizando para nossa vingança a Outfit.

— Temos convidados que precisam ver isso, — disse Luca com firmeza. — Mas acho que vamos excluir as mulheres do espetáculo. Eu não acho que a maioria delas tenha a capacidade de aguentar isso.

— Talvez você devesse parar de mimá-las como frágeis bonecas de porcelana, — Remo murmurou.

Luca sorriu friamente. — Eu faço o que quiser no meu território e você pode fazer o que quiser no seu.

Nós voltamos para baixo. Na sala de estar, os Subchefes e Capitães de Luca haviam se reunido, assim como suas esposas e alguns soldados de baixa patente da Família. Eles nos observavam com uma curiosidade aberta. Fabiano, Leona, Kiara e Adamo vieram até nós.

— Há uma ligeira mudança de planos, — disse Luca. — Vamos realizar a apresentação dos lençóis no quarto principal.

Um murmúrio passou pelos convidados.

— Eu recomendo firmemente que pessoas sensíveis a grandes quantidades de sangue fiquem aqui, — disse Luca. Algumas pessoas riram hesitantemente, mas ficaram em silêncio quando perceberam que ele não estava fazendo piada.

Todos os homens na sala o seguiram. Claro, eles nunca admitiriam ter um problema com sangue, mas algumas mulheres também o seguiam. Entre elas estavam Egidia e Giulia, tia de Kiara, apesar da evidente aversão do marido à ideia. A esposa de Durant, Criminella, não estava lá. Ela havia voltado para casa depois que Luca lhe contara o que seu marido fizera. Ela sabia qual era a penalidade por esse tipo de coisa. Todo mundo sabia.

Como esperado, a visão de Durant causou o efeito de choque desejado. Egidia correu para o banheiro e não voltou, e Giulia cambaleou até o marido, enterrando o rosto no peito dele. Ele considerou a cena com a mesma surpresa moderada que Luca e Matteo fizeram antes.

— Diga aos seus soldados, diga a todos que isso é o que acontece com molestadores de crianças no meu território, — disse Luca. Quando os convidados saíram e voltaram para o andar de baixo para almoçar, só Felix ficou com Luca, Matteo, Remo e eu.

— Eu não sabia, — ele disse baixinho, intencionalmente não olhando para Durant.

— Acho difícil imaginar que você não teria notado uma mudança no comportamento de Kiara depois do estupro. Ela ainda está horrorizada pela proximidade masculina. Eu acho que não poderia ter sido muito melhor quando ela tinha treze anos — eu disse bruscamente.

Luca levantou uma sobrancelha. — Isso é verdade, Felix. Você sabe que eu teria esperado ser informado de tal crime para que pudesse distribuir o castigo adequado.

Felix empalideceu. — Eu não sabia. Kiara não é minha filha e sempre foi peculiar. Se ela alguma vez agiu de uma forma estranha, atribui isso ao que aconteceu com o pai dela.

Eu estreitei meus olhos para ele. Mesmo alguém com percepção medíocre teria notado que algo estava errado se prestasse atenção. Mas Kiara, sendo filha de um traidor, provavelmente viveu a maior parte de sua vida nas sombras. Ela era uma Falcone agora. Ela aprenderia a manter a cabeça erguida.

Capítulo Nove

KIARA

Depois de dizer adeus a Giulia, fiquei abalada. Parecia mais do que apenas um adeus temporário. Nós sempre vivemos em cidades separadas, mas isso era diferente. Eu fazia parte da Camorra agora. Se a trégua não se mantivesse, e pelo que ouvi dizer, não duraria muito tempo, nunca a veria novamente.

Mas essa não foi a única coisa que transformou meu estômago em um poço de cobras. Até agora Nino tinha sido mais gentil do que o esperado. E se isso fizesse parte do plano? E se sua máscara agradável caísse no momento em que chegássemos a Las Vegas? Esse era o território deles. Era onde eles podiam fazer o que quisessem. Não era como se eu pudesse voltar a Baltimore se as coisas não funcionassem - muito menos agora que todos sabiam o que Durant tinha feito comigo.

Os olhares comoventes tinham sido quase demais para suportar, mas os olhares de avaliação ocasionais eram ainda piores. Era como se as pessoas se perguntassem se eu tinha trazido isso para mim.

Leona e eu seguimos na frente com os homens atrás de nós. Ela me deu um olhar hesitante. Nós não tínhamos falado muito até agora, mas ela parecia legal, e eu não conseguia ver nenhum julgamento em seus olhos, mesmo agora que ela sabia sobre o meu passado.

Nós entramos no jato particular, e eu parei, sem saber onde me sentar. Leona sorriu. — Por que você não senta comigo para que possamos nos conhecer? Eu acho que os homens têm algumas coisas para discutir.

Aliviada com sua oferta, eu a segui em direção aos fundos e nos sentamos frente a frente. Nino, seus irmãos e Fabiano se acomodaram em lugares próximos um do outro do outro lado do avião.

Nino não pareceu se importar que eu não tivesse escolhido sentar ao lado dele. Este casamento era um mal necessário para ele. Meios para um fim.

— Então você é casada com Fabiano? — Perguntei a Leona.

Ela corou e fez suas sardas se destacarem ainda mais. Seus olhos correram para o homem loiro. — Oh... não... não somos casados. Não estamos juntos há muito tempo.

— E sua família permite que você esteja com ele antes do casamento?

Leona soltou uma risada. — Eu não sou italiana. Eu sou uma forasteira.

Meus olhos se arregalaram de surpresa. — Oh. Eu não tinha certeza por causa do seu nome. Eles permitem isso em Vegas?

Leona franziu os lábios. — Eu não tenho certeza se é algo permitido, mas Remo permitiu isso a Fabiano.

Eu soube imediatamente que Leona estava tão preocupada com o Capo da Camorra quanto eu. Todos, exceto seus irmãos, provavelmente eram cautelosos com ele.

— Então você cresceu em uma família normal? — Eu não tinha tido contato com pessoas de fora frequentemente, então achei a companhia deles empolgante.

Leona fez uma careta. — Bem, eu não chamaria minha família de normal pelos padrões médios. Meus pais são viciados. Quero dizer, eram... minha mãe ainda é. — Ela respirou fundo.

— E quanto ao seu pai?

— Fabiano o matou.

Eu congelei, meus olhos se movendo para o namorado dela. Como se ele pudesse sentir meu olhar, seus olhos azuis se fixaram em mim antes de passarem para Leona e se aquecerem. Tentando reprimir minha primeira reação, perguntei: — Por que você está com ele se ele matou seu pai?

Leona se virou para mim. Uma sugestão de culpa cintilou em seu rosto antes de desaparecer, e ela deu de ombros. — Meu pai não era um bom homem.

— E Fabiano é um bom homem?

— Deus não, — disse Leona com uma risada. — Esses homens ali... eles não são bons. — Ela acenou com a cabeça em direção aos Falcones e Fabiano.

Eu assenti. — Mas ele é bom para você?

Leona sorriu. — Ele é. — Seus olhos azuis procuraram meu rosto. — Eu não sei o que aconteceu entre Nino e você na noite passada, mas ele matou o homem que te machucou, então acho que ele quer ser bom para você.

Eu observei Nino. Ele estava recostado no banco, parecendo relaxado, seu lábio curvado em um quase sorriso. Eu me perguntei se era algo que ele tinha que forçar ou se seus músculos faciais faziam isso por conta própria quando seu corpo registrava certo nível de satisfação. Ele encontrou meu olhar. Eu não tinha certeza se ele queria ser bom para mim ou se sabia o que queria comigo. Desviei os olhos porque o escrutínio dele fez com que eu me sentisse constrangida, mesmo que fosse eu quem tivesse começado a encarar.

— Ele não tem emoções, certo?

Leona deu de ombros. — Ele não demonstra emoção. Eu não sei o que está acontecendo na cabeça dele. Para ser sincera, nem quero saber. Ele e Remo... — ela balançou a cabeça, em seguida, se conteve — ... desculpe. Nino é seu marido agora.

— Não, — eu disse, acenando para ela. — Eu compreendo. Me sinto da mesma forma.

Eu não tinha certeza do que fazer com meu marido ainda. Ele não era o que eu esperava. Esperava crueldade, e sabia que estava em sua natureza, considerando o que ele e Remo tinham feito com Durant. Mesmo que meu tio tivesse merecido morrer, pelo estado abalado de Giulia, eu só podia imaginar o quão ruim tinha sido. Seu lado cruel acabaria emergindo quando ele estivesse perto de mim?

O pensamento de baixar minha guarda e depois ser atingida por uma crueldade que eu não esperava, era algo que eu já havia suportado, e não queria passar por isso novamente.

A mansão era uma extensa propriedade branca com várias alas, cada uma delas pertencente a um dos irmãos Falcone. Ainda assim, preferia ter mais distância entre Remo e eu. Savio não me assustava tanto, e Adamo ainda era uma criança, mesmo que já fosse mais alto que eu. Remo, Savio e Adamo foram para suas respectivas partes da casa quando chegamos, deixando-me sozinha com Nino. Eu ainda não sabia como agir ao seu redor. Eu ainda estava com medo dele, mas não tanto quanto antes.

— Vamos lá, vou mostrar-lhe a casa, — disse ele, segurando meu pulso novamente. Eu nem sequer recuei dessa vez porque já esperava. Ele fazia isso com frequência e eu me perguntava por quê. De mãos dadas era pessoal demais? Era sobre o domínio quando ele segurava meu pulso assim?

Do foyer nós nos movemos em um espaço aberto enorme de teto alto com janelas francesas que ocupavam uma parede inteira. Eu imaginei que esta tenha sido a sala de estar uma vez. Agora parecia uma enorme sala de jogos com uma mesa de bilhar, máquina de pinball e bar com prateleiras cheias de bebida. Um saco de boxe pendia do teto e dois enormes sofás estavam na frente de uma tela de televisão que ocupava a maior parte da parede. Mas a coisa mais estranha era o ringue de boxe no lado direito da sala.

— Antes de o nosso pai morrer, essa era a sala de estar e a sala de jantar. Nós derrubamos as paredes. É onde meus irmãos e eu passamos a maior parte da noite, a menos que estejamos fora. — As sobancelhas de Nino se juntaram enquanto ele me olhava. Talvez ele percebesse que agora não era mais uma casa só de garotos. Eu era a intrusa que arruinou tudo.

— Eu não vou incomodar você durante o tempo com sua família, — eu disse, poupando-lhe o trabalho de tentar me decepcionar facilmente. Eu passei a maior parte da minha vida nas sombras. Isso não me quebraria.

— Você é da família agora.

Eu duvidava que Remo e Savio concordassem com ele. Adamo parecia bom o suficiente, mas ele provavelmente só estava tentando ser educado, e eu não tinha certeza se queria passar muito tempo com os irmãos Falcone.

— Vou lhe mostrar a cozinha, mas quase nunca a usamos. Nós só guardamos algumas coisas para o café da manhã. Nós pedimos comida para o jantar todos os dias.

— Você não tem empregada ou algo assim? — Eu perguntei, seguindo-o para a parte de trás da casa em direção à cozinha. Era toda de aço inoxidável e grande o suficiente para preparar o jantar para muitas pessoas.

— Não. Temos duas pessoas de limpeza que vêm duas vezes por semana para cuidar do pior, mas não gostamos das pessoas por perto.

— Oh. — Eu nunca tentei cozinhar porque nossas empregadas sempre fizeram isso, mas eu não me importaria de tentar. Sem quaisquer empregadas respirando no meu pescoço, agora era uma opção.

Continuamos nosso passeio na parte da casa de Nino. Consistia em uma sala de estar menor e esparsa, com nada além de um sofá e uma TV. No térreo havia um banheiro de hóspedes e outro quarto, que estava cheio de móveis antigos. No primeiro andar havia mais três quartos e um quarto principal - o quarto que Nino e eu dividiríamos agora.

Entrei no grande quarto com uma enorme cama de dossel à esquerda, que dava para a porta. Janelas altas emolduravam os dois lados. Cortinas vermelhas escuras cobriam parcialmente as janelas.

Nino apertou os dedos em volta do meu pulso. — Eu te disse que não há motivo para medo.

Eu dei a ele um olhar confuso, mas ele não explicou. À nossa direita, notei duas portas. Uma delas estava entreaberta, expondo um chão de mármore preto. A porta ao lado estava fechada. Nino seguiu meu olhar. — Esse é o closet. Há espaço suficiente para suas roupas. Eu não preciso de muito espaço.

Ele me soltou e eu me virei para o banheiro ao lado e encontrei um chuveiro ao nível do chão, uma banheira de hidromassagem e pias duplas em uma bancada de mármore preto. Uma janela atrás da banheira dava para os vastos jardins.

Nino esperou no quarto por mim, ao lado da cama. Respirando fundo, me aproximei. Ele parecia relaxado, calmo, no controle. — Vamos compartilhar uma cama.

— Claro, — eu disse rapidamente.

— Você mudou de ideia sobre eu buscar satisfação em outro lugar? — Ele perguntou de forma neutra, mas eu me perguntava quais eram seus pensamentos sobre isso.

Meu estômago se apertou. Seus olhos traçaram meu rosto com um toque de curiosidade. Por alguma razão, levei um segundo a mais para dar uma resposta. — Não, — eu finalmente disse.

Ele assentiu. — Eu não vou trazer mulheres para cá comigo, então você não precisa se preocupar.

— Obrigada. — Eu não tinha certeza do que mais dizer.

— Vamos voltar lá para baixo. Ainda não mostrei a você a biblioteca ou os jardins.

Meu entusiasmo aumentou. — Você tem uma biblioteca?

A boca de Nino se contraiu. — Eu tenho sim. É na ala principal, no entanto, mas meus irmãos não leem realmente.

Segui Nino descendo as escadas, mas depois parei na sala de estar. Ainda havia muito espaço e eu não tinha visto um piano em lugar nenhum. Eu não tinha sequer considerado não ter um piano à minha disposição. A música sempre foi uma parte da minha vida. Eu não poderia imaginar viver sem isso. — Você tem um piano em algum lugar da casa?

Nino sacudiu a cabeça. — Não. Você toca?

— Sim. Bem, eu tocaria se tivesse um piano.

— Onde você colocaria um piano?

Eu olhei ao redor da sala. Era minimamente mobiliada. Eu não achava que Nino passasse muito tempo aqui. Os irmãos Falcone pareciam preferir passar o tempo na ala principal durante o dia, se a quantidade de copos e pratos vazios na sala de jogos fosse qualquer indicação. Fiz um gesto em direção a um ponto perto das janelas francesas. Isso me permitiria observar o céu enquanto tocava piano. — Aquele seria um bom lugar, eu acho.

Nino assentiu, mas não disse nada.

— Para a biblioteca? — Perguntei, e ele me fez sinal para segui-lo. Enquanto caminhava ao lado de Nino, arrisquei uma espiada ocasional nele. Sua expressão estava relaxada, à vontade, mas eu supus que essa fosse sua expressão padrão, dada a falta de emoções. A camisa de mangas compridas escondia suas tatuagens e percebi que suas roupas sempre as cobriam. Eu me perguntei por que ele as mantinha escondida sob camadas de tecido. A maioria das pessoas não ficava orgulhosa de sua arte corporal? E não era como se ele tivesse que cobrir suas tatuagens por causa do trabalho. Mesmo sem as tatuagens perturbadoras em exibição, Nino conseguiu transmitir uma vibração de alteridade, uma energia violenta e sutil. Não era tão evidente quanto à de Remo, mas estava lá. Todos que olhavam para Nino sabiam que ele era um homem que você não deveria enfrentar. Não por causa dos músculos ou movimentos que gritavam força, mas por causa de certo ar de autoconfiança.

Os olhos cinzentos de Nino encontraram os meus e eu corei. Há quanto tempo eu estava olhando? Eu rapidamente baixei minha cabeça e senti uma onda de alívio quando ele abriu a porta para uma biblioteca. Isso fez com que a que eu tive acesso em Baltimore parecesse um armário de vassouras desprezível. Situada na parte de trás da ala principal, tinha dois andares de altura e as prateleiras revestiam todo o caminho até o teto. Uma escada em pequenas rodas percorria cada fileira e alcançava os livros no topo. Meu coração pulou uma batida quando tentei imaginar o número de livros.

— Uau, — eu respirei.

— Eu deveria lhe dar um aviso justo: nossa seleção de títulos de ficção é limitada. A maioria deles são velhos clássicos ou horríveis romances melosos que minha mãe costumava ler quando ainda morava aqui. Eu não leio ficção e comecei a comprar livros em formato e-book, uma vez que simplifica o armazenamento e a acessibilidade.

Eu só escutei metade enquanto caminhava pelo corredor mais próximo, meus olhos deslizando pelas lombadas. Havia livros sobre história e ciência, medicina e guerra. Clássicos como *1984* e *Animal Farm*, *Jane Eyre* e todas as peças escritas por Shakespeare. Então eu vi toda a série Harry Potter, as lombadas rachadas como se os livros tivessem sido lidos com muita frequência. Eu toquei no primeiro livro. Eu li isso no momento mais escuro da minha vida e encontrar refúgio no mundo desses livros tinha sido a única luz para mim. Eu parei, respirando fundo. Livros e música sempre foram minha

salvação. O cheiro de couro velho e papel empoeirado era puro conforto. Eu poderia passar uma vida inteira nesta sala e morrer feliz.

Quando finalmente me afastei dos livros, peguei Nino me observando com uma pequena carranca. Eu corei. Devo ter parecido uma lunática, inalando o perfume da biblioteca e sorrindo para mim mesma.

Eu limpei minha garganta. — Existe alguma parte fora dos limites para mim?

Nino ergueu as sobrancelhas escuras. — Como a área das Artes das Trevas?

Eu congelei, sem palavras, congelada e totalmente chocada. Engoli. — Você... você acabou de fazer uma referência a Harry Potter? — Ele deve ter notado eu tocando os livros.

— Sim, — disse ele secamente, e eu tive que abafar o riso.

— Não me diga que você leu os livros.

— Eu não os li para meu próprio prazer. Eu os li para Adamo quando estávamos fugindo. Ele estava obcecado por eles, e Remo não tinha a paciência necessária para ler histórias para dormir. Além disso, ele tinha o hábito de deixar os Comensais da Morte e Voldemort vencerem, e isso perturbava Adamo quando era pequeno.

Eu ri e depois fiquei em silêncio, confusa e oprimida por tudo que eu descobri sobre Nino nesses últimos dias. Ele era um homem de muitas camadas, e não achava que conseguiria compreender completamente a camada superior. Eu andei até ele. — Deve ter sido difícil proteger seu irmãozinho quando você estava lutando pelo seu território.

Nino deu de ombros. — Foi difícil, mas Remo e eu matamos qualquer um que representasse o menor risco para Savio ou Adamo. Nós não poderíamos nos incomodar em fazer muitas perguntas. O nosso lema era matar primeiro. Depois que estabelecemos um reduto no território, nos asseguramos em torturar as pessoas por informações antes de matá-las.

Eu olhei para ele, tentando imaginar como deveria ter sido naquela época. Durante o dia, Nino e Remo massacravam seus inimigos

e, à noite, eles se reuniam em qualquer lugar sombrio em que estavam escondidos na época e liam histórias de dormir para Adamo e Savio.

— Você me confunde, — eu admiti em voz baixa.

Nino assentiu pensativo. — Esse é um elogio que posso devolver.

— Obrigada, — eu disse, em seguida, limpei a garganta.

— Eu vou lhe mostrar os jardins agora. Você pode vagar pelas instalações como quiser, mas fique longe das alas de Remo e Savio, especialmente de Remo. Ele não aceitará gentilmente se encontrar você em seu domínio. — Eu balancei a cabeça. Eu não tinha absolutamente nenhuma intenção de ir a qualquer lugar perto de Remo se pudesse evitá-lo. — Adamo provavelmente não vai se importar que você esteja no espaço dele, mas ele é um porco e um adolescente, então você vai ver e cheirar coisas que não são destinadas a mulheres.

Eu ri de novo, e Nino me olhou com curiosidade. Minhas bochechas aqueceram sob o seu escrutínio. Ele estendeu a mão e passou a ponta do dedo sobre a minha pele ruborizada, quase como se estivesse tentando entender minha reação. Eu não recuei, ficando mais confusa a cada segundo.

— Você queria me mostrar os jardins? — Eu resmunguei, limpando a garganta novamente.

Ele baixou a mão e se virou. Segui um passo atrás dele, tentando entender meu marido, mas ele era um enigma.

Havia algo que notei em nosso caminho pela sala de jogos em direção ao jardim. — Eu não vejo guardas em qualquer lugar.

— Nós não precisamos deles. Até Adamo é capaz de se defender, — disse Nino ao me conduzir em direção a uma piscina quadrada. — Eu nado nesta piscina todas as manhãs. Meus irmãos ocasionalmente usam para o mesmo propósito, mas preferem mais exercícios práticos.

— Eu não sou capaz de me defender, — apontei depois de um momento.

Ele franziu a testa, seus olhos percorrendo meu corpo. — Isso é verdade. Você é um alvo fácil. Como eu disse, não queremos pessoas na mansão. Remo e eu teremos que descobrir algo. Será melhor se um dos meus irmãos ou Fabiano estiver sempre por perto quando eu não estiver aqui. Eles podem acompanhá-la aonde quer que você vá.

— Então eles serão minhas babás?

— Como você apontou, você não pode se proteger, e enquanto as pessoas em Las Vegas nos temem, há forças externas que podem arriscar um ataque e podem atacar você, — ele disse e fez sinal para eu segui-lo pela casa em direção a outra área da piscina. Este espaço foi definitivamente criado para fins recreativos e não funcionava. Era uma paisagem sinuosa de piscina com pequenas cachoeiras e fontes. Um enorme sofá inflável flutuava suavemente na água. — É melhor não tocá-lo. Isso é de Savio, e ele usa para companhia feminina.

Eu fiz uma careta. — Obrigada pelo aviso. — Nino assentiu.

— Você já disse a seus irmãos que eles devem brincar de babá? — Por mais que eu tentasse, não podia imaginar Remo me protegendo. Eu provavelmente conseguiria afastá-lo com algo que dissesse e ele acabaria me matando.

— Eles vão protegê-la porque você é uma Falcone.

Kiara Falcone. Ainda era difícil acreditar que eu era realmente a esposa de alguém. A esposa de Nino Falcone de todas as pessoas. Meus olhos traçaram seu rosto frio e perfeitamente esculpido, me perguntando novamente por que ele não tinha me reivindicado em nossa noite de núpcias, por que ele estava sendo legal. Porém, legal não era o termo certo para o comportamento de Nino. Eu não tinha certeza de como chamá-lo. Parecia que ele não sabia o que fazer comigo. O casamento não deve ter sido parte de seu plano de vida.

Eu não podia acreditar que meu pânico tinha aquecido seu coração. Afinal de contas, ele não era capaz de emoções, mas eu não era corajosa o suficiente para questionar seus motivos, para que ele não começasse a questioná-los também.

— Mas é crucial que você se torne capaz de se defender. Eu não entendo porque a Famiglia mantém suas mulheres incapazes de se defenderem. É um risco desnecessário.

Eu fiz uma careta. — Você quer que eu aprenda a lutar?

Nino balançou a cabeça, sua boca se contorcendo como se eu tivesse dito algo divertido. — Eu não acho que isso faz muito sentido no momento, dado o seu medo do contato físico. Talvez mais tarde. Mas você terá que aprender como usar uma arma. Esse é o primeiro passo e lhe dará uma sensação de segurança.

— Você vai me permitir andar com uma arma? — Eu perguntei, chocada.

Suas sobrancelhas se uniram. — Claro.

— Ok. — Eu não tinha certeza do que mais dizer. Eu pensei que ele seria cauteloso sobre me armar, mas talvez ele estivesse tão certo de suas próprias habilidades de luta que não se preocupava com isso.

— Eu acho que é melhor deixar algo claro desde o início, — Nino começou, e eu endureci, preocupada com o que ele estava prestes a dizer. — Se algo que meus irmãos e eu fizemos te incomodar ou se você quiser alguma coisa, tem que dizer isso imediatamente. Sem dicas sutis ou expressões secretas. Nem meus irmãos nem eu somos bons em sutileza feminina, e nos falta a paciência para descobrir isso. Então fale o que está na sua mente se quiser facilitar para todos nós.

— Eu posso fazer isso, — eu disse, mas seria uma experiência nova para mim. Minha família me criou para ter cuidado com as palavras e não falar o que penso. Expressar minhas opiniões para homens como meu marido e seus irmãos parecia um desafio ainda maior. Ele estava certo. Se eu quisesse ter uma chance de sobreviver com os homens Falcones, eu teria que superar meus medos. Mas havia tantos deles, alguns deles tão profundamente queimados em meu próprio ser, eu não estava certa se tinha alguma chance de lutar contra eles.

Capítulo Dez

NINO

Kiara continuou lançando olhares mal disfarçados na minha direção enquanto entrávamos em nossa sala de jogos. Remo já estava lá dando alguns chutes recreativos contra o saco de pancadas. Ele fez uma pausa quando entramos, seu olhar se estreitando em Kiara brevemente antes de começar a chutar novamente. — Estou faminto. Vamos pedir pizza.

Ao ver Remo, Kiara endureceu ao meu lado e sua respiração ficou irregular. Eu não tinha certeza se era porque ele estava apenas de bermuda de luta ou porque ele estava batendo pra caralho em um objeto inanimado, mas o medo dela era óbvio. Eu peguei o menu de entrega de uma das nossas pizzarias favoritas do bar. Estava grudado em algo que havia derramado. Eu me virei para ela. — Você terá que se acostumar com a presença de Remo.

Ela pulou, arrancando os olhos do meu irmão. — Não sei se consigo. Eu ouvi o que ele faz, o que ele gosta de fazer, — ela sussurrou.

Eu olhei para o meu irmão, que nos observava do outro lado da sala quando deu outro chute contra o saco de pancadas. Remo fez um monte de coisas, que eram perturbadoras para alguém como Kiara, e ele gostava de todas elas. — Ele não é um perigo para você.

Ela levantou os olhos para os meus, tremendo, arrepios subindo ao longo de sua pele lisa. — Você tem certeza?

— Sim. — Não houve hesitação na palavra. Eu sabia com absoluta certeza que Remo não colocaria a mão em Kiara porque ela era minha.

Ela assentiu lentamente, os olhos cheios de desconforto. Ela estava relutante em acreditar em mim. Ela não conhecia Remo como eu. Poucas pessoas neste mundo estavam seguras ao redor do meu irmão, não havia como negar, mas o mesmo poderia ser dito sobre mim.

— Por que você não dá uma olhada no cardápio e vê que tipo de pizza você quer? — Eu entreguei para ela.

Ela pegou de mim, olhando com cautela. O papel manchado parecia ter visto dias melhores.

Fui até meu irmão, que parou de chutar e ergueu as sobrancelhas para mim. — Esse olhar significa que não vou gostar do que você tem a dizer.

— Você a assusta.

Remo me deu um sorriso divertido. Havia muito poucas pessoas que não tinham medo do meu irmão.

— Eu apreciaria se você tentasse não assustá-la tanto.

Remo riu, enfiando o joelho no saco mais algumas vezes antes de dizer: — Eu não fiz nada.

— Eu sei, — eu disse. — Não nos damos bem com mulheres sensíveis, mas Kiara vive sob o nosso teto agora. Ela faz parte de nossa família e devemos nos certificar de que se sinta o mais confortável possível, considerando seu passado e nossa disposição.

Ele inclinou a cabeça. — Você quer que a gente a trate bem? — Eu segui seu olhar em direção a Kiara, que estava avaliando a área do bar, que estava lotada de copos sujos, garrafas de cerveja e pratos. O pessoal da limpeza viria pela manhã.

— Sim. Eu quero que ela seja tratada como família. Eu a quero protegida. Eu a quero segura de qualquer ameaça. Ela é uma Falcão agora. Ela é minha.

Remo assentiu, sem tirar os olhos da minha esposa. Ela colocou o cardápio no bar, em seguida, olhou para cima e notou nossos olhares. Ela piscou, enrijecendo e engoliu em seco, rapidamente pegou o cardápio de novo e se atrapalhou nervosamente com ele. *Medo*.

— Ela está segura, Nino. — Remo se virou para mim, segurando meu antebraço. — Você é meu irmão e ela é sua. Vou me certificar de que todos nesta cidade, e além, saibam que ela está sob nossa proteção.

Remo não tinha muitas qualidades redentoras, muito parecido comigo, mas uma delas era sua lealdade. Se ele decidisse que alguém

estava sob sua proteção, não faria nada além de garantir que a pessoa estivesse segura.

Ele soltou meu antebraço. — E? Você finalmente transou com ela?

Revirei meus olhos para ele. — Não. E não vou até ela querer que eu faça. Ela está com muito medo por causa do estupro.

Os olhos de Remo se voltaram para Kiara. Ela ainda estava olhando fixamente para o cardápio. Ela deve ter memorizado todas as pizzas que eles ofereciam agora.

— Kiara não é capaz de se proteger. Precisamos ter certeza de que ela esteja segura onde quer que vá, — eu disse.

— Eu não quero nossos soldados na mansão. Esta é a nossa casa.

— Concordo. É por isso que você, Savio ou Adamo devem protegê-la quando eu não estiver por perto para fazer isso.

Remo sorriu. — Tem certeza que Kiara quer que eu a proteja? Ela pode morrer de medo se eu estiver sozinho com ela.

— Ela vai se acostumar com você.

— Eu duvido, — Remo disse com um sorriso.

— Não vai ser fácil, mas eventualmente ela mudará de ideia se você não enlouquecer em torno dela.

— Eu farei o meu melhor.

Nós dois sabíamos o que isso significava. Voltei para o lado de Kiara. Ela estava mordendo o lábio e seu corpo estava tenso. — Então achou uma pizza que você quer?

— Eu não estou com muita fome, — ela disse suavemente. — Tudo bem se eu só pedir uma salada com mussarela e azeitonas?

— Você pode comer o que quiser. E se você ainda ficar com fome, pode comer um pedaço de uma das nossas pizzas, — eu disse a ela.

Ela sorriu. — OK. Obrigada.

Remo veio em nossa direção e parou ao meu lado e Kiara.

— Pronto para pedir? — Ele perguntou.

— Vou fazer o pedido. Fabiano virá?

— Sim. Leona passa as noites com a puta da sua mãe.

Os olhos de Kiara se arregalaram. Eu não tinha certeza se foi o insulto ou porque outro homem estava se juntando a nós esta noite.

Peguei meu telefone e liguei para o nosso restaurante italiano favorito. Suas pizzas eram as melhores da cidade. Todos nós tínhamos nossos pedidos habituais, então a adição de uma salada causou um silêncio estonteante do outro lado.

— Por que você não senta? Você pode ligar a TV se quiser. A comida estará aqui em trinta minutos — eu disse a Kiara, que estava congelada ao lado de Remo e eu.

Ela assentiu e se moveu para o sofá onde afundou no meio.

— Espero que ela perca esse comportamento submisso em breve. É chato pra caralho, — Remo murmurou.

— Isso é novo para ela. Ela não estava tão tensa quando estávamos sozinhos.

Cinco minutos depois, Fabiano entrou. Ele tinha uma chave sobressalente e nunca se incomodou em tocar a campainha. — Eu preciso de um uísque, — foi a primeira coisa que saiu de sua boca. — A mãe de Leona é um maldito pesadelo. Aquela mulher fuma e consome mais drogas do que a maioria das pessoas e consegue sobreviver.

— Isso é porque você lhe oferece um fornecimento gratuito. Sua tolerância à substância aumenta, — expliquei.

Fabiano olhou com raiva. — Eu sei. Mas se eu não lhe der, a prostituta estúpida vai para às ruas de novo, e mata Leona ver sua mãe chupando paus feios.

Kiara respirou fundo no sofá e todos nos viramos para ela. Ela corou. Fabiano estendeu a mão por cima do balcão do bar e pegou uma garrafa de uísque da prateleira e depois se serviu de um copo generoso. — Alguém mais?

— Eu vou querer um, — disse Savio quando entrou, batendo no ombro de Fabiano. — Ouvi dizer que você está sendo chicoteado por bocetinhas.

Fabiano empurrou-o. — Eu ainda posso limpar o chão com seu rosto feio, Savio, não se esqueça disso.

Savio sorriu maliciosamente. — Não por muito mais tempo. Eu sou muito natural quando se trata de lutar.

Abri a geladeira embaixo do bar e peguei duas garrafas de cerveja, uma para Remo e outra para mim, depois olhei para Kiara, que estava focada na TV. O noticiário local estava relatando um incêndio que destruiu um dos restaurantes de nossos soldados.

— Desligue isso, — gritou Savio. — A porra do noticiário me irrita. Eles sempre se equivocam.

Kiara pulou e rapidamente desligou a TV. — Cuidado com o seu tom, — eu disse a Savio, que levantou as sobrancelhas para mim. Eu me virei para Kiara. — O que você gostaria de beber?

Seus olhos dispararam de mim para meus irmãos e depois para Fabiano. — Algo não alcoólico, por favor.

— O álcool aumenta a diversão, — disse Savio com um sorriso.

Kiara se encolheu. Adamo derrapou pelas escadas naquele momento. — Pegue para Kiara uma das suas Cocas da cozinha, — eu pedi.

Ele gemeu, mas virou-se e saiu. A pizza chegou pouco depois. Fabiano e eu levamos para onde Kiara estava sentada e estendemos as caixas na mesa larga. Sentei-me ao lado dela e Remo ocupou o outro lado; era o seu lugar habitual. O ombro de Kiara endureceu, mas ela não reagiu de outra maneira. Eu lhe entreguei a salada. — Isso é seu.

— Eu realmente não entendo porque as garotas sempre comem salada. Isso me irrita, — Savio disse enquanto pegava um pedaço de sua pizza.

Adamo se jogou no sofá entre Fabiano e Savio, fazendo-os franzir o cenho para ele. Ele entregou uma garrafa de Coca-Cola para Kiara. Ela pegou, murmurando um obrigada, e serviu-se de um copo.

— O que está acontecendo? — Perguntou Adamo entre mordidas.

— Nós testamos uma corrida no Kansas. Foi um enorme sucesso, — disse Remo ansiosamente, ligando a TV e abrindo a gravação da corrida ilegal de rua.

— Legal, — disse Adamo, com os olhos aguçados quando a câmera ampliou a linha de carros.

Kiara comeu em silêncio entre nós. Se eu fechasse meus olhos, eu nem saberia que ela estava lá, exceto quando senti o perfume dela. Era óbvio que ela estava desconfortável cercada por tantos homens, e o álcool parecia ser um incomodo adicional. Ela teria que se acostumar com isso. Sempre foi assim na nossa casa.

— Talvez possamos convencer Vitiello a estender as corridas ao seu território, — sugeriu Savio.

— Eu não acho que Luca queira cooperar conosco mais do que já fez. Nós todos sabemos que esta trégua não durará para sempre. Então todas as apostas serão canceladas.

Kiara se mexeu. Inclinei minha cabeça para ela, mas ela estava focada na salada.

Fabiano levantou uma sobrancelha para mim como se eu soubesse o que estava acontecendo em sua cabeça.

— Luca deveria lembrar que ele tem sorte em ter-nos do seu lado, — disse Remo, pegando um pedaço da minha pizza; nós geralmente compartilhamos todas as pizzas. Ele se inclinou sobre as pernas de Kiara para alcançar a caixa, roçando sua perna. Ela engasgou, recuou e deixou cair à salada. Pressionada contra o encosto, o peito arfando, ela olhou para Remo como se ele fosse pular nela. Seus olhos se estreitaram e eu sabia que isso não ia acabar bem. — Que porra há de errado com você, mulher? — Ele rosnou. — Eu ia pegar um pedaço de pizza, não apalpar você. Não tenho intenção de te foder, nem agora, nem nunca. Por um lado, não há diversão em quebrar alguém quebrado, e em segundo lugar você é de Nino, então ele é o único que vai tocar sua boceta. Ninguém mais vai te tocar assim, entendeu?

Lágrimas brotaram nos olhos de Kiara.

— Oh foda-se, — Savio murmurou.

— Remo, — eu disse em uma voz de aviso.

Ele fez uma careta, pegou o pedaço que queria em primeiro lugar e recostou-se. — Cale a boca, Nino. Estou farto dela estremecendo. É chato pra caralho, especialmente porque eu nem sequer dei razão para ela recuar. Esta é a minha casa e não vou pisar em ovos porque ela não consegue se controlar.

Kiara engoliu em seco e pegou os poucos pedaços de alface que havia caído no jeans com os dedos trêmulos. Então ela se levantou devagar. — Você tem um esfregão para que eu possa limpar isso? — Ela perguntou baixinho.

— Deixe. O pessoal da limpeza está vindo amanhã.

— Eu não quero que eles encontrem queijo e salada no chão, — disse ela.

— Confie em mim, eles viram muito pior nesses pisos, — disse Fabiano.

Ela deu um aceno brusco. — Eu vou limpar e depois ir para a cama. — Ela se pressionou além das minhas pernas. Para minha confusão, ela não se moveu em direção ao banheiro de hóspedes, em vez disso, caminhou em direção às janelas francesas e saiu para os jardins.

— Por que ela está indo lá para fora?

Fabiano balançou a cabeça. — Pelo amor de Deus, ela vai lá para fora porque quer chorar em paz.

Eu olhei para ele e ele estreitou os olhos. — Você é um gênio do caralho, mas você ainda é um idiota estúpido quando se trata de mulheres.

— Você provavelmente deve ir atrás dela, — sugeriu Adamo.

Eu fiz uma careta. — Se ela quer chorar em paz, provavelmente não quer a minha companhia.

— Mulheres, — Remo murmurou, empurrando outro pedaço de pizza em sua boca.

— Ouça a criança, — disse Fabiano. — Vá até ela e console-a ou seja o que for que você é capaz de fazer.

— Eu nunca consolei uma mulher.

Fabiano suspirou. — Então improvise, simule emoções ou o que seja. Eu não dou à mínima.

— Como você é a pessoa que tem namorada e que tem experiência em lidar com emoções femininas, parece lógico que você deva sair e consolá-la.

Fabiano bufou. — Eu sabia que esse casamento era uma péssima ideia. — Ele se inclinou para trás. — Não sou eu que ela quer ver, confie em mim. Ela provavelmente vai gritar como louca se eu for atrás dela no escuro. Você é seu marido, então aja como tal.

Eu fiquei de pé.

— Boa sorte, — disse Savio, sufocando o riso.

Não demorou muito para encontrar Kiara. Ela estava empoleirada em uma cadeira de sol. O brilho azulado da piscina destacou seu rosto, e eu pude ver lágrimas escorrendo por suas bochechas. Ela rapidamente passou as costas da mão sobre a pele, mas era tarde demais. Eu me sentei ao lado dela, ignorando seu corpo enrijecer. — Sinto muito por arruinar o seu jantar.

— Você não estragou nada. Tivemos incidentes muito piores, e a maioria deles envolveu ossos quebrados, então isso não é nada.

Estendi a mão para ela e afastei outra lágrima. Ela ficou totalmente congelada e parou de respirar. Eu agarrei seus ombros e aproximei nossos rostos. Ela respirou fundo, mas eu precisava chegar até ela. — Se algo te incomodar, diga. Se você não quer que Remo pise em você, você terá que enfrentá-lo. Eu posso te proteger, mas isso não vai te trazer o respeito dos meus irmãos. Se você quer fazer parte dessa família, precisa ganhar o respeito deles. Ser submissa e se afastar desse jeito não resolve nada, ok?

Ela desviou os olhos.

— Não, — eu pedi.

Seu olhar voou de volta para encontrar o meu. Eu aumentei meu aperto em seus ombros e ela estremeceu.

— Não tenho certeza se posso fazer isso. Meu medo é muito forte.

— Seu medo é inútil. Isso te aleijou. Não deixe.

Ela estreitou os olhos. — Não é tão fácil.

— Não é tão difícil quando você se dedica a isso. A escolha é sua de enfrentar seus medos ou deixá-los dominar você.

— Deixe-me ir, — disse ela com um tremor.

Eu balancei a cabeça e soltei seus ombros. — Isso é um começo.

Levantando-me, estendi minha mão para ela. — Agora vem. Nós vamos voltar. Você pode comer pizza.

Ela hesitou, mas depois pegou minha mão e se endireitou. Seu pulso ainda estava correndo sob o meu polegar, mas ela parecia menos trêmula. — Eu não posso comer sua pizza.

— Nós sempre compartilhamos nossas pizzas. Ninguém vai se importar.

— Eu sou vegetariana. Suas pizzas têm algum tipo de carne nelas, — disse ela.

Eu não tinha notado que ela não tinha comido carne no casamento. — Da próxima vez vamos pedir uma pizza vegetariana para você.

Ela ficou tensa quando voltamos para a sala de jogos, e sua pele ficou vermelha de vergonha. Eu a levei de volta para os sofás e me sentei ao lado de Remo para que Kiara não precisasse. Remo fingiu que não percebeu e continuou assistindo a corrida na tela. Kiara apertou minha mão brevemente antes de me soltar e tomar um gole de sua Coca-Cola.

Fabiano me deu um olhar que provavelmente transmitiu reconhecimento, embora eu não tivesse certeza do motivo. Ninguém mencionou a saída de Kiara ou seus olhos inchados, e eventualmente ela ficou mais relaxada e assistiu a corrida conosco.

Seus olhos começaram a cair, mas ela não se levantou; ela provavelmente não tinha certeza se poderia sair. Eu decidi facilitar para ela. — Vamos para a cama, — sugeri e me levantei.

Essa foi obviamente a coisa errada a dizer, porque a tensão em seu corpo retornou com força total. Enviei a Fabiano um olhar interrogativo. Afinal, ele era o especialista em mulheres. Ele apenas deu de ombros.

— Boa noite, — disse Kiara antes de me seguir silenciosamente até nossa ala. Tentei descobrir o motivo da tensão dela. Eu pensei que estava fazendo um favor a ela quando sugeri que fossemos para a cama. Eu não estava nem cansado.

Quando chegamos ao nosso quarto e seu olhar se demorou na cama, ela engoliu em seco e me ocorreu. — Você está preocupada porque acha que eu quero sexo?

Ela mordeu o lábio. — Eu sou uma esposa horrível.

— Eu também não sou um bom marido. É o que é. — Eu apontei para a cama. — Como eu disse antes, você não precisa me temer. Eu não vou te tocar a menos que você deseje. Nós discutimos isso. Presumi que tivesse entendido que nosso quarto não representa uma ameaça para você.

— Eu acho que é difícil acreditar, — disse ela.

— Eu mantenho minha palavra.

Eu não tinha certeza se finalmente ficou claro ou se precisava de mais tempo. Quando me juntei a ela na cama mais tarde, ela estava de costas para mim e meio escondida sob as cobertas. Eu não podia ver se ela estava tensa, mas a respiração dela definitivamente mudou. Esperei que ela adormecesse antes de me levantar. Esta seria uma daquelas noites em que eu não conseguiria dormir. Com um último olhar para minha esposa adormecida, saí para o corredor. Eu nunca seria um bom marido; minha disposição sempre impediria isso.

KIARA

Quando acordei, levei vários minutos para perceber onde estava. Depois que eu fiz, meu pulso acelerou. Eu me sentei, olhando em volta. Nino se foi, e não ouvi nenhum som vindo do banheiro também. Saí da cama e fui para o banheiro. Como eu notei ontem, não havia uma fechadura na porta. Era um pouco inquietante já que Nino podia entrar a qualquer momento. Por essa mesma razão, tomei uma ducha rápida e rapidamente coloquei um vestido maxi com um decote

alto. Mesmo que eu preferisse manter a maior parte do meu corpo coberto, estava muito quente lá fora para usar algo de manga comprida. Meus olhos foram atraídos para a janela atrás da banheira de hidromassagem e o céu azul do lado de fora. Pela aparência, seria outro dia quente em Las Vegas. Os sprinklers nos jardins estavam jorrando água.

Depois disso, ocupei-me colocando minhas roupas nas gavetas que Nino deve ter esvaziado para mim no closet. Quando terminei, hesitei, sem saber como proceder. Eu estava com fome e não podia ficar no quarto o dia todo, mas a mansão ainda não parecia minha casa. Eu não tinha certeza se isso aconteceria, então perambular por aí sozinha parecia uma intromissão.

Eventualmente, minha fome me levou para fora. Estava quieto nesta parte da casa, o que não era surpreendente considerando seu tamanho. Nino provavelmente estava na ala principal com seus irmãos. Não fiquei muito triste por ele não ter me acordado quando saiu do quarto hoje de manhã. Eu estava acostumada a ficar sozinha a maior parte do tempo e preferia a solidão à companhia das pessoas.

Eu desci as escadas para a área de estar menor na ala de Nino e congelei no último degrau. Ali, ao lado das janelas francesas, havia um belo piano Steinway D. Eu não podia fazer nada além de olhar. Eu dei o último passo para baixo e então me aproximei do instrumento quase com medo. Como Nino conseguiu fazer chegar aqui tão rápido? Mas esta era Las Vegas e ele era um Falcone, então provavelmente tinha seus meios. A questão mais importante foi por que ele comprou isso para mim?

É claro que eu lhe disse que adorava tocar, mas não era como se ele precisasse se esforçar para me conquistar. Nós já éramos casados e eu estava ligado a ele para sempre. Se alguém era obrigada a agradar alguém, seria eu como esposa. E até agora, eu falhei miseravelmente.

Afundi-me no banco de couro preto, deixando meus dedos deslizar reverentemente sobre as teclas pretas e brancas lisas, e então comecei a tocar, mas para minha surpresa não era a música que eu vinha trabalhando nesses últimos meses. Era algo totalmente novo, uma melodia que eu nem sabia que estava em mim, mas quando meus dedos se moveram sobre as teclas, ela tomou forma. Lentamente, o nó em volta do meu peito afrouxou, e eu percebi que as notas eram minhas emoções moldadas em música.

O som era sombrio e assustador, as notas perseguindo umas às outras, rápidas e erráticas, depois diminuindo abruptamente. Tumulto e medo, resignação e desafio, e, sob tudo, uma dor subjacente que eu não conseguia afastar.

Eu não conseguia parar de tocar, mesmo quando comecei a melodia de novo, reformulei, mas a emoção permaneceu, e isso encheu a sala e eu. Por um momento, senti-me em casa, quase em paz.

— Eu vejo que você encontrou seu piano, — Nino falou lentamente, e meus dedos cavaram as teclas, fazendo o belo instrumento gritar quase com raiva.

Capítulo Onze

KIARA

Meus olhos dispararam para a minha esquerda, onde Nino estava me observando com uma leve curiosidade. Ele estava vestido com calças pretas e uma camiseta preta justa que expunha seus braços tatuados. Seu cabelo estava puxado para trás em um rabo de cavalo muito curto.

Eu corei e rapidamente me levantei. — Eu sinto muito. Eu deveria ter perguntado antes de começar a tocar. Eu nem sei se tenho permissão para isso.

Nino franziu a testa e aproximou-se e não parou apesar da minha crescente tensão. Ele encostou-se ao piano, perto, mas ainda a mais de um braço de distância. Seus olhos me examinaram da cabeça aos pés, e eu me forcei a ficar parada, permitindo-lhe sua avaliação. Era um privilégio dele. Finalmente, seus olhos encontraram os meus. — Por que você não poderia tocar piano? — Ele perguntou. — Eu comprei para você e é para ser tocado.

— Obrigada, — eu disse baixinho. — Você não precisava fazer isso. É muito caro.

A boca de Nino se contorceu em um divertimento sombrio. — Eu não precisava, mas eu quis, e dinheiro não é um problema, Kiara. Temos mais do que poderíamos gastar.

Eu olhei de volta para as teclas e as escovei com as pontas dos meus dedos.

— Toque essa música novamente, — disse Nino.

— Eu comecei a trabalhar nela hoje. Ainda não está pronta. — Eu não mencionei que nunca gostava das músicas que criava e evitava tocar na frente de outras pessoas, se possível. Música era emocional para mim. Desnudar-me para outras pessoas assim nunca parecera sensato.

— Toque, — Nino ordenou.

Meus olhos voaram até o rosto dele. Sua expressão era dominante, mas não cruel. Afundei-me no banco, respirei fundo e descansei os dedos nas primeiras notas.

Fechei os olhos porque, com o olhar intenso de Nino sobre mim, não conseguia me concentrar. Então comecei a tocar, e a melodia ganhou vida, fluiu ao meu redor, *evoluiu* conforme eu adicionei mais algumas notas.

A última nota tinha morrido há muito tempo quando me atrevi a abrir meus olhos. Nino me olhava e o calor subiu em minhas bochechas. — Não é boa, eu te disse, mas...

Nino se inclinou e prendi a respiração. — Não se deprecie. Você é uma Falcone agora.

Pisquei e acenei com a cabeça. Eu fui depreciada toda a minha vida por outros e por mim mesma. Giulia havia dito a mesma coisa para mim antes, mas nenhuma de suas palavras jamais teve efeito. Ao olhar para o rosto belamente frio de Nino e ver o domínio em seus olhos, parecia impossível não levar suas palavras ao coração.

Quando ficou claro que Nino esperava uma resposta, eu disse: — Ok.

Ele deu uma pequena sacudida de cabeça, mas eu não tinha certeza do que isso significava. Ele se endireitou. — Eu tenho que sair para me encontrar com o dono do nosso clube de luta, Roger's Arena, agora. Você pode passar o dia como quiser. Você está livre para andar pelas instalações e pela mansão, mas, como eu disse, não entre na ala de Remo. — Remo provavelmente tinha uma pobre mulher trancada em um calabouço lá. Eu estremei.

— Eu vou ficar aqui sozinha? — Perguntei.

Nino sacudiu a cabeça. — Savio vai ficar com você.

O alívio me inundou quando percebi que o Capo da Camorra não estava no serviço de babá, mesmo que o Falcone mais novo também me deixasse nervosa. Depois do incidente embaraçoso de ontem, eu realmente não estava ansiosa para encontrar qualquer irmão Falcone.

— Se quiser sair de casa, diga a Savio e ele a levará para onde você quiser ir. Amanhã, vou ter tempo para mostrar Vegas a você. — Ele esperou por uma resposta, então eu assenti.

Ele assentiu brevemente antes de sair.

Eu olhei para suas costas, estupefata.

Por um momento, hesitei entre sentar novamente ao piano e encontrar algo para comer, mas então meu estômago roncando ganhou essa disputa. Eu desci o corredor de ligação para a parte principal da casa. Ainda estava tranquilo, mas quando me aproximei da cozinha, pude ouvir uma voz masculina. Quando parei em frente à porta, reconheci a voz de Savio. — Estou preso aqui de babá. Eu irei quando Adamo assumir depois de sair da escola.

Estava prestes a me virar e voltar para a ala de Nino, apesar da minha fome, quando a porta se abriu. Eu tentei me afastar, mas ainda consegui ser atingida no ombro, aterrissando na minha bunda. Eu ofeguei pela pontada aguda e fiquei envergonhada quando encontrei Sávio olhando para mim com os olhos apertados.

Da minha posição no chão, ele parecia ainda mais alto, o que não ajudava na minha ansiedade.

— Você estava escutando? Nunca ouviu falar em privacidade? — Ele murmurou. Ele enfiou o celular no bolso e se inclinou sobre mim, e eu me encolhi. Ele congelou, seus olhos alargando por um momento antes de controlar sua expressão. Ele era quase tão bom quanto Nino. — Jesus, eu não ia apalpá-la, *mulher*. — Ele estendeu a mão. — Pare de se encolher e pegue minha mão.

Eu peguei, e ele me puxou para os meus pés, em seguida, me soltou. Eu rapidamente endireitei meu vestido, afobada. — Eu sinto muito. Eu não pretendia bisbilhotar, e lamento que você tenha que bancar a babá quando obviamente tem coisas melhores para fazer.

Savio encolheu os ombros. — Nino me pediu para fazer isso e você está indefesa.

Indefesa. Ele parecia quase enojado quando disse isso. Eu não tinha certeza de como reagir, então eu disse: — Eu ia fazer o café da manhã. Você quer algo também?

Savio bufou. — Boa sorte. Não há comida na geladeira, só cerveja. Nino é praticamente o único que se lembra de comprar comida e esteve ocupado nos últimos dias.

— Oh, — eu disse.

Savio suspirou, passando a mão pelo cabelo escuro. Era mais curto que o de Nino e um pouco mais escuro. — Vamos buscar algo para comer. Podemos fazer um desvio rápido para que eu possa checar com um dos nossos soldados que está tendo problemas com vândalos.

Meus olhos se arregalaram. Como Nino, Savio me contava sobre negócios. Geralmente era desaprovado envolver mulheres em qualquer tipo de negócio, até mesmo mencioná-los em torno delas, na Famiglia.

— Nós não temos que sair, — disse ele, avaliando a minha expressão. — Mas então você terá que ficar sem comida.

— Não foi por isso que fiquei chocada. Não estou acostumada a ouvir falar de negócios.

Savio encolheu os ombros. — É o que meus irmãos e eu fazemos o dia todo, então é um tópico constante por aqui. Exceto Adamo, cuja principal atividade é o mau humor.

Eu ri. Savio olhou para mim como se estivesse tentando me entender.

— Você pode sair e esperar na entrada da garagem. Vou pegar mais algumas armas e depois podemos sair.

Mais algumas armas? Ele já tinha um coldre amarrado em torno do peito, que continha uma arma e uma faca, mas não era meu papel comentar, então eu saí. Estava quente e ensolarado. Vários carros estavam estacionados na entrada da garagem; um deles era uma Ferrari em tom de cobre metálico, que brilhava a luz do sol. Meus olhos foram atraídos para o que deve ter sido uma fonte de mármore uma vez. Agora os restos quebrados de uma estátua jaziam no meio.

Savio correu para fora. Ele vestiu uma jaqueta de couro preta, provavelmente para esconder suas armas, e apontou para a Ferrari metálica. Claro. Eu o segui em direção ao carro e entrei. Eu pulei quando o motor rugiu para a vida como um animal ressuscitado de

Tartarus⁵. Savio guiou o carro pela longa entrada e pelo portão. — Por que a fonte está quebrada?

— Era o orgulho e a alegria do nosso pai. Ele mandou fazer na Itália e transportou para cá. Quando meus irmãos e eu voltamos, depois que tomamos o poder, Remo quebrou-a com uma marreta.

Eu poderia imaginar isso em minha mente, Remo empunhando uma marreta como um louco. — Vocês não tentaram impedi-lo?

— Não há como parar Remo quando ele é mortal, — disse Savio enquanto nos conduzia por uma estrada larga com cassinos e hotéis menores de ambos os lados. — Nós odiamos nosso pai. Estávamos ocupados queimando a foto dele e da nossa mãe.

Sua voz continha uma tensão e decidi mudar de assunto. — Você não está tentando se misturar, não é? — Eu perguntei, apontando para seu carro.

Savio revirou os olhos. — Com um nome como Falcone e com essa tatuagem... — ele moveu o braço para que eu desse uma olhada em seu antebraço tatuado com um olho e uma lâmina. —... não tem como eu me misturar por aqui. E por que eu iria querer? Meus irmãos e eu trouxemos a honra de volta para a Camorra. Tenho orgulho de quem eu sou, do que sou, por que iria querer esconder isso?

Eu assenti. Era um conceito estranho para mim. A maior parte da minha vida eu tentei me misturar, tentei me esconder.

— É um pouco estranho você ser minha babá, apesar de eu ser dois anos mais velha que você, não acha?

A expressão de Savio endureceu. — A idade não importa. Eu tenho sido um Camorrista por quase quatro anos. Eu lutei na gaiola. Eu matei e torturei. Eu sou capaz de defender você e eu mesmo, e não tenho escrúpulos em fazê-lo.

— Quatro anos? — Eu perguntei incrédula. — Mas isso significa que você tinha apenas treze anos.

Ele assentiu. — Eu queria me tornar um camorrista e meus irmãos precisavam de mim.

⁵ Na mitologia grega, o **Tartarus** é o abismo profundo que é usado como uma masmorra de tormento e sofrimento para os ímpios e como a prisão para os Titãs.

— E o Adamo? Ele já foi iniciado?

A boca de Savio se afinou. — Não. Remo acha que é melhor esperar até que tenha quatorze anos, então ele tem algum tempo para deixar de ser um idiota.

Savio parou o carro na calçada em frente a um café e saiu sem outra palavra. Saí rapidamente e imediatamente percebi que o Sávio da mansão ou do carro não era o Sávio que o mundo exterior via. Sua expressão endureceu, não tão cruel quanto a de Remo e não tão fria quanto a de Nino, mas o suficiente para provocar um arrepio nas minhas costas. Ele não aparecia mais um adolescente. Ele parecia um homem.

Ele me surpreendeu quando se aproximou. Eu dei a ele um olhar curioso. — Eu deveria te proteger. Não vou ser aquele que terá a bunda chutada por Nino porque algo aconteceu com você.

Eu duvidava que Nino se importasse. Talvez ele ficasse descontente porque sua posse tinha sido danificada ou talvez até preocupada que isso colocaria em risco a trégua com a Famiglia. — Eu pensei que Las Vegas era segura.

— É, — disse Savio, seus olhos examinando a calçada e a rua. Os poucos transeuntes pareciam turistas, embora não estivéssemos perto da Strip. — Mas desde que a Outfit atacou, somos mais cuidadosos.

Isso fazia sentido. Ser atacado em seu próprio território deve ter sido um duro golpe. Savio fez sinal para eu segui-lo em direção ao café e tentei ficar perto dele. Ele não me deixava tão nervosa quanto Remo, o que era um alívio. Ele segurou a porta aberta para mim, e eu entrei. A barista atrás do balcão me deu um sorriso, mas caiu no segundo em que Savio entrou.

Ele caminhou em direção ao balcão. Depois que pedimos café para levar e alguns donuts, nos afastamos para esperar pelo nosso pedido. As mãos da barista tremiam tanto que ela continuava derramando o leite. Seus olhos continuavam olhando para Savio e de vez em quando para mim. Eu não pude deixar de me sentir mal.

— Todo mundo por aqui tem medo de você e seus irmãos? — Eu perguntei quando estávamos voltando para o carro. Tomei um gole do meu café, observando Savio.

— Não, todo mundo não. O irmão dela nos deve dinheiro. Ele recebeu uma visita do Fabiano recentemente. É por isso que ela estava assim.

No momento em que prendi o cinto, Savio puxou o carro para longe do meio-fio. Ele desajeitadamente dirigiu o carro com o copo encravado entre as pernas porque não havia porta-copos.

Tomei um gole e levantei a caixa com os donuts. — Comer em seu carro está fora dos limites?

— Não. Dê-me um com cobertura de limão. O pessoal da limpeza pode limpar as migalhas.

Entreguei-lhe um dos donuts e peguei um simples para mim. Eu dei uma mordida e ficamos em silêncio. Eu olhei para ele novamente.

— O quê? — Ele murmurou.

— Você mudou quando estávamos lá fora.

Savio estreitou o olhar para mim. — Nós, os Falcones, precisamos exibir certa imagem do lado de fora. Até Adamo sabe disso. Você deve se lembrar disso também.

— Eu? — Eu perguntei, surpresa.

— Você é uma Falcone agora, não é?

Eu assenti. — Sim. Você está certo. — Uma Falcone. Levaria muito tempo para aceitar o fato de que eu fazia parte da família mais notória dos EUA.

Savio estacionou. — Eu tenho que lidar com alguns negócios, mas você tem que vir junto.

Eu rapidamente esvaziei meu café e segui Savio. Nós estávamos na frente de um restaurante italiano chamado Capri. — Como eu disse, esse restaurante pertence a um de nossos soldados. Seu filho é amigo e também soldado.

Desta vez, quando entramos no restaurante sombrio, as reações foram bem diferentes. Nenhum medo ou mãos trêmulas. O restaurante ainda não havia aberto. Dois caras em torno da idade de Savio e dois homens mais velhos estavam sentados em torno de uma mesa e discutiam sobre algo. Todos olharam para nós no momento em que

entramos. Eles acenaram para Savio, mas depois seus olhos estavam colados em mim. Desconfortável sob o seu escrutínio, eu tive que lutar contra o desejo de baixar o meu olhar, lembrando as palavras de Savio.

Ele caminhou em direção aos homens, e eu segui alguns passos atrás, sem ter certeza se deveria ficar ao seu lado quando ele logo teria que discutir negócios. Os mais novos se levantaram. Ambos abraçaram Savio e bateram no ombro dele. Então o alto e volumoso soltou um assobio baixo. — Boa captura, Savio. Garota nova para a semana?

Sávio olhou para mim e eu podia sentir o calor nas minhas bochechas. Quando ele se voltou para os homens, seu sorriso diminuiu. — Ela é a esposa de Nino.

Seguiu-se um silêncio constrangedor, e o sujeito volumoso ruborizou, o que pareceu divertir Savio se a contração de sua boca fosse uma indicação. Um dos homens mais velhos levantou-se e atingiu o adolescente na parte de trás da cabeça. — Peça desculpas agora, Diego!

— Eu não quis ser desrespeitoso, — Diego murmurou.

— Ainda bem que Nino não está aqui, — disse Savio com um encolher de ombros. — Ele é um bastardo possessivo.

Nino era? Ou fazia parte da aparência externa que os Falcones queriam apresentar. Eu não tinha certeza. Eu não conhecia Nino.

— Por que você não se junta a nós? Tenho certeza de que nosso cozinheiro pode preparar uma refeição rápida para você? — O homem mais velho disse. Ele e Diego compartilhavam os mesmos traços faciais, pai e filho, eu assumi.

Savio inclinou a cabeça em concordância e afundou em uma das cadeiras, em seguida, empurrou a que estava ao lado dele para eu sentar. Sentei-me feliz por os homens agora estarem propositadamente tentando evitar olhar para mim, embora isso também parecesse esquisito.

— Vá até a cozinha e diga que temos convidados, Diego, — disse o pai.

Quando Diego voltou, ele não parecia mais tão abalado e acabou superando seu choque inicial. — Então você é prima do Vice?

Agora toda a atenção deles estava de volta em mim.

— Eu sou, mas Luca tem muitos primos.

— Como ele é? — Diego perguntou.

Seu pai olhou para ele e Savio revirou os olhos.

— Ele é um Capo forte. Impiedoso e bem respeitado.

— Ninguém é mais forte que o nosso Capo, — disse Diego, e todos os homens assentiram. Os olhos de Savio se iluminaram com orgulho.

Eu balancei a cabeça porque era esperado de mim. Eu não tinha certeza de quem era mais forte, Remo ou Luca. Remo tinha a vantagem de ter três irmãos ao seu lado, mesmo que Adamo ainda não estivesse iniciado.

— Estou aqui para discutir o ataque ao seu outro restaurante, Daniele. Você tem alguma pista sobre quem fez isso?

— Eu não sei. Alguns anos atrás eu teria dito a Bratva, mas desde que você os expulsou da cidade, isso parece improvável.

— Talvez eles estejam pensando em voltar, — sugeriu Diego.

— Deixe-os tentar, — disse Savio ferozmente. — Vamos abater todos eles.

A porta da cozinha se abriu novamente. Uma mulher gorducha e uma garota por volta de treze ou catorze anos, com cabelos longos e escuros e olhos verdes surpreendentes, atravessaram, cada um carregando uma bandeja com doces, pão e queijo. A garota era meio moleca e seus olhos se estreitaram quando me viu. Ela colocou a bandeja no centro da mesa.

— Quem é essa? — Ela perguntou curiosa, acenando em minha direção.

A mulher fez um barulho de silêncio.

— Eu sou Kiara, a esposa de Nino, — eu disse, e ela relaxou. Seus olhos se voltaram para Savio, e soube porque ela estava preocupada comigo. — Então, Savio, — disse ela. — Quando você vai lutar comigo como prometeu?

— Eu nunca prometi nada, — disse Savio com um sorriso.

— Gemma, pare de incomodá-lo. Savio não tem tempo para brincar com garotinhas irritantes — murmurou Diego.

Ela alcançou a mesa e deu um soco no ombro dele. Ele tentou agarrá-la, mas ela correu para longe antes que ele pudesse, mostrando a língua para ele. Então, com um último sorriso para Savio, ela deslizou pela porta da cozinha. Fiquei aliviada ao ver que nem todos em Las Vegas tinham pavor dos Falcones.

Quando voltamos para a mansão no início da tarde, eu estava mais relaxada do que em semanas.

— Obrigada por passar o dia comigo, — eu disse quando entramos na sala de estar.

Sávio me deu um olhar estranho. — Não é como se fosse minha escolha, mas você é muito menos incômoda do que a maioria das mulheres.

Minhas sobrancelhas se ergueram. — Umm, obrigada?

Ele acenou com a cabeça para Adamo, que estava relaxado no sofá, com fones nos ouvidos, jogando videogame. — É a vez dele agora.

Com isso ele se afastou, deixando-me ali de pé. Eu me senti como a irmãzinha incômoda que foi entregue de um irmão mais velho para o próximo, o que era idiota, já que ambos eram mais novos que eu.

Adamo levantou um dos fones de ouvido. — Quer se juntar a mim?

Olhei para a tela. Ele estava jogando um jogo de corrida. Eu nunca tinha jogado videogame porque meu tio e minha tia não possuíam consoles, e não achava que fosse algo que eu gostaria. Eu balancei a cabeça de qualquer maneira e sentei em frente à Adamo. Até agora, mal tinha falado com o Falcone mais novo. Ele era o mais acessível do grupo, quase normal, exceto pelo fato de que uma arma descansava ao lado dele no sofá.

Ele baixou os fones de ouvido. Seu cabelo castanho encaracolado era uma bagunça sem esperança. Eu acho que ele não se incomodou em escová-lo depois de levantar esta manhã. — Espero que Savio não tenha sido um idiota. Se foi, não se preocupe. É o jeito dele.

— Ele foi legal, — eu disse.

Adamo me lançou um olhar duvidoso, seus olhos castanhos muito mais gentis do que os de seus irmãos. — Você já jogou este jogo?

— Eu nunca joguei nenhum tipo de jogo.

Seus olhos se arregalaram. — Merda. Mesmo?

Eu sorri. — Eu suponho que é algo que eu não deveria perder.

— É melhor sentar ao meu lado para que eu possa explicar o controle para você.

Levantei-me e Adamo colocou a arma na mesa na frente dele para que eu tivesse espaço para me sentar. Por um momento, hesitei. Adamo fez uma careta. — Você não precisa ter medo de mim.

Eu me sentei mais perto do que teria com qualquer um dos seus irmãos. Adamo era um garoto, mesmo sendo mais alto que eu.

Ele estendeu o controle. Peguei com um sorriso honesto. — Eu temo que você tenha que começar com o básico. Sou completamente sem noção.

— É fácil, — ele prometeu com um sorriso. Ele apontou para os botões e explicou pacientemente.

Não foi uma grande surpresa que eu fosse absolutamente horrível. Eu constantemente bati meu carro contra a parede.

Quando Nino chegou em casa mais tarde naquela tarde, o rosto de Adamo estava vermelho de tanto rir da minha falta de habilidade em vídeo games.

O olhar frio de Nino passou entre seu irmão e eu. — Se divertindo?

Eu balancei a cabeça, mas logo meu sorriso diminuiu. Nino ainda me deixava nervosa com sua indiferença fria. Não tinha como adivinhar o que estava se passando pela sua cabeça. Ele me surpreendeu quando veio em nossa direção e sentou-se ao meu lado. Ele me olhou por um momento mais antes de dizer: — Se você quiser, eu posso assumir.

Eu lhe alcancei o controle, e ele pegou, as pontas dos dedos dele escovando minha pele. Eu tremi levemente no contato. Nino recostou-se, o controle na mão, mas estreitou os olhos para mim por um breve

momento. Não foi por raiva, eu sabia disso agora. Ele estava tentando me entender.

Adamo não parecia muito satisfeito por ter que jogar com Nino. Não demorou muito para que eles estivessem em uma batalha séria, incluindo comentários sarcásticos de Nino e xingamentos fervorosos do Adamo.

Um pequeno sorriso puxou meus lábios. Meus irmãos e eu nunca fomos próximos. Era bom ver que, apesar de tudo, os irmãos Falcone tinham conseguido manter uma família. Eu só queria descobrir um jeito de me sentir parte disso.

Capítulo Doze

NINO

Assim como fazia todos os dias, levantei-me às seis da manhã e peguei meu calção de banho. Kiara se mexeu atrás de mim, então segui até o banheiro para me trocar. Eu usava cuecas à noite para seu benefício, e isso parecia ter diminuído sua ansiedade ao meu redor. Ela ainda era cautelosa na cama comigo. Eu não sabia por que ela achava que a cama era um lugar particularmente perigoso. Se eu quisesse transar com ela, também poderia fazê-lo na sala de estar ou em qualquer outro cômodo da casa.

Ao voltar para o quarto, Kiara estava encostada na cabeceira da cama, as cobertas reunidas em volta da cintura, o cabelo escuro em todas as direções. Seus ombros e braços delgados estavam à mostra, e sua camisola fina fazia pouco para esconder o contorno de seus mamilos. Meu corpo definitivamente queria reivindicá-la, mas teria me dado pouca satisfação ter seu corpo em choque e aterrorizado sob o meu.

— Bom dia, — disse ela em uma voz ligeiramente mais profunda, o que acrescentou ao seu apelo sexual. Eu podia sentir uma agitação traidora no meu pau, mas a suprimi rapidamente.

— Estou saindo para o meu mergulho matinal. Quando terminar, podemos sair. Quero lhe mostrar a cidade como prometido e, no início da manhã, é menos cheia.

Ela assentiu. — Vou me arrumar. — Meus olhos demoraram-se no inchaço de seus seios. Então me virei e saí. A água fria me faria bem.

Ela ficou quieta ao meu lado enquanto eu dirigia pela Strip. Era onde todas as turnês de Las Vegas deveriam começar, mas meus

lugares favoritos ficavam à margem, especialmente os cânions e riachos. Os olhos de Kiara foram atraídos pelos hotéis espetaculares ao longo da rua em ambos os lados, mas ela não parecia tão impressionada. — Você não está gostando da turnê? — Perguntei.

Ela balançou a cabeça rapidamente. — É fascinante, mas não sou do tipo da cidade. Eu prefiro paisagens e tranquilidade.

— Então vamos mudar nossos planos. — Eu virei o carro e saí dos limites da cidade e em direção ao Red Rock Canyon.

Os olhos de Kiara se arregalaram quando as brilhantes formações rochosas se ergueram ao nosso redor.

— Este é um lugar que gosto de visitar quando estou com vontade de escalar montanhas.

— Você escala? — Ela perguntou.

— Escalada e caminhada. É um bom treino com a vantagem adicional de estar na natureza. — Dirigi-nos ao longo do circuito panorâmico, mas acabei parando em um mirante no topo. Kiara e eu saímos e nos sentamos em um dos bancos. Ela ficou em silêncio enquanto olhava as montanhas multicoloridas ao nosso redor. Sua expressão era tão pacífica quanto quando tocava piano. Nenhum medo ou tensão ou preocupação.

— Lindo, — ela sussurrou.

— É, — eu concordei, olhando diretamente para ela.

Ela se virou para mim e sorriu. — Obrigada por me trazer aqui. Eu prefiro a cidade.

— Eu venho sempre que posso, o que não é muito frequente. Agora que estamos prestes a atacar a Outfit, haverá ainda menos tempo. Sempre há uma luta para vencer, um inimigo para caçar ou uma cidade para conquistar ou defender.

Ela franziu os lábios. — Não é cansativo lutar o tempo todo? Você lutou por anos para ganhar seu território de volta, certo?

— Nós lutamos. Depois que nosso meio-irmão matou nosso pai, Las Vegas estava em frangalhos. Sem um Capo forte, todos os Subchefes no Ocidente decidiram fazer o que quisessem. Eles não

seguiram a liderança de Vegas porque havia um novo Capo na cidade a cada poucos meses.

— Há quanto tempo você está no poder?

— Quase cinco anos, mas Remo está no poder. Eu sou seu Consigliere.

Kiara sacudiu a cabeça, brincando com o tecido fino do vestido distraidamente. — Vocês governam juntos. Vocês fazem tudo juntos.

— Remo ainda é o Capo e isso é bom. Ele está destinado a governar.

Ela franziu seu lábio inferior novamente. Peguei a mão apoiada em sua coxa e pressionei meu polegar contra seu pulso. Sua pulsação não estava rápida o suficiente para o medo.

Suas sobrancelhas formaram um V quando ela olhou para o meu dedo contra seu pulso e depois para o meu rosto. — Não faria mais sentido ter alguém dirigindo a Camorra que não deixe as emoções anularem a lógica?

— Não. Nossos soldados se espelham em Remo. Sua brutalidade feroz, sua raiva descontrolada e lealdade apaixonada... isso é algo que eles buscam em um líder. Não a lógica. Os humanos não querem lógica. Eles querem sentimentos.

— Eu acho.

KIARA

Eu me sentei acordando de um pesadelo e percebi que estava sozinha na cama. Meus dedos procuraram no meu criado mudo pelo meu telefone até que finalmente a tela se iluminou sob o meu toque. Eram duas da manhã. Confusa, sentei-me. Nino sempre vinha para a cama comigo então onde ele estava? Desde a nossa turnê pelo Red Rock Canyon dois dias atrás, eu só o via no jantar todas as noites, onde pedíamos pizza ou macarrão. Além de comer juntos, passei meus

dias sozinha na biblioteca, enquanto minhas babás, Savio ou Adamo, ficavam em algum lugar da casa.

Agora bem acordada, decidi ir à cozinha pegar algo para beber e talvez uma maçã. Eu duvidava que a cozinha tivesse sido usada antes. Todas essas noites pedindo comida tinham reduzido seriamente minha ingestão de frutas e vegetais, e eu estava com fome apesar da hora tardia. Coloquei um roupão de banho e saí do nosso quarto, em seguida, continuei para o andar de baixo. A porta do corredor de conexão estava fechada, o que era estranho, mas abri-a em silêncio, com cuidado para não acordar ninguém. Eu atravessei o corredor de ligação e fui para a cozinha, onde peguei um copo de água e uma maçã. Então comecei a voltar para o nosso quarto.

Um barulho estranho me fez parar por um instante. Eu não consegui identificá-lo. Através da escuridão, lentamente me arrastei na direção do som. Uma luz fraca da sala de jogos iluminava o corredor. Talvez Adamo estivesse jogando algo. Ele parecia não fazer mais nada quando estava em casa.

Saí do corredor escuro e congelei, meu corpo se contorcendo em choque. O meu cérebro levou um segundo para compreender o que estava acontecendo. Remo tinha uma mulher inclinada sobre a mesa de bilhar, segurando-a pelo pescoço, enquanto ele batia nela por trás. Ela gemia alto apesar de sua bochecha estar pressionada contra a mesa. No outro extremo da sala, uma mulher estava de joelhos na frente de Savio, com a mão agarrando seus cabelos loiros, guiando seus movimentos.

O copo escorregou da minha mão e quebrou aos meus pés quando o pânico encheu meu corpo. Os olhos de Savio e Remo se concentraram em mim. Eu tentei girar e correr, mas meus pés escorregaram na água derramada, e eu caí de bunda. A dor cortou minha coxa, uma queimação aguda que parou minha respiração, mas não meu corpo.

Lutando para ficar de pé, eu saltei, meus pés descalços escorregando enquanto eu lutava pelo equilíbrio. Minha respiração saía em suspiros curtos, minha visão ficando preta nos cantos. Eu mal podia respirar de medo quando corri para o quarto principal e tranquei a porta. Então entrei no banheiro. Por um momento tive certeza de que vomitaria, mas depois que joguei água no meu rosto, minha náusea cessou. Eu não conseguia me livrar da sensação de estar suja. Eu sabia

que era apenas em minha mente, que trouxe as memórias que assombravam minhas noites.

Uma pontada aguda na parte interna da minha coxa chamou minha atenção momentaneamente, e eu olhei para baixo. O sangue escorria pela minha perna. Filetes vermelhos deslizavam pela minha pele.

Comecei a tremer, lembranças mais horríveis ressurgindo e pressionando meu peito.

Lentamente, levantei minha camisola para encontrar um pedaço de vidro na parte superior da coxa. Eu agarrei a pia. O sangue cobria minhas pernas como há tantos anos atrás. Eu continuei imaginando Remo e Savio com aquelas mulheres.

Tremendo, incapaz de ficar de pé, afundei no chão.

O som da porta do quarto sendo aberta se registrou em minha mente nebulosa, e então duas fortes pernas masculinas entraram em foco. Nino entrou, usando apenas cueca.

— Kiara?

NINO

Savio invadiu o quarto sem bater, puxando as calças no processo. Parei e a prostituta de joelhos diante de mim lançou um olhar por cima do ombro.

— Qual é o problema? — Perguntei.

— Sua garota entrou e viu nós fodendo as prostitutas. Ela enlouqueceu.

— Porra. Eu não te disse para levar sua foda para um quarto?

— Nós estávamos em uma sala. E por que deveríamos nos esconder em nossa própria casa? — Savio murmurou.

Eu saí da bunda da prostituta, peguei minha cueca e coloquei-a antes de seguir Savio de volta para a sala de estar.

Remo parou de foder sua puta quando me viu. — Você fica assim. Eu não terminei com você, — ele rosnou quando soltou o pescoço da mulher, puxando para fora dela e vindo em minha direção, sem se preocupar em se cobrir.

Fragmentos e água, bem como sangue, cobriam o chão. Não havia muito sangue, no entanto, para ter sido algo sério. — O que aconteceu aqui?

— Ela entrou em pânico, caiu e se cortou, — disse Remo. — Você precisa lidar com ela.

Deixei-o ali de pé e fui para o quarto principal, mas encontrei a porta trancada. — Kiara?

Sem resposta. Eu não tinha certeza do quanto ela estava machucada. Um pedaço de vidro pode causar ferimentos graves, dependendo de onde cortou. A quantidade de sangue no chão não me deu motivo para preocupação, mas se ela tivesse removido o vidro sem verificar sua posição, poderia sangrar em poucos minutos.

Quando ela não respondeu depois de outra batida mais forte, eu chutei a porta e entrei. O quarto estava vazio, então continuei até o banheiro. Manchas de sangue cobriam o mármore creme, e Kiara estava sentada no chão, olhando para si mesma.

Eu me aproximei. — Kiara?

Eu tinha visto um olhar semelhante em seu rosto em nossa noite de núpcias. Seu passado segurou-a em um aperto implacável mais uma vez. Sangue cobria o interior de sua perna, mas sua camisola escondia a fonte do meu ponto de vista. Sabia que ela não iria lidar bem com o meu toque, mas não poderia levar isso em consideração quando ela tinha uma ferida que precisava ser tratada.

Eu me inclinei e peguei-a. Ela ficou tensa e fez um pequeno som no fundo da garganta, mas não reagiu de outra forma. Eu a ergui na superfície de mármore da pia.

— Kiara, olhe para mim, — eu ordenei com firmeza, e ela levantou os olhos para encontrar os meus. Ela não estava tão longe quanto em nossa noite de núpcias, mas não tinha certeza do que causara seu

episódio. A visão de meus irmãos fodendo suas putas, o sangue em suas pernas, ou uma combinação dos dois.

— Eu preciso dar uma olhada em sua ferida.

Ela piscou para mim, em seguida, deu um pequeno aceno de cabeça, mas não tinha certeza se ela realmente registrou o que eu disse. Seus cachos escuros estavam presos na testa suada. Abri a gaveta e peguei um kit de primeiros socorros, em seguida, peguei um pano, encharquei-o com água fria e limpei o rosto de Kiara com ele. Ela estremeceu, mas seu olhar ficou mais focado. Larguei o pano e estendi a mão para a bainha de sua camisola. Ela enrijeceu e sua respiração mudou. *Medo*.

Eu procurei o rosto dela. Ela estava me observando com os olhos arregalados, o peito subindo e descendo rápido. Ela não me impediu, no entanto. Empurrei o tecido até que ele se agrupou em torno de sua pélvis. Eu podia ver a ponta de um pedaço de vidro, mas com as pernas fechadas, não consegui dar uma boa olhada. Eu coloquei minhas mãos em seus joelhos e pressionei. Ela resistiu. Eu poderia tê-los separado, mas isso parecia uma escolha imprudente dado o seu passado.

— Kiara, — eu disse com firmeza, — eu preciso dar uma olhada nisso.

Os músculos de suas pernas suavizaram sob as palmas das minhas mãos e finalmente pude afastar suas pernas, revelando uma calcinha de renda branca e um estilhaço saindo da pele sensível na parte superior interna da sua coxa. — Incline-se um pouco para trás. — Ela fez e eu apoiei a perna machucada para o lado, abrindo-a.

Ela respirou fundo.

— Relaxe. Vou cuidar da sua ferida, isso é tudo, Kiara.

— Eu sei, — ela sussurrou.

Desinfetei minhas mãos. O vidro não estava muito profundo pela aparência dele, mas teria que sentir para ter certeza. — Isso pode doer um pouco, — eu avisei antes de sentir a área ao redor do vidro com as pontas dos meus dedos. Ela se encolheu violentamente, choramingando. Eu olhei para cima e vi lágrimas em seus olhos.

Ela era muito sensível à dor. Eu lidava principalmente com meus irmãos ou Fabiano quando tratava de feridas, então não tinha levado a

tolerância dela em consideração. Não tínhamos nenhum spray anestésico e o Tylenol não ajudava com a dor imediata.

— Kiara, eu preciso remover o vidro. Vai ser doloroso. Eu vou fazer isso rapidamente. — Não disse a ela que ainda teria que costurar a ferida. Mais más notícias após a lesão inicial.

Ela engoliu em seguida, deu um pequeno aceno de cabeça. Eu agarrei a ponta do fragmento com meus dedos e espalmei minha mão livre ao redor do quadril de Kiara para firmá-la, pressionando entre suas pernas para que ela não fosse capaz de fechá-las. Sua respiração engatou, mas não dei tempo para ela reagir. Arranquei o caco em um movimento rápido.

Ela gritou, oscilando violentamente em meu domínio. Ela mergulhou para frente e encostou a testa no meu peito, ofegante, ainda tremendo. Escovei meu polegar sobre sua lateral. — Isso foi o pior, — eu disse. Ela não reagiu. — Kiara, você precisa se inclinar para trás para que eu possa dar uma olhada em sua ferida agora.

Lentamente, ela se endireitou. Seu rosto estava pálido e as lágrimas corriam por suas bochechas. Larguei o caco na pia e me agachei na frente de Kiara para dar uma olhada melhor no corte. Ele começou a sangrar novamente porque o vidro foi removido. Como esperado, não era muito profundo. Limpei cuidadosamente, ignorando a hesitação de Kiara. Não tinha certeza se era de dor ou de medo porque meus dedos tinham que trabalhar perto de onde ela se sentia mais vulnerável. Quando peguei a agulha para costurá-la, ela exalou bruscamente.

Eu olhei para ela. — Você já foi costurada?

Ela balançou a cabeça.

Seria muito desconfortável para ela. Realmente não havia como evitar. A ferida precisava de pontos e eu não podia levá-la a um hospital ou ligar para um dos médicos da Camorra. Primeiro porque não envolvíamos pessoas de fora e segundo porque eu não confiava que esses homens fizessem um trabalho melhor do que eu. Eu observei sua ferida novamente. Cinco pontos bastariam e eu seria rápido.

Kiara choramingou, mas por outro lado não fez nenhum som quando trabalhei a agulha em sua carne. Seus músculos da coxa se agitaram sob a agulha, e eu pressionei minha palma sobre eles para que o movimento não estragasse meu trabalho de costura.

— Feito, — eu disse finalmente e me endireitei antes de lavar as mãos. Então peguei uma toalha nova e limpei o excesso de sangue das pernas de Kiara.

Kiara ainda estava muito quieta. Eu cutuquei seu queixo para cima, então ela teve que encontrar o meu olhar. — O que aconteceu?

Seus olhos se afastaram.

— Você pegou meus irmãos fazendo sexo. — Especialmente Remo. Kiara não precisava vê-lo em ação.

Ela exalou.

— Trouxe de volta memórias?

— Sim, — ela murmurou.

— Eu vou ter uma conversa com eles para manter suas atividades em suas partes da casa a partir de agora, — eu disse a ela. Remo não gostaria dessa porra, nem Savio, mas Remo era o que eu precisava convencer.

— Onde você estava? — Ela perguntou em uma voz suave.

Eu avaliei sua expressão, mas seus olhos estavam baixos e era óbvio que ela estava tentando manter seu rosto impassível. — Nós concordamos que eu buscaria prazer em outro lugar, Kiara. Ou você mudou de ideia? — Ela não parecia estar pronta para se submeter a mim na cama ainda.

— Não, — ela disse baixinho, mas notei a hesitação.

— Mas?

— Sem, mas, — ela disse com mais firmeza.

— Ok. — Era óbvio que algo ainda estava a incomodando, mas ela não estava disposta a compartilhar. Entreguei a ela dois Tylenol, que ela colocou em sua boca. — Por que você não volta para a cama?

Eu a levantei do balcão e a levei para o quarto. Ela ainda estava um pouco instável em suas pernas. Ela subiu sob as cobertas e deitou-se. — Você não vai se juntar a mim?

Eu parei. Pretendia voltar para a prostituta que estava fodendo antes de Savio ter me interrompido, mas algo nos olhos de Kiara me fez

deslizar sob as cobertas com ela. A prostituta eventualmente perceberia que eu não voltaria. Talvez Savio ou Remo tivessem uso para ela. Não conseguia entender as razões de Kiara por querer que eu ficasse. Ela deitou de costas, mas com a cabeça inclinada para mim. Eu apaguei as luzes.

— Você pode me dizer algo sobre si mesmo que eu não saiba ainda? — Veio à voz suave da escuridão.

— O *que* você sabe sobre mim?

Houve silêncio por um momento. — Eu sei que seu pai era Capo antes de Remo assumir. Eu sei que você e seus irmãos moraram na Inglaterra por um tempo, mas voltaram para os Estados Unidos para recuperar seu território depois que seu pai foi morto por seu Executor, Growl. Eu sei que você é um gênio.

Isso era o básico. Foi difícil decidir que tipo de informação divulgar neste momento. — Eu falo cinco idiomas fluentemente. Russo, italiano, inglês, espanhol e francês.

— Deixe-me adivinhar, — disse ela. — Russo e espanhol para que você possa lidar melhor com a Bratva e o Cartel.

— Isso é verdade. Não faz sentido torturar alguém por informação se você não entende o que estão dizendo. Isso nega o propósito.

Kiara soltou um pequeno ruído, mas eu não sabia dizer se era uma risada sufocada ou um bufo.

— Por que francês?

— Por causa da União da Córsega no Canadá. Eles não estão envolvidos em nossos negócios até agora, mas é bom estar preparado. Seu território é próximo ao de Dante. Ele pode procurar o apoio deles.

— Existe alguma coisa que você faz que não sirva a um propósito ou é ilógico? Algo que você faz porque gosta disso?

— Há muitas coisas. Sexo, por exemplo. — Eu não precisava enxergar Kiara para saber que ela endureceu novamente. — Embora alguém possa argumentar que isso serve ao propósito de me relaxar. Talvez caminhadas e escaladas.

— Eu gostaria de fazer uma caminhada um dia, — disse ela.

— Há alguns cânions menores ao redor de Las Vegas que são bons para caminhadas, e o Red Rock Canyon tem algumas trilhas que são mais avançadas. Posso te levar algum dia. Ou você poderia ir escalar montanhas comigo.

— Eu não sou muito apta, então vá com calma comigo, — disse ela, em seguida, bocejou.

— Durma agora, — eu disse a ela.

— Tudo bem, — ela sussurrou, sua voz já pesada de sono. — E, Nino, obrigada por tudo até agora.

Eu fiz uma careta no escuro. Não sabia o que ela tinha que me agradecer.

Na manhã seguinte, Kiara ainda estava em um sono profundo quando me levantei e fui para a piscina para a minha natação. Depois, fui para a nossa sala de jogos, onde encontrei Remo estendido no sofá, com uma xícara de café na mão. Ele estava ao telefone, parecendo irritado. Ninguém havia limpado os cacos e o sangue ainda, e se eu não fizesse isso, ninguém o faria até que o pessoal da limpeza viesse amanhã.

— Não se preocupe. Essa entrega vai passar. Nós sempre mantemos nossa palavra. Você apenas se certifique de manter a sua, — Remo murmurou antes de desligar.

— Famiglia?

— Matteo *fodido* Vitiello. Aquele filho da puta me deixa nervoso.

— Porque você tem um temperamento similar, — eu disse.

Remo estreitou os olhos. — Então, como está sua esposa? Ela superou o choque de ver como se fode corretamente?

— Eu tive que costurá-la porque ela foi cortada por um copo. Eu acho que seria sensato manter suas atividades sexuais em sua própria

ala. Agora que Kiara vive sob o mesmo teto, o risco é alto demais que ela pegue você novamente.

— Esta é a minha casa. Nós não temos empregadas domésticas porque não queríamos nos sentir como se estivéssemos sendo vigiados em nossa casa, e agora você quer que eu me esconda na minha própria ala quando quiser foder uma prostituta?

Eu afundei na frente dele. — Não transforme isso em um negócio maior do que é. Você tem lugares mais do que suficientes para foder, Remo. Quando Adamo era mais novo, éramos mais cuidadosos também e você podia lidar com isso.

— Sua esposa é uma mulher adulta. Ela não deveria ser capaz de lidar com isso?

— Você sabe por que ela não o faz. Ela tem cicatrizes do passado e, mesmo que não tivesse, não quero que ela veja você ou Savio fodendo. Ela não precisa ver o seu pau.

Remo riu. — Ela não vê o seu também. Talvez seja esse o problema. Talvez você possa foder o passado bagunçado fora dela.

Remo estava tentando me irritar, e apesar da minha falta de emoções, eu estava ficando cansado dessa discussão. — Eu nunca peço favores, Remo, mas estou te pedindo.

A expressão de Remo ficou séria. — Por que você dá a mínima para ela?

— Como eu lhe disse antes, ela agora faz parte da família. Assim como protegemos Adamo e Savio, devemos proteger Kiara agora. Ela é inocente e à nossa mercê, e devemos tratá-la como ela merece, como minha esposa e como uma Falcone.

Remo sacudiu a cabeça e pousou a xícara de café com um ruído audível, derramando um pouco do líquido sobre a mesa. — Porra. Você elaborou esse discurso agora? Mas se você está me pedindo para fazer isso, eu farei. Savio vai ficar puto por causa disso, tenho certeza.

O som do movimento nos fez ficar em silêncio. Eu sabia, pelo passo suave, que só podia ser Kiara. Adamo pisoteava a casa para nos aborrecer e os passos de Savio eram mais confiantes. Seus passos eram lentos e hesitantes, como se ela estivesse preocupada com o que encontraria na sala de estar hoje de manhã.

— A barra está limpa, — gritou Remo. — Nenhuma foda acontecerá aqui nunca mais.

Atirei-lhe um olhar, mas ele me deu um sorriso torcido.

Kiara emergiu do corredor de ligação. Seus olhos pousaram nos cacos e seu sangue derramado no chão. Uma cor rosa encheu suas bochechas. Ela olhou para Remo, em seguida, rapidamente para mim. — Onde tem um esfregão para que eu possa limpar isso?

Eu levantei. — Deixe-me fazer isso. — Eu fui até o pequeno armário de limpeza onde nenhum dos meus irmãos já havia pisado. Eles não se importavam se a casa estava suja até o pessoal de limpeza aparecer de novo, mas eu preferia coisas limpas e organizadas. Vivendo sob o mesmo teto com esses porcos, era uma batalha perdida manter tudo limpo.

Kiara seguiu logo atrás. — Eu deveria fazer isso. Afinal, causei a bagunça.

— Seguindo essa lógica, Remo e Savio devem limpar, — eu disse.

— Isso não vai acontecer, — Remo gritou.

— Ele está com raiva? — Kiara perguntou baixinho.

— Remo está sempre com raiva. Você tem que ser mais específica que isso.

— Porque eu o perturbei e sua... mulher.

— Você não o perturbou. Confie em mim. Remo está acostumado a muita merda. Você pirando com ele não vai impedi-lo de foder uma prostituta.

Kiara ficou tenso. — Você chama todas as mulheres prostitutas?

— Não, mas é o que elas eram. Elas trabalham na Sugar Trap para nós.

Seu nariz enrugou. — Então você sempre usa prostitutas?

— Não. Mas se as coisas estão corridas, é a maneira mais fácil de fazer sexo. Encontrar uma mulher normal exige que saíamos e as encantemos. Isso é consideravelmente mais trabalho.

Kiara suspirou. — Você e seus irmãos são confusos.

Remo se levantou do sofá. — Tem alguma comida na geladeira? Estou faminto.

— Eu comprei ovos e bacon ontem. — Peguei o esfregão, uma pá e uma pequena vassoura do armário quando Remo desapareceu de vista. Kiara pegou a vassoura e a pá de lixo e caminhou um pouco rigidamente de volta para os restos do vidro quebrado no chão. Enchi um balde com água antes de segui-la.

— Como está sua ferida? — Perguntei.

— Dói, mas seus pontos parecem ter resolvido, — ela disse, sua expressão suavizando. — Você é muito bom brincando de médico.

— Tenho anos de prática costurando meus irmãos e eu, embora Remo tenha me proporcionado mais prática.

— Vocês todos têm muitas cicatrizes, — ela disse, seus olhos traçando a parte superior do meu corpo. Eu tive dificuldade em ler sua expressão. Ela não parecia perturbada pelo meu estado semivestido.

— Todo mundo tem cicatrizes. Algumas são profundas, outras vão mais além.

— Alma profunda, — ela sussurrou.

— Você está se referindo a si mesma?

Ela me viu esfregar o sangue e varrei os cacos na pá e sorrii estranhamente para mim. — Eu não acho que minhas cicatrizes vão desaparecer.

— Eles não precisam desaparecer. — Agarrei a mão dela e toquei na cicatriz acima do meu umbigo. As pontas dos dedos dela flutuaram sobre a minha pele, os olhos arregalados de choque. — Uma faca entrou aqui. Lâmina suja. A ferida não se curou por muito tempo. Por um momento, tive certeza de que não curaria. Como parece?

Ela franziu a testa. — A pele é um pouco mais dura, mas suas tatuagens encobrem tudo.

— A pele é mais dura por causa do tecido cicatricial grosso. É menos sensível à dor e ao frio e ao calor. É mais forte.

Seus olhos castanhos seguraram meu olhar. — Eu não entendo.

Eu aproximei meu rosto. — As cicatrizes que ele deixou, seu corpo pode curá-las, se você o deixar, e o resultado será mais forte do que antes.

Capítulo Treze

KIARA

Levantei-me quando Nino desapareceu no banheiro para vestir o calção de banho. Todas as manhãs, desde que me mudei há três semanas, ele seguia o mesmo ritual. Ocasionalmente, eu o observara da janela no começo até encontrar coragem para segui-lo um dia a uma semana. Agora ele sempre esperava por mim.

Ele ergueu as sobrancelhas quando me viu colocando meu roupão de banho e pegando um livro. — Pronta?

— Pronta.

Eu o segui para baixo, meus olhos correndo pelo seu corpo. Ele parecia bem em seus calções de banho. Nos últimos dias, muitas vezes eu me peguei olhando para ele. Seu corpo me fascinava, eu podia admitir isso, e tocar sua cicatriz não convocara demônios do passado como eu temia. Suas cicatrizes e tatuagens me fizeram querer descobrir a história por trás de cada uma delas. A história de Nino.

Esticando-me em uma das cadeiras de sol, observei quando Nino se dirigiu para a beira da piscina e pulou elegantemente. Ele sempre seguia a mesma rotina. Duas voltas em estilo borboleta, duas voltas nado de costas e duas voltas nado livre. Então ele repetiu tudo desde o começo. Ele nunca vacilou em seus movimentos durante os trinta minutos que nadou, e eu não li uma única palavra. Não conseguia tirar meus olhos dele, dos músculos em seus braços e costas enquanto flexionavam. Era hipnotizante e bonito, gracioso.

As manhãs de maio em Las Vegas eram surpreendentemente quentes, e eu apreciei a sensação do sol em minha pele enquanto meus olhos descansavam em meu marido.

Meu marido. Não parecia real ainda. Ele manteve sua palavra, nunca fez um movimento para me tocar, e às vezes eu me peguei imaginando como seria se ele me tocasse... se chegasse mais perto. Eu sabia que era uma possibilidade que não deveria me preocupar em imaginar.

Quando ele nadou em direção à escada, eu rapidamente levantei meu livro e voltei meu olhar para a página, mas sobre a borda do livro, eu assisti Nino sair e um pequeno arrepio percorreu minha espinha.

Depois de um momento em que Nino absorveu o sol - uma visão que sempre detinha minha respiração na garganta e enviava chamas de calor pelo meu corpo - ele se dirigiu para mim, pingando água. Eu lhe entreguei a toalha que ele colocou na cadeira ao lado da minha e tentei não agir como se estivesse secretamente o observando o tempo todo.

— Obrigado, — ele disse e começou a se secar. — Você pode usar a piscina também, sabe.

— Eu não nado há muitos anos, e nunca fui muito boa, — eu admiti, tendo dificuldade em me concentrar em seu rosto. Por alguma razão, a presença de Nino era ainda mais esmagadora quando ele parava bem na minha frente, encharcado.

— Eu posso te ensinar se você quiser, — Nino cogitou.

— Talvez daqui a algumas semanas, — eu disse rapidamente, porque não tinha certeza se estava pronta para vestir apenas uma roupa de banho ao redor de Nino, mesmo que ele já tivesse me visto nua em nossa noite de núpcias. Esse dia parecia uma vida inteira atrás.

— Eu tenho que tirar seus pontos hoje. Se eu não estivesse tão ocupado nos últimos dias reunindo informações sobre as instalações da Outfit, teria feito isso antes. Por que não fazemos imediatamente e tomamos o café da manhã depois?

Eu sorri. — Isso parece bom. — Em seguida, acrescentei rapidamente: — Não a parte sobre os pontos, mas a parte do café da manhã.

Ele estendeu a mão. Meu estômago estremeceu quando seus dedos quentes se fecharam sobre a minha pele e ele me colocou de pé. Suas sobranceiras franziram quando seu dedo roçou meu pulso, mas depois ele me soltou.

— Que tipo de informação você recolheu? — Eu perguntei quando voltamos para a casa.

— Remo está planejando um ataque a Chicago. Assumimos que o pai de Fabiano foi a força motriz por trás do ataque ao nosso território. Ele tem adeptos poderosos na Outfit, um deles é Fiore

Cavallaro, e enquanto o velho viver, Dante provavelmente não se livrará do Scuderi.

— Mas Scuderi é o pai de Fabiano. Por que ele tentaria matar seu próprio filho?

— Ele tentou matá-lo antes, quando Fabiano era criança. Remo o encontrou pouco depois, e Fabiano faz parte de nossa família desde então. Scuderi guarda rancor contra seus filhos. Tenho certeza de que você sabe a história da guerra entre a Outfit e a Famiglia.

— Claro. A irmã de Fabiano, Liliana, matou o marido com a ajuda de um soldado da Famiglia e fugiu.

— Scuderi quer salvar sua honra, é o que Fabiano acredita.

Eu fiz uma careta. — Mas o que isso tem a ver com você coletando informações?

— Como eu disse, pretendemos realizar um ataque no verão. É nosso objetivo pegar Scuderi, então Fabiano pode matá-lo e podemos enviar seus restos mortais de volta a Cavallaro como presente.

Isso soou como um plano insano. Sequestrar o Consigliere da Outfit era uma tarefa impossível. Homens assim sempre estavam cercados por soldados e seguranças. Chegamos ao nosso banheiro, e eu fiquei desajeitadamente ao lado da pia enquanto Nino tirava os instrumentos que precisava para tirar meus pontos. — Onde eu me sento?

— Eu vou te levantar no balcão. Dessa forma não tenho que curvar muito.

Nino se aproximou e seu cheiro limpo e viril inundou meu nariz. Minhas bochechas aqueceram, e pulei quando suas mãos fortes tocaram minha cintura enquanto ele me levantava no balcão da pia como se eu não pesasse nada. Abri o roupão e esperei nervosamente.

Nino tocou meus joelhos e eu fiquei imóvel. Seu toque era leve, proposital - nada sexual, mas uma mistura de medo e excitação disparou através de mim de qualquer maneira. A última me pegou de surpresa, mas Nino não me deu muito tempo para considerar isso porque cutucou minhas pernas. A reação natural do meu corpo ao fechamento durou apenas um momento. Então permiti que ele

separasse minhas coxas para que pudesse dar uma olhada na minha ferida.

Minhas bochechas ficaram quentes quando ele se agachou diante de mim e empurrou minha camisola para cima, dando-lhe uma visão clara da minha calcinha. Era uma posição vulnerável, mas apesar do nervosismo me atravessando, meu medo era apenas uma voz distante no fundo da minha mente, onde enterrei minhas memórias mais dolorosas.

Os dedos de Nino foram gentis e clínicos quando ele examinou minha ferida. — Ainda dói?

Eu balancei a cabeça, surpresa pelo formigamento claro que seu toque causou. Esperava que Nino não percebesse como meu corpo reagiu a ele.

Ele foi muito cuidadoso quando tirou os pontos, então só doeu um pouco. Quando Nino puxou o último ponto, seus olhos observaram a pequena cicatriz e ele passou o polegar sobre ela. Minha respiração ficou presa na garganta pela sensação que percorreu todo o caminho até o meu centro. Eu nunca tinha experimentado nada parecido.

Nino se endireitou. — Tudo feito. A pequena cicatriz vai desaparecer.

— Não é como se alguém além de você vá ver, — eu disse, e sua expressão se tornou estranhamente intencional.

— Isso é verdade.

Ele agarrou minha cintura novamente e me colocou no chão. Desta vez suas mãos demoraram na minha cintura um pouco mais, e eu senti meu estômago revirando novamente. Mas Nino afastou as mãos. Ele apontou para o chuveiro. — Eu vou tomar banho agora. Depois disso, podemos fazer o café da manhã.

Saí, mas escutei o som da água corrente, confusa pela minha reação ao corpo de Nino e sua proximidade. Ele ainda me intimidava por causa de sua força, frieza e reputação, mas parte de mim passou a confiar um pouco nele. Nino nunca fizera nada que me perturbasse.

Quando ele emergiu com apenas uma toalha enrolada na cintura, a sensação esmagadora de sua mera presença ressurgiu. — Enquanto você toma um banho, vou até a cozinha e vejo o que posso fazer.

Eu balancei a cabeça silenciosamente e rapidamente desapareci no banheiro, fechando a porta atrás de mim.

Quando entrei na cozinha, trinta minutos depois, Nino estava cortando cebolas e ocasionalmente checando seu iPad, que estava apoiado no balcão.

— Você sabe cozinhar? — Eu perguntei surpresa.

— Eu não diria que sei cozinhar. Mas não é muito difícil, desde que você siga as instruções.

Parei ao lado dele. A receita de uma omelete de queijo estava aberta em seu iPad e guisado estava cozinhando em uma panela no fogão. Cheirava delicioso e as cebolas haviam sido picadas com a precisão de um chef. — Posso lhe ajudar com algo?

— Por que você não faz outro bule de café? Meus irmãos provavelmente chegarão logo como lobos famintos. O cheiro de bacon os tirará de sua hibernação.

Como se fosse uma sugestão, a porta se abriu e Savio entrou cambaleando, bocejando, vestindo apenas calças de moletom. Ele não nos cumprimentou. Em vez disso, sentou-se numa cadeira, esfregando a parte de trás da cabeça. Ele olhou entre Nino e eu. — Vocês dois cozinham juntos agora? Nino é o único cozinheiro por aqui.

— Eu não sou uma boa cozinheira, — eu disse.

A porta se abriu novamente, e Remo entrou, vestido apenas com cuecas, revelando aqueles músculos de aço e cicatrizes inquietantes. Ele tinha um ar errático sobre ele, o que desencadeou alarmes no meu corpo. — Eu preciso ter uma conversa com vocês dois, — disse ele para Nino e Savio, sorrindo de uma forma que não sugeria nada de bom.

Minhas interações com o assustador Capo tinham sido limitadas a jantares e café da manhã ocasional.

— Sobre o quê? — Perguntou Nino, virando a omelete.

— Nada que eu deva discutir na frente de Kiara, se me lembro de sua palestra, — ele atirou, os olhos escuros se fixando em mim.

— Eu posso sair, — eu disse.

Nino sacudiu a cabeça. — Pode esperar até depois do café da manhã.

A expressão de Remo deixou claro que ele discordava, mas, como de costume, se conteve quando eu estava por perto. Eu rapidamente comi minha omelete antes de me desculpar para mexer em uma nova música.

NINO

Remo estava estranhamente animado, mesmo para os seus padrões. Ele se recostou na cadeira, os lábios se abrindo de um jeito muito perigoso.

Savio levantou uma sobrancelha, mas eu balancei a cabeça. Eu não sabia o que estava acontecendo.

— Kiara se foi. Você pode falar agora, — eu disse.

Remo olhou para o celular. — Espere um segundo.

Às vezes meu irmão me fazia subir as paredes com suas artimanhas. Passos soou no corredor. Um homem. Adamo estava na escola, mas, dada a postura relaxada de Remo, só podia ser Fabiano.

O homem loiro abriu a porta e entrou, parecendo menos do que satisfeito por estar aqui. — Eu tenho uma agenda cheia de chutes em devedores, Remo. — Ele acenou para nós antes de tomar a cadeira ao lado de Savio. — O que está acontecendo? — Seus olhos se moveram para mim.

Eu balancei a cabeça. — Remo não revelou nada ainda.

— Eu mudei de ideia sobre os nossos planos, — disse Remo.

— Em relação ao ataque a Outfit? — Perguntei. Eu passei dias tentando reunir informações úteis sobre os hábitos semanais de Scuderi, os próximos eventos sociais que ele poderia participar. Agora Remo decidiu mudar nossos planos.

Fabiano se apoiou em seus antebraços, franzindo a testa.

Remo assentiu com um largo sorriso. — Dante é um homem de lógica, como você, Nino. Espera que tenhamos como alvo ele, ou Scuderi, ou um dos outros homens de sua família. Mas eu não farei isso porque a história provou que não há melhor maneira de desmoralizar seu inimigo do que atacar as pessoas que eles deveriam proteger. Ele fez uma pausa, a excitação brilhando em seu rosto. — Suas mulheres.

Eu estreitei meus olhos. — Dante deve ter colocado todas as proteções possíveis para garantir que não cheguemos perto de sua esposa ou de seus filhos.

Ele fez um gesto de desdém, pegou o telefone e nos mostrou.

Na tela estava uma jovem de cabelos loiros e olhos azuis, de pé ao lado de Dante Cavallaro. Ela tinha a mesma expressão distante em seu rosto.

— Você a conhece?

— Essa é Serafina, — disse Fabiano lentamente. — Ela é sobrinha de Cavallaro.

— Você a conheceu?

— Eu costumava brincar com ela e seu irmão gêmeo quando éramos pequenos, — disse ele, sua expressão ficando desconfiada. — Qual é o seu plano?

Remo olhou para a tela com um sorriso torcido. — O casamento dela com o Subchefe de Indianapolis está marcado para primeiro de agosto. Eu sempre quis impedir um casamento.

Fabiano balançou a cabeça. — Você quer entrar em Chicago e atacar uma festa de casamento? Todos os Capitães e Subchefes estarão lá. Talvez possamos entrar, mas não sairemos. Confie em mim, Remo.

Remo riu. — Não, nós atacaremos no dia anterior. A futura noiva passará a noite antes de seu casamento em um hotel em Indianápolis

com as mulheres de sua família. Os homens da família estarão na despedida de solteiro. Haverá apenas os guardas habituais.

— Você tem certeza de que não haverá medidas adicionais de segurança? — Perguntei.

Remo ergueu as sobrancelhas para Fabiano, que encolheu os ombros.

— Eles não esperam um ataque como esse. Isso nunca foi feito antes. Perturbar um casamento é considerado um pequeno sacrilégio pela maioria dos membros da Outfit.

Remo bufou. — Sacrilégio, — disse ele. — Dante atacou meu território. Eu vou mostrar a eles a minha versão de sacrilégio. Não se preocupe.

— Eu já lhe disse, foi o meu pai, — Fabiano murmurou. — Devemos tentar colocar as mãos nele e não em uma mulher.

O sorriso de Remo se tornou perigoso. — Você vai pegá-lo. Tenho certeza que Dante vai ver a razão e trocá-lo por sua sobrinha... *eventualmente*. Eu vou mostrar a ele o quão achamos sacrilégio em Las Vegas.

Fabiano fez uma careta. Era óbvio que ele não gostava da ideia, mas sabia que não devia discutir com Remo quando meu irmão estava tão animado com uma ideia.

— Isso é genial ou insanidade, — disse Savio com uma risada. — Dado que é o seu plano, Remo, provavelmente é insanidade.

— Acho que tenho um plano melhor, — comecei. — Vai enviar uma mensagem mais simbólica. A noiva provavelmente será levada para a igreja do hotel em uma limusine. Haverá ainda menos pessoas por perto. Ela terá sua mãe no carro com ela, um guarda-costas e o motorista, e talvez um ou dois carros como um comboio. Podemos atacar então. Seria absolutamente desonroso fazê-lo, mas sempre tivemos nossa própria interpretação de honra.

Remo riu sombriamente. — Nino, você é um gênio do caralho. A garota já estará em seu vestido de noiva. Nós vamos roubar uma noiva debaixo de seus narizes, logo antes de sua noite de núpcias. Não há melhor simbologia do que isso.

Fabiano me lançou um olhar, mas se ele achava que eu tinha o poder de parar Remo neste momento, não tinha visto o jeito que Remo olhou para a sobrinha de Cavallaro. Remo levantou, obviamente incapaz de ficar parado por mais tempo.

— Eu preferiria que pudéssemos esconder esse plano da minha esposa. Pode desencadear algumas memórias de seu passado que não quero fazer ressurgir.

Remo acenou para mim, andando pela sala como um tigre enjaulado. Seus olhos focados na imagem na tela do celular.

— Se atacarmos a família de Dante, ele levará a guerra a um novo nível, — disse Fabiano.

— Espero que sim, — Remo murmurou.

Duas horas depois, encontrei Kiara ao piano, os olhos fechados, a cabeça inclinada para o lado enquanto tocava uma melodia que vinha trabalhando desde que se mudou para cá. Ela nunca falava sobre sua música, mas eu tinha um bom ouvido. — Eu arranjei tempo para o treinamento de armas hoje, — eu disse.

Ela se endireitou, seus olhos aturdidos me encarando. Lentamente, ela se levantou. Ela usava um de seus modestos vestidos que chegavam até os joelhos, mas nem mesmo essas roupas faziam nada para esconder o sedutor inchaço de seus seios, sua cintura estreita ou a curva suave de seus quadris.

— Onde? — Ela perguntou curiosa enquanto caminhava em minha direção descalça. Para minha surpresa, seus dedos estavam pintados de vermelho. Era uma cor que eu iria adorar em suas roupas também.

— Eu montei um alvo no jardim. — Eu apontei para a arma no meu coldre. — E você terá uma seleção dessas armas ou podemos descer ao porão para a nossa sala de armas.

Ela riu, em seguida, mordeu o lábio. — Eu acho que uma de suas armas vai resolver.

Eu a levei para o lado oeste dos jardins e paramos perto do alvo. — Você já segurou uma arma?

— Não, — ela admitiu.

Eu balancei a cabeça. Crescendo na máfia, as meninas deveriam aprender a lidar com armas desde tenra idade. Elas eram menores e menos musculosas que os homens. Por que acrescentar a desvantagem de ser inepta ao usar uma arma? Eu entreguei a Kiara minha semiautomática. Era fácil de lidar. Ela pegou com cuidado, mas seu manuseio estava todo errado. Eu a contornei e me posicionei atrás das costas dela. Seu perfume doce flutuou no meu nariz. Eu nunca pensei que gostaria, mas Kiara obviamente usava uma marca que agradava os meus sentidos. Ela olhou por cima do ombro com um toque de timidez. Fiquei feliz que suas expressões faciais estavam lentamente se tornando menos misteriosas para mim. Isso tornou minha vida e sua vida indefinidamente mais fáceis.

— Levante os braços e mire no alvo.

Ela o fez, mas nós tínhamos trabalho a fazer. — Vou ajustar o seu apoio e postura, — expliquei. Eu toquei seus quadris, e ela endureceu, mas a inclinei do jeito que eu queria, em seguida, fui para seus braços e os empurrei para baixo alguns centímetros. Cheguei a sua frente novamente e corriji os dedos na arma. — Eu não tenho certeza se é uma boa ideia você ficar na frente da arma. E se eu atirar em você por acidente?

— Você teria que liberar a trava de segurança primeiro. Isso me daria tempo para sair do caminho.

Ela puxou o lábio inferior entre os dentes novamente. Era muito perturbador. — Eu sou tão sem noção.

— É por isso que estou aqui, para ensinar-lhe tudo o que você precisa saber. — Um rubor delicado se espalhou em suas bochechas, mas eu não podia ligar uma emoção a isso.

Guiei a mão dela nos seus primeiros tiros para deixá-la se acostumar com o recuo. Ela pulou cada vez que o tiro soou, mas eventualmente pareceu se divertir e até riu quando conseguiu acertar o alvo sem minha ajuda. Era gratificante vê-la ganhar confiança.

Capítulo Quatorze

KIARA

Fabiano deixou Leona na mansão a caminho do trabalho. Foi a segunda vez que ela apareceu nas quatro semanas desde que me mudei para Las Vegas. Ocasionalmente, trocamos mensagens, no entanto. Eu esperei na porta quando ela beijou Fabiano em seu Mercedes antes de sair, e ele partiu com um pequeno aceno para mim.

Leona estava vestida com shorts jeans e uma blusa. Já estava desconfortavelmente quente lá fora. — Vestido bonito, — ela disse com um sorriso enquanto me abraçava. Foi um dos meus muitos vestidos longos. Eu não sabia por que ainda hesitava em andar de bermuda. Nenhum dos homens Falcone fez um movimento em minha direção, nem mesmo Nino.

— Obrigada. Eu amo seus shorts.

Ela olhou para trás de mim. — Quem está de guarda?

Eu bufei. — Adamo. É final de semana, afinal de contas.

— Os homens da máfia são protetores.

— Espero que um dia eu possa me proteger. Tive outra aula de armas com Nino. Estou melhorando.

— Fabiano vem tentando melhorar minhas habilidades de autodefesa há meses, mas é um processo tão lento. E na maioria das vezes acabamos nos beijando... — Ela parou, sua pele ficando vermelha. — Desculpa. Muita informação.

Eu sorri. — Não se preocupe. Eu não me importo. — Eu a levei para o pátio. Um grande guarda-sol sombreava a mobília da sala de estar, de modo que não sofreríamos uma insolação no sol do meio-dia. — Eu pensei que poderíamos pedir sushi?

— Oh sim. — Ela levantou a bolsa. — Eu trouxe um biquíni. Vai ser muito quente. Pensei que poderíamos nadar mais tarde na piscina.

Trinta minutos depois, estávamos sentados nas espreguiçadeiras, pratos de sushi espalhados sobre a mesa à nossa frente. — Quando você soube que queria estar com Fabiano? — Perguntei, pegando um pedaço de abacate maki.

Leona considerou a questão, mastigando pensativamente. — Você quer dizer em um sentido físico ou em um relacionamento?

— Ambos, eu acho.

— Foi um processo gradual. Eu estava atraída por ele desde o começo, mas também preocupada em me aproximar dele. Por fim, meu coração e meu corpo venceram minha racionalidade. — Ela riu.

— Às vezes me pergunto como seria a sensação de estar com Nino, — eu soltei.

Leona largou o pedaço de sushi que estava prestes a empurrar em sua boca e piscou. — Você não esteve com Nino ainda?

Eu corei. Deveria ter mantido em segredo? Talvez Nino não quisesse que os outros soubessem que ele não era o monstro - não, não *agia* como o monstro que ele era. Mas precisava falar com alguém sobre isso, e Giulia não era mais uma opção porque agora eu fazia parte da Camorra e ela fazia parte da Famiglia. Trégua ou não, as famílias eram inimigas. Nossos telefonemas tinham sido uma tarefa difícil, contar a ela sobre minha vida diária sem revelar nenhuma informação importante, e poderia dizer que era o mesmo para ela.

— Não, me assustei com ele em nossa noite de núpcias, e ele não tentou nada desde então.

Leona piscou para mim. — Uau. Sério?

— Sério. Eu disse a ele para procurar outras mulheres se precisasse satisfazer suas necessidades.

Leona balançou a cabeça com os olhos arregalados. — E isso não te incomoda? O mero pensamento de que Fabiano poderia tocar outra mulher me deixa doente.

— Não no começo.

— Mas agora isso acontece?

Eu tentei não pensar sobre isso, mas quando o fiz, me incomodou muito. — Sim. Realmente gosto de passar tempo com Nino. Ele é calmo e incrivelmente inteligente. Ele me faz sentir segura em torno dele. Isso é estranho?

Leona franziu a testa. — Bem. Eu me sinto segura em torno de Fabiano e a maioria das pessoas tem pavor dele, então não sou a pessoa certa para perguntar.

Mergulhei um pedaço de sushi no molho de soja e coloquei na boca, mastigando lentamente para agrupar meus pensamentos. — Eu não sei se devo considerar mudar nosso relacionamento.

— Fale com ele. Diga que você gostaria de estar com ele. Ele provavelmente não dirá não.

Ele não faria isso. — E se eu não puder continuar com isso? E se as lembranças me pararem de novo? E se Nino quiser tudo ou nada? Não tenho certeza até onde posso ir ainda.

— Você não vai descobrir se não falar com ele. Se ele ainda não te pressionou, você acha que ele faria isso depois de pedir-lhe mais?

Eu não tinha certeza. Mas se eu me aproximasse de Nino, precisava que ele parasse de procurar outras mulheres, e não tinha certeza se ele concordaria com isso já que eu não estava lhe dando o que precisava. Por que ele deveria fazer isso do meu jeito?

Fiquei nervosa durante todo o dia por causa da minha conversa com Leona, e nem mesmo a música me deixou à vontade dessa vez. Meus dedos continuaram tropeçando nas notas, então tinha que continuar começando do zero.

Quando Nino chegou em casa no final da tarde, parecendo maravilhosamente frio como sempre - vestido todo de preto, alto e musculoso - e encostou-se ao piano para me ouvir tocar, eu finalmente reuni minha coragem. — Gostaria de sair para jantar.

Suas sobrancelhas se uniram. — Claro.

— Só nós dois, — eu disparei.

Ele me olhou calmamente, seus olhos examinando meu rosto. Eu me perguntei quanto dos meus sentimentos ele poderia visualizar e quanto sempre permaneceria em segredo para ele. Às vezes, era um alívio ter dificuldade em ler emoções. — Esta noite?

Meus dedos pararam nas teclas. — Isso seria adorável. Mas você consegue uma mesa tão rapidamente?

Ele riu e eu soltei uma pequena risada, lembrando com quem eu estava conversando. — Deixa pra lá.

— O que você gostaria de comer? Asiático? Europeu?

— Asiático. Ainda não comi muito, a não ser sushi.

— Então eu vou reservar uma mesa no melhor restaurante Szechuan⁶ da cidade.

— O que eu tenho que vestir? Existe um código de vestimenta?

Os olhos de Nino se arrastaram sobre mim. — Algo vermelho.

Eu pisquei. Essa não era a resposta que eu esperava. — Por que vermelho? — Eu não podia imaginar que os convidados fossem obrigados a usar certa cor, mas esta era Las Vegas e tudo era possível.

— Porque eu acho que vai combinar com o seu cabelo escuro e pele cor de mel. Eu quero que você se destaque, não se misture.

Eu olhei para o meu braço. Ninguém havia descrito minha pele como cor de mel. Um calor agradável se instalou no meu peito. — Eu não tenho nada em vermelho. A maioria das minhas roupas é para me fazer misturar, — eu disse.

Nino assentiu. — Eu entendi. — Ele olhou para o relógio. — Se sairmos agora, podemos comprar algo para você e ainda ter tempo suficiente para voltar para casa e nos aprontarmos, se eu reservar a mesa para às oito. — Ele não esperou pela minha resposta. Em vez disso, pegou o telefone, discou um número e, dois minutos depois, tínhamos uma mesa. Outro cliente ouviria algum tipo de desculpa para não estar jantando em Chengdu hoje à noite.

⁶ A cozinha de Sichuan, a cozinha de Szechwan ou a cozinha de Szechuan é um estilo de culinária chinesa proveniente da província de Sichuan.

— Vamos lá, — disse Nino, estendendo a mão. Eu tinha que admitir que gostava de seus pequenos toques. Minha mão na sua não parecia como se estivesse me prendendo ou algo próximo a isso. Isso me fez sentir segura.

Coloquei a palma da mão na sua e segui-o até seu Bugatti Veyron. — Onde estamos indo? — Eu perguntei quando saímos pela entrada da garagem.

— A uma boutique onde Fabiano ocasionalmente compra vestidos para Leona. Pelo que ele me diz, eles têm peças extravagantes. Eu nunca estive lá. Eles não vendem roupas masculinas.

Eu ri nervosamente. — Quanta atenção devo atrair para nós?

— Tanta atenção quanto você merece, Kiara. Você é linda demais para se esconder nas sombras. E como minha esposa, você terá que se acostumar aos holofotes.

Minhas entranhas se aqueceram com seu elogio. Ele me disse que me achava bonita antes, mas ainda era maravilhoso ouvi-lo dizer de novo.

A loja oferecia uma seleção impressionante de vestidos em todas as cores e, a partir do momento em que entramos, a vendedora pairou à nossa volta como uma mãe galinha. Ela continuava lançando olhares nervosos a Nino, obviamente ansiosa para agradá-lo, mas, é claro, o rosto dele não mostrava nada.

— Estamos procurando vestidos em vermelho, — disse ele, a palma da mão ainda pressionada levemente contra minhas costas.

— Oh, nós temos algumas peças lindas nessa cor. Deixe-me te mostrar. Sua esposa ficará absolutamente deslumbrante neles.

Nino olhou para mim com um brilho nos olhos. — Com certeza ela vai.

Eu tremi e novamente não era de medo. Não tinha certeza do que estava acontecendo, mas meu corpo reagia a Nino de uma maneira que era inquietante e emocionante ao mesmo tempo. Seguimos a mulher até uma parte isolada da loja onde ficavam os vestiários. — Eu estarei de volta em um momento. Você gostaria de algo para beber?

— Não, obrigada, — eu disse com um sorriso.

Nino assentiu em concordância. Então a mulher saiu correndo. Ele tirou a mão das minhas costas. A vendedora voltou com três vestidos jogados no braço. Eu entrei no vestiário e ela me entregou o primeiro vestido. Era como uma segunda pele e ia até os joelhos, acentuando cada curva com uma gola alta e sem mangas. As pessoas olhariam se eu usasse isso, especialmente os homens.

O nervosismo agitou meu estômago quando saí. Nino estava encostado à parede, de braços cruzados, parecendo um modelo de passarela. Ele se endireitou no momento em que me viu, seus olhos cinzentos deslizando pelo meu corpo.

— É sexy demais, você não acha? — Eu sussurrei.

Nino se aproximou. — É perfeito. — Ele inclinou a cabeça. — Você não quer que as pessoas vejam como você é linda?

Eu me mexi. — Não estou acostumado a isso.

— Você vai se acostumar com isso. Não se preocupe.

Eu experimentei um vestido comprido com uma fenda alta e outro com um decote baixo, inclusive nas costas até a parte inferior, e eles, também, definitivamente não me ajudariam a passar despercebida, mas o jeito que Nino me olhava me dava um arrepio estranho de prazer. No final, compramos todos os três vestidos e até um macacão vermelho. Quando estávamos de volta ao carro, não pude deixar de rir. — Você realmente gosta de vermelho.

Nino não desviou o olhar da rua, mas os cantos de sua boca se inclinaram no fantasma de um sorriso. — Eu não prefiro uma cor sobre a outra, em geral, mas vermelho é a sua cor, e eu gosto do seu valor simbólico também.

— Vermelho como sangue, — eu disse.

— Sim. É sempre bom desestabilizar as pessoas.

Eu não disse que ele não precisava de mim ao seu lado usando um vestido vermelho para desestabilizar as pessoas. Nino era inquietante por conta própria e sabia disso.

Duas horas depois, eu estava usando o vestido apertado na altura dos joelhos e combinando com os saltos vermelhos. Eu usava o cabelo solto porque isso me fazia sentir menos exposta, e preferia ter meu pescoço coberto.

Nino estava me esperando no andar de baixo, encostado no piano, todo vestido de preto, como de costume. A camisa justa e as calças sob medida caíam como uma luva. Ele usava o cabelo solto pela primeira vez, mas estava penteado para trás. Seus olhos me seguiram enquanto eu descia as escadas. Peguei sua mão estendida e seu polegar encontrou meu pulso quando ele se inclinou.

Por um instante, tive certeza de que ele me beijaria, e meus lábios se separaram em uma mistura de antecipação e nervosismo, mas ele se inclinou em minha orelha e sussurrou: — Hoje à noite as pessoas vão começar a falar sobre outra Falcone. A Dama de Vermelho.

Eu estremeci, meus cílios tremulando ao sentir seu hálito quente no meu ouvido e seu perfume enchendo meu nariz. Então ele se afastou, mas não soltou meu pulso.

— Pronta? — Ele perguntou em voz baixa, e por algum motivo isso soou como se não estivesse se referindo a ir jantar.

Eu dei um aceno mudo, tentando reunir meu juízo. Nino me levou para a parte principal da mansão. Remo estava sentado no sofá, seu laptop na frente dele. Seus olhos se moveram quando entramos e travaram em mim. Eu não me mexi.

O aperto de Nino no meu pulso aumentou, e seu polegar roçou minha pele levemente. — Vamos jantar agora.

Remo assentiu, seus lábios se abrindo. — Vermelho sangue. Boa escolha. — Eles trocaram um olhar. — Você parece boa o suficiente para devorar, — ele disse para mim, e meu batimento cardíaco quadruplicou.

— Obrigada, — eu murmurei.

Nino me puxou para fora em direção ao seu carro. — Remo não representa nenhum perigo para você, Kiara. Confie em mim sobre isso. Suas palavras são destinadas a desestabilizar. É como ele é. Mas você é minha e isso faz com que esteja fora dos limites. Remo nunca colocaria a mão em você. Nunca.

— Você confia nele? — Eu perguntei enquanto me estabeleci no banco do passageiro.

— Eu confio nele absolutamente. Com a minha vida. Com a sua.

— Ok, — eu disse, tentando compartilhar sua confiança de que Remo iria me proteger. Ele me protegera de Durant no dia do meu casamento, mas com Remo não havia como dizer o que ele faria.

Cada mesa no restaurante estava ocupada quando chegamos, mas o gerente cumprimentou-nos pessoalmente. Ele apertou a mão de Nino e inclinou a cabeça um pouco antes de se virar para mim. Eu estendi minha mão com um sorriso. Ele hesitou brevemente, mas depois de Nino inclinar a cabeça, ele pegou e beijou as costas da minha mão. — Sua esposa é deslumbrante, senhor Falcone.

— Ela é, — Nino falou lentamente.

As pessoas nas mesas ao redor estavam lançando olhares velados para nós, e quando o gerente nos levou à nossa mesa com uma vista deslumbrante para a Strip, eles começaram a sussurrar.

Minhas bochechas ficaram quentes quando afundei na cadeira que o gerente puxou para mim. Nino parecia completamente imperturbável pela força da atenção. Ele me olhou sobre o cardápio. — Você parece agitada.

Eu ri. — Eu estou. Todo mundo está falando sobre nós.

Nino deu de ombros. — Deixe-os falar. Eu ficaria mais preocupado se não o fizessem.

— Você nunca deseja se misturar, andar pelas ruas sem ser notado?

Nino baixou o cardápio com um olhar duro no rosto. — Meus irmãos e eu ficamos escondidos por um tempo quando nossa família estava nos caçando. Nós lutamos para recuperar o que era nosso. Nós matamos e sangramos pelo nosso direito de primogenitura. Rasgamos Las Vegas das mãos sangrentas de homens indignos. Lutamos pelos holofotes. Paramos de nos esconder.

O garçom nos trouxe nosso vinho naquele momento. Um Shiraz vermelho sangue. Nino ergueu o copo com um sorriso estranho. Era muito difícil lê-lo. — Por um lugar no centro das atenções. Não se esconda nunca mais, Kiara.

Eu bati meu copo contra o dele e tomei um gole profundo. — Não se esconda nunca mais.

O garçom chegou com os aperitivos um segundo depois. Tudo era delicioso, picante e extravagante. Nino era fácil de conversar. Eu poderia escutá-lo respondendo minhas perguntas sobre a história de Las Vegas a noite toda.

Ele sabia tudo. Eventualmente, mais perguntas pessoais passaram pela minha cabeça. — Por que seu pai mandou vocês para um colégio interno na Inglaterra? A maioria dos Homens Feitos mantém seus filhos por perto porque quer ensinar-lhes tudo o que precisam saber para se tornarem Homens Feitos.

A menção de Benedetto Falcone trouxe uma mudança imediata para a linguagem corporal de Nino. Quando antes ele estava relaxado, seus ombros agora estavam tensos e sua expressão ficou mais fria. — Nosso pai não queria Remo e eu sob seu teto, e ele sabia que não precisava mais nos preparar para nos tornarmos Camorristas.

— Mas vocês tinham doze e quatorze anos na época e seus irmãos eram ainda mais jovens.

Nino sorriu e tomei outro gole de vinho mais profundo porque sua expressão me deu arrepios. — Nosso pai sabia que Remo e eu o teríamos matado se ficássemos. Remo matou seu primeiro homem três anos antes, aos onze, e pouco antes de nosso pai nos mandar embora, eu havia matado meu primeiro homem junto com Remo. Nosso pai sabia que não tinha como nos controlar, então nos mandou embora. Ele sabia que não sairíamos sem nossos irmãos, então também mandou Adamo e Savio embora.

— Isso é horrível, — eu sussurrei.

Nino tomou um gole de seu próprio vinho. — Isso nos fortaleceu, nos aproximou. O arrependimento pelo passado é um desperdício de tempo.

Eu podia sentir os efeitos do vinho agora. O vinho tinto era definitivamente mais forte do que a ocasional taça de champanhe ou vinho branco que eu tive no passado.

Nino inclinou a cabeça. — Eu acho que você teve vinho suficiente.

Eu sorri. — Você acha? — Por alguma razão, eu tomei outro gole do líquido vermelho, e Nino balançou a cabeça, sua boca se contorcendo.

— Você vai se arrepender disso amanhã de manhã.

— Eu achei que o arrependimento era um desperdício de tempo, — eu disse.

Sua boca se contraiu novamente. — É, mas agora você ainda tem a chance de se impedir de se arrepender de algo.

— Acho que é tarde demais para isso, — eu disse. Eu me sentia quente e confusa. Provavelmente teria a dor de cabeça da minha vida pela manhã.

Nino acenou para o garçom e pagou nosso jantar. Levantei-me e imediatamente percebi que estava um pouco mais tonta do que pensava, mas endireitei a coluna, não querendo parecer bêbada em público. Nino passou um braço em volta da minha cintura e fiquei muito agradecida por seu efeito estabilizador no contato. Ele me levou para fora do restaurante.

— Obrigada pela linda noite, — eu sussurrei antes de me sentar no banco do carro com menos graça do que o pretendido.

— Foi surpreendentemente agradável, — Nino concordou, e eu comecei a rir. Eu não pude evitar. O vinho afrouxou meu controle.

Nino ergueu as sobrancelhas e fechou a porta. Eu me inclinei contra a janela, fechando meus olhos.

Acordei com a minha cabeça contra algo quente e duro. Meu corpo endureceu quando percebi que estava nos braços de alguém, sendo carregada.

— Shh, Kiara. Você está segura.

Eu olhei para o rosto calmo de Nino e forcei meu corpo a relaxar em seus braços. — Onde estamos? — Eu perguntei grogue. Meu cérebro parecia nebuloso.

— Em casa.

Levei um longo tempo embaraçoso para descobrir o que ele queria dizer. Então reconheci nosso quarto. Ele me colocou no centro do quarto. — Por que você não se prepara para dormir?

Eu balancei a cabeça e imediatamente me arrependi do movimento. Nino agarrou meu quadril para me firmar. — Você consegue fazer isso?

— Sim, — eu disse rapidamente porque não queria que Nino me despisse.

Eu não tinha certeza de quanto tempo levei para sair do meu vestido e passar pela minha rotina noturna, mas pareceu uma eternidade antes de finalmente me deitar na cama.

Nino se juntou a mim logo depois. — Diga-me se você ficar enjoada. — Ele tocou minha testa com a palma da mão, e eu me inclinei no seu toque, mas depois ele deixou cair o braço. Ele se esticou de costas ao meu lado, e eu cheguei mais perto, pegando seu braço. Meus dedos curiosamente traçaram a tatuagem de uma figura sombria em meio a chamas. Quando meus olhos conseguiram se concentrar, percebi que um nome estava escrito nas chamas. Era pequeno e você tinha que olhar mais de perto para distingui-lo do fogo. Remo.

— Você tem o nome de Remo tatuado no seu braço.

Nino me olhou sem um lampejo de emoção. — Eu tenho o nome de Savio e Adamo tatuado no meu outro braço.

— Por que ele está queimando?

— Porque ele queimou por mim, — disse Nino calmamente.

Eu examinei o rosto dele, mas percebi que ele não ia me contar mais. As pontas dos meus dedos seguiram as chamas até o pulso dele. Eu fiz uma careta quando senti algo rígido sob as pontas dos meus dedos. Eu virei o braço dele ligeiramente para poder ver seu antebraço. Sob sua tatuagem da Camorra, que também envolvia mais chamas, uma longa cicatriz fina corria por sua veia. Eu olhei para ele e ele olhou de volta. Não me atrevi a perguntar por que, por uma vez, seus olhos não pareciam sem emoção.

Eu acariciei a cicatriz levemente. — Será que incomoda se eu te tocar assim? — Eu perguntei no mais simples dos sussurros.

— Seu toque não me incomoda, Kiara.

Desejei que ele pudesse me tocar assim sem que meu corpo me empurrasse de volta ao passado, sem que meus medos assumissem o controle. — Eu queria... eu gostaria de poder ser tocada sem medo.

— Eventualmente você vai. Você vai matar a parte do seu tio que eu não posso matar por você.

Ele parecia absolutamente certo, como se não fosse uma questão de se, mas quando. E porque este era Nino Falcone, e talvez porque eu estivesse bêbada, acreditei nele.

Capítulo Quinze

KIARA

Nino se mexeu ao meu lado e meus olhos se abriram. Assim como aconteceu nas últimas manhãs desde o nosso jantar, me aconcheguei a ele à noite e me enfiei sob seu braço, minha cabeça na curva de seu pescoço, meus joelhos pressionados contra o seu lado. Seu calor e aroma reconfortante envolveram-me e conseguiram banir os pesadelos.

— Desculpe, — eu murmurei como fazia todas as manhãs, porque tinha quase certeza de que a posição não poderia ser confortável para Nino, mas ele nunca me afastou. Eu me sentei, liberando o braço dele.

— Seu subconsciente busca proteção à noite, e eu posso provê-la, — ele disse com um encolher de ombros quando se levantou. A cueca apertada não fez nada para esconder o contorno dele.

Forcei meus olhos para longe, meu coração batendo mais rápido. Ele pegou o calção de banho e foi até o banheiro para trocar de roupa, mas não fechou a porta. Era só pelo meu benefício que ele não se despia no quarto. Pensei em dizer a ele que poderia lidar com a sua nudez, mas toda vez que estava prestes a dizer essas palavras, minha coragem me deixava.

Levantando-me também, peguei meu roupão de cetim. Não era porque estava frio, mas porque me sentia desconfortável andar pela casa apenas de camisola.

Nino voltou e abriu a porta para mim. Agarrando meu livro da mesa de cabeceira, segui-o em silêncio pelas escadas e saí pelas portas francesas. Já estava quente lá fora. Eu me acomodei na espreguiçadeira perto da piscina e abri meu livro, mas meus olhos não estavam atraídos pelas letras na página. Em vez disso, observei quando Nino se aproximou da beirada da piscina e mergulhou, com os músculos flexionados ao mesmo tempo.

Ele nadou na piscina e eu o observei por cima do meu livro do meu lugar na cadeira. Eventualmente, eu tive que remover meu robe porque o sol batia incansavelmente em mim apesar da hora adiantada.

Às vezes eu me sentia ridícula por até mesmo trazer um livro comigo. Eu quase nunca lia uma palavra. Meu olhar era atraído para o homem na água. O livro era como o meu escudo de segurança porque eu era muito covarde para admitir que gostava de olhar para Nino - e definitivamente muito apavorada que ele descobrisse isso.

Depois de trinta minutos, ele nadou até a escada e saiu. A água escorria e descia pelo seu corpo esculpido. Meus olhos percorreram de seus ombros musculosos, até seu pacote de oito e seus quadris estreitos para suas coxas musculosas. Seu calção de banho apertado dificilmente escondia seu corpo, e eu podia ver o contorno dele sob o tecido molhado novamente. As horríveis tatuagens, com suas chamas, rostos agonizantes e palavras de dor e sangue que percorriam seus antebraços sobre os ombros até os peitorais e ao redor das omoplatas, não me assustavam mais como no começo. Nino era uma obra de arte.

Seus movimentos eram sem pressa e exatos enquanto ele se secava. Eu não conseguia tirar meus olhos dele. Seus frios olhos cinzentos encontraram os meus e eu respirei profundamente e rapidamente olhei de volta para o meu livro. Quando a sombra dele caiu sobre mim, não tive escolha senão parar de fingir que estava lendo. Eu não prestava atenção ao meu livro há algum tempo.

— Você finge ler, mas me observa todas as manhãs, — disse ele. Não havia julgamento em sua voz.

Eu não sabia o que dizer. O embaraço subiu pelo meu pescoço. — Eu - eu não... — comecei a protestar, mas ao levantar a cabeça, sua expressão me silenciou. Ele sabia que eu o estava observando. Claro que ele notou. Este era um homem que havia sido criado para vigiar seus arredores. Negar isso teria sido ridículo.

— Você pode olhar. Você é minha esposa, — disse ele. Ele inclinou a cabeça para baixo, seus olhos procurando o meu rosto, e parecia que podia ler todos os meus pensamentos. Algumas gotas de água deslizavam por seu rosto lindo. O que milhões de modelos masculinos, provavelmente tiveram que praticar durante anos, essa expressão fria e sobrenatural, vinha naturalmente para ele. — Mas eu me pergunto por que você faz isso. Achei que meu corpo te assustasse.

Ainda acontecia. Nino exalava força. Mas o medo se tornou uma parte muito pequena do que sentia quando o observava. Havia também aquele lampejo de curiosidade na boca do meu estômago e a explosão

de calor dentro de mim quando ele se movia de uma maneira que acentuava seus músculos.

Larguei meu livro na mesinha do lado, sem saber como dizer o que queria dizer e sem ter certeza de que deveria pensar em dizer isso. Algumas portas devem permanecer fechadas. Mas o que estava me impedindo - e talvez sempre me impedisse *se eu permitisse* - era algo forçado a mim no passado, algo de que eu queria me libertar.

— Às vezes eu me pergunto como seria ser mais como marido e mulher, — eu admiti apesar do calor em minhas bochechas, apesar do pico de medo e preocupação com a reação de Nino. Falcone ou não, ele nunca me deu motivos para estar verdadeiramente com medo dele.

— Você quer dizer em um sentido físico? — Nino perguntou em voz baixa. Havia o indício de algo em seu tom que eu não conseguia identificar, mas como de costume, seu rosto não revelou nada.

Eu balancei a cabeça, liberando uma respiração tensa. Não tinha pensado que ousaria admitir isso, mas Nino estava sempre no controle. Eu não tinha que temer uma explosão emocional dele. Às vezes sentia como se não precisasse temê-lo.

Ele largou a toalha, permitindo-me ver o comprimento dele. Eu aceitei o convite e lentamente arrastei meu olhar sobre cada centímetro dele. Ele não se mexeu, mas seu olhar era uma presença insistente na minha pele. — Podemos explorar as opções físicas do nosso relacionamento, se você quiser. Para ser sincero, eu quero você.

Ele me disse isso antes, mas ainda me assustava. Olhei para as minhas mãos, mexendo na bainha da minha camisola. Apenas um homem me quis, e ele pegou o que queria sem pedir. Nino não era assim. Ele poderia ter me tido em nossa noite de núpcias e todas as noites desde então. Certamente não havia ninguém que pudesse impedi-lo, muito menos eu.

— O que você está pensando? — Ele perguntou.

Suspirei. — Estou assustada.

— Eu lhe dei razão para estar com medo?

Olhei de volta para o rosto atento dele. — Não, mas estou com medo porque você me quer, e porque eu quero você, mas não sei se consigo.

— Podemos estabelecer limites, e podemos ir passo a passo. — Ele fez uma pausa, sua expressão se tornando contemplativa. — Se a minha força física perturbar você, poderíamos tentar me conter. Eu não me importo.

Minha boca abriu em estado de choque. — Você quer dizer que estaria amarrado? — Imagens de Nino com laços de seda amarrados na cabeceira da cama entraram em minha mente e quase me fizeram rir em voz alta. Parecia impossível que um homem como ele sugerisse algo assim.

Nino assentiu. — Dessa forma você estaria livre para explorar sem ter que me temer.

— Mas então eu teria que liderar.

— Não é isso que você prefere, dadas suas experiências passadas? Não tenho problemas em ser dominante, mas duvido que você reaja bem a isso.

Eu não sabia o que fazer. Parecia a solução perfeita, mas ainda me aterrorizava, só agora por um motivo diferente.

— Você já alcançou o clímax? — Ele perguntou baixinho, ainda olhando para mim com seu escrutínio silencioso.

Meus olhos se arregalaram e eu dei uma sacudida na minha cabeça. Meu estômago mergulhou em um abismo quando me lembrei de como tinha sido senti-lo em mim. — Tudo o que senti foi dor... e vergonha.

Ele roçou levemente meu ombro, o toque quente e gentil. Como ele poderia estar sempre tão quente quando seu rosto estava tão maravilhosamente frio? — Eu não quis dizer quando você foi estuprada. Quero dizer depois. Você já se tocou e se sentiu bem?

Mordi o lábio, tentando me livrar das lembranças e me concentrar no presente. — Na verdade não. Tentei me tocar algumas vezes, mas parecia errado.

Nino me surpreendeu quando se empoleirou na beira da espreguiçadeira, suas costas nuas roçando minhas panturrilhas nuas. Eu não me afastei, e tive a sensação de que era uma tentativa para ele ver se eu poderia suportar sua proximidade. — Seria bom se

você explorasse seu corpo e descobrisse o que gosta e condicionasse seu cérebro a perceber que o toque sexual pode ser muito prazeroso.

Meu rosto ficou incrivelmente quente, mesmo quando Nino parecia estar falando sobre o que teríamos para o jantar hoje à noite.

— Não tenho certeza se meu corpo é capaz de encontrar algo *prazeroso*, — eu sussurrei.

Nino inclinou o corpo para o lado e lentamente pegou meu tornozelo. Eu fiquei tensa brevemente, mais confusa do que qualquer outra coisa. Ele fez uma pausa, estreitando os olhos, e quando eu relaxei, seus dedos roçaram meu tornozelo antes que ele segurasse meu calcanhar. Ele começou a aplicar uma leve pressão com os dedos enquanto acariciava a parte de baixo da minha panturrilha e olhava nos meus olhos. Seus dedos nunca atingiram mais do que a minha panturrilha, mas o toque parecia enviar arrepios no meu joelho, minha coxa e direto para o meu núcleo.

Meus olhos vagaram para Nino enquanto ele me acariciava, sobre seus braços fortes, seu peito musculoso e seu estômago firme. Depois de um tempo, minha respiração acelerou e o formigamento aumentou até que eu pude sentir a umidade se acumulando entre as minhas pernas. Assustada, eu balancei meus quadris levemente.

Nino soltou minha panturrilha, sua boca se curvou no canto. — Eu acho que seu corpo vai se ajustar bem ao prazer.

Minhas bochechas aqueceram ainda mais, mas mais do que constrangimento, senti alívio. Nino engoliu uma vez antes de murmurar: — Agora que seu corpo já está excitado, faria sentido você se explorar.

— Você quer que eu me toque?

— Sim, — ele disse asperamente. — Aqui não. Em algum lugar privado, onde você se sinta relaxada. Recomendaria que você se concentrasse em seu clitóris no começo. Tente esfregá-lo levemente com dois dedos, e se você se sentir perto de gozar, tente mergulhar um pouco e dar um pouco de atenção aos seus lábios. Esse é um ponto que muitas mulheres são sensíveis, algumas até mais que o clitóris. Eu não acho que você vai se sentir confortável com um dedo dentro de você ainda, mas isso aumentaria o prazer geral.

Meu centro ficou mais quente e mais úmido, ouvindo sua voz profunda.

— Também ajudaria se você imaginasse algo que te excita.

— Você, — eu explodi, sentindo-me subitamente encorajada.

Nino respirou fundo e algo nos olhos dele mudou. — Se isso ajuda, sim. Imagine-me. — Sua voz tinha ficado mais baixa do que antes, e uma leve rigidez tomou conta da parte superior do seu corpo. Confusa, eu estava prestes a perguntar se o havia ofendido de alguma forma quando registrei a maneira como seu calção de banho se estendia.

Respirei fundo. Um lampejo de medo percorreu-me, mas eu estava muito mais curiosa do que com medo.

— Eu te disse que te desejo, — ele murmurou. — E se você quiser explorar as opções físicas, terá que superar seu medo da minha ereção.

— Não estou com medo, — eu disse então emendei minhas palavras por causa de sua regra de não mentir. — Na maioria das vezes.

Ele levantou-se e, novamente, meus olhos foram atraídos para a região da virilha. — Por que você não entra no nosso quarto e faz o que eu sugeri e encontra algum alívio?

— E você?

— Eu vou procurar alívio também, — ele disse com naturalidade.

Você preferiria que eu satisfizesse meu desejo sexual em outro lugar? Eu disse sim na nossa noite de núpcias.

— Onde? — Perguntei.

Ele não disse nada, apenas me observou com intensidade fria.

Eu me levantei também porque isso me fez sentir mais forte, mesmo que Nino ainda fosse muito mais alto que eu. — Não quero mais que você procure outras mulheres.

Pronto. Eu disse isso. E o alívio tomou conta de mim. Isso me incomodou por um tempo, desde que percebi que queria que esse casamento fosse mais do que uma necessidade. Eu não tinha certeza de como eles lidavam com as coisas aqui em Las Vegas, se talvez ele nunca

quisesse ser fiel, se ele esperava continuar fodendo por aí simplesmente porque podia, mas não era algo que eu aceitaria se realmente mudássemos nossa relação para um nível físico.

Nino me olhou. — Então você quer que eu a procure para satisfazer minhas necessidades sexuais? — Sua voz continha um tom estranho, e ele deu um passo em minha direção.

Havia o indício de curiosidade em seus olhos. Este era ele conduzindo uma experiência, eu percebi. Aprendi a lê-lo muito melhor. Eu permaneci firme e não recuei. Ele se aproximou ainda mais até que eu quase pude sentir o calor irradiando de seu corpo. Ele não estava me tocando.

— Eventualmente, sim, — eu disse baixinho. — Obviamente eu não sou capaz de fazer isso ainda. — Para ser honesta, eu não tinha certeza se seria capaz de fazê-lo, mas eu queria.

— Então, até se sentir pronta, você sugere que eu me masturbe?

Eu fiz uma careta. Ele estava zombando de mim? Ou sendo sério? Era tão difícil dizer por que ele disse isso secamente, sem a menor emoção. De repente, me senti tola por ter levantado o assunto. Esta era Las Vegas, ele era um Falcone, e apesar de sua consideração comigo até agora, ele ainda era um homem acostumado a ter mulheres, dinheiro e poder à sua disposição. Por que ele deveria desistir de algo por mim? Eu não significava nada para ele. Eu era um peão neste jogo pelo poder.

Desviei o olhar, incapaz de suportar sua beleza fria. Virando, eu estava prestes a sair quando ele entrou no meu caminho. Meus olhos voaram de volta para ele.

— Responda-me, Kiara. É isso que você sugere?

Suspirando, eu assenti. — Eu sei como são as coisas. Sei que seus clubes estão cheios de mulheres dispostas, mas sim, quero que você seja fiel a mim. Não posso explorar a proximidade física com você se estiver vendo outras mulheres.

— Você percebe que não pode explorar sua sexualidade com ninguém além de mim.

— É mesmo? — Eu não tinha certeza porque disse isso.

E pela primeira vez, Nino deixou sua expressão se tornar a que a maioria das pessoas conhecia, uma de domínio e violência reprimida. — É isto. Eu nunca vou pressionar você além de seus limites, mas só porque não reivindiquei seu corpo com meu pau ainda não significa que não tenha reivindicado você. Você é minha. Só minha. E enquanto eu viver, ninguém vai tocar em você além de mim.

Foi o menos contido que eu já o vi, e isso me lembrou do homem que ele realmente era. Me senti sobrecarregada e prestes a fugir.

Nino soltou um suspiro severo e deu um passo para trás, depois se afundou na cadeira.

Eu pisquei. Ele estava se fazendo menor de propósito? Ele me observava atentamente.

— Melhor? — Ele perguntou em voz baixa, no controle novamente.

— Sim.

— Eu não queria te assustar.

— Nós não concordamos com nenhuma mentira? — Eu perguntei provocativamente.

A boca de Nino se contraiu. — Nós fizemos. E você tem razão até certo ponto. Sabia que você cederia à minha visão das coisas se exercesse o domínio e, dada a sua história, poderia prever como isso faria você se sentir. Mas não foi uma decisão consciente para assustá-la.

— OK.

Suas sobrancelhas se uniram. — Quando sugeri da primeira vez satisfazer meu desejo sexual em outro lugar, você ficou aliviada.

De volta ao tópico em questão. Nino nunca se deixou distrair.

— Eu fiquei, mas não quero mais isso. Quero que tenhamos um casamento real.

— Isso não é um casamento real? É oficial, afinal de contas.

Eu balancei a cabeça. — Não é isso que eu quero dizer. Eu quero um casamento normal. Para mim, isso significa ser fiel e ser íntimo

apenas com o seu parceiro. Significa cuidar um do outro, demonstrar afeição, tentar amar um ao outro. — O último saiu porque era algo que eu queria no fundo.

Nino se levantou e se aproximou. — Eu posso ser fiel e posso te dar carinho...

— Mas você não pode amar, eu sei.

Nino me surpreendeu ao segurar minhas bochechas, seus olhos mais quentes, sua expressão mais suave do que nunca. — Eu posso simular emoções muito bem, Kiara. Se isso ajuda você a se sentir mais confortável, posso fingir carinho e até amor.

Eu olhei para ele. Sem suas palavras, teria acreditado que a ternura em seu rosto era real. Engoli em seco. — Não finja gostar de mim. Não minta.

Sua expressão tornou-se beleza fria novamente, e meu coração se apertou com força. — Eu quero cuidar de você, e mesmo que não consiga sentir emoções, vê-las em seu rosto, particularmente felicidade e alegria, me dá certo nível de satisfação. Eu não posso te dar mais do que isso.

— Tudo bem, — eu sussurrei, porque não havia mais nada a dizer. Tinha que ser o suficiente. Esperava muito menos desta união e muito pior. Eu não podia culpar Nino por ele não ter emoções.

— Você gostaria de entrar agora?

— Não acho que estou com vontade de explorar mais, — eu disse baixinho.

Ele inclinou a cabeça. — Compreendo.

— Talvez mais tarde? — Eu perguntei baixinho.

— Claro, — disse ele. — Que tal eu me vestir e praticar um pouco mais suas habilidades de tiro.

Para ele, era sempre fácil seguir em frente porque nenhum assunto o movia tanto que seu cérebro não poderia continuar, mas eu não queria fazer disso um problema maior do que era então assenti.

Ele voltou trinta minutos depois, de calça e camisa preta, suas roupas de costume. Eu já o tinha visto em roupas semelhantes tantas

vezes antes, e ainda assim a visão me impressionava. Ele parecia alto, forte e gracioso, e as tatuagens em seus braços criavam exatamente o contraste certo com o rosto perfeitamente bonito.

Duas armas penduradas no coldre amarrado ao peito, mas eu sabia que ele escondia mais armas em seu corpo. Eu tinha me tornado uma atiradora melhor ao longo das nossas últimas lições, mas hoje minha concentração estava desgastada.

Algumas horas depois, sentei-me na sala de estar e toquei a música em que comecei a trabalhar há quase seis semanas. Era uma música que me ajudava a lidar com meu casamento com Nino, me ajudava a entender meus sentimentos em relação ao homem. A brisa entrava pelas janelas e respirei profundamente. Sentia falta do cheiro do mar no ar, mas o calor de Las Vegas era bom. Eu não me sentia constantemente com frio.

— Que canção é essa?

Meus dedos se moveram contra as teclas e o piano soltou um gemido baixo em resposta.

— Desculpe, eu não queria assustar você, — disse Adamo quando entrou na sala através das portas francesas abertas.

Eu relaxei e sorri. — Está tudo bem. Eu me assusto com muita facilidade.

Ele enfiou as mãos nos bolsos e acenou em direção ao piano. — Você pode continuar tocando. Eu gosto de ouvir.

Ele tinha me escutado tocar antes? Eu coloquei meus dedos levemente nas teclas e comecei de onde parei quando ele me assustou. Ele se aproximou e apoiou os cotovelos na asa. Um hematoma crescia em sua bochecha esquerda e seu lábio estava arrebentado. Eu não achei que já o tivesse visto sem um lábio machucado.

— O que aconteceu com o seu rosto?

— Meus irmãos praticam lutando comigo.

— Quando você será introduzido?

Ele olhou para as juntas ensanguentadas. — Em dois meses. Agosto. No meu décimo quarto aniversário.

— Mas você não quer?

Adamo encolheu os ombros. — Eu sou um Falcone. A Camorra é o meu destino. — Suas sobranças se uniram. — Mas não quero fazer a maioria das coisas esperadas de mim.

— Matar pessoas.

— Isso, — ele concordou, um olhar sombrio passando por seu rosto. — Eu já fiz. Matar alguém. Atirei nele. Eu sou um bom atirador.

Eu balancei a cabeça e parei de tocar novamente.

— Não gosto de matar, e não quero torturar pessoas ou machucar mulheres, — ele sussurrou.

— Então não faça, — eu disse e percebi o quão estúpida eu era. Adamo não podia escolher seu caminho, não como os outros.

Ele deu uma risada. — Eu tenho que fazer.

— O que você gosta de fazer?

Seus olhos se iluminaram. — Carros de corrida.

— Você pode dirigir um carro?

— Remo me deixou dirigir seu carro quando eu tinha onze anos, e consegui participar de algumas corridas desde então. Eu bati dois de seus carros. Ele ficou muito chateado, e agora fica de olho em mim, então não posso mais fazer isso.

— É por isso que você fica emburrado no jardim e me ouvindo tocar? — Eu perguntei com um sorriso.

— Eu tenho que cuidar de você.

Comecei a rir, em seguida, acalmei-me com o olhar indignado em seu rosto. Eu ainda achava engraçado que o Falcone mais novo deveria ser meu guarda-costas. — Desculpa.

— Sou um bom atirador e um lutador decente, e não é como se alguém atacasse nossa mansão. É o lugar mais seguro em Vegas.

— Porque as pessoas tem medo de Remo.

— E Nino, — acrescentou Adamo, em seguida, curvou os lábios em desgosto. — Desde que participou de sua primeira luta oficial, Savio está ainda mais arrogante do que antes. Ele acha que é tão assustador quanto eles, mas não é. Nem mesmo perto.

— Concordo. Ninguém é tão assustador quanto Remo e Nino — falei. Luca era aterrorizante, mas talvez porque eu o conhecesse desde tenra idade, podia lidar com a seu tipo assustador melhor do que o dos Falcones.

— Sim, — Adamo murmurou e então ficou sério, seus olhos castanhos hesitantes. — Nino é legal com você?

Eu franzi meus lábios. Legal não era realmente um termo que eu usaria para Nino. — Ele é...

— Presente, — Nino falou, fazendo-me pular e Adamo também.

Eu me virei em direção a sua voz. Ele estava encostado na porta, alto e frio, braços musculosos cruzados sobre o peito. Pela primeira vez ele usava uma camisa com as mangas arregaçadas, revelando suas tatuagens.

— Você deveria estar fazendo lição de casa ou trabalhando em suas habilidades com a faca, — disse Nino, afastando-se da parede e caminhando em nossa direção.

Adamo projetou o queixo para fora, mas não protestou. — Tchau, Kiara, — ele murmurou antes de sair pelas portas francesas.

Nino apoiou o quadril no piano, como sempre fazia, e meus olhos observaram a maneira como as calças dele acentuavam as pernas musculosas, a maneira como a camisa se agarrava ao torso. — E eu estou sendo *legal* com você?

Eu balancei a cabeça, mas não consegui parar de olhar para ele e lembrar sua sugestão desta manhã.

— Você gostaria de ir ao nosso quarto e explorar? — Ele perguntou calmamente.

Apesar do calor nas minhas bochechas, eu assenti. Nino se endireitou e estendeu a mão para eu pegar, e fez como sempre. Seus dedos se enrolaram levemente ao meu redor, mas de uma maneira que sugeria que eu poderia me afastar a qualquer momento. Com uma respiração profunda, me levantei do banco, assustando um pouco quando seu polegar pressionou contra o meu pulso. Por que ele sempre fazia isso?

Meus olhos percorreram seu antebraço musculoso, enquanto o seguia para cima. No momento em que entramos em nosso quarto e meus olhos pousaram em nossa cama, meu pulso começou a correr em minhas veias.

Nino olhou para mim. — Medo ou excitação... ou ambos?

— O quê? — Eu perguntei confusa.

Ele pressionou o polegar contra o meu pulso. — Seu pulso acelerou.

— É por isso que você sempre me toca aí?

— É um bom indicador do seu humor e me ajuda a descobrir suas emoções combinadas com sua expressão e respiração.

Eu ri e depois me acalmei quando ele me levou para mais perto da cama. Nino levantou uma sobrancelha.

— Ambos, — eu admiti.

Ele afundou na cama, me puxando, então eu estava diante dele. — Seria bom se conseguíssemos reduzir um e aumentar o outro.

— Qual você gostaria de aumentar? — Eu disse no mesmo tom científico que ele usava.

Sua boca se contraiu. — Bem, — ele começou em voz baixa. — O medo seria mais fácil de aumentar do que a excitação de você sendo você e eu sendo eu, mas prefiro tarefas difíceis. Qual você prefere? — Ele levantou minha mão para seus lábios muito lentamente, seus olhos nunca deixando meu rosto, e pressionou um beijo de boca aberta no meu ponto de pulso, em seguida, arrastou sua língua sobre ele.

Um pequeno arrepio passou pela minha espinha. Como era possível que eu pudesse sentir isso entre as minhas pernas?

Ele me olhou atentamente. — Medo?

Eu balancei minha cabeça, minha língua pesada.

— Ambos?

Eu considerei isso e dei uma sacudida hesitante da minha cabeça.

Os olhos de Nino ficaram ainda mais intensos. — Você tem certeza?

Eu não tinha porque ele evocava sensações no meu corpo que nunca senti, mas o formigamento entre as minhas pernas aumentou, e me senti quente e úmida lá embaixo. — Não.

Nino assentiu. — Vamos tentar mudar isso. OK?

Bom Deus, ele parecia tão seguro de si, como se soubesse que tornaria isso bom para mim.

NINO

A pulsação de Kiara disparou novamente. — OK.

Soltando a mão dela, eu alcancei a gaveta de cima da minha mesa de cabeceira e tirei as algemas que havia guardado lá.

Kiara soltou uma risada abafada. Uma rápida olhada no seu rosto me disse que ela estava nervosa.

— Normalmente não tenho algemas na minha gaveta, — eu disse antes que ela tirasse conclusões que a perturbassem. Eu nunca tinha visto o apelo em ser contido assim e preferia dominar na cama, então nunca permiti que uma mulher fizesse isso, e o contrário teria feito pouco sentido porque eu não precisava de algemas para restringir ninguém. — Eu as coloquei aí depois que conversamos esta manhã.

Kiara mordeu o lábio, mas não reagiu de outra maneira.

— Eu posso algemar uma das minhas mãos à cabeceira da cama. O que você diz? Isso lhe daria uma sensação de segurança, não acha?

— Eu acho que sim, — ela disse hesitante.

— Você gostaria de me despir?

Ela balançou a cabeça rapidamente. — Não.

Eu a observei de perto. — Kiara. Nós não temos que fazer isso.

— Eu quero. Estou um pouco impressionada com a situação.

Eu balancei a cabeça e voltei para a cama até minhas costas descansarem contra a cabeceira e então algemei minha mão esquerda a ela.

Kiara não se moveu do seu lugar.

— O que você gostaria de fazer primeiro?

Ela corou, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Eu não sei. O que você sugeriria?

Ela estava enviando sinais mistos. Por um lado, estava com medo de perder o controle, mas, por outro, ela precisava que eu tomasse o controle. — Que tal começarmos nos beijando?

Seus olhos correram para os meus lábios, o rubor em suas bochechas aumentando quando ela assentiu. Ela subiu na cama. Eu tentei me sentar o mais relaxado possível, minhas pernas cruzadas nos tornozelos e meu braço solto deitado no meu colo enquanto a observava. Seus olhos no meu rosto, ela se aproximou até que estivesse ajoelhada ao meu lado, seus joelhos pressionados contra o meu quadril.

Eu não me mexi.

Ela exalou suavemente. — Eu nunca beijei antes.

— Não é difícil, Kiara, confie em mim.

Ela me deu um olhar que não consegui ler. — Fácil para você dizer. Quantas mulheres você já beijou?

Eu não conseguia ver como isso era de alguma relevância. — Cento e doze. Não beijo todas as mulheres que eu fodo.

Ela engasgou. — Você dormiu com mais de cem mulheres?

— Sim. Eu amadureci tarde em comparação com Remo e Savio. Tive minha primeira mulher com quase quinze anos.

— Então eu tive a minha primeira vez antes de você, — disse ela amargamente, engolindo em seco e olhando para a cama.

Eu ergui minha mão e levantei seu queixo para ver sua expressão. — Você não teve sua primeira vez ainda. O que você teve não conta. O que vamos fazer não tem absolutamente nada a ver com o que você experimentou.

Seus olhos lacrimejaram e eu deixei cair a minha mão, sem saber se minhas palavras a tinham irritado, mas ela se aproximou e, hesitante, levou uma das mãos ao meu ombro. — Como você pode dizer coisas que me fazem sentir melhor quando nem entende o que eu sinto?

— Estou afirmando fatos. Isso é tudo.

Ela riu. — *Fatos*. — Então seus olhos baixaram para minha boca e ela lambeu os lábios. Eu duvidava que ela notasse, mas a visão teve um efeito imediato no meu pau.

— Você vai me beijar? — Eu perguntei a ela.

Ela assentiu, mas não se mexeu.

— Kiara, se você quer estar no controle, você realmente tem que assumir o controle. — Ela era uma mulher que eu teria identificado como tipo submissa na cama, e em circunstâncias normais teria naturalmente tomado a liderança, mas desde que ela poderia ser pega nas memórias de seu estupro, isso terminaria mal.

Ela finalmente se inclinou para frente e pressionou seus lábios nos meus, fechando os olhos. Eu teria preferido que ela os mantivesse abertos para ter a chance de lê-la, mas assim, não tive escolha a não ser confiar em que ela se afastaria se algo a perturbasse.

Seus lábios eram muito macios e a pressão era leve, quase inexistente como o nosso beijo no dia do casamento. Resistindo ao impulso de puxá-la para mais perto e mostrar a ela como o beijo podia ser bom, deixei que ela estivesse no controle. Depois de um momento, ela se afastou com uma carranca, a pele avermelhada. — Isso parece estranho porque você não está se movendo.

— Eu queria deixá-la no controle.

— Tudo bem se você tomar a iniciativa e liderar porque você sabe o que fazer e eu não, e isso está me deixando nervosa.

Observei-a, não exatamente certo do que ela precisava que eu fizesse. — Eu me algemei para que você se sentisse no controle.

— Sim, e tudo bem, mas eu quero que você me beije como faria normalmente.

— Normalmente, eu lidero.

Ela mordeu o lábio novamente. Nervosismo. Eu peguei o pulso dela e pressionei meu polegar contra ele. Ela soltou uma gargalhada. — Você pode liderar... quero dizer, você pode liderar sem ser dominante e bruto.

— Eu não vou ser rude com você, Kiara. E se você sentir que estou sendo muito dominante, me diga e eu vou adaptar meu comportamento, tudo bem?

Ela sorriu levemente, mas seu pulso acelerou de qualquer maneira. Ela era muito difícil de ler. — Podemos tentar de novo?

— Claro. Vou tocar suas costas.

Mais uma vez, um pico em sua pulsação. Eu soltei seu pulso e coloquei minha mão na parte inferior das suas costas e comecei a esfregar levemente com o polegar. Suas bochechas estavam coradas e ela era macia sob o meu toque. Ela se inclinou um pouco para frente até que seus lábios quase tocaram os meus.

Decidindo ver se tomar a liderança funcionaria, eu peguei seus lábios com os meus, aplicando mais pressão do que ela e cutuquei seus lábios com a minha língua. Ela os separou sem hesitar e eu mergulhei. Seu gosto e o calor suave de sua boca foram direto para o meu pau. Ela se submeteu ao beijo sem hesitação, seguindo minha liderança.

Ela se rendeu tão facilmente às minhas exigências, tão prontamente, que eu soube que ela continuaria a fazê-lo se nos movêssemos ainda mais, e isso me fez querer fazer exatamente isso, mas me controlei.

Ampliei meus toques nas costas dela, roçando sua espinha. Ela fez um pequeno som no fundo da garganta, apertando o meu

ombro. Sua outra mão pressionou contra o meu peito, roçando meu mamilo, e a beijei um pouco mais forte.

Movendo minha mão livre pelas suas costas, eu queria segurar sua cabeça, mas no momento em que toquei seu pescoço e meus dedos deslizaram em seus cachos escuros, ela se afastou. — Não, — ela sussurrou rapidamente.

Puxei minha mão para longe, vendo os restos de pânico em seu rosto. Não foi um toque que eu considerei problemático, então a reação dela me surpreendeu.

— Seu cabelo?

Ela deu um rápido aceno de cabeça. — E meu pescoço. — Ela engoliu em seco. — Meu tio... ele me segurou lá... Ele me segurou quando me forçou a... — Ela olhou para mim com desespero. Eu não tive problemas em ler isso em seu rosto, e não tive que tocar seu pulso para saber que estava acelerado porque ela se lembrava de como seu tio bastardo a forçou a chupar seu pau quando ela era apenas uma criança. E mais uma vez, desejei ter prolongado sua tortura. Ele havia sofrido muito sob as minhas mãos e de Remo, e ainda assim não parecia suficiente.

— Eu entendo, — eu disse.

Ela estremeceu impotente, e então simplesmente caiu para frente, me pegando de surpresa quando pressionou o rosto na curva do meu pescoço e começou a tremer. Eu a toquei de volta e seu tremor ficou pior. Então algo molhado atingiu minha pele. Ela estava chorando.

— Kiara?

Ela se agarrou aos meus ombros e eu envolvi meu braço livre ao redor dela. Ela pressionou ainda mais em mim. Eu a deixei chorar sozinha. Talvez isso a ajudasse. Se afastando, ela me beijou suavemente, seus olhos sondando como se estivesse procurando por algo. Eu retornei o beijo, provando suas lágrimas.

— Sinto muito, — disse ela depois de um momento.

— Pelo quê?

— Por me tornar emocional. — Ela suspirou e fechou os olhos brevemente. Então ela os abriu novamente e acenou em direção ao punho. — Onde está a chave?

— Gaveta.

Ela se inclinou sobre mim e me expos sua bunda redonda e firme. Meu corpo definitivamente reagiu fortemente ao seu patrimônio. Ela abriu a algema. — Acho que vou tomar um banho. — Eu não a parei quando ela se retirou para o banheiro.

Em vez disso, saí e fui para a nossa sala de jogos. Remo estava lá, esparramado no sofá, observando as últimas lutas da gaiola na Roger's Arena.

Ele olhou para mim enquanto eu afundava na poltrona, peguei a garrafa de uísque na mesa e servi um copo.

Remo acenou em direção ao meu pulso, que tinha marcas vermelhas das algemas de metal. — O que aconteceu lá? Já está ficando bizarro com sua esposa?

— Kiara está com medo da minha força física, então eu me algemei a cama.

Remo se inclinou para trás, as sobrancelhas levantadas. — Como se isso fosse parar você.

— Não pararia, mas ela se sente mais segura e é disso que se trata. Ela precisa se sentir confortável ao meu redor.

Remo estreitou os olhos. — Então você ainda não a fodeu?

Tomei um gole do uísque. — Nós não progredimos além do beijo, então não.

Remo ficou quieto por um momento, e isso geralmente não era um bom sinal. — Você tem a paciência de um santo. Você quer que eu chame algum entretenimento?

— Eu concordei em não procurar mais outras mulheres.

Remo riu. — Certo. — E então ficou sério. — Você está falando sério?

— Eu estou.

— Você está tentando se tornar um cidadão decente?

— Não tenho ambições a esse respeito, não.

Remo sacudiu a cabeça. — Primeiro Fabiano, agora você. Por que todo mundo está sendo chicoteado por boceta?

— Desde que eu não estou recebendo qualquer boceta o termo é enganoso.

— Oh, foda-se, Nino. Não seja um espertinho. Você realmente acha que pode fazer esse casamento funcionar? Mesmo se não transar com outras mulheres, não será um marido atencioso e você sabe disso.

Dei de ombros. — Eu sei, mas por enquanto vou tentar e ver onde isso me leva.

— Então isso é algum tipo de experimento científico para você?

— Talvez. — Era algo novo, algo que eu não tinha experiência e não podia dizer como eu lidaria com isso a longo prazo, mas estava curioso e Kiara queria que esse casamento fosse real.

Capítulo Dezesseis

KIARA

Eu não consegui dormir depois do beijo. Minha mente repassou isso. A boca de Nino era tão quente e gentil. Não era nada como eu imaginara, nada como temia. Ele conseguia me surpreender todos os dias e tinha feito isso desde a nossa noite de núpcias.

A porta se abriu e alguém entrou. Abrindo meus olhos, espiei pela lacuna entre as cobertas. Eu as puxei até minhas orelhas porque isso me fazia sentir mais segura. Deixei a luz do banheiro acesa porque a escuridão ainda detinha o poder sobre mim. Eu podia ver a forma alta de Nino na luz cálida.

Minhas bochechas aqueceram quando seus olhos se fixaram em mim. Eu fugi para o banheiro depois do nosso beijo, não por causa dele, no entanto. Estava com vergonha de ter desabado e chorado nos braços de Nino. Precisava de tempo para me controlar. Para um homem tão controlado e sem emoção como Nino, ser casado comigo devia ser uma tarefa particularmente difícil para ele. No começo, tinha certeza de que meu casamento com Nino era uma punição pelas ações do meu pai, mas agora tinha quase certeza de que ele era aquele que poderia ter feito um acordo melhor.

— É tarde, — ele murmurou.

— Eu não consigo dormir.

Ele assentiu antes de ir para o banheiro e fechar a porta. Quase nenhuma luz penetrava no quarto através da fresta estreita por baixo da porta, mas concentrei os olhos nela e escutei o som de água corrente.

Depois de alguns minutos, Nino voltou, usando cueca. Eu sabia que ele preferia dormir nu e agora só usava roupas à noite para me deixar à vontade. Mesmo em sua própria cama, ele tinha que se conter por minha causa. Ele desligou a luz do banheiro e se aproximou de mim no escuro.

Meu pulso acelerou quando o colchão afundou sob seu peso - mas por razões muito diferentes do passado. Como seria se eu me inclinasse e o beijasse? Sem avisos, sem algemas. Apenas meus lábios tocando os dele, meu corpo pressionado contra ele. Como seria sentir-me livre e agir de acordo com meus desejos? Como seria não estar algemada ao passado?

— Você está bem? — Nino falou baixinho.

Como ele poderia saber? Ele não tocou meu pulso, então minha pulsação não poderia ter me denunciado. — Por que você pergunta?

— Porque sua respiração mudou. Isso geralmente é um sinal de que você está insegura por alguma coisa. É por causa do nosso beijo?

Eu hesitei, imaginando o que dizer, mas optei pela verdade. — Sim.

— Você mudou de ideia sobre os aspectos físicos do nosso casamento?

Eu queria saber o que ele estava pensando. Ele disse que me queria, mas talvez o meu beijo e a explosão de lágrimas o fizeram mudar de ideia.

— Não, eu gostei do nosso beijo, — eu admiti.

— Bom.

Essa não era exatamente a resposta que eu esperava. Teria ele gostado também? Ele queria me beijar de novo?

— Você gostaria de beijar de novo?

Às vezes era assustador o quão fácil ele podia me ler, mesmo no escuro, mesmo sem entender minhas emoções. O funcionamento interno do cérebro de Nino era completamente inexplicável para mim. — O que você quer?

Ele ficou quieto. — Em termos de beijos ou em geral?

— Em geral, — eu sussurrei, meu estômago apertando de nervosismo.

— Dê-me seu pulso, — ele disse, e eu obedeci. Seu polegar pressionou contra o meu pulso, e tive que abafar o riso. Ele

rapidamente morreu quando ele começou a falar com aquela voz baixa e profunda.

— Eu quero *você* em todos os aspectos. Eu quero te beijar, claro. Eu quero te mostrar prazer, Kiara. — Meu pulso galopou a cada palavra. — Eu quero te fazer gozar com minha boca e meus dedos. Eu quero prová-la em todos os lugares, e quero... dormir com você.

Poderia dizer que ele queria usar um termo diferente, mas escolheu suavizar suas palavras em meu benefício. Meu peito aqueceu com sua consideração. Apesar de quem ele era, Nino sempre representaria segurança para mim.

— Sei cada ponto do seu corpo que aumentará sua excitação. Se você me deixar, farei você gozar uma e outra vez.

Engoli de forma audível. Meu núcleo parecia se dissolver, latejando com uma necessidade que eu mal entendia.

Ele tocou no meu pulso. — Medo?

Eu ri nervosamente porque agora o medo era apenas um pequeno lampejo nos cantos da minha consciência. — Não, — eu admiti no sussurro mais suave.

Nino esperou pacientemente que eu dissesse mais. Quando meus olhos se acostumaram com a escuridão, pude ver o contorno de seus ombros fortes. Ele estava de frente para mim, respirando calmamente, relaxado. Essas palavras... elas não o afetavam?

— Excitação?

Dei um aceno de cabeça, não tendo certeza se ele podia ver.

— Bom, — veio sua voz baixa.

Estremeci. — E você?

— Você está perguntando se estou excitado?

Eu assenti.

— Eu estou, — disse ele.

Meu pulso realmente começou a correr. — Kiara?

— Ambos, — eu disse rapidamente, porque estava igualmente assustada e excitada por sua admissão.

— O que posso fazer para banir o seu medo?

— Nada, — eu disse, porque no fundo sabia que era uma batalha que tinha que lutar sozinha. — Mas quero tentar algo.

— Ok, — ele disse lentamente.

— Podemos nos beijar sem você estar algemado?

— Claro. Agora?

— Sim, — eu disse baixinho e deslizei um pouco mais para perto dele até que seu hálito quente se espalhou pelo meu rosto e a quantidade de calor irradiando de seu corpo me disse o quão grande ele era, quão mais alto e forte.

Peguei a sugestão de álcool em sua respiração, algo esfumaçado e picante. — Você cheira a uísque?

— Tomei um copo, — disse ele. — Mas você não precisa se preocupar. Não é suficiente para diminuir minhas inibições. Nem mesmo perto.

— Não estou preocupada com isso. — Eu me inclinei mais perto até que seu rosto pairou bem na minha frente, e então preenchi a distância restante entre nós e pressionei meus lábios nos dele. Ele esperou alguns segundos antes de aumentar a pressão, e sua língua escorregou entre meus lábios, explorando minha boca. As pontas dos dedos dele subiram do meu pulso, acariciando a pele macia do meu antebraço, a dobra do meu cotovelo, depois um pouco mais alto antes de voltar para baixo. Finalmente, o polegar dele pressionou contra o meu pulso novamente.

Ele fazia isso porque precisava me ler melhor, para saber com certeza quando eu me sentisse sobrecarregada ou assustada. Essa percepção causou algo estranho no meu coração.

Nós nos beijamos por um longo tempo, e comecei a me sentir quente entre as minhas pernas. Os beijos de Nino eram incríveis, esmagadores; Ele conduzia facilmente sem me fazer sentir como se estivesse sob seu controle. Sua respiração intensificou um pouco quando sua boca deslizou sobre a minha, e o atrito enviou uma nova onda de calor através do meu núcleo. Eu me contorci, pressionando

minhas coxas. Se Nino notou, ele não reagiu, mas seu aperto no meu pulso aumentou um pouco.

Coloquei minha mão livre contra seu peito nu e senti seus músculos flexionando sob as pontas dos meus dedos. Sua pele era coberta de cicatrizes e comecei a traçá-las com curiosidade até roçar acidentalmente o mamilo. Ele gemeu na minha boca, empurrando um pouco, e o movimento fez algo duro cavar na minha coxa.

Congelei contra ele. O medo e minha própria excitação lutando dentro do meu corpo. Ele havia me dito que estava excitado, mas senti-lo assim tornava as coisas mais reais.

Ele parou de me beijar e respirou fundo. — Me diga como você se sente.

— Estou bem.

— Isso não é um sentimento.

— Estou me sentindo bem, — eu disse novamente com mais força. — Apenas assustada.

— Talvez devêssemos parar, então.

Eu não queria parar, mas talvez Nino estivesse certo. Mesmo que meu corpo gritasse por mais, não tinha certeza se conseguiria lidar com isso. Eu me senti... oprimida novamente. — Você está certo.

Ele soltou meu pulso e rolou de costas, se afastando de mim. Um buraco se abriu no meu estômago. Engoli em seco uma e então uma segunda vez. Eu sabia que falei a Nino que não precisava que ele fingisse carinho, mas talvez estivesse errada.

A cabeça de Nino se virou para mim. — Você está chateada novamente.

Não tinha certeza de como ele havia notado desta vez. Talvez minha respiração tenha mudado de novo.

— Eu... eu mudei de ideia sobre fingir afeto. — Eu estava andando por um caminho perigoso. Viver uma mentira não era algo que quisesse fazer, mas com Nino era tudo que poderia ter. Talvez o afeto simulado fosse melhor que nada.

— Ok, — ele disse baixinho. Ele inclinou seu corpo para mim. — Você gostaria de dormir em meus braços?

Minha garganta se apertou. Eu não disse nada e me aproximei dele. Ele passou um braço em volta do meu ombro e me puxou contra ele. Seu toque era leve, nunca como uma gaiola, sempre atencioso. Lágrimas estúpidas marejaram meus olhos enquanto descansava minha bochecha contra seu peito forte. Seu coração batia em um ritmo calmo. Ele alguma vez acelerava? Alguma vez acelerou quando ele olhava para mim como o meu às vezes fazia quando olhava para ele ou como quando percebi que ele sempre tocava meu pulso para ter certeza de que eu estava bem.

Quando acordei na manhã seguinte, Nino já havia saído. Já passava das nove, então senti falta de vê-lo dando voltas na piscina. Eu passei pela minha rotina matinal, coloquei shorts e um top simples, e descí as escadas. Atravessei a parte principal da casa e fui para a cozinha. Depois de fazer um rápido mingau para o café da manhã, decidi comer do lado de fora para poder aproveitar o clima agradável. Quando saí, o som de um videogame me atraiu para a sala de jogos. Adamo estava lá novamente, concentrando-se em uma corrida de carros na gigantesca tela na parede.

— Ei, Kiara, — ele disse sem desviar o olhar do jogo. — Fabiano trouxe Leona esta manhã. Ela está tomando sol no jardim.

— Por que ninguém me avisou?

Ele me deu um olhar estranho.

Eu sorri para ele. — Deixa pra lá. Aproveite o seu jogo. — Saí às pressas pelas portas francesas e descí o pequeno caminho até a piscina e as espreguiçadeiras. Assim como Adamo havia dito, Leona estava deitada em uma delas, lendo um livro. Algo sobre a história do Supremo Tribunal. Ela olhou para cima quando me aproximei, sorrindo, e colocou o livro na mesa ao lado dela.

— Isso não parece uma leitura leve, — eu disse, sentando-me na cadeira em frente a ela, minha tigela de mingau entre minhas coxas.

— Não é, mas quero me preparar para a faculdade. Vou começar daqui a alguns meses e não quero estar completamente sem noção. E você? Você já pensou em ir para a faculdade?

Eu fiz uma careta. Fui criada para me tornar esposa e mãe. — Para ser honesta, sempre quis ser mãe, — eu disse baixinho. — Quero uma família para cuidar. Garotos barulhentos que encham a casa de vida e risos. — Talvez fosse algo que eu desejava, porque nunca tive uma família assim. Amor incondicional era algo que só as crianças podiam oferecer em nosso mundo.

— Tudo bem, — disse Leona com um sorriso. Então suas sobrancelhas mergulharam em pensamento.

— O quê?

— Estou tentando imaginar Nino como pai e Remo como tio... — ela balançou a cabeça. —... mas eu simplesmente não posso. Eles não são realmente o tipo de família. Quero dizer, eles são próximos como irmãos, mas por outro lado... não.

Eu sabia o que ela queria dizer. Nino e seus irmãos eram mais do que próximos. Eles eram uma unidade. *Somos nós contra o mundo*. Ele provavelmente iria querer continuar morando com eles, mesmo que tivéssemos filhos. Crianças barulhentas e bagunceiras ao redor de Remo? Isso era definitivamente algo que me deixava cautelosa. Dei de ombros.

— Não é como se fossemos ter filhos em breve. — Eu apontei para o meu mingau. — Você gostaria de algum também? Fiz mais do que posso comer.

— Já tomei café da manhã com o Fabiano.

Balancei a cabeça e comi uma colherada. Por alguma razão eu não estava mais com fome.

— Como vão as coisas entre você e Nino?

Minhas bochechas aqueceram enquanto eu tentava formar uma resposta. — Melhor do que pensei que seriam. Ele está sendo muito atencioso.

Os olhos de Leona se arregalaram. — Sério?

Eu ri da expressão dela. — Sério. Quero dizer, obviamente não é fácil para ele entender minhas emoções, mas ele faz o melhor possível e é tudo que posso pedir.

— Eu admiro sua força. Para ser honesta, Nino me assusta, quase tanto quanto Remo.

Eu sorri porque a entendia muito bem. — Eu sei. E Remo ainda o faz. E não acho que isso vá mudar. Há algo tão... desequilibrado sobre ele.

— Desequilibrado é um eufemismo, — disse Leona. — A maneira como ele governa Vegas... — Ela suspirou.

— Eu não sou casada com ele. Isso é uma bênção, suponho.

— Realmente espero que ele nunca encontre uma pobre mulher com quem queira se casar.

Eu não podia imaginar Remo sossegando por uma mulher. Provavelmente seria pela emoção da conquista ou pela satisfação de ser o primeiro. Estremeci e afastei qualquer pensamento dele. — Seu Fabiano não é menos assustador que Nino. Você nem sequer cresceu em torno de homens como ele, mas está com ele. Ele é o *Executor*.

Leona se sentou, sua expressão pensativa. — Sei o que ele faz, o que todos fazem é errado, mas eu o amo. Não posso evitar. Ninguém nunca foi bom para mim, mas ele é. Talvez eu seja egoísta.

Coloquei a minha tigela de mingau e peguei a mão dela, apertando-a. — Você não tem que justificar seu amor. É algo puro e bonito, e tenho certeza que tudo acontece por um motivo. Às vezes nós simplesmente não entendemos o porquê.

Seus olhos azuis procuraram os meus. — O que você sente por Nino?

Eu não tinha certeza. Gratidão. Afeição. E às vezes algo mais quente e profundo que me assustava. — Me apaixonar por Nino seria uma tolice. Ele não pode retribuir meus sentimentos, não importam quais sejam.

— O amor tende a nos transformar em tolas, — Leona falou baixinho, mas deixou cair o assunto e reclinou na espreguiçadeira.

Decidi me esticar também, mesmo que não estivesse usando roupa de banho como Leona. Pensando na minha situação, eu não tinha intenção de me tornar essa tola. Apaixonar-me por alguém sem emoções seria um erro horrível.

No começo da noite, eu estava novamente ao piano, tocando minha música, quando Nino entrou. Meus dedos se atrapalharam nas próximas notas. Ele estava vestido apenas com shorts de luta, sua pele coberta por um fino brilho de suor que fez suas tatuagens se destacarem ainda mais. Meus olhos percorreram seu estômago firme, em seguida, seguiram para seus braços musculosos e suas mãos fortes envoltas em faixas brancas. Elas estavam vermelhas em alguns lugares. Eu rapidamente afastei meus olhos, tarde demais, claro, porque Nino me olhou com uma expressão de conhecimento. Felizmente, ele não disse nada.

— Remo está pedindo pizza para nós agora. Vou tomar um banho rápido e depois podemos ir.

— Claro, — eu disse devagar. — Não tenho certeza se Remo gosta de me ter por perto o tempo todo durante o jantar. — Nas últimas semanas, eles estavam cada vez mais ocupados planejando seu ataque a Outfit, então eu frequentemente jantava com Leona em nossa ala ou até comia com Adamo, que ainda não estava envolvido nos negócios da Camorra. Nino também me levou para jantar duas vezes. Felizmente, passar as noites com todos os irmãos Falcone era um evento raro.

Nino inclinou a cabeça. — Você é minha esposa. Você é da família. Ele pode lidar.

Meus olhos baixaram para o seu peito novamente, imaginando qual seria a sensação de explorar cada centímetro de sua pele com as pontas dos meus dedos. Eu só toquei seu peito rapidamente.

Algo na expressão de Nino mudou, e ele vagueou até mim. Não havia outra maneira de descrever seus movimentos. Ele abaixou-se com suas coxas ao meu lado, então estávamos quase ao nível dos olhos enquanto me sentei no banco do piano. Minha respiração ficou presa na

minha garganta quando sua boca se curvou em um sorriso e seus olhos refletiram o calor.

Meu Deus, ele era tão bom em fingir carinho. Bom demais. Esta ia ser a minha queda, eu sabia disso, mas não podia pedir-lhe para parar. O cheiro dele tomou conta de mim, suor viril e algo que era apenas Nino.

Minha respiração acelerou e meu pulso também. Nino pegou minha mão, que estava na minha coxa, e pressionou o polegar no meu pulso. Então ele levou-a até o rosto e deu um beijo na palma da minha mão, seus olhos cinzentos no meu rosto o tempo todo. E eu olhei para o rosto dele, em troca. Esse rosto bonito, sempre perfeitamente frio, mas agora cheio de calor criado conscientemente. Mesmo sabendo que isso era uma mentira, uma mentira que poderia me quebrar no final, eu me inclinei para frente e o beijei porque, com ele me olhando desse jeito terno, eu precisava estar mais perto.

Ele devolveu o beijo e tocou minha bochecha com a mão calejada. Não querendo que ele lesse o que isso fazia comigo, fechei os olhos. Se eu quisesse que isso funcionasse, precisava aceitar a verdade de que Nino estava fingindo emoções por mim ou teria que tentar fingir que não eram falsas. Sabia que o último seria mais fácil porque Nino era muito bom em fingir.

Tirando qualquer pensamento da minha mente, eu me permiti afogar no beijo de Nino, em sua proximidade e cheiro, e meu corpo ganhou vida. Quando Nino finalmente se afastou, minhas bochechas estavam vermelhas e eu estava ofegante. Seu polegar estava acariciando meu ponto de pulso levemente, e o pequeno toque viajou por todas as partes do meu corpo. Ele não era bom apenas em simular emoções, ele era bom nisso também. Gênio e monstro.

— Podemos fazer mais algumas explorações depois do jantar, se você quiser? — Sua voz era profunda e rouca.

Eu dei um pequeno aceno de cabeça, não confiando que minha voz saísse mais do que um gemido. Nino beijou minha palma novamente antes de se levantar, me dando uma visão da protuberância em seu short de luta, antes de se virar e subir as escadas para tomar banho. Meus olhos seguiram suas costas musculosas, seus quadris estreitos e sua bunda firme.

Pressionei os dedos trêmulos nas teclas do piano. Onde eu havia parado? Não conseguia lembrar. Em vez disso, transformei meu estado

emocional atual em música. Foi rápido e errático, mas eventualmente a melodia suavizou e meu batimento cardíaco se acalmou. Encontrei o caminho de volta para a música que estava trabalhando antes de Nino chegar. Cada minuto que passava, eu relaxava ainda mais.

— Você tem trabalhado nisso por um tempo agora, — ele comentou. Eu pulei. Como de costume, ele se moveu tão silenciosamente que não o ouvi aproximar-se. Agora ele estava encostado na parede com as mãos nos bolsos. Estava usando uma camiseta branca apertada que acentuava seus músculos e mostrava os contornos escuros de suas tatuagens por baixo.

— Você reconheceu a melodia? — Eu perguntei, surpresa.

— Tenho boa audição e boa memória.

— Existe alguma coisa em que você não é bom? — Eu me levantei e fui até ele. Seus olhos se demoraram nas minhas pernas nuas, depois se moveram mais para cima, parando brevemente no meu peito antes de se fixarem no meu rosto. Calor inundou meu corpo. Não foi a primeira vez que o notei me olhando assim.

— Algumas coisas, — ele disse baixinho, estendendo a mão. Escorreguei a minha na dele sem pensar duas vezes. — Vamos. Remo ficará intolerável se a pizza esfriar.

— Ele não é sempre?

A boca de Nino se contraiu. — Ele ficará ainda mais intolerável.

— Nós não queremos isso. Um dia desses, ele te fará um viúvo.

A mão de Nino se apertou ao redor da minha. — Você é a mulher mais segura da cidade. Confie em mim.

Enquanto nos dirigíamos para a parte principal da mansão, arrisquei um olhar ocasional em seu rosto. Ele não parecia exatamente sem emoção, mais relaxado.

Ele olhou para mim. — Tudo certo?

Eu balancei a cabeça rapidamente, feliz por chegarmos à sala de jogos onde Savio e Remo já estavam esperando por nós. Como de costume, o jantar não seria na sala de jantar em uma mesa apropriada, mas no sofá com caixas de pizza espalhadas ao acaso ao redor da mesa da sala de estar.

Uma briga estava passando na grande tela da TV. Remo estava sentado em um sofá e Savio no outro. Sem camisas. Estava quente lá fora, mas eu realmente queria que eles estivessem usando mais do que calças de moletom. Ao contrário de Nino, eles não tinham tatuagens em seus torsos, apenas a marcação da Camorra em seus antebraços e Remo o anjo nas costas.

Eles não tinham começado a comer ainda.

— Onde está o garoto? Ele está me deixando louco, — Remo murmurou e gritou: — Adamo, traga sua bunda aqui. A pizza está esfriando.

Eu tinha comido mais pizza no meu casamento com Nino do que em toda a minha vida antes disso. Nino me levou até o sofá de Remo, mas felizmente afundou ao lado de seu irmão. Os sofás eram enormes, então nem precisávamos nos sentar muito perto, e mesmo assim sentar ao lado de Remo teria sido demais. Nino soltou minha mão e pegou uma cerveja da seleção na mesa.

Eu observei as cinco pizzas extragrandes. Estava bem claro qual delas era minha. Espinafre, queijo feta, tomates - a única sem qualquer tipo de carne.

Passos trovejaram escada abaixo e, um momento depois, Adamo apareceu na sala de estar. Sem uma saudação, ele pegou um pedaço de pizza, se jogou ao lado de Savio e começou a comer.

Remo balançou a cabeça, mas também pegou um pedaço. Todos eles compartilhavam pizzas, claro que nenhum deles tocou a minha. Eu cuidadosamente peguei uma fatia, em seguida, olhei em volta procurando guardanapos que o serviço de entrega geralmente enviava, mas não encontrei nenhum. — Vocês têm guardanapos? — Eu perguntei, mas recebi olhares vazios de volta.

— Nós temos alguns no bar, eu acredito, — disse Nino. Ele estava prestes a se levantar, mas eu me adiantei e me virei para ir ao bar.

— Ela tem uma bunda legal se não escondesse sob suas roupas, — comentou Savio.

Eu endureci, mas continuei me movendo.

— Cuidado, — Nino murmurou em uma voz que fez os pequenos cabelos no meu pescoço se erguer.

— Ela não é uma das nossas prostitutas, Savio. Ela é de Nino, e é melhor você se lembrar da próxima vez que abrir a porra da sua boca — resmungou Remo.

— Porra. Não faça tempestade em um copo d'água, — disse Savio.

Relaxando, encontrei um punhado de guardanapos ao lado de alguns copos de uísque sujos, peguei-os e voltei, esperando que minhas bochechas não estivessem vermelhas. O olhar atento de Nino traçou meu rosto enquanto eu afundava ao lado dele. Coloquei os guardanapos na mesa e coloquei um no meu colo antes de pegar meu pedaço de pizza.

— Savio está arrependido, sabe? Ele é apenas um idiota burro — disse Adamo, olhando para o outro lado da mesa com um sorriso. Eu sorri de volta.

— Ah, cale a boca, — disse Savio.

Encontrei o seu olhar. Seus olhos escuros estavam cautelosos, mas também curiosos. Ele ainda me via como uma intrusa. Eu entendia isso. E além de Remo, ele mostrava isso abertamente. Foi uma das poucas coisas que me lembrou de que ele era dois anos mais novo que eu.

Dando outra mordida na pizza, fiquei feliz quando a atenção voltou para a luta de gaiola na tela da televisão, que eu estava tentando ignorar. Eu sabia que Leona havia trabalhado lá por um tempo, e me perguntei como ela pôde suportar a violência.

— Onde está o Fabiano? — Perguntou Adamo com a boca cheia.

— Com Leona, — disse Nino simplesmente.

Savio revirou os olhos. — Boceta chicoteado.

Depois do meu terceiro pedaço, eu estava cheia. Mais da metade da minha pizza foi deixada. Os homens devoraram cada pedaço de sua comida, é claro. — Vocês podem comer minha pizza, se ainda estiverem com fome, — sugeri.

Quatro cabeças viraram na minha direção.

— Não há nada morto nela, — disse Savio.

— Podemos mudar isso em um piscar de olhos, — disse Nino secamente.

— Tenho certeza de que existem alguns membros que você não precisa, — acrescentou Remo, trocando um sorriso com Nino.

Savio bufou. — Se qualquer coisa for parar nessa pizza, é o pau de Adamo. Ele não usa de qualquer maneira.

Adamo corou, olhando para mim antes de franzir o cenho para o irmão. Eles provavelmente teriam começado a lutar se eu não estivesse aqui.

— Está deliciosa. Você não precisa adicionar membros ou outras partes do corpo, acredite em mim, — eu disse antes que saísse do controle.

Nino deu de ombros e pegou um pedaço, em seguida, deu uma grande mordida e deu um aceno satisfeito. — É comestível.

Eu bufei. Recostando-me contra o encosto de cabeça, eu enrolei minhas pernas debaixo de mim. Nino colocou o braço no espaço atrás de mim. Me aproximei um pouco mais dele até que estava encostada ao seu lado. Seus olhos cinzentos pararam no meu rosto por um momento antes de abaixar o braço e colocar a mão no meu quadril.

— Por que você não come carne? — Remo perguntou, reclinando-se contra o encosto, em seu segundo pedaço da minha pizza vegetariana. Ele parecia razoavelmente relaxado.

— Eu gosto de animais, — eu disse. Não queria discutir com eles sobre crueldade animal em fábricas de carne porque duvidava que eles entendessem; Eles torturavam humanos diariamente, afinal.

— Gosto deles também. Melhor que a maioria dos humanos — Remo disse com um encolher de ombros. — Não significa que eu não os coma.

— Prefiro-os na forma de salsicha, — disse Savio com um sorriso, mas também comeu um pedaço da minha pizza e se esticou no sofá, colocando os pés descalços nas pernas de Adamo, que por sua vez enrugou o nariz.

— Ótimo, agora eu tenho que sentir o cheiro dos seus pés a noite toda.

Eu não pude deixar de rir. Nino me deu uma olhada, mas não consegui ler a sua expressão. Remo também estava de olho em mim e, pela primeira vez, não parecia irritado nem furioso, mas também dificultava que eu avaliasse suas emoções.

— Que tal assistirmos a essa luta agora? — Remo disse depois de um momento e aumentou o volume.

Arrisquei um olhar para a tela, onde um homem enorme com braços tão grossos quanto minhas coxas estava batendo em seu oponente antes de jogá-lo contra a gaiola. Eu tremi com o barulho da gaiola e os aplausos embevecidos da multidão.

Nino segurou meu pulso, nunca tirando os olhos da tela, e eu reprimi um sorriso, que morreu quando o gigante agarrou seu oponente e o esmagou em seu joelho. As costas do homem deram um estalo doentio e ele caiu no chão imóvel.

Eu me encolhi violentamente contra Nino e seu braço apertou ao meu redor. — Ele está... ele está...? — Eu engoli, meu pulso acelerado. As sobrancelhas de Nino se uniram.

— Morto, — Remo disse com um encolher de ombros.

Meu estômago virou violentamente.

— Foi um movimento espetacular, — comentou Savio, enchendo a cara com outra fatia de pizza. Como ele poderia comer enquanto um homem morria?

Nino bateu no meu pulso, chamando minha atenção para o rosto dele. — Podemos mudar para uma das corridas de rua.

Eu peguei o olhar que Remo enviou para Nino. Ele discordava e estava certo.

— Não. Se eu quiser fazer parte dessa família, é melhor me acostumar a assistir isso.

Savio recostou-se, um desafio em seus olhos. — Então você deveria ir a Roger's Arena em duas semanas. É quando Nino terá sua próxima luta.

— O quê? — Eu levantei meus olhos arregalados para Nino.

— Eu não luto há um tempo. Está na hora.

— É por isso que estamos assistindo isso, — acrescentou Remo. — O grande filho da puta é seu oponente.

Olhei para Nino sem acreditar. — Você não pode estar falando sério. Ele quebrou as costas de alguém.

— Eu vou quebrar o pescoço dele. Isso é mais fácil e tem o mesmo efeito, — Nino falou lentamente.

Eu peguei a garrafa de cerveja que ele ainda segurava na mão que não estava ocupada verificando o meu pulso e tomei um grande gole. Então comecei a tossir do gosto horrível.

Nino gentilmente tirou a garrafa da minha mão, esvaziou-a com um longo gole e colocou-a de volta na mesa.

— Mulheres, — Savio murmurou baixinho.

Eu coloquei minha cabeça no ombro de Nino e me concentrei em seu peito enquanto a próxima luta se desenrolava na tela. Quando senti a mão de Nino no meu tornozelo, olhei para ele, mas toda a sua atenção estava na luta. Tudo o que eu podia focar eram os pequenos golpes de seus dedos contra a minha pele. Os irmãos começaram a discutir estratégias para a próxima luta de Nino enquanto assistiam as lutas anteriores do gigante. A mão de Nino se moveu de novo, deslizando até minha coxa externa. Eu parei, minha respiração engatando na minha garganta. Sua palma quente e áspera parecia surpreendentemente boa, apesar de sua proximidade com áreas mais problemáticas, áreas que guardavam memórias dolorosas.

Ele não moveu a mão, só descansou lá, e eu nem tinha certeza se ele percebeu ou não porque estava em uma discussão com Remo sobre se era melhor matar rápido ou deixar a luta acontecer por um tempo para entreter o público. Eventualmente, ele deve ter notado a minha quietude e baixou o olhar para mim. Ele moveu o polegar levemente sobre a minha pele, seus olhos permanecendo no meu rosto. Arrepios percorreram minha pele. Ele se inclinou para o meu ouvido, sussurrando. — Medo?

Eu considerei por um momento e então balancei a cabeça. Nervosismo, definitivamente sim, mas não medo.

Ele assentiu, obviamente satisfeito.

— Se isso está se transformando em uma sessão de foda, avise-nos, tudo bem? — Savio murmurou.

Nino estreitou os olhos, expressão endurecendo. — Savio, cuidado.

— O quê? Agora eu não posso dizer foda porque *ela* está aqui? — Ele se endireitou, olhando para mim. — Sem strippers, sem prostitutas, e agora você não quer que eu diga foda? — Ele olhou para Remo. — Diga que ele precisa parar de agir como a porra de um boceta e mostrar a Kiara quem é que manda.

— Eu acho que ela sabe quem manda, — disse Remo com um sorriso torto. — E você pare de reclamar. Leve uma prostituta para o seu quarto, se você está ansioso por uma boceta.

Savio recostou-se com um brilho desafiador apontado para Nino. — Nada de 'cuidado' quando Remo diz boceta?

Nino revirou os olhos e relaxou novamente. — Com você ainda há esperança. Remo é uma causa perdida.

Savio riu. — Sim, isso é um fato.

— Eu não me importo que você diga foda, — eu disse. — Esta é a sua casa e você pode conversar do jeito que quiser.

— É a *nossa* casa, — disse Nino com firmeza. — E ele pode dizer foda e o que mais quiser, desde que ele não insulte você. Você é minha e eu não quero que ele te insulte.

— Nossa, eu não a insultei. Perguntei se vocês estavam prestes a foder. Essa é uma pergunta válida, você não acha?

Adamo me deu uma olhada, o que me fez rir de novo.

— Nós não estamos prestes a foder, satisfeito? — Nino perguntou.

Savio sorriu. — Mais satisfeito do que você, obviamente.

Felizmente, a conversa voltou a estratégias de luta depois disso, mas as palavras de Savio continuavam se repetindo em minha mente. Eu poderia ser capaz de satisfazer Nino? Não tinha certeza se conseguiria tocá-lo *lá*.

Quando Nino saiu do banheiro apenas com a cueca, percebi o quão estúpidas eram minhas preocupações. Meus olhos nunca pareciam ter o suficiente observando-o, mas meus dedos agora coçavam para tocá-lo também.

— O que você quer? — Ele perguntou enquanto caminhava em direção à cama.

— Tocar em você, — eu admiti.

Ele parou bem na frente da cama, permitindo que eu o visse em toda a sua musciosa glória. Eu engoli, ficando oprimida novamente.

— Você quer que eu continue de cueca?

Eu balancei a cabeça rapidamente porque se ele ficasse nu, eu perderia minha coragem.

— Claro. — Ele acenou em direção à mesa de cabeceira. — Algemas?

— Sim.

Ele pegou as algemas do criado mudo, algemou a mão esquerda na cabeceira da cama e se esticou sobre ela.

Ajoelhei-me ao lado dele. Nino parecia completamente à vontade esparramado na cama. Seus olhos percorreram-me, absorvendo cada centímetro.

— Você pode me tocar onde quiser.

— Onde você quer que eu toque em você? — Eu sabia a resposta para essa pergunta, é claro.

— Isso é sobre você, Kiara. Toque-me onde quiser.

Reunindo minha coragem, eu corri minhas mãos sobre o peito, em seguida, desci pelo seu abdômen até as pontas dos meus dedos roçarem sua cintura. Então eu rapidamente recuei. Eu mantive meus olhos em minhas mãos enquanto explorava seu peito musculoso, mas

seus olhos estavam em mim o tempo todo. Corri minhas unhas levemente sobre seu peito, raspando seus mamilos, e ele respirou profundamente.

Sufoquei um sorriso e repeti o movimento, em seguida, me movi para baixo. Evitando sua cueca, eu segui para suas pernas, massageando suas coxas fortes, antes de voltar ao seu tronco mais uma vez. Um tempo depois de minhas ministrações, ele estava duro sob sua cueca. Minhas mãos pararam em seu abdômen.

— Você está no controle, — ele me assegurou. Sua voz estava mais profunda do que nunca. Meu tio tinha guiado minha mão da última vez, forçando-a para baixo em sua ereção, obrigando-me a apalpá-lo. Eu odiei a sensação dele. Engolindo o nó crescente na minha garganta, afastei qualquer pensamento do passado.

Corri minhas mãos novamente sobre o seu peito, em seguida, descii, sobre seus quadris e para suas coxas, e depois na subida, escovei sobre ele com os polegares, mal o tocando. Ele ficou mais duro imediatamente, e eu repeti o movimento e voltei para o peito dele. Os olhos de Nino estavam ansiosos enquanto me observava, sua respiração carregada e seu corpo esticado como uma corda de arco. Sua mão subiu para acariciar meu braço, o sussurro de um toque que enviou arrepios em todas as terminações nervosas. — Eu posso tocá-la assim também, se você quiser.

— Mas você não vai precisar de ambas as mãos?

Ele inclinou a cabeça. — Isso aumentaria o seu prazer, mas se você se sentir ameaçada, devemos me manter algemado.

— Não, vamos tentar sem as algemas. — Eu me inclinei e as abri para ele. Ele levantou, trazendo nossos rostos para perto. Pressionei minha boca contra a dele e ele assumiu a liderança como sempre fazia. Meus olhos se fecharam enquanto o calor se instalou no meu núcleo da forma hábil de seus lábios e língua me trabalharem. Eu gemi baixinho em sua boca e ele se afastou. Eu olhei para ele interrogativamente.

— Acho que podemos seguir em frente, — eu disse.

Sua boca se contraiu em um quase sorriso e uma sugestão de calor refletida em seus olhos. Afeto simulado, mas tão bom.

— O que devo fazer? — Eu perguntei incerta.

— Você pode deitar de costas e eu vou começar a massagear suas pernas e braços e ver se você gosta.

Eu desci um pouco e deitei para trás. Nino se ajoelhou ao lado das minhas pernas, me dando uma visão perfeita de seu corpo forte. A sensação esmagadora de perder o controle, ou pior o medo, nunca se instalou. Ele pegou meu pé esquerdo e começou a massagear minha sola com a quantidade certa de pressão. Então ele foi para o meu tornozelo. Seu toque alternou de leve para mais pressão enquanto ele trabalhava os dedos na minha panturrilha.

Meu núcleo latejava e eu podia me sentir mais úmida sob o toque dele. Seu olhar seguiu a trilha de suas mãos. — Posso tirar seus shorts?

— Claro, — eu disse baixinho.

Ele desabotoou-os lentamente e os puxou pelas minhas pernas, seus dedos roçando minha pele. Meu coração se sentiu pronto para sair da minha caixa torácica. Nino apoiou meu pé em suas coxas e acariciou meu joelho, em seguida, aplicou uma leve pressão sobre a pele logo acima dele. Eu soltei um suspiro suave. Observando meu rosto, ele agarrou meu tornozelo novamente e levantou-o enquanto se inclinava para frente. Ele pressionou um beijo no interior do meu tornozelo antes de sua língua provar o mesmo local, quente e úmida e inexplicavelmente perfeita.

Eu tremi e consegui me sentir ainda mais excitada. Como isso pode ser tão bom? Ele virou minha perna novamente e pressionou um beijo leve na minha panturrilha. Finalmente seus olhos deixaram meu rosto e dispararam para baixo. Levei um momento para perceber o que ele estava olhando. A maneira que ele segurava minha perna, o deixava ver a minha calcinha que se agarrava ao meu centro pulsante e encharcado.

Ele soltou um longo suspiro e sua expressão se tornou mais tensa. Constrangimento e insegurança me encheram, acompanhados por uma sugestão de cautela por causa do meu estado exposto.

Nino encontrou meu olhar, e seus olhos enviaram outro arrepio agradável até meu núcleo. Ele parecia imensamente satisfeito.

— Seu corpo responde perfeitamente ao estímulo, — ele murmurou. — Isso é muito bom. Isso tornará nossas explorações muito prazerosas para você.

— Tão confiante, — eu disse com uma risada pequena e nervosa.

Nino sorriu e beijou minha panturrilha novamente antes de chupar a pele em sua boca e morder levemente enquanto a outra mão subia pelo meu braço. Eu estremeci novamente. Isso parecia incrivelmente bom.

Ele liberou minha pele. — Eu gostaria de dar alguma atenção ao seu peito.

Eu parei. Meus mamilos já estavam dolorosamente forçando minhas roupas, mas não tinha certeza se estava pronta para tirar minha camisa e sutiã ainda. Nino já tinha me visto assim antes, mas por alguma razão eu ainda tinha dificuldade em me expor a ele.

— Você pode ficar com sua camisa, e vou apenas empurrá-la um pouco. A pele sobre suas costelas e barriga é muito sensível. Se eu der alguma atenção, você pode chegar perto do clímax sem qualquer atrito entre suas pernas, o que eu sei que você ainda não está pronta.

Era tão assustador o quão fácil ele podia me ler.

— Ok, — eu disse sem fôlego.

Suas mãos fortes alcançaram a bainha da minha camisa e lentamente a empurraram para cima. Eu tremi quando seus polegares roçaram levemente minha pele quando ele fez isso. Seus olhos se encontraram com os meus quando ele se abaixou do meu lado, sua cabeça no nível das minhas costelas. Meu estômago agitou de nervosismo, mas eu queria isso. Nino colocou a palma da mão contra a minha barriga e meus músculos enrijeceram sob o toque dele.

— Você me diz quando quiser que eu pare.

Eu assenti. Ele começou a mover o polegar, escovando minha pele e levantando arrepios por todo o meu corpo. Seus olhos se arrastaram do meu estômago, até a minha calcinha de renda preta, em seguida, ao longo do comprimento das minhas pernas antes de se concentrarem em meus olhos. — Você tem um corpo lindo, — ele disse apreciativamente.

Eu corei. — Obrigada.

Ele moveu a mão sobre a minha barriga e mergulhou as pontas dos dedos sob o cóis da minha calcinha. Quando fiquei tensa, ele se afastou. Ele não chegou perto da minha calcinha depois disso e ao invés acariciou minha barriga. Prendi a respiração quando ele abaixou a

cabeça e deu um beijo na minha pele. Como ele poderia ser tão bom em gentileza?

Nino era um homem paciente. Sempre que eu me encolhia, ele parava, só para tentar outra coisa. Beijos suaves e toques. Seus lábios demoraram muito tempo na pele sensível sobre minhas costelas, beijando e mordiscando. Meus mamilos se esticaram contra o tecido do meu sutiã, e Nino os observou enquanto beijava o local onde o tecido estava amontoado. Seus olhos cinzentos se ergueram para encontrar os meus.

— Você gostaria de me algemar novamente?

Por um momento, fiquei tão envolvido com as sensações que ele convocou que não tinha certeza do que ele estava falando, mas acenei de qualquer maneira. Ele saiu da cama e voltou com as algemas. Então algemou uma das mãos à cabeceira da cama enquanto se apoiava contra ela. Eu puxei a camisa sobre a minha cabeça antes que meu cérebro pudesse me impedir.

— Se você se inclinar, posso beijar seus seios, se quiser.

Tão calmo, controlado e clínico, mas com uma tensão subjacente em sua voz sedosa que traía sua excitação.

Eu corei e levei as mãos para trás para soltar meu sutiã. Minhas mãos tremiam demais.

Nino me olhou com calma. — Eu posso usar minha mão livre para livrá-la. É à esquerda, então posso demorar um pouco mais.

Eu me aproximei e ele estendeu a mão e soltou meu sutiã depois de alguns segundos. Então ele afastou a mão novamente e descansou em seu estômago firme. Abaixei meu sutiã. Ele me viu nua em nossa noite de núpcias, mas ainda estava desconfortável com seu escrutínio calmo. Eu não tinha como saber se ele aprovava o que via.

— Chegue mais perto, — disse ele.

Eu fiz e me ajoelhei ao lado dele. Ele estendeu a mão lentamente e tocou meu ombro, sua palma quente contra a minha pele. Ele aplicou uma leve pressão até que eu me inclinei, levando meu peito em direção ao seu rosto. Ele separou seus lábios e os fechou ao redor do meu mamilo em um delicioso casulo de calor e umidade. Eu ofeguei pela sensação e tive que me apoiar contra o peito dele, aproximando meu

peito ainda mais do seu rosto. Seus olhos pareciam ver através de mim e saber exatamente o que eu desejava quando sua língua começou a circular meu mamilo.

Foi incrível, esmagador e tão bom.

Ele se acomodou e começou a chupar meu mamilo sem pressa, puxando, girando, mordiscando até que eu estivesse ensopada. Eu nunca tinha me excitado assim, mas a boca de Nino e seu olhar intenso causaram sensações inesperadas. Pressionei minhas pernas, sentindo que ia implodir se não encontrasse algum alívio em breve.

Os olhos de Nino foram atraídos pelo movimento, mas ele manteve suas ministrações. Eu não conseguia desviar o olhar do rosto dele, do desejo em seus olhos e do modo como se dedicava ao meu seio.

Ele soltou meu mamilo com um som úmido e exalou. Minhas bochechas queimaram. Ele tirou a mão do estômago e moveu para a minha perna, em seguida, descansou-a levemente no meu joelho. Eu parei, mas meu núcleo saltou para a vida, carente e desesperado. Eu não sabia que poderia ser assim.

Ele ficou deitado também, olhos cinzentos traçando meu rosto. — Você pode usar minha mão se você quiser.

— O quê? — Eu sussurrei, meu cérebro mal funcionando.

— Se você quiser que eu te toque e lhe dê prazer, pode usar minha mão.

— Mas eu nem saberia o que fazer. Você é quem faz.

— Eu faço, e meu toque será muito prazeroso, mas você ainda está tensa.

Minha testa franziu com sua confiança. — Você está um pouco cheio de si mesmo.

Ele inclinou a cabeça com uma pitada de diversão. — Só sou bom em estimar meus próprios talentos, e sou bom em dar prazer.

— E infligir dor, — acrescentei.

— Isso também, mas isso não é algo que você tenha que se preocupar. — Seu polegar acariciou meu joelho levemente. — Por que

você não me deixa chupar seu mamilo novamente? Você parecia estar gostando disso.

Balancei a cabeça e me inclinei para frente. Ele agarrou meu mamilo e eu instantaneamente gemi. — Agora o seu outro seio, — ele murmurou enquanto eu mal conseguia me segurar acima dele. Eu virei e ele circulou sua língua sobre meu mamilo, em seguida, chupou em sua boca enquanto sua mão subia para amassar meu outro seio. Meu centro começou a pulsar, levemente a princípio, e então um tremor passou por mim, espalhando-se entre as minhas pernas.

Nino chupou meu mamilo com mais força. Eu ofeguei e senti mais umidade entre minhas pernas enquanto meu centro latejava. Congelei acima de Nino e ele soltou meu mamilo.

— O que aconteceu? — Eu perguntei, atordoada.

— Eu acho que você deve ter tido um orgasmo. Não foi forte, mas a minha sucção no seu mamilo foi o suficiente para estimular sua boceta sem atrito.

Calor subiu em minhas bochechas. — Oh, uau.

Os olhos de Nino estavam atentos enquanto se arrastavam pelo meu peito e depois baixavam. — Se eu tocar sua boceta, isso intensificará dez vezes, confie em mim.

Eu o observei e meu olhar disparou para o seu contorno duro sob a cueca. Sem dar tempo ao meu medo, estendi a mão para ele e segurei-o através do material. Ele soltou um suspiro agudo e se contraiu contra a palma da minha mão. Eu desci, apesar do meu pulso acelerado.

Nino estava algemado à cabeceira da cama. Era seguro para mim.

Parei de deixar que o passado me segurasse. Parei de ser uma prisioneira de Durant. Ele estava morto. Nino o havia torturado e matado por mim. Agora era a minha vez de matar a memória do homem.

Com os dedos trêmulos, os enganchei na cintura de Nino e puxei sua cueca para baixo. Seu estômago se agitou com a tensão, mas ele não fez nenhum som. Não me atrevi a olhar para o rosto dele por medo de perder a coragem.

Eu já tinha visto Nino nu, mas nunca arrisquei mais do que olhares fugazes. Desta vez, me permiti observar sua ereção enquanto

colocava minhas palmas nas suas coxas. Não havia motivo para eu ter medo da nudez de Nino. E eu não estava enojada do seu corpo, nem mesmo de sua ereção, como fiquei com Durant. Nino era lindo por toda parte, mesmo com as cicatrizes e as tatuagens - ou talvez por causa delas. Elas faziam parte dele e eu não conseguia imaginar como ficaria sem elas.

Meus olhos se demoraram em sua ereção. Ele era longo e grosso e circuncidado. Um breve momento de pânico me invadiu com a ideia de tê-lo dentro de mim, me lembrando da dor de muito tempo atrás, mas o afastei. Circulei meus dedos ao redor da base, e Nino soltou um suspiro baixo, mas ficou muito quieto. Eu estava no controle disso. Ninguém me obrigou a fazer isso. Eu queria isso. *Minha escolha.*

Comecei a mover a mão devagar, para cima e para baixo, concentrando-me no presente, na minha respiração, nos baixos suspiros de Nino, na suavidade dele na palma da minha mão. Ele estava tenso sob o meu toque, e quando eu finalmente ousei olhar para cima, seus olhos queimavam em mim com desejo.

Eu estremei, meus movimentos vacilando por um momento, mas depois aumentei meu domínio e acelerei. Desta vez mantive meus olhos em seu rosto, precisando vê-lo, precisando ver o que eu fazia para ele. Nino nunca afastou o olhar enquanto eu o masturbava mais forte e mais rápido, sua respiração se transformando rápido. Minha própria respiração se tornou difícil enquanto eu o observava, observava seu lindo rosto. Sua mão livre agarrou a borda do colchão enquanto sua expressão torcia e seus músculos da coxa se contorciam sob minha mão. — Se você continuar, eu vou gozar, — ele disse asperamente.

Eu não parei. Eu precisava continuar. Meus lábios se separaram quando os olhos de Nino se fecharam. Seus quadris empurraram para cima, e ele gozou com um estremecimento. Nada era mais bonito do que o rosto perfeitamente frio de Nino com paixão. Meu olhar voou para minha mão enquanto ele gozava sobre meus dedos.

Em silêncio, minha respiração presa no meu peito. Ele se contraiu duas vezes, e então Nino também se acalmou. Ficou tudo muito quieto ao nosso redor, exceto pela batida do meu coração nos meus ouvidos.

NINO

Kiara olhou para a mão dela em volta do meu pau amolecido com o meu esperma por cima. Ela estava tensa e sua expressão era impossível para eu ler. Sentei-me, abri a algema e delicadamente tirei sua mão de cima de mim. Então eu levantei e puxei-a junto. Ela me seguiu sem dizer uma palavra para o banheiro, onde liguei a água na pia e segurei sua mão embaixo dela, lavando meu gozo. Eu só podia supor que isso desencadeou lembranças do passado.

Suas sobrancelhas se uniram e, finalmente, ela ergueu os olhos para os meus. — Porque você fez isso?

Eu olhei para ela, tentando ler sua expressão, mas parecia apenas intrigada, não chateada. Sequei a mão dela, em seguida, enrolei meus dedos em torno de seu pulso. Seu pulso estava rápido, mas não tão rápido quanto quando ela sentia medo. — Presumi que você estava chateada porque gozei na sua mão.

— Eu não estava, — ela disse calmamente.

Eu inclinei minha cabeça. — Então por que você ficou tensa? Você parecia chateada.

— Fiquei chocada e aliviada, — disse ela lentamente. — Porque eu estava preocupada em não poder fazer isso. Que lembraria muito do que ele fez, mas isso não aconteceu. Não fiquei enojada.

— Isso é bom, — eu murmurei. Não esperava que ela me tocasse hoje, mas ela deve ter se sentido segura por eu estar algemado. Ela sorriu para mim e eu devolvi o sorriso. Sua expressão se suavizou ainda mais. Ela se pressionou contra mim e minhas mãos automaticamente envolveram seus quadris. — Deixe-me tocar sua boceta, Kiara. Eu quero fazer você se sentir bem. Eu quero fazer você gozar forte.

Um rubor se espalhou em suas bochechas. Ainda havia incerteza em seu rosto.

— Meus dedos não causarão dor, apenas prazer. Confie em mim.

— Eu confio, — ela disse baixinho.

Levei-a de volta ao quarto e Kiara deitou-se na cama, observando-me com um pequeno e tenso sorriso. Ajoelhei-me ao lado dela. — Vou

massagear suas pernas e subir. Por enquanto, você vai ficar com sua calcinha, ok?

Ela assentiu.

Quando coloquei as palmas das mãos em suas coxas, sua pele enrijeceu ao toque. — Basta dizer 'pare' quando quiser que eu pare, — eu disse a ela com firmeza, encontrando seu olhar.

— Tudo bem, — disse ela.

Comecei a massagear sua coxa externa e, depois de um momento, ela relaxou, mas não seguiu em frente. Eventualmente, ampliei meus movimentos, meus dedos acariciando o lado interno macio de suas coxas onde a pequena cicatriz ficava. A respiração de Kiara acelerou. Eu escovei minha palma mais acima, finalmente tocando seu monte coberto pela calcinha. Ela respirou fundo, e eu olhei para ela e a encontrei me observando.

— Você quer que eu pare?

Ela sacudiu a cabeça rapidamente e eu sorri. — Bom.

Corri minha palma sobre a calcinha novamente, e ela balançou seus quadris levemente. Desta vez, quando passei a mão sobre ela, deslizei meu dedo médio sobre o pequeno vinco, escovando suas dobras e clitóris. Ela arqueou com um pequeno gemido de surpresa e eu repeti o movimento. Sua calcinha grudou em sua carne molhada, me dando uma visão perfeita de sua fenda. Abrandando minha mão enquanto passava sobre ela, me certifiquei de que a ponta do meu dedo descansasse contra o seu cerne. Eu mantive minha palma pressionada contra sua boceta. Seu calor e umidade eram tentadores contra a minha pele. Seu perfume inebriante provocou meu nariz e me fez querer enterrar meu rosto em seu colo e lambar sua excitação.

Movi a ponta do dedo levemente sobre seu clitóris, e Kiara gemeu corada, mordendo o lábio. Eu repeti o movimento. — Não se cale. Deixe-me ouvir você. Dessa forma saberei que você gosta do que estou fazendo. — Embora, sua calcinha encharcada também fosse um bom indicador.

Levemente balançando o calcanhar da minha palma contra ela, meu dedo roçou seu clitóris. Eventualmente, ela moveu seus quadris contra mim, suas mãos segurando os lençóis.

Seus olhos baixaram para a região da minha virilha. Eu sabia que ela me encontrara duro.

— Goze para mim, Kiara, — eu pedi.

Ela gemeu novamente, quase impotente, seu corpo começando a tremer sob o meu toque. Eu acelerei meu dedo. — Nino, — ela engasgou. — Eu... eu... oh Deus. — Seus olhos se arregalaram e então seus quadris se contraíram, e ela gritou quando estremeceu violentamente. Diminuí meus movimentos, apreciando o modo como sua calcinha se agarrava a sua excitação.

Meu pau ansiava por outro orgasmo, por sua vagina, seu gosto e calor. Ela estava tão molhada. Teria sido muito prazeroso fodê-la agora, mas o medo dela ainda impedia isso.

Levantando o dedo, mantive a pressão da palma da mão contra o seu centro, sabendo que isso prolongaria seu orgasmo.

Ela me observou com os lábios entreabertos, seus cachos uma bagunça selvagem em volta da cabeça. — Obrigada, — ela sussurrou.

— Por dar-lhe um orgasmo? — Eu perguntei com uma pitada de diversão.

Eu subi de volta até ela e me estiquei ao seu lado. Ela se aproximou e passei meu braço ao redor dela. — Por nunca ultrapassar o que consigo tomar, — ela disse calmamente. — Por me mostrar que ser tocada não deve ser doloroso.

Ela colocou a cabeça no meu peito e meu corpo relaxou ao sentir seu calor.

Capítulo Dezessete

KIARA

Eu estava uma pilha de nervos. Era a primeira vez que voltava a Baltimore desde que me casara com Nino, depois do escândalo de lençóis ensanguentados. A descrição de Giulia do rescaldo daquele dia provavelmente foi suavizada por minha causa.

Eu seria o centro das atenções. As pessoas sussurrariam pelas minhas costas. Eles me julgariam por ações que nem eram minhas.

Nino se aproximou de mim. — Nós devemos sair agora. A viagem de avião leva quase cinco horas e precisamos estar na casa do seu tio por volta das sete da noite.

Eu balancei a cabeça e meu estômago se agitou ainda mais.

— Onde está o seu vestido? — Ele perguntou.

Eu apontei para o modesto vestido azul escuro pendurado na porta. Era um dos vestidos que tia Egidia comprara para mim há alguns anos. Era a escolha segura.

Nino balançou a cabeça uma vez. Ele entrou no nosso closet e emergiu alguns minutos depois com o longo vestido de seda vermelha que comprei há algumas semanas.

Meus olhos se arregalaram. — Se eu usar isso, as pessoas olharão ainda mais.

Nino inclinou a cabeça. — Você é uma Falcone, minha esposa, e não vai tentar se esconder. Você vai ficar de cabeça erguida e mostrar a eles que estão abaixo de você. Mostrar a eles como você é linda. Deixe que eles olhem.

Eu pisquei e balancei a cabeça em silêncio. Ele fazia parecer tão fácil.

Remo, Nino e eu pegamos o jato particular para Baltimore. Savio, Adamo e Fabiano ficaram em Vegas, já que isso era mais uma questão

de família, sendo o septuagésimo aniversário do meu tio. Remo, como o Capo da Camorra, era o convidado de honra, embora eu achasse que minha tia e meu tio não estavam muito entusiasmados em tê-lo sob seu teto.

Ficariamos hospedados em um hotel desta vez porque Giulia e Cássio, assim como meus outros irmãos, passariam a noite na casa de minha tia e tio. É claro, porque praticamente todos os membros da Famiglia eram ainda mais cautelosos com Nino e Remo desde que mataram Durant em minha noite de núpcias.

Às vezes eu me perguntava se havia algo de errado comigo por não me sentir culpada pelo que aconteceu com ele. Eu não vi o corpo dele, mas pelas reações de todos que viram, sabia que era ruim.

Eu observava Nino e Remo por cima do meu livro. Eles estavam discutindo uma próxima reunião com Luca.

Chegamos mais tarde do que o esperado em nosso hotel, então eu tive que apressar minha preparação. Quando terminei de vestir o vestido vermelho com uma fenda até a parte superior da coxa, combinada com o decote ousado, não conseguia tirar os olhos do espelho. Meu cabelo escuro caiu pelas minhas costas e ombros, e coloquei o batom na mesma cor vermelho sangue do vestido. Dama de vermelho.

Nino apareceu atrás de mim com um olhar satisfeito. — Você será o centro das atenções, Kiara, como deveria ser. Você é um espetáculo para ser visto. Vermelho sangue é a sua cor.

Eu bufei uma risada. — As pessoas vão pensar nos lençóis ensanguentados, sem dúvida.

Nino pôs as mãos nos meus quadris e, sem pensar nisso, eu me inclinei contra ele, saboreando a sensação de seu corpo forte pressionado contra as minhas costas. — Deixe-os lembrar dos lençóis. É o que vai acontecer com qualquer um que se atreva a tocar em você.

Eu tremi com a expressão no rosto dele. Tão frio e cruel. Tão bonito. Nino em seu smoking preto e gravata vermelha sangue era uma visão de tirar o fôlego por si só, mas juntos parecíamos perfeitos, como se estivéssemos destinados a ficar juntos. Era um pensamento ridículo, uma noção romântica que eu nunca pronunciaria em voz alta porque Nino não entenderia.

— Venha agora, não queremos nos atrasar, — ele murmurou, mas seus olhos viajaram sobre o meu decote mais uma vez, e o desejo em sua expressão apertou meu núcleo.

Remo já estava esperando no saguão do hotel quando Nino e eu chegamos. Remo também vestia um smoking, mas usava uma gravata preta. Eu nunca o vi vestido assim, nem mesmo no meu casamento.

Seus olhos levaram seu tempo me avaliando. Então ele sorriu. — Aposto que algumas pessoas serão atingidas por lembranças desagradáveis quando virem seu vestido.

Torci minhas mãos quando a limusine alugada nos deixou na frente da minha antiga casa. Nino passou o braço pela minha cintura, a mão pousando possessivamente no meu quadril.

Eu respirei fundo.

— Mantenha a cabeça erguida, — Nino me lembrou em voz baixa.

Remo olhou para nós com curiosidade. — Não deixe nenhum desses filhos da puta te derrubar porque seu pai foi um traidor. Não deixe eles te colocarem para baixo por qualquer outra merda. Você é uma Falcone agora. Se um deles não demonstrar respeito, diga-me ou a Nino e nós vamos lidar com isso.

— Obrigada, — eu disse com um pequeno sorriso.

Remo deu um aceno rápido. Eu não estava tão apavorada como antes, e ele tentou não me assustar demais. Talvez tenhamos chegado a um entendimento eventualmente.

A porta da mansão se abriu. Tia Egidia e tio Felix apareceram. Seus olhos se arregalaram quando se fixaram em mim.

Nino apertou meu quadril e eu levantei a cabeça, forçando um sorriso.

Kiara Falcone. Alguém novo. Não a garota que se escondia pelos cantos.

Quando chegamos à frente deles, houve um momento de silêncio constrangedor, então eu disse rapidamente: — Feliz aniversário, tio Félix. — Beije sua bochecha e sua expressão se suavizou.

— Obrigado, Kiara. Você está incrível.

— Você está, — concordou tia Egidia. — Que cor forte.

Dei-lhe um abraço rápido também, então me afastei para que Nino e Remo pudessem cumprimentá-la e ao meu tio. Nino entregou o caro scotch de edição limitada ao meu tio, que visivelmente relaxou. Ficou claro que nem Egidia nem Felix gostavam de estar perto de Nino e Remo.

Nós os seguimos para dentro. A casa fora decorada com flores frescas e a sala de estar estava cheia de convidados, assim como o jardim. Um bufê fora instalado na sala de jantar adjacente, e os garçons circulavam com bandejas cheias de champanhe e aperitivos. No momento em que Nino e eu entramos na sala, todos os olhos se voltaram para nós, e a maioria das pessoas não conseguiu esconder sua surpresa ao me ver vestida assim.

Giulia fez sinal para eu me juntar a ela e a Cassio. Eu olhei para Nino, que soltou minha cintura. — Remo e eu vamos conversar com Luca. Por que você não vai até a sua meia-irmã?

Eu balancei a cabeça e rapidamente fiz o meu caminho até ela. Ela me envolveu em um abraço apertado, em seguida, recuou e examinou minha roupa, uma expressão orgulhosa em seu rosto. — Finalmente, você está mostrando suas curvas. Você parece absolutamente deslumbrante.

Eu sorri e acenei para Cassio. Ele não fez nenhum movimento para me tocar. Ele sempre teve o cuidado de não fazê-lo, a menos que fosse absolutamente necessário. Giulia e eu nunca havíamos conversado sobre isso, mas tinha quase certeza de que ela havia conversado com ele sobre o que aconteceu comigo anos atrás. Ele era seu marido, então era natural compartilhar detalhes íntimos.

— Como estão as coisas em Las Vegas? — Ele perguntou, mas pela tensão em sua expressão, poderia dizer que Giulia deve ter lhe dado um tempo difícil, porque ela se preocupava comigo.

Segurei a mão da minha meia-irmã e apertei. — Estou indo bem. Você não precisa mais se preocupar.

Seus olhos se voltaram para Nino, que estava ouvindo algo que Luca dizia. — Você pode me dizer se algo estiver errado, Kiara. Nós podemos ajudar você.

Eu ri. — Giulia, eu não preciso da sua ajuda. Sou uma Falcone agora. Estou bem protegida.

Ela me olhou com surpresa e depois trocou um olhar com o marido. — Uau. O que eles fizeram com você?

Eu olhei para Nino, e como se pudesse sentir meus olhos nele, ele se virou, encontrando meu olhar. Meus lábios se curvaram em um sorriso. — Ele me ensinou o meu valor.

Giulia tocou meu ombro nu, seus lábios se separaram. — Você gosta dele?

Eu não conseguia desviar o olhar de Nino. — Eu gosto dele, — eu disse baixinho, e meu corpo se aqueceu com a minha admissão. No fundo, percebi que talvez fizesse mais do que apenas gostar dele.

Giulia pegou minha mão e me levou para fora em uma parte isolada do jardim. — Kiara, como isso é possível?

— O quê? Achei que você ficaria feliz por eu me sentir em casa em Las Vegas, que meu casamento com Nino não é o inferno como eu originalmente temia.

— Estou feliz por você, é tão difícil acreditar que os Falcones tratam você direito.

Dei de ombros. — É como você disse: alguns homens não levam violência para casa. Nino é um deles. Ele sabe o quão forte é, quão poderoso. Ele não precisa me humilhar para se sentir poderoso.

O primeiro sorriso verdadeiro se espalhou pelo rosto de Giulia e ela me abraçou de novo. — Estou tão feliz por você.

As pessoas olharam quando voltávamos para a festa, mas mantiveram distância. No passado, era porque eles não queriam ser associados a uma traidora; agora parecia que eles estavam com medo. Eventualmente, eu me encontrei de volta ao lado de Nino, sua mão uma presença tranquilizadora no meu quadril.

— Você está indo bem, — ele murmurou. Seu louvor me encheu de orgulho.

Eu me senti aliviada quando voltamos para o nosso hotel mais tarde naquela noite. Mesmo depois de menos de dois meses, Las Vegas

já parecia mais uma casa do que Baltimore, e eu queria voltar para onde as pessoas não me julgavam pelo meu passado.

Alguns dias depois, acordei com Nino quando ele se levantou para nadar. Decidi ficar na cama pela primeira vez e dormir algumas horas adicionais. Nino me surpreendeu quando sentou e se inclinou, com a boca perto da minha orelha. — Hoje à noite, eu quero explorar cada centímetro do seu corpo com a minha boca, — disse ele, e o calor subiu para as minhas bochechas. — Vai ser mais intenso do que qualquer coisa que fizemos até agora. Eu sou muito bom nisso.

Tudo o que eu pude fazer em resposta foi assentir, atordoada em silêncio, mas meu corpo explodiu em calor. Nino levantou-se, seu calção de banho em uma tenda e virou-se para sair.

Fechei os olhos, tentando imaginar sua boca entre as minhas pernas, imaginando como seria. Inquieta e quente, apertei minhas coxas. Meus dedos encontraram o caminho entre as minhas pernas, e me acariciei do jeito que Nino tinha me dito, imaginando sua voz profunda e baixa, suas mãos, sua boca... e gozei com um pequeno tremor, mas não foi o suficiente. Nem mesmo perto.

Saindo da cama, optei por um longo banho para limpar minha mente.

Naquela noite, preparei o jantar pela primeira vez. Eu não tinha certeza se os homens iriam gostar, considerando que não tinha carne, mas a lasanha de três queijos parecia deliciosa e, enquanto cozinhava no forno, seu cheiro sedutor me dava esperança de que eu realmente havia conseguido criar algo comestível.

Saí em busca dos homens, mas encontrei apenas um, Remo, que estava chutando o saco de pancadas como se o tivesse insultado pessoalmente. Era o seu passatempo favorito.

Ele lançou um olhar para mim, mas não parou imediatamente seu ataque.

— Onde está Nino?

— Chuveiro. — Chute. — Ele trabalhou com Adamo hoje. — Chute. Soco. Soco. Pontapé.

— Eu cozinhei para nós.

Remo fez uma pausa, seus olhos escuros se estreitando. — Para você e Nino?

— Para todos nós, — eu disse baixinho, mudando nervosamente sob seu olhar severo.

Ele se aproximou apesar da minha tensão crescente. Agarrando uma toalha jogada no sofá, ele parou na minha frente. — Sem correr ou vacilar hoje?

Eu franzi meus lábios. — Nunca corri de você.

— Você correu quando eu estava fodendo a prostituta na mesa de bilhar.

Passos soaram um momento depois, e Nino apareceu ao meu lado, tocando levemente minhas costas. — Essa é uma visão inquietante.

— Sua esposa cozinhou para nós, — disse Remo.

Nino olhou para mim. Ele cheirava a seu gel de banho picante. Alguns fios molhados pendiam da testa e das têmporas.

— Adamo me levou às compras hoje. Achei que seria bom ter uma refeição caseira para variar.

Meus olhos correram para sua boca, tentando imaginar como seria bom, mas vacilei. Minha imaginação não era muito boa.

— Eu assumo que nenhum animal foi prejudicado, — Remo murmurou.

Nino enviou um olhar de aviso ao irmão.

— É vegetariano, sim, mas seus níveis de colesterol serão abastecidos. Não se preocupe. Foi feita com camadas de mussarela, queijo pecorino e queijo taleggio.

— Cerca de três quilos de queijo, — acrescentou Adamo, enquanto descia os degraus, com o cabelo molhado despenteado.

— Você precisa da minha ajuda? — Perguntou Nino.

— Você poderia carregá-la até aqui. A forma é pesada.

Nino me seguiu até a cozinha, sua palma quente pressionada contra minhas costas.

— É preciso mais cinco minutos, — eu disse a ele depois de outra espiada dentro do forno, evitando olhar para o seu rosto, porque isso me levava a olhar para sua boca e isso levava a pensamentos mais perturbadores. Nino me olhou em silêncio. Ele segurou meu rosto e passou o polegar sobre minha bochecha.

— Você está nervosa.

Eu lambi meus lábios, meus olhos caindo para sua boca, em seguida, um pouco mais para cima. Ele se aproximou e me beijou, lento e quente e com uma promessa de mais. Sua língua era quase brincalhona enquanto circulava a minha, provocando, mas ainda dominando. Afobada, recuei. Era a primeira vez que Nino iniciava um beijo, a primeira vez que éramos íntimos fora do nosso quarto.

— Isso é o que eu vou fazer hoje à noite, — ele murmurou, em seguida, acrescentou em voz ainda mais baixa: — Entre suas pernas.

Eu estremeci. Nino estava mais relaxado ao meu redor; era emocionante e aterrorizante, e eu não queria de outra maneira.

Ele se afastou, olhos cinzentos avaliando meu rosto. Ele pegou meu pulso, passando o polegar pela pele sensível antes de beijá-lo. — Lembre-se, não há nada para você temer quando estiver na cama comigo.

Eu assenti. Minha garganta seca tornou difícil engolir. — Acho que a lasanha está pronta.

Nino pegou a grande forma e levou-a para a sala de jogos. Eu carregava pratos, guardanapos e talheres. Savio, Adamo e Remo já

tinham ocupado seus lugares habituais. Por um momento, considerei pedir-lhes para jantar na sala de jantar, mas depois decidi contra.

— Isso cheira bem, — disse Adamo, inclinando-se sobre a lasanha no momento em que Nino a colocou sobre um tripé de madeira.

— Tem certeza de que ela não envenenou a comida? — Perguntou Savio com um sorriso, mas ele já estava enchendo o prato com lasanha.

Nino pôs a mão no meu joelho quando se sentou ao meu lado. — Kiara e eu temos planos para esta noite, então não acho que ela vai me envenenar ainda. Estou certo?

Calor explodiu minhas bochechas.

— Muita informação, Nino, — murmurou Adamo.

— Pouca informação, se você me perguntar, — disse Savio com um sorriso. — Era mais divertido quando você compartilhava suas aventuras com a gente, Nino. Agora só posso ouvir a merda distorcida de Remo.

Eu tinha certeza de que minha cabeça explodiria de vergonha a qualquer momento.

— Se você não quer ouvir minha merda distorcida, vou compartilhar com Nino e Fabiano no futuro.

— Eu não acho que alguém queira ouvir, — eu disse.

Remo se inclinou para trás, me olhando com um sorriso sinistro no rosto. — Nem todo mundo é adepto a sexo de baunilha de merda, então me processe. E se bem me lembro, Nino e Fabiano gostavam do lado mais áspero das coisas também antes que suas mulheres os castrassem.

Eu por acaso olhei para Nino, mas seu rosto não demonstrava nada. A lasanha estava deliciosa e os homens a devoraram como se fosse sua última refeição. Como de costume, eles provocaram um ao outro e discutiram. Sempre me dava uma sensação estranha de pertencer quando eles agiam como uma família à minha volta.

Depois do jantar, Nino e eu nos retiramos para nossa ala. Quando Nino fechou a porta do nosso quarto, eu olhei para ele com curiosidade. — O que Remo quis dizer com o lado mais áspero das coisas?

Nino sacudiu a cabeça. — Isso não significa o que você acha que significa.

— Você não sabe o que eu acho, — eu disse baixinho. — Talvez você seja um gênio, mas não é um leitor de mentes.

Nino passou os dedos em volta do meu pulso e me puxou para mais perto. Então ele se inclinou. — Eu não tenho que ser um leitor de mentes para reconhecer o olhar em seu rosto, Kiara.

Suspirei. — Então você nunca...? — Minha voz tremeu.

— Nunca, — ele disse com firmeza e alívio me encheu. Seu polegar acariciou meu pulso. — Que tal explorarmos algo agora?

Eu dei um aceno mudo, excitação percorrendo meu corpo. Nino me levou para a cama. — Se você quer que eu desça em você, seria sensato não me algemar... a menos que você se sinta confortável sentado na minha cara.

Meus olhos se abriram em choque. — Não, — eu finalmente disse. — Definitivamente não.

Os lábios de Nino se contraíram nos cantos. — Isso foi o que eu pensei.

Minhas bochechas estavam quentes quando revirei os olhos. Ao me aproximar, fiquei na ponta dos pés e espalmei a mão no pescoço de Nino. Ele abaixou a cabeça imediatamente, reivindicando minha boca e envolvendo um braço em volta das minhas costas. Eu me perdi em seu beijo até que ele começou a nos abaixar para a cama. Senti o colchão macio abaixo de mim enquanto Nino pairava sobre mim.

Ele se afastou, seus olhos traçando meu rosto. — Medo? — Ele perguntou baixinho, segurando seu corpo acima do meu.

Era ridículo ter medo porque era Nino, mas como Durant parecia pairando sobre mim, sempre voltava à minha mente, mesmo que eu não quisesse que as lembranças me atingissem.

Nino se abaixou na cama ao meu lado e eu rapidamente retornei beijando-o. Ele aceitou sem hesitar e, como de costume, assumiu a liderança. Eu me rendi à sua língua de especialista, sentindo o calor no meu centro. Sua mão acariciou meu lado, em seguida, deslizou sob minha camisa, tocando a pele e causando arrepios. Seus dedos subiram mais, em seguida, roçaram meu sutiã de renda. Meus mamilos se enrugaram sob o toque e eu gemi na boca de Nino. Sua mão segurou meus seios e amassou levemente no início, em seguida, seu toque ficou mais firme. Reunindo minha coragem, procurei Nino, precisando senti-lo. Minhas mãos deslizaram sobre o peito musculoso, pelo estômago firme até chegar à bainha de sua camisa. Eu a puxei dele.

Nino se afastou da minha boca, sentou-se e puxou a camisa por cima da cabeça. Meus olhos examinaram seu torso, os músculos, as cicatrizes, as tatuagens e, como sempre, meu corpo se encheu de milhares de borboletas. Antes que ele se deitasse de novo, minhas mãos já estavam roçando seu peito. Ele se apoiou para permitir que eu explorasse. Seus olhos estavam no meu rosto, mas meus olhos permaneceram em meus dedos enquanto eles acariciavam seus peitorais, em seguida, roçavam seus mamilos.

Ele exalou, e eu repeti o movimento, amando poder romper o comportamento frio de Nino com um toque tão pequeno. Parecia fortalecedor. Emocionante.

— Que tal se livrar de sua camisa também? — Nino murmurou, as mãos alcançando a bainha da minha camisa. Eu me levantei para que ele pudesse passar por cima da minha cabeça.

Seus olhos percorreram meu corpo, demorando-se em meus seios, e então seus lábios retornaram aos meus enquanto seus dedos puxavam meu mamilo através da renda. Ele me ajudou a sair do meu sutiã. Dedos e lábios acariciavam meus seios, ombros e estômago, enquanto ele deixava uma necessidade ardente em seu rastro. Apesar da necessidade do meu corpo, eu congelei quando Nino tocou minha calcinha. Até agora ele me tocou através do tecido. Isso me deu a ilusão de segurança.

Eu levantei meus quadris, e Nino aceitou meu convite, mas seus olhos permaneceram no meu rosto enquanto me desnudava aos seus olhos. Sua palma acariciou minha coxa, em seguida, lentamente subiu, movendo-se sobre o pequeno pedaço de cabelo escuro entre as minhas pernas. Prendi a respiração quando o polegar tocou meu clitóris pela primeira vez sem uma barreira. Arqueando-me, eu gemi.

Seu dedo acariciou minhas dobras, mas ele nunca mergulhou entre elas. Eu não tinha certeza se por ser tão bom em me ler... ele entendia que ter os dedos tão perto da minha entrada arranhava a superfície de memórias dolorosas. Nino se moveu para o final da cama e acariciou meus tornozelos, separando-os. Eu sabia o que ele estava prestes a fazer e tentei fazer meu corpo relaxar.

Ele se esticou entre as minhas coxas, seu bíceps tatuado flexionando enquanto abria minhas pernas. Meu núcleo pulsou, seguido pelas minhas coxas, quando ele baixou o olhar para o meu centro.

— Medo? — Ele perguntou baixinho, atentamente. Eu não tinha medo disso. *Ele* nunca tinha feito isso comigo.

— Nervosismo, — eu admiti.

— De quê? — Sua respiração soprou sobre o meu calor úmido, e eu tremi com antecipação, nervosismo e necessidade.

Era difícil explicar. — Eu não sei.

Ele se inclinou para frente. — Isso vai ser bom para você, Kiara. Tente se concentrar na minha língua e meus lábios. Não pense em mais nada.

Sua respiração se espalhou sobre o meu clitóris, e então sua língua deslizou sobre mim levemente, mergulhando entre minhas dobras antes que ele flutuasse sobre meu cerne. Eu choraminguei com a sensação.

— Bom? — Nino perguntou contra mim, sua voz profunda e calma.

Eu balancei a cabeça, meus dedos cavando os lençóis. A língua de Nino fez uma pequena vibração novamente, e meus músculos finalmente se soltaram. Ele abriu minhas coxas mais distantes com os ombros e arrastou sua língua até a minha abertura. Eu fiquei brevemente tensa e ele se afastou rapidamente. Mais uma vez, sua língua flutuou sobre o meu clitóris, em seguida, sobre as minhas dobras antes que ele mergulhasse mais baixo e repetisse o mesmo movimento sobre a minha entrada. O intenso prazer percorreu-me e desta vez o meu corpo não ficou tenso. A língua de Nino passou levemente pela minha abertura, então ele girou e aumentou a pressão,

empurrando a ponta para dentro de mim. Eu soltei um suspiro surpreso.

Ele soltou um zumbido baixo, que soou como aprovação, e meus olhos correram para baixo para observá-lo. Seu olhar descansava em minhas dobras enquanto ele circulava minha abertura com a língua. Ele parecia gostar disso, e essa percepção baniiu o meu último receio. Ele passou a língua sobre meu clitóris novamente, com leves cutucões e giros, e então eu pude sentir algo construindo; A tensão apertou profundamente meu núcleo, subindo a cada lambida e movimento, até que eu me estilhacei. Eu gritei, estremecendo com a minha libertação.

Nino gemeu contra mim, movendo-se para baixo e lambendo minha entrada com movimentos lentos. Meus olhos se arregalaram quando minhas paredes se apertaram novamente sob seus cuidados.

— Monte-me, — ele ordenou em voz baixa.

Ele começou a dar lambidas firmes para aumentar meu prazer novamente. Era incrível, *impossível*. Isso parecia melhor do que qualquer coisa que já senti.

— Nino, — eu choraminguei enquanto ele trabalhava em mim com cuidado gentil. — Isso é tão bom.

— Bom, — ele murmurou contra minhas dobras, e eu tremi com o som. — Quero que você goze para mim, Kiara. Você pode fazer isso por mim?

— Sim, — eu ofeguei, e ele passou a língua ao longo do meu clitóris antes que ele focasse sua atenção na minha entrada. Ele pressionou sua boca firmemente contra mim e sua língua entrou em mim novamente. Sua língua era tão boa dentro de mim enquanto ele a movia devagar. Seu polegar encontrou meu clitóris, e ele esfregou os mesmos círculos suaves.

Empurrei meus quadris inquietos, oprimidos com as sensações maravilhosas. Foi construindo ainda mais rápido desta vez, minha carne sensível demais, mas ainda ansiosa por mais. Minha mão voou até a cabeça de Nino, agarrando seu cabelo, e então me aproximei ainda mais.

Os dedos de Nino acariciaram minhas dobras. — Eu gostaria de colocar meu dedo em você.

Encontrei o seu olhar. Sua expressão era calma, segura de si. Engoli.

Ele mergulhou um dedo entre meus lábios. — Diga algo. Diga-me para parar se você não quiser isso.

— Eu... eu estou preocupada que vai doer como da última vez.

— Não vai, — disse Nino firmemente com certeza. A ponta do dedo se moveu um pouco mais para baixo. Eu fiquei tensa, lembrando a dor de muito tempo atrás, a sensação de quebrar, de desamparo.

Nino me olhou, seu dedo traçando levemente a minha abertura, mas não empurrou para dentro. Ele estendeu a outra mão e acariciou a parte inferior da minha barriga. — Tente se soltar, Kiara. Você está muito molhada e meu dedo será muito agradável contra suas paredes sensíveis, se você permitir.

Eu tentei relaxar, mas meu corpo se conteve com medo do passado. Nino continuou acariciando minha abertura e dobras. — Deixe-me ajudá-la, — ele murmurou.

Ele me assustou quando sua mão voou do meu estômago para o ponto sensível nas minhas costelas. Eu soltei uma risada e me contorci. Então Nino enfiou o dedo em mim. Ele imediatamente parou as cócegas.

— Oh, — eu respirei e parei. Não doeu nada. Lentamente, seus olhos encontraram meu rosto. Ele começou a mover o dedo e eu gemi com a sensação.

— Por que você me fez cócegas? — Eu perguntei densamente quando Nino continuou empurrando dentro de mim com o dedo. Ele esfregou meu clitóris levemente.

— Eu distraí seu corpo. Seu cérebro assumiu que meu dedo contra a sua abertura era uma ameaça porque você esperava dor, então eu agi e apliquei outra ameaça em que suas sinapses tinham que se concentrar. Normalmente, funciona melhor com a dor real, mas a cócega também é eficaz porque o corpo reage de maneira semelhante.

Eu balancei a cabeça. — Você é bom nisso.

Seus lábios se contraíram e seus olhos cinzentos me questionaram. — Estudei o funcionamento do corpo por um longo tempo, especialmente suas reações ao prazer e à dor.

Eu não duvidei disso. Gemi quando ele fez algo com o dedo dentro de mim, uma rotação leve.

Ele repetiu o movimento e esfregou o polegar levemente sobre o meu clitóris. — Você gosta disso?

Como ele poderia perguntar? — Sim, — eu consegui dizer. Seus lábios tomaram o lugar do polegar sobre o meu clitóris enquanto seu dedo deslizava para dentro e para fora lentamente.

— Goze novamente para mim, — disse ele naquele tom sedoso e dominante, e eu me abri com a sensação combinada de seu dedo e sua boca.

Meu corpo inteiro explodiu com ondas de prazer. Eu tremi por um longo tempo, tentando recuperar o fôlego. Nino tirou o dedo e depois me chocou, levando-o aos lábios e colocando-o na boca.

— Eu gosto do seu gosto, Kiara, — disse ele em uma voz mais rouca quando se ajoelhou entre as minhas pernas. Meus olhos foram atraídos para as calças dele. Ele estava duro, excitado porque teve sua boca em mim.

Eu me sentei, peguei sua cueca. — Eu quero retribuir.

Nino tirou-a e ajoelhou-se na cama novamente. Eu estava na frente dele e estendi a mão para ele. Ele gemeu. Eu me movi lentamente, em seguida, me inclinei para frente, e ele me encontrou no meio do caminho. Seus lábios reivindicaram os meus e tinham meu gosto. Nós nos beijamos enquanto eu bombeava minhas mãos para cima e para baixo, seus olhos perfurando-me com mais do que um escrutínio frio. Nosso beijo ficou desesperado, descoordenado. Nino ficou tenso na minha mão. Eu observei as pequenas contrações musculares de seus músculos, o puxão de sua boca, escutei sua respiração rápida, e pareceu tão certo.

Capítulo Dezoito

KIARA

Leona me deu uma olhada. — Você está nervosa também?

Eu ri. — Nervosa nem sequer explica isso. Eu não acho que vou ser boa em lutar. — Eu parei. — Mas por que você está nervosa? Eu achei que você tinha praticado com Fabiano antes.

— Algumas vezes, sim, mas sempre estivemos sozinhos. Agora haverá pessoas assistindo.

Eu assenti. Desejei que Nino tivesse escolhido praticar sozinho comigo, mas sabia que ele estava muito ocupado por causa de sua próxima luta contra aquele homem gigante.

Quando saímos para a sala de treinamento, meus olhos encontraram dificuldade em absorver tudo. O lustre pendurado no teto, o papel de parede vermelho e dourado, as mesas de roleta quebradas, as belas janelas sujas em forma de concha... Era tão típico dos Falcone escolher algo tão chamativo quanto um prédio de cassino abandonado para o ginásio de luta deles.

Os homens já estavam reunidos em torno do ringue de boxe. Eles estavam apenas em shorts de luta, e meu coração trovejou mais rápido com a visão de todos os músculos e cicatrizes. Até mesmo Adamo era musculoso para um quase 14 anos de idade.

— Graças a Deus, não a gaiola, — Leona murmurou, e eu dei-lhe um olhar questionador. Ela sorriu. — Fabiano sempre insiste que treinemos na gaiola, e isso honestamente me dá arrepios.

Meus olhos vagaram para a gaiola e eu tive que concordar. Eu já estava nervosa sendo assim.

Nino tocou meu quadril quando cheguei ao lado dele. — Leona vai primeiro porque ela já tem alguma prática.

Tentando esconder meu alívio, assenti.

Fabiano abriu as cordas para Leona, que entrou com um olhar nervoso em direção aos irmãos Falcone. — Vocês todos vão assistir?

— Não, — disse Nino. — Eu vou atacar você.

Os olhos de Leona se arregalaram. — O quê? Eu pensei que Fabiano iria treinar comigo?

Fabiano balançou a cabeça. — Não dessa vez. Estar diante de um adversário que te deixa nervosa é mais próximo da realidade.

Nino se balançou sobre a corda e enfrentou Leona, com os braços pendurados ao seu lado de uma forma relaxada. — Observe bem, Kiara, — disse ele.

Eu assenti.

Nino atacou Leona e notei o corpo de Fabiano balançando levemente para frente. Leona soltou um grito de surpresa quando a mão de Nino apertou seu pulso. Ele a empurrou, e então já estava sobre ela. Ele se ajoelhou entre as pernas dela.

— Leona, — Fabiano assobiou. — Lembre-se do que eu te ensinei.

Leona começou a lutar, mas Nino pressionou seus pulsos no chão acima da cabeça, abaixando-se, abrindo suas pernas ainda mais com as coxas musculosas.

Remo fez um barulho de campainha. — Não há como você escapar agora. Você agiu tarde demais. Agora ele a tem exatamente onde quer.

Eu estremeci.

— Ele teria que abrir as calças. Isso pode lhe dar uma chance de atacá-lo com a mão livre — eu disse.

Todos olharam para mim e eu engoli, mas permaneci firme.

Nino agarrou os dois pulsos de Leona em um dos seus, apesar dela se contorcer e me mostrou a mão livre. — Livre para abrir minhas calças.

Nino se endireitou e puxou Leona para seus pés.

— Por que você agiu muito tarde? — Fabiano perguntou com uma carranca.

— Fiquei surpresa e, para ser sincera... Nino me assusta, — ela disse indignada.

— Então vamos esperar que seu agressor anuncie o ataque antes da hora e não te assuste, — Remo murmurou.

Obviamente perdendo o interesse, Savio e Adamo se mudaram para a jaula e começaram a lutar um contra o outro, mas Savio definitivamente tinha a vantagem e não tinha calma com seu irmão mais novo, a julgar pela força de seus chutes e socos. Não admira que Adamo sempre fosse espancado.

— Mais uma vez, — disse Fabiano.

Nino agarrou o braço de Leona, mas desta vez ela agiu instantaneamente. Ela levantou a mão para agarrar seu rosto, mas ele a bloqueou com o cotovelo, ao mesmo tempo esquivando-se de seu chute apontado para sua virilha com o quadril. Então ele a jogou no chão. Eles terminaram na mesma posição de antes, e Leona bufou.

— Melhor, — Nino disse com um aceno de cabeça, empurrando-a e puxando-a para seus pés.

— Eu ainda acabei no chão.

— Seu atacante não será Nino, — disse Fabiano. — Ele provavelmente não será tão rápido, forte ou habilidoso.

Eles fizeram mais dois exercícios até o rosto de Leona ficar vermelho e coberto de suor. Nino parecia apenas ter acabado uma caminhada matinal lenta e agradável.

Sufoquei um sorriso e quando ele encontrou meus olhos e os cantos de sua boca se contorceram. Meu corpo se encheu de calor, como tantas vezes fazia na presença de Nino.

— Sua vez, — disse ele e separou as cordas para mim.

Engolindo em seco, entrei no ringue e Leona saiu rapidamente, sussurrando: — Boa sorte.

Fabiano imediatamente envolveu o braço em volta da cintura dela possessivamente. Remo balançou a cabeça e pulou na borda do ringue, em seguida, entrou.

Olhei para Nino, meu pulso martelando nas minhas veias. — Você vai treinar comigo, certo? — Minha voz tremeu.

Nino olhou meu rosto e balançou a cabeça. — Eu quero que você enfrente seus medos. Eles podem imobilizá-lo durante uma briga real.

Comecei a tremer quando olhei para Remo, que estava de braços cruzados sobre o peito, me observando com uma diversão sombria.

Balancei a cabeça. — Não. Eu não posso. — Eu recuei na corda. — Por favor, Nino.

Nino trocou um olhar com o irmão, que revirou os olhos.

— Eu posso assumir, — sugeriu Fabiano.

Minha cabeça girou em direção a ele. Ele também me aterrorizava, mas não tanto quanto Remo.

— Então faça isso, — Remo rosnou, mas ele caminhou em minha direção, com os olhos escuros duros. — Enquanto você não enfrentar seus medos, você será fraco. Ele manterá o poder sobre você contanto que o deixe. Se você parar de ser covarde, venha até mim e lhe mostrarei como lutar contra um oponente que quer machucar você.

Ele pulou a corda e caminhou em direção a Adamo e Savio para se juntar a eles na jaula.

Nino tocou minha cintura, as sobrancelhas juntas. — Não se importe com ele.

— Você concorda com ele? — Eu perguntei baixinho.

Nino assentiu. — Remo seria a melhor opção se você quisesse simular um ataque.

— Eu posso ser tão assustador quanto Remo, se você quer que eu seja, — disse Fabiano com um encolher de ombros.

— Não, — eu disse rapidamente. — Obrigada.

Fabiano era assustador o suficiente com seus olhos azuis avaliadores.

— Você viu o que Leona fez, — Nino começou. — É claro que o passado dela não abriga os mesmos demônios, então você terá que lutar contra dois inimigos: Fabiano e suas memórias. Eu posso te dizer como

fazer o primeiro, mas o último é a sua luta. — Ele fez sinal para eu me aproximar de Fabiano. — Você é menor e mais fraca, então terá que fazer cada soco contar. Aponte mire onde dói mais. Suas bolas. — Nino apontou para a área da virilha de Fabiano, que levantou uma sobrancelha. — Plexo solar. — Ele apontou para a área abaixo das costelas. — Sob o queixo. Olhos. Nariz. — Ele apontou para o rosto de Fabiano.

— Aqui, deixe-me mostrar-lhe, — disse Nino e se posicionou na frente de Fabiano, cujos lábios se alargaram em um sorriso.

Nino levou o joelho para o lado na direção da virilha de Fabiano sem fazer contato. Então ele fechou a mão e fingiu socar o estômago de Fabiano duas vezes. Então ele empurrou a palma de sua mão no nariz de Fabiano. — Você também pode arranhar ou morder, mas não perca muito tempo. Você vai se cansar eventualmente.

Nino recuou e deu um aceno de cabeça a Fabiano.

Fabiano veio até mim imediatamente e eu desliguei. Tudo aconteceu tão rápido, e de repente eu estava de costas e ele estava entre as minhas pernas. O pânico me sufocou. Soltei um soluço aterrorizado, cerrei os olhos e comecei a tremer.

— Porra, — alguém disse. Então outra voz fria e convincente falou acima de mim. Essa voz havia me trazido de volta antes.

— Kiara, abra os olhos. — E eu abri, olhando para os olhos frios e cinzentos. Nino — Não permita que o passado controle você. Você está segura. Nada vai acontecer com você. Estou aqui.

Eu engoli e dei um pequeno aceno de cabeça. Fabiano se sentou em suas ancas, me olhando com uma carranca profunda. Fechei minhas pernas, envergonhada. — Desculpa.

— Você não precisa se desculpar, — ele disse com um encolher de ombros, mas seus olhos estavam um pouco mais suaves do que antes.

Nino me ajudou a ficar de pé. — Novamente? — Seus olhos seguraram os meus, e eu dei um pequeno aceno de cabeça. Ele se virou para Fabiano. — Desta vez, só monte as pernas dela.

Fabiano assentiu. — Pronta?

— Sim, — eu disse, e ele pegou meu braço e, novamente, me vi de costas com Fabiano sobre minhas coxas. O pânico rasgou através do

meu peito e eu tentei lutar contra isso, mas não consegui. Minha visão ficou preta. Fabiano saiu de cima de mim e eu respirei fundo. Nino se ajoelhou ao meu lado, tocando meu ombro.

— Eu não acho que esteja funcionando, — disse Fabiano. — Ela está com muito medo.

Nino assentiu, mas manteve os olhos em mim e sua palma quente no meu ombro. — Você pode sair. Eu vou seguir daqui.

Fabiano me deu um sorriso tenso. Então saiu do ringue.

— Sinto muito, — eu disse, envergonhada de ter quebrado assim, mesmo que isso tivesse sido falso, mesmo que Fabiano não quisesse me machucar.

— Eu subestimei seu medo dos homens. Comigo você estava relaxada.

— Isso é porque eu confio em você, — eu sussurrei.

Suas sobrancelhas se uniram e ele não disse nada. — É por isso que eu queria que você lutasse com Remo ou Fabiano. Você é cautelosa com eles. Isso tornaria a luta mais real.

— Eu sei, mas é demais agora. Você não pode treinar comigo?

— Claro, mas vou ser duro com você, Kiara. Não faz sentido ficar dentro da sua zona de conforto. Você não vai melhorar sentindo-se segura.

Meu estômago apertou com os nervos quando Nino me levantou. Nino tinha razão, e eu queria mostrar a ele que não era fraca e, mais do que isso, queria mostrar a mim mesma que poderia vencer meu passado de uma vez por todas. Eu permiti que isso controlasse minha vida por muito tempo.

— Aproxime-se. — Quando eu fiz, ele agarrou meus pulsos, e fiquei tensa em preparação para o seu ataque, mas ele colocou minhas mãos sobre seus ombros. — Use isso para ganhar impulso e agora empurre seu joelho para cima o mais forte que puder.

Eu hesitei.

— Faça isso, — ele ordenou, e eu fiz. Nino bloqueou meu joelho com a coxa para que eu não acertasse sua virilha. Eu pulei do impacto, uma dor surda se espalhando pelo meu joelho e coxa. — Desculpa.

— Não se desculpe. Você deveria me machucar. Novamente, e mais forte desta vez.

Empurrei meu joelho para cima novamente e bati em sua coxa. Ele deu um breve aceno de cabeça. — Melhor. Ainda hesitante demais. Agora faça um punho.

Abaixei minhas mãos e as enrolei em punhos.

— Bata no meu estômago.

Dei um soco nele, mas até eu percebi que estava me contendo. Nino agarrou minha mão e enrolou meu punho ainda mais apertado. Então ele tocou no local onde queria que eu visasse. — Aqui. E com força.

Dei um soco nele novamente e sua boca se apertou. Não tinha certeza se era porque eu realmente consegui machucá-lo ou se ele ainda não estava satisfeito com o meu desempenho. Provavelmente o último. — Agora abra sua mão e leve a palma da sua mão até meu nariz.

Eu fiz como ele instruiu, e ele mudou o ângulo da minha mão ligeiramente. — Assim. Se você usar força suficiente, você pode quebrar o nariz do seu oponente.

— Talvez.

Ele balançou sua cabeça. — Você pode. Confie em mim. Se eu usar esse movimento com força total, posso matar meu oponente empurrando seus ossos no cérebro dele, não apenas quebrando o seu nariz.

Meu rosto se encolheu de desgosto.

— Agora vamos passar para a defesa real. Eu vou te atacar, te jogar no chão e me forçar entre suas pernas, e você vai tentar me parar com tudo que você tem. Não se segure, Kiara. Você não pode me machucar.

— Tudo bem, — eu disse. Limpei minhas mãos das minhas calças porque elas estavam suadas pelo nervosismo.

Nino me olhou com calma, mas então algo em sua expressão mudou, tornando-se calculista e predatória, e eu sabia que ele estava prestes a atacar. Apesar desse conhecimento, gritei quando ele me agarrou pelos quadris. Depois de um segundo congelada, levantei meu joelho, mas ele se esquivou com sua coxa e me pressionou no chão com seu corpo. Então ele estava em cima de mim, ajoelhado entre as minhas pernas, sua pélvis pressionada na minha. Meus pulsos estavam presos acima da minha cabeça e nenhum esforço fez com que ele se mexesse. Minha respiração ficou irregular quando o pânico rodou na boca do meu estômago, não tão ruim quanto antes, mas estava definitivamente lá.

— Lute contra isso, — Nino ordenou bruscamente.

Eu sabia o que ele queria dizer, mas era muito difícil lutar contra minha própria mente. Eu me concentrei nos seus olhos frios e cinzentos. Eles agora me libertaram do meu pânico duas vezes, e o fizeram novamente. Lentamente, meu terror diminuiu e minha respiração acalmou.

Nino balançou a cabeça quando ele soltou meu pulso, mas continuou em cima de mim. — É bom que você encontre conforto em meus olhos, Kiara, mas isso não vai te ajudar se você for atacada.

Eu fechei meus olhos. — Talvez nós tenhamos que aceitar que eu nunca serei capaz de me defender e que da próxima vez que alguém como meu tio aparecer, poderá pegar o que quiser de mim.

Os lábios de Nino tocaram minha orelha, fazendo meus olhos se abrirem em surpresa. — Você aprenderá a se defender e eu juro que ninguém vai te machucar novamente. Ninguém jamais chegará perto.

Ele recuou e sua expressão deixou meu coração em chamas com emoções bobas. Por um momento nenhum de nós se moveu e eu toquei as palmas das mãos no peito musculoso dele. Minha respiração acelerou por outro motivo. Pela primeira vez na minha vida, eu estava confortável com um homem estando sobre mim, com ele entre as minhas pernas. Nino finalmente quebrou o momento, se afastando de mim e estendendo a mão. Eu peguei e deixei ele me puxar para os meus pés, mas meu corpo ainda formigava de sua proximidade.

— Mais uma vez, — disse ele e a tensão em sua voz dominou a agitação em minha barriga.

NINO

Depois de treinar e voltarmos para casa, Kiara continuou atirando olhares na minha direção, mas no momento em que os devolvia, ela desviava o olhar. Eu não conseguia ler seu humor. Ela parecia nervosa. Entrei no chuveiro depois que ela terminou, mas mantive a porta aberta como de costume. Kiara nunca entrou. Minha nudez ainda a deixava nervosa e não era só medo.

Remo estava certo. Ela precisava aprender a lutar contra alguém que a assustasse, e essa pessoa não era eu. Kiara passara a confiar em mim e eu não esperava isso. Claro, eu a tinha tratado de uma forma que me fez acreditar que ela pudesse relaxar na minha presença. Seu medo não era algo que eu pudesse tolerar em uma esposa. Precisava de alguém que pudesse me enfrentar, e Kiara estava chegando lá. Ainda tínhamos um longo caminho a percorrer, mas, ao contrário do meu irmão, eu era paciente.

Recostando-me contra o chuveiro, mudei a água para o frio para que meu pau não tivesse nenhuma ideia. Eu tinha a sensação de que Kiara não estaria pronta para explorar mais hoje. A briga com Fabiano a havia perturbado. E se eu fosse honesto, tinha sido difícil para eu ficar afastado e vê-lo tocá-la, segurá-la, ajoelhar-se entre suas pernas. Foi algo que nunca havia experimentado antes. Eu não reconheci a emoção que estava sentindo.

Quando entrei no quarto depois do banho, Kiara estava encostada na cabeceira da cama, usando uma camisola fina de seda que pouco escondia seus mamilos. Suas pernas magras estavam cruzadas nos tornozelos, um lugar onde Kiara era muito sensível. Seus olhos dispararam do livro que ela estava segurando e examinou rapidamente meu peito nu, demorando-se na minha cueca, antes que voltasse seu olhar para o livro, mas ela não era capaz de se concentrar no que estava lendo.

Secando meu cabelo, fui até onde ela fingia ler. — O que há de errado? Eu fiz alguma coisa para te deixar nervosa? É por causa do treinamento hoje? Tenho que garantir que você aprenda a se defender. Pegar leve com você não terá o efeito desejado.

Pensei que tínhamos alcançado algum tipo de entendimento. Eu não cederia sobre sua autodefesa. Kiara estava bem protegida. Como uma Falcone, seu sobrenome carregava medo pelas ruas de Las Vegas. Todo mundo sabia que ela era minha. Todos sabiam que os Falcones protegiam o que era seu e nossa vingança era cruel e impiedosa. Ela estava tão segura quanto uma mulher em nosso mundo poderia estar, no entanto, eu não conseguia ver por que não deveríamos garantir o mais alto nível de segurança, fazendo de Kiara um alvo difícil. Suas habilidades com armas melhoraram, mas ela precisava aprender a se defender sem a ajuda de armas.

Ela corou e largou o livro e finalmente olhou para mim. Seus olhos percorreram meu torso e até a minha cueca, em seguida, rapidamente de volta para o meu rosto. Estreitei meus olhos, tentando avaliar seu humor. Ela estava nervosa. Larguei a toalha que usei para esfregar meu cabelo e afundei na cama ao lado dela.

— Se você não me disser o que te incomoda, não posso mudar meu comportamento.

— Você não fez nada, — ela disse baixinho. Mais uma vez, seus olhos fizeram uma rápida varredura da parte superior do meu corpo, mergulhando mais baixo, em seguida, subiram novamente para o meu rosto. Isso não era sobre ela estar chateada com os eventos de hoje, eu percebi. Tinha quase certeza de que ela estava excitada, mas, como sempre, permiti que ela desse o primeiro passo.

— Eu quero dormir com você.

Meu corpo reagiu imediatamente, o sangue disparou direto no meu pau, mas não agi no impulso. Eu me virei para Kiara, inclinei meu corpo para mais perto, meu braço me apoiando ao lado da perna dela, e ela se aproximou, largando o livro no chão. Seus lábios pressionaram contra os meus, e sua língua escorregou. Eu lutei contra o desejo de pressioná-la no colchão, cobri-la com meu corpo e me esfregar contra seu corpo macio. Queria me afundar em seu maldito canal apertado, queria senti-la ao redor do meu pau e me perder. Não havia como negar.

— Você quer me algemar? — Eu perguntei entre beijos.

Seus olhos castanhos seguraram os meus, e ela deu uma pequena sacudida de cabeça. — Eu confio em você. Não tenho mais medo de sua força.

Corri meus dedos pelo braço dela. Confiança, era uma coisa frágil. Eu sabia. Eu só confiava em meus irmãos, mas também estava começando a confiar nela. — Eu vou fazer isso bom para você, Kiara.

Ela exalou e uma sugestão de ansiedade apertou seus lábios. — Não vai ser como da última vez, certo? — Sua voz tremia e seus olhos olhavam para mim como se soubesse que eu manteria o passado à distância. E porra, queria fazer isso por ela, queria mostrar-lhe que o que ela passou não era algo que iria reviver novamente.

Eu tracei seus seios através de seu decote. — Não vai ser nada assim. — Beije seu queixo até a garganta e clavícula, respirando seu perfume doce, saboreando a sensação de sua pele macia como seda contra os meus lábios. — Não haverá dor nem medo. Você estará no controle.

Seus dedos encontraram a parte de trás da minha cabeça e ela me empurrou para baixo. Eu obedeci, afastando a alça do ombro e deixando seu peito nu. Eu fechei minha boca em torno do mamilo ereto, e chupei na minha boca, apreciando a maneira como ele enrugava sob meus cuidados.

Ela ofegou, arrepios percorrendo sua pele. Minha mão segurou seu outro seio, massageando suavemente antes do meu polegar encontrar seu mamilo e deslizar sobre ele, provocando um gemido dela. Eu golpeei novamente enquanto circulava seu outro mamilo com a minha língua. Ela começou a se mexer inquieta ao meu lado enquanto se ajoelhava na cama.

— Nino, — ela sussurrou. — Por favor.

— Por favor, o quê? — Eu perguntei em uma voz rouca. Eu estava dolorosamente duro em minha cueca, mas tentei deixar minha necessidade em segundo plano.

— Preciso gozar.

— Você quer minha boca?

Ela deu um aceno brusco.

— Então deite-se.

Ela recuou e deitou-se. Eu subi na cama, em seguida, enganchei meus dedos em sua calcinha, e quando ela não ficou tensa, eu as puxei para baixo. Ela levantou a bunda facilitando para mim. Lentamente, eu

coloquei um joelho entre as pernas dela, observando seu rosto. Houve um segundo de resistência antes que ela se abrisse para mim. Colocando o meu segundo joelho entre suas pernas, escovei suas coxas levemente e abri suas pernas um pouco mais. A visão de suas dobras brilhantes enviou uma onda de desejo através do meu corpo, direto para o meu pau.

Paciência era uma virtude, mas neste momento, ser paciente parecia uma tarefa intransponível. Respirando fundo, eu me estiquei entre suas coxas enquanto ela me observava com desejo, lábios entreabertos, olhos arregalados e confiantes.

Ela já estava muito excitada das minhas ministrações em seus mamilos, excitada o suficiente para fazer sexo, mas queria que ela relaxasse com vários orgasmos antes de eu entrar nela. Beijeí sua coxa, trilhando meu caminho para cima onde ela queria minha boca. Eu respirei sobre suas dobras, fazendo suas pernas tremerem de necessidade. Beijeí seu osso púbico, em seguida, suas dobras antes de dar uma longa lambida, provando-a, sem me importar que isso deixasse meu pau ainda mais duro. Seu gosto era como um fodido catalisador da minha própria luxúria.

Kiara respirou profundamente, quase aliviada. Eu estabeleci um ritmo lento flutuando sobre seu clitóris e círculos suaves sobre sua abertura até que ela estava se contorcendo e ofegando. Quando ela estava fazendo pequenos e desesperados movimentos de balanço com seus quadris, eu pressionei minha língua contra seu clitóris com firmeza, e ela se despedaçou com um grito. Sua mão desceu sobre a minha cabeça, me segurando no lugar, enquanto eu me concentrava em sua entrada, mergulhando minha língua, enterrando meu rosto todo o caminho em seu colo perfeito.

Acaricieí sua coxa, em seguida, aproximei minha mão de sua boceta e escovei meus dedos sobre sua carne molhada. Traçando meu dedo indicador ao longo de sua fenda, esperei alguns instantes, mas ela não ficou tensa, então coloquei um dedo nela. Meu pau pulsou, sabendo que logo estaria enterrado em seu calor úmido. Comecei a fodê-la com o dedo lentamente enquanto circulava seu clitóris. E essa visão me deixou em chamas. Imaginei que isso chegava perto de sentir emoções, essa necessidade ardente e que tudo consome. Melhor do que a sensação de sua excitação foi o gemido sem fôlego caindo da boca de Kiara, a suavidade de suas coxas me dizendo que ela gostava disso sem reservas, porque confiava que eu seria bom para ela.

Levantei meus olhos para observá-la.

Meu dedo foi engolido por sua umidade, e ela estava agarrando os lençóis, dando gemidos desesperados em sua garganta. Eu recuei alguns centímetros.

— Como está, Kiara? — Minha voz estava tensa e rouca - *no limite* -, mas Kiara não parecia incomodada com isso. Um calor estranho se instalou no meu peito, um que eu não pude entender.

— Bom, — ela sussurrou, em seguida, ofegou quando curvei meu dedo dentro dela, pressionando levemente contra o ponto G.

— Bom?

— Tão bom, Nino. Tão bom. — Ela soava como se isso fosse um maldito milagre, como se fosse uma revelação que eu tinha oferecido a ela, e algo estranhamente possessivo encheu meu peito.

Kiara era minha.

— Bom, — eu murmurei contra sua carne molhada antes de fechar minha boca sobre o clitóris novamente e escovar seu ponto G. Ela gozou de novo, arqueando-se, arranhando os lençóis, ofegando e gemendo, e eu suavizei minhas ministrações, permitindo que ela aproveitasse isso. Eu sabia que precisava testar sua prontidão com outro dedo, mas avisá-la sobre isso representava risco de ela ficar tensa novamente. No entanto, ela precisava se sentir no controle. — Eu quero colocar um segundo dedo em você.

Um momento de hesitação. — OK.

— Tente relaxar ou vou fazer cócegas em você de novo, — eu avisei quando deslizei meu dedo para dentro e para fora lentamente.

Ela riu e eu coloquei meu segundo dedo nela. Ela enrijeceu em surpresa e eu não me movi, deixando-a perceber que nenhuma dor seguiria. Ela estava muito molhada para isso. — Tudo bem?

— Tudo bem, — disse ela.

— Então vamos tentar fazer isso ser bom. — Eu subi pelo seu corpo, mantendo meus dedos dentro dela e fechei minha boca sobre o mamilo. Eu o provoquei por um tempo antes de começar a mover meus dedos em um ritmo lento.

As paredes de Kiara os abraçaram com força, e eu mal podia esperar para senti-las ao redor do meu pau. Depois de alguns segundos, Kiara encontrou meus impulsos com a pélvis enquanto eu chupava seu mamilo com mais força. Soltei seu mamilo para perguntar como estava, mas Kiara foi mais rápida.

— Tão bom, Nino. Por favor, não pare.

Voltei minha boca para o mamilo que esperava, mordiscando levemente, e logo Kiara se arqueou sob mim, gritando sua libertação. Eu tirei meus dedos dela, que estavam cobertos com seus sucos, e essa visão quase me desfez.

Seus olhos se abriram, seu olhar desfocado, os lábios curvados em um pequeno sorriso satisfeito.

— Seu corpo está pronto, — eu murmurei, oscilando na borda do controle. Eu raramente me permiti perder o controle, e esta noite definitivamente não seria o dia.

— Estou pronta, — ela disse suavemente, os olhos procurando meu rosto. Eu sorri para ela, sabendo que ela precisava ser colocada à vontade.

Eu me ergui e saí de cima de Kiara. — Eu acho que é melhor você vir por cima.

— Não tenho certeza se posso fazer isso. Você pode ficar por cima?

Eu balancei a cabeça, mas devido ao seu nervosismo assim que ela percebesse minha força física, estar no topo parecia uma má escolha. No ringue de boxe hoje, ela lidou bem com isso, mas era diferente de se submeter a alguém em uma cama. Eu tirei minha cueca. Eu já estava dolorosamente duro, mas sabia que precisava ir devagar por Kiara. Nunca na minha vida tive que me segurar por alguém. Aceitei qualquer prazer que as mulheres pudessem me oferecer, e elas poderiam oferecer bastante, mas Kiara era minha esposa e queria tratá-la bem, tratá-la como uma esposa deve ser tratada.

Kiara não era uma prostituta ou devedora. Ela era minha esposa. Uma Falcone. Minha responsabilidade.

Ela me olhou com nervosismo e confiança. Eu não sabia por que a compreensão de que ela confiava em mim me agradava tanto quanto acontecia; apenas meus irmãos confiavam em mim e agora Kiara - embora seu passado a tivesse ensinado que as pessoas em quem ela confiava acabaram machucando-a.

Voltei a subir na cama e Kiara sorriu, mas seus lábios tremeram ao fazê-lo. Eu queria estar nela.

— Nós não temos que fazer isso, — eu disse a ela, mesmo que as palavras fluíssem dolorosamente dos meus lábios.

— Não, — ela disse imediatamente, tocando meu peito. Seus dedos estavam trêmulos. Eu trouxe a palma da sua mão para minha boca e a beijei. Ela relaxou um pouco, reagindo bem à ternura, como de costume. Eu gostava de ser gentil com Kiara porque a maneira como ela respondia me dava muita satisfação. Era uma nova experiência que eu não tinha pensado ser possível.

Me movi lentamente sobre ela, e ela abriu as pernas para mim para que eu pudesse me ajoelhar entre elas. Apoiando-me em meus braços, olhei para minha esposa. Eu já podia ver que ela estava ficando sobrecarregada pela minha presença. Sua respiração acelerou e seus cílios tremiam nervosamente. Eu gostaria que houvesse um jeito dela perceber que isso não tinha nada a ver com o estupro do seu passado. Ela ficando por cima de mim ainda parecia a melhor solução para o problema.

Eu parei sobre ela, sem me mexer. — Você vai se sentir ainda mais fora de controle se eu entrar em você. Meu peso vai te pressionar no colchão, e você terá que ceder à pressão que aplico. Realmente não há como evitar, — eu murmurei, tentando ignorar o jeito que meu pau pulsou enquanto roçava o interior de sua coxa. Uma ligeira mudança dos meus quadris e um impulso era tudo o que seria necessário para saciar o desejo ardente em minhas veias.

— Por que você quer essa posição? — Eu perguntei baixinho.

— Porque eu quero que você assuma a liderança... e quero estar perto de você quando fizermos sexo um com o outro.

— Mesmo que você sente em cima de mim, posso segurar você em meus braços. Eu posso facilmente liderar mesmo que você me monte.

Suas bochechas coraram com a palavra montar.

Eu me afastei dela e me sentei contra a cabeceira. — Vá em frente, — ordenei, decidindo tirar a decisão de suas mãos.

Kiara ficou de joelhos, mordendo o lábio inferior em incerteza. Eu suavizei minha expressão e afastei seus cachos indisciplinados do rosto dela. Ela se inclinou no toque imediatamente. Acariciei sua bochecha com meu polegar, em seguida, passei meus dedos por sua garganta e por cima de seu braço. Ela soltou um pequeno suspiro.

— Pronta? — Eu perguntei em uma voz calma e forçada.

Kiara assentiu e se aproximou de mim. Agarrei sua cintura e a ajudei a se acomodar no meu baixo-ventre. Eu exalei quando sua excitação encostou no meu abdômen. Seu corpo estava tão pronto pra caralho. Envolvendo meu braço em torno de suas costas, puxei-a para mim, meus lábios reivindicando os dela em um beijo desenfreado.

Kiara devolveu o beijo ansiosamente e esfregou sua boceta molhada sobre minha pélvis, inconscientemente escorregando. Sufoquei um grunhido. Eu só queria me enterrar nela, mas me segurei por ela, a deixei se sentir confortável em cima de mim.

Quando ela finalmente se inclinou para trás e olhou para mim em busca de ajuda, eu disse: — Levante um pouco e chegue para trás. — Ela fez isso até que montou minhas coxas. Eu enrolei minha mão em volta do meu eixo. Ela engoliu em seco. — Vai ser bom. Eu vou cuidar de você, Kiara.

Ela balançou a cabeça com um pequeno sorriso quando agarrou meus ombros e se posicionou acima do meu pau. Lentamente, as palmas das mãos deslizaram até que pressionaram contra o meu peito e sua entrada encharcada escovou minha ponta. Eu contive um gemido, não querendo assustá-la.

Minhas bolas apertaram, meus músculos enrijeceram. Porra. Eu não conseguia lembrar a última vez que quis alguém tanto quanto queria Kiara neste exato momento.

— Pode doer um pouco, mas você está muito excitada, Kiara. — Eu sabia que não encontraria resistência se eu mergulhasse nela. Seu corpo estava pronto para ser reivindicado, mas sua expressão mostrava apreensão. Eu era melhor em ler suas emoções agora.

— Ajuda? — Ela sussurrou, seus olhos castanhos escuros confiantes, e meu coração acelerou por algum motivo inexplicável.

Pressionei meus calcanhares no colchão para alavancar e agarrei seus quadris para segurá-la no lugar. — Eu vou empurrar meus quadris agora e entrar em você, — eu avisei. — Irei bem devagar para que seu corpo possa se adaptar. Diga-me se precisar que eu pare.

Empurrando levemente, minha ponta escorregou e eu reprimi um gemido quando suas paredes me seguraram com força. Seus lábios se abriram, sobranceiras se juntando. Ela se inclinou para frente, trazendo nossos rostos ainda mais perto para que sua respiração doce passasse por meu rosto. Seus olhos arregalados seguraram os meus.

— Dor? — Eu perguntei, minha voz mais dura, mais áspera do que queria que estivesse. Pela forma como ela estava molhada, eu não podia imaginar que ela sentisse dor, mas ela também era muito apertada, uma deliciosa combinação para o meu pau, uma que me fez querer mergulhar forte e profundamente nela.

— Não, — disse ela. — Esticada.

Eu esperei, mesmo que o meu corpo gritasse para empurrar meus quadris e empalá-la no meu comprimento. Seus olhos continham tantas emoções que não tinha como agarrar uma única. Como deve ser a sensação de ter esse tipo de caos dentro do seu corpo?

Ela moveu sua pélvis e eu tomei isso como permissão para levantar meus quadris. Eu deslizei mais fundo nela, seu calor apertado me envolvendo perfeitamente, e ela fechou os olhos.

— Kiara, — eu forcei. — Eu preciso ver seus olhos. — Eu tinha dificuldade em ler sua expressão facial sem ver o brilho em seus olhos.

Suas pálpebras se abriram. — Desculpa.

Eu acariciava seus lados, e ela lambeu seus lábios. — Você pode ir mais fundo.

E eu fiz. Desta vez não parei. Quando levantei meus quadris, ajudei-a a descer até que sua boceta pressionou contra a minha pélvis. Eu me abaixei para o colchão e a levei comigo. Ela ficou ainda em cima de mim enquanto eu a enchia completamente. Porra. Isso parecia tão perto da perfeição quanto poderia imaginar.

Ela respirou e seus dedos flexionaram contra a minha pele. Engoli. Nunca antes alguém se sentira tão bem envolvendo meu

pau. Meu corpo gritava para se mover, para buscar o prazer que sua tensão podia oferecer. Ela se agarrou a mim, completamente imóvel.

— Ok? — Eu perguntei em voz baixa.

Kiara exalou novamente. — É uma sensação... boa. — Lágrimas encheram seus olhos, e me tornei tão imóvel quanto ela estava.

— Por que as lágrimas?

Ela se inclinou para frente para me beijar e apertou meu pau dentro dela. Eu gemi contra sua boca e ela estremeceu levemente. Seus lábios roçaram os meus e eu aceitei o convite, provando sua boca. Beijar sempre pareceu um mal necessário que muitas mulheres exigiam durante a relação sexual, mas com Kiara aumentou minha excitação.

Lentamente, ela se afastou, os olhos escuros e cheios de lágrimas. — Eu sinto que finalmente estou livre dele.

Acariciei suas costas suavemente, tentando entender. Eu o havia matado tão brutalmente quanto era capaz, e ainda assim esse ato de ternura finalmente destruiu os demônios de seu passado, as memórias de suas ações. Apertei meu abraço nela, aproximando nossos corpos, minhas costas pressionadas contra a cabeceira da cama. Pela primeira vez eu não sabia o que dizer, e foi uma experiência inquietante.

Comecei a me mover, girando meus quadris devagar, gentilmente, e ela engasgou. Ela olhou nos meus olhos e roçou os lábios sobre os meus. Confiança. Ternura. E tantas outras emoções que eu não entendia. Eu nunca havia me ressentido verdadeiramente da minha incapacidade de sentir, mas neste momento senti.

— É tão bom, Nino.

Inclinei meus quadris da mesma maneira, e as pálpebras de Kiara tremeram, mas ela não fechou os olhos. Era como se ela precisasse me ver, então retornei o olhar dela. Seus lábios se separaram com um gemido suave. Era um som perfeito, mais perfeito do que qualquer melodia que Kiara já havia criado em seu piano e ela criara algumas das melodias mais bonitas que eu já tinha ouvido.

Escovando meu polegar sobre seu clitóris, movendo facilmente sobre sua carne aquecida coberta com seus sucos. Minha outra mão

segurou seu seio, meu polegar passando sobre o mamilo endurecido. Ela gritou e apertou em torno de mim.

Meus olhos reviraram enquanto eu lutava pelo controle. Eu queria ir mais forte, mais rápido. Porra. Forcei o impulso para baixo e me concentrei em minha esposa enquanto ela balançava seus quadris quase impotente, tentando encontrar mais prazer, mas incerta de seus movimentos. Deixei ela descobrir o movimento que gostava enquanto continuava empurrando lentamente para cima. Toda vez que seus olhos se arregalavam ou seus lábios se separavam, meu maldito coração se apertava. Eu não tinha certeza do que havia de errado comigo. Não era uma resposta física que já havia encontrado durante o sexo.

Eu joguei meu polegar sobre o clitóris mais rápido e acelerei meus impulsos. As paredes de Kiara apertaram firmemente ao redor do meu pau, suas unhas cavando na minha pele. Ela balançou mais rápido, mal encontrando meus impulsos. Era descoordenada e sem prática e ainda a melhor coisa que eu já assisti. *A porra da melhor coisa que eu já senti.*

Seus olhos se arregalaram, o corpo enrijecendo quando ela gozou com um gemido alto. E finalmente me soltei, batendo mais forte nela e esperando que ela pudesse aguentar, mas longe demais para perguntar, até que a minha liberação me atingiu como um maremoto. Minha cabeça caiu contra a cabeceira enquanto jorrava dentro dela. A porra do aperto no meu peito permaneceu.

Ela caiu para frente e se agarrou a mim, seu rosto enterrado no meu pescoço, seus lábios deixando beijo após beijo contra a minha pele suada. Passei minhas mãos por suas costas e braços, mas fiquei longe de seu pescoço. Esse ainda era um lugar que a deixava nervosa. Ela suavizou sob o meu toque, respirando profundamente.

— Eu te amo, — ela sussurrou, e nós dois endurecemos ao mesmo tempo.

Sua respiração escorregou contra minha garganta.

Amor?

Capítulo Dezenove

KIARA

Eu te amo.

Nino ficou tenso embaixo de mim e eu endureci em resposta. Fechei meus olhos, não podia acreditar que pronunciei essas palavras. Eu não tinha pensado em dizê-las porque sabia que Nino não poderia respondê-las. Amor. Para ele, era algo insondável, ilógico, impossível. Ele simulou afeição por mim. Cada ato de ternura, cada sorriso e expressão suave era um esforço consciente.

Engoli em seco. As palavras escaparam sem a minha intenção porque estava tão aliviada, feliz e grata. Eu nunca tinha dito a alguém que o amava, nem mesmo a minha mãe, e ninguém nunca tinha me dito isso.

Nino não tinha sido nada além de paciente e gentil comigo, e não era algo que eu esperava. Nem em meus sonhos mais loucos, não de um homem como ele e não de um Falcone. Eu me sentia segura com ele. Mas dizer às palavras que mal ousara admitir para mim mesma tinha sido um erro. No fundo eu sabia disso.

Reunindo minha coragem, recuei e me sentei. Nino ainda estava dentro de mim, mas estava começando a amolecer. Estava com medo de olhar em seu rosto e vê-lo olhando fixamente para mim. Era impossível para ele entender por que eu dissera essas três palavras.

Quando levantei os olhos, Nino parecia estar tentando compreender o que acabara de acontecer. Suas sobrancelhas estavam franzidas, seus olhos cinzentos me perfurando até o centro como se estivesse tentando ver em meu coração e alma, me deixando nua quando eu já tinha me exposto a ele admitindo a minha tolice.

O embaraço tomou conta de mim e um profundo desejo que parecia rasgar as costuras do meu coração encheu meu peito. Comecei a me afastar, mas Nino não me deixou. Seus braços se apertaram em volta de mim. — Não, — ele disse com firmeza. — Não fuja.

Estava tão óbvio no meu rosto que eu queria fugir, mesmo que não houvesse jeito de fugir das minhas emoções?

Ele segurou meu rosto e me beijou, sua expressão suavizando. — Você está sobrecarregada e aliviada porque fizemos sexo. Está tudo bem. Não fique envergonhada.

No fundo, eu também sabia que esse ato de bondade era um esforço consciente. Ele fez seus músculos faciais suavizarem porque sabia que eu queria, porque sabia que eu precisava disso.

— Eu quis dizer o que disse, — eu sussurrei porque tinha cansado de fugir. Nino estava certo. Toda a minha vida eu fugi de memórias, da minha família, dos homens. Eu tinha parado de fugir, e mesmo que Nino não pudesse entender meus sentimentos, isso não mudava o fato de que eu os tinha.

Nino me olhou, seus olhos quase... expressivos pela primeira vez. — Kiara, — ele começou em voz baixa.

— Eu sei, — eu disse rapidamente, minha garganta apertando. — Eu sei que você não pode devolver a emoção. Sei que você não sente nada por mim e está tudo bem. Você está tentando ser um bom homem, mesmo que não seja da sua natureza. Você está me tratando bem, está fingindo afeição por mim e está tudo bem. É mais do que eu esperava quando nos casamos e é o suficiente.

Seu olhar se tornou uma busca e, novamente, tive a sensação de que ele estava tentando olhar diretamente para o meu coração. Talvez tenha conseguido, porque perguntou baixinho: — Tem certeza?

Não, tinha sido uma enorme e grande mentira. A ideia de que Nino nunca poderia sentir por mim o que eu sentia por ele me enchia de desespero, mas ele tinha sido sincero sobre sua disposição desde o início. Não poderia culpá-lo por isto. Eu não faria.

— Isso importa? Você não pode mudar quem você é. Você não pode sentir, por isso, mesmo que me incomodasse, não mudaria nada. Prefiro não me preocupar com coisas que não posso mudar.

— Essa é uma escolha lógica, mas você não é do tipo lógico, Kiara.

Eu o beijei ferozmente, meus lábios demorando contra os dele enquanto olhava em seus olhos cinzentos. Assim que fiz isso, eles se

abrandaram novamente. Afeição simulada. Ele era tão terrivelmente bom nisso.

— Eu posso tentar simular amor, — ele murmurou, e meu coração estremeceu violentamente. — Não é difícil. Os humanos têm certa maneira de agir em torno um do outro quando estão apaixonados.

Estava dividida entre querer concordar... Porque se Nino fosse tão bom em simular amor como era em qualquer outra coisa, poderia me fazer acreditar que suas emoções eram reais. Eu poderia me permitir acreditar em uma mentira. Eu sabia. Mas o que aconteceria nos momentos em que percebesse a verdade, quando ele se esquecesse de mostrar emoção? Esses momentos me despedaçariam se eu me permitisse acreditar que seu amor poderia ser real.

— Kiara, — ele disse baixinho, suavemente, e até mesmo esse timbre em sua voz era falso, e ainda assim meu coração esquentou ao ouvi-lo.

Balancei a cabeça, meus lábios roçando os dele porque ainda estávamos muito perto. — Não simule amor. Tudo o mais, eu posso lidar, mas não amor. Se você me disser que me ama, tem que ser porque você realmente me ama.

Os braços de Nino se apertaram ao meu redor e um lampejo de cautela preencheu sua expressão. Ele sabia que isso nunca iria acontecer. Nino me amando era uma impossibilidade.

Você poderia amar alguém que não tem emoções? Alguém que analisava o amor como se fosse um problema matemático?

Não era uma questão que precisava de resposta.

Eu sabia a resposta.

Eu amava Nino, mesmo que ele nunca pudesse retornar meu amor.

Eu adormeci nos braços de Nino. E como de costume, quando acordei na manhã seguinte, estava aninhada nele como todas as

manhãs, mas hoje me senti diferente. A luz entrava pela fresta das cortinas e eu suspirei, meus dedos traçando ao longo do estômago de Nino.

— Como você está se sentindo?

Sua voz me assustou, mesmo sabendo que ele estava acordado. Ele sempre acordava antes de mim. Eu não levantei minha cabeça e pressionei minha bochecha contra seu peito. — Bem.

A mão de Nino acariciou meu braço. — Sem mentiras.

— Eu não estou mentando, — eu disse e finalmente olhei para o seu rosto calmo. Não estava exatamente frio. — Ontem, finalmente me libertei dele e você me ajudou a fazer isso. Isso é tudo que importa.

Os dedos de Nino se moveram pela minha espinha então lentamente se arrastaram mais para o alto, roçando meu pescoço, e eu congelei, esperando pelo tremor de pânico; houve um momento de desconforto, mais porque esperei que o pânico e as lembranças surgissem do que pelo toque de Nino. Ele deslizou seus dedos em meus cachos, espalmando a parte de trás da minha cabeça, e eu sorri.

— Viu. Eu disse a verdade.

Seus olhos se estreitaram ligeiramente, mas não tinha certeza do porque. Ele parecia quase confuso, o que era estranho para Nino. Eu me apoiei no peito dele e o beijei, e ele prontamente devolveu o beijo e logo me puxou para cima dele, sua ereção cavando na minha coxa. Ele me empurrou para baixo até que sua ponta roçou contra a minha abertura, mas não entrou. Em vez disso, ele me beijou e suas mãos massagearam as bochechas da minha bunda. Eu me permiti afogar no gosto de seus lábios, permiti que os golpes de seus dedos ásperos roubassem o último do meu cansaço.

Ele se afastou um pouco, sua expressão tensa de desejo. — Eu quero você.

Beijei-o com mais força, respondendo com o meu corpo e não com palavras. Seus dedos se moveram entre as minhas pernas, deslizando entre minhas dobras, e ele exalou.

— Tão molhada, — ele murmurou.

Mordi o lábio quando dois dedos dele empurraram para dentro de mim. As sensações se espalharam do meu núcleo para todas as

terminações nervosas, e eu arqueei, permitindo que ele empurrasse mais fundo em mim. Como eu poderia ter pensado que isso não seria bom? Nino conseguia fazer tudo bom para mim.

Ele me observava com uma intensidade que curvava meus dedos dos pés enquanto balançava meus quadris contra seus dedos. Meu prazer estava aumentando e eu podia sentir-me chegando mais perto. Nino puxou seus dedos antes que eu pudesse encontrar minha libertação, e eu bufei em protesto, contorcendo-me em cima dele por algum atrito contra sua pélvis.

— Você vai chegar lá, — ele rosnou, e eu tremi ouvindo sua voz.

Ele agarrou meus quadris e me puxou para baixo até que finalmente sua ponta escorregou para dentro de mim, e eu gemi com a sensação. Ele empurrou seus quadris para cima, deslizando todo o caminho, e eu estremei com a minha liberação, desesperadamente agarrada a ele enquanto minhas paredes se apertavam em torno de seu comprimento.

Enterrei meu rosto contra sua garganta enquanto ele balançava seus quadris, metendo em mim uma e outra vez. Sem dor, sem medo, sem lembranças.

Apenas o calor de Nino e o prazer que só ele poderia me trazer. Agarrando-me a seus ombros, olhei em seus olhos e, em minha mente, três palavras se repetiam continuamente.

Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo.

Nenhum de nós quebrou o contato visual enquanto Nino metia em mim mais e mais, e quando o polegar dele passou sobre o meu clitóris, eu joguei minha cabeça para trás enquanto o prazer me atravessava. Nino rosnou contra a minha garganta, sua língua passando sobre o meu ponto de pulso. Então ele mordeu de leve quando gozou em mim.

Ouvindo seu coração batendo, eu relaxei. Amor: um jogo para tolos. Eu não tinha certeza de onde eu tinha lido essa frase, mas sabia que era verdade.

Naquela noite, Nino teve sua primeira briga desde que nos casamos. Eu estava mais nervosa do que ele, o que não era tão difícil assim. Mas ainda assim, eu estava *muito* nervosa.

Coloquei o elegante vestido vermelho que tinha comprado com Nino. Não era tão luxuoso quanto os outros vestidos, mas acentuava minhas curvas de uma maneira que nunca havia permitido antes. Eu sempre estive preocupada que exibir meu corpo faria as pessoas me culpar pelo que aconteceu, que isso os faria ver que eu não era a epítome da pureza que deveria ser, mas queria me livrar desse pensamento também.

Nino já tinha saído há uma hora para que pudesse se preparar para a luta, e eu deveria ir com Savio. Nas últimas semanas, ele me evitou, provavelmente porque se ressentia de mim pela proibição das prostitutas no espaço comum da casa.

Quando caminhei em direção à parte principal da casa, encontrei Savio descansando no sofá, mandando mensagens para alguém no seu telefone. Ele tinha um sorriso estranho no rosto enquanto olhava para a tela, mas rapidamente enfiou o celular no bolso quando me notou e se endireitou. Seus olhos escuros me examinaram da cabeça aos pés, e apesar de ele ser dois anos mais novo que eu com apenas dezessete anos, conseguiu me deixar nervosa com sua atenção.

— Você fica gostosa em vermelho, — disse ele, me surpreendendo.

— Obrigada? — Eu disse hesitante, sem saber como lidar com o elogio dele.

Ele assentiu e veio em minha direção. Savio era quase tão alto quanto Nino e portava-se com total confiança.

Eu fiquei tensa quando ele parou ao meu lado.

— Você não tem que ficar toda tensa porque estou perto, — disse ele. — Você é da família. Estou aqui para te proteger.

Eu levantei minhas sobrancelhas. — Até agora você não pareceu muito feliz em me ter por perto.

Ele encolheu os ombros. — É irritante que eu não possa foder garotas onde quero agora que você está aqui. Tenho que ir para a minha parte da casa. Eu realmente gostava de foder na mesa de bilhar.

Eu fiz uma careta. — OK. Estou feliz que você e Remo gostem da mesa.

Ele sorriu e isso transformou seu rosto, tornando-o mais acessível. Ele era mais controlado que Remo em alguns aspectos, mas longe de ser tão calmo quanto Nino, e ele era mais arrogante que os dois.

— Vamos. Eu não quero me atrasar para a luta. Nino vai rasgar aquele babaca ao meio.

Savio me levou em direção a sua Ferrari. Ele dirigia como um louco e eu agarrei o assento como se isso pudesse me salvar se ele batesse o carro. Aparentemente, Adamo não era o único que gostava de correr. Eu definitivamente não era uma viciada em velocidade.

Quando Savio e eu entramos na Roger's Arena, um arrepio passou pela minha espinha. O lugar estava cheio de gente. Todas as mesas e cabines estavam ocupadas e muitas pessoas estavam encostadas na parede. O cheiro de sangue, cerveja e suor pairava no ar, e os tubos de néon presos ao arame nas paredes de concreto expostas emitiam um brilho misterioso.

Meus olhos examinaram as palavras que eles formaram. Honra. Dor. Sangue. Vitória. Força. O bar tinha o mesmo brilho vermelho e as mulheres atrás trabalhavam agilmente para atender os clientes rapidamente. Olhando para mim mesma, percebi quão bem o vermelho sangue do meu vestido se encaixava na ocasião.

Sávio acenou com a cabeça em direção a uma cabine de couro vermelho perto da gaiola, onde Fabiano e Leona estavam sentados. — Vamos. Vamos até eles.

De passagem, cumprimentamos seus amigos e os pais e algumas pessoas que eu não conhecia, mas que obviamente sabiam quem eu era.

Chegando a cabine, Leona me deu um sorriso encorajador. — Vai ficar tudo bem. Nino está invicto na gaiola.

Fabiano assentiu. — Ele é cérebro e músculo... isso é demais para a maioria dos adversários.

Dei a ambos um sorriso agradecido quando deslizei na cabine em frente a eles. — Eu sei, mas realmente não estou ansiosa para ver Nino se machucando.

Savio bufou. — Não se preocupe. Meu irmão é invencível.

Ninguém era, nem mesmo Nino, mesmo que sua máscara sem emoção fizesse todos acreditarem. Nino era humano. Ele poderia falhar. Ele poderia se machucar.

Leona me olhou com curiosidade, e me perguntei se meus sentimentos por Nino eram óbvios para as pessoas ao meu redor. Esperava poder escondê-los, por que quão tola pareceria se as pessoas percebessem que eu amava alguém incapaz de ter emoções?

— Volto em alguns minutos. Eu preciso falar com Diego, — disse ele. Seu amigo estava lhe fazendo sinais. Savio saiu sem dizer mais nada, e uma garçonete com longos cabelos negros e batom rosa apareceu em nossa cabine. Ela deu a Leona um sorriso tenso, ignorando Fabiano, e finalmente se virou para mim com uma expressão cautelosa. — O que você gostaria de beber, Sra. Falcone?

Esse nome ainda me fazia parar. — Você tem vinho?

A garçonete franziu os lábios. — Este é um bar de luta. Nós temos destilados ou cerveja.

— Cuidado, Cheryl, — disse Fabiano em uma voz baixa que enviou um arrepio pelo meu corpo. Seus olhos azuis continham um aviso claro quando olhou para a garçonete. — É melhor você lembrar quem ela é.

Leona tocou o braço dele, que estava apoiado na mesa, mas Fabiano não tirou os olhos da mulher. Executor. Era fácil esquecer o que isso significava.

Eu me senti mal por ela e rapidamente disse: — Então uma cerveja. — Eu precisava de algo alcoólico para acalmar meus nervos e bebidas destiladas estavam fora de questão. Não tinha tolerância necessária para isso.

— E uma para mim, — disse Remo, aparecendo por trás de Cheryl. Ela ficou tensa e afastou-se para deixá-lo passar.

— Eu trarei logo, — ela disse, em seguida, saiu correndo.

Para minha surpresa, Remo entrou no meu lado da cabine. Como de costume, meu corpo enrijeceu com desconforto por sua proximidade. Ele me lançou um olhar desafiador, mas não chegou perto o suficiente para que pudéssemos nos tocar. — Ainda assim? — Ele perguntou com um sorriso torcido.

Ele não precisou elaborar. Eu sabia o que ele queria dizer, e não achei que deixaria de ser cautelosa com ele tão cedo. Ele não tinha me dado razão para fazê-lo, mas algo sobre Remo apenas gritava perigo, e eu não era a única que se sentia assim.

Leona revirou os olhos quando Remo se virou para Fabiano.

— Eu vi isso, — disse ele em voz baixa.

Eu sufoquei uma risada. Às vezes, muito raramente, conseguia superar meu medo de Remo. Nesses momentos, quase entendia por que Nino considerava tanto seu irmão.

Dois homens em shorts de luta entraram na gaiola. Minhas sobrancelhas franziram. — Eu achei que a luta de Nino fosse a próxima?

— A maior luta é sempre a última, — explicou Fabiano. — Há duas lutas antes de Nino. Quem vencer pode acabar lutando comigo ou talvez Savio em seguida.

— Por que você faz isso? Por que você continua lutando? Não é como se as pessoas não te temessem o suficiente.

— Se você se acomodar, ficará fraco. Isso acontece com muitas pessoas em posições de poder. É bom provar para as pessoas e para si mesmo que ainda é alguém a temer, — disse Remo, seus olhos escuros ardentes e ferozes.

O árbitro deu o sinal. Imediatamente, os dois homens se aproximaram e colidiram com grunhidos. Eu estremeci enquanto observava seus chutes e socos. Cheryl voltou com nossas cervejas e eu tomei um grande gole apesar da minha aversão ao gosto. Um dos homens voou contra a gaiola e o sangue jorrou de sua boca.

Eu cobri o meu com a mão. — Oh Deus.

Remo levantou uma sobrancelha. — Isso não é nada.

— Talvez para você, — eu murmurei.

— Você vai se acostumar com a visão. — Ele acenou com a cabeça em direção a Leona. — Ela se acostumou.

— Eu ainda não gosto, — disse Leona. — Especialmente se Fabiano estiver na gaiola. É horrível vê-lo se machucar. — Ela estremeceu.

— Eu não me machuco, — disse Fabiano com firmeza. — Eu sempre ganho.

Savio voltou e afundou ao lado de Remo. — Porque você nunca lutou contra mim.

— Eu lutei contra você e chutei sua bunda, — Fabiano murmurou.

— Isso foi há mais de um ano.

A multidão explodiu em aplausos, e meus olhos se dirigiram para a gaiola onde um homem estava imóvel no chão enquanto o outro estava acima dele com as mãos levantadas.

Meu coração bateu na minha garganta quando o árbitro finalmente anunciou a luta de Nino. Seu oponente, um homem do tamanho de um gigante, já estava esperando na gaiola quando Nino saiu do vestiário.

A multidão olhava Nino com respeito e medo enquanto ele andava pelo corredor que haviam feito para ele. Seus olhos estavam voltados diretamente para a gaiola com uma expressão de fria determinação, mas algo estava diferente nele. Pela primeira vez a máscara sem emoção parecia quase forçada, como se ele tivesse que fazer parecer assim. Ou talvez meu próprio nervosismo me fizesse imaginar coisas.

Nino subiu na gaiola sob o aplauso da multidão. Em seus shorts de luta e com suas horríveis tatuagens, ele era uma visão intimidante. No momento em que Nino entrou na sala, Remo, Savio e Fabiano mudaram de comportamento. Suas expressões não mostravam nenhum indício de dúvida ou preocupação, apenas orgulho e o sombrio conhecimento de que Nino venceria.

Eu sabia que Nino era um bom lutador, mas seu oponente era vários centímetros mais alto e muito mais largo que Nino. Meu marido não pareceu impressionado com o homem à sua frente, e no momento em que o árbitro saiu da gaiola e fechou a porta, ele entrou no modo

predador. Seu corpo inteiro ficou tenso, seus olhos cautelosos enquanto consideravam seu oponente.

O homem foi o primeiro a atacar. Fiquei tensa quando ele correu na direção de Nino, que pulou para o lado e acertou um chute forte na lateral do homem. Remo aplaudiu ruidosamente, e Savio e Fabiano aplaudiram, mas eu não conseguia me mexer.

Nino parecia estranho. Eu não conseguia identificar exatamente o que era. Seu oponente o pegou de jeito nos primeiros minutos da luta. Nino foi jogado contra a gaiola e caiu no chão com força. Eu estremeci violentamente, apertando a mão sobre a minha boca para impedir um grito enquanto lágrimas se formaram em meus olhos. Remo ficou tenso, inclinando-se para frente como se estivesse prestes a saltar.

Respirei fundo, tentando não chorar. Remo olhou, examinando minha expressão e olhos. — Não perca a cabeça. É um lugar público.

Eu pisquei. — E se ele perder? — Eu sussurrei. — E se ele morrer?

Remo estreitou os olhos com raiva, mas havia algo mais ali. Preocupação. — Nino não vai perder, e ele definitivamente não vai morrer. Entendido?

Eu dei um aceno de cabeça e, para meu alívio, Nino já estava de pé novamente. Por um momento, ele não se moveu, apenas considerou o homem que o estava provocando. Então seus olhos se moveram para mim por um segundo, e meu corpo explodiu em emoções.

Ele voltou para o seu oponente e, como se um interruptor fosse ligado, Nino deixou para trás a calma analítica. Eu nunca tinha visto esse olhar no rosto dele. Ele avançou sobre o outro homem e atacou cruelmente. Ele parecia desequilibrado, faminto de sangue e morte, e chutou e socou seu oponente uma e outra vez, sem parar mesmo quando o homem caiu no chão.

Era uma visão profundamente inquietante.

— O que deu nele? — Savio murmurou.

Remo não tirou os olhos da gaiola, mas sua boca diminuiu. — Eu não sei.

Nino enfiou o punho no homem inconsciente mais uma vez. Então ele cambaleou, coberto de sangue, olhos cinzentos acesos

com fúria. Ainda mais assustador foi a rapidez com que a emoção foi substituída por sua calma habitual. O que acabara de acontecer?

Nino saiu da gaiola antes que o juiz o declarasse vencedor e seguiu em direção aos vestiários, sob os aplausos da multidão.

Eu levantei abruptamente. — Deixe-me sair, — eu disse.

Remo também se levantou e segurou meu braço. Fiquei tensa, mas não me afastei porque as pessoas estavam assistindo, e sabia como manter as aparências. — Não acho que seja um bom momento para você ir até Nino. Eu vou lidar com ele.

— Nino não vai me machucar, — eu disse baixinho.

Remo inclinou a cabeça. — Você tem certeza disso? — Sua voz continha um desafio.

Eu dei um aceno decidido. — Absolutamente. Deixe-me ir até ele.

Remo sorriu friamente e fez sinal para que Savio abrisse espaço. Ambos saíram da cabine para que eu pudesse sair antes de voltar a sentar.

Remo segurou meu olhar. — Eu nunca vi Nino assim, mas se você acha que pode lidar com ele, fique a vontade.

Endireitando minha coluna, me movi pela multidão, que se afastou de mim como se eu fosse contagiosa. Algumas pessoas me deram olhares de pena; outros me observavam como se eu fosse alguém a quem temer. *Kiara Falcone*. Eu ouvi seus sussurros abafados.

Fiquei feliz quando cheguei ao vestiário e entrei.

Nino não estava na frente dos armários, mas ouvi o chuveiro correndo e dei a volta na esquina até avistá-lo na última baia. Ele estava apoiado contra os azulejos, a cabeça baixa enquanto a água escorria pelo seu corpo. Sua cabeça virou e o brilho em seus olhos cinzentos enviou uma pontada de preocupação através de mim.

— Você está bem? — Eu perguntei sem fôlego.

Nino se endireitou em toda a sua glória nua, coberto de cortes e contusões. Magnífico. — Chegue mais perto, — disse ele em uma voz estranha.

Eu me movi em direção a ele, mas parei em frente ao chuveiro. Nino olhou para mim como se eu fosse um problema que ele queria resolver. Sua expressão era intensa, à beira da raiva, o que não fazia sentido, considerando que era Nino. Ele não sentia raiva. Ele não sentia nada.

Ele envolveu os dedos em volta do meu pulso e me puxou em direção a ele, seus olhos nem uma vez se afastando. — Nino, — eu protestei. — As minhas roupas.

Mas ele não me ouviu. Seus lábios reclamaram minha boca, me impedindo de dizer mais alguma coisa. Ele pressionou em mim, seu corpo enorme me prendendo. Sua mão roçou minha coxa, subindo o meu vestido, empurrando minha calcinha para o lado. Ele colocou um dedo em mim, sua boca ainda macia, mas dominante, e eu arqueei contra a parede de azulejos. Ele me seguiu, não me permitindo escapar de sua presença avassaladora enquanto sua mão livre segurava meu peito através do meu vestido molhado. Eu não tinha certeza do que o estava afetando. Seu toque e beijos eram esmagadores, mas meu corpo reagiu com uma onda de excitação enquanto ele deslizava o dedo dentro e fora de mim.

Ele beliscou meu lábio inferior, em seguida, lambeu a água e reivindicou minha boca novamente, possessivo, implacável, desesperado... mas como era possível?

Seu polegar passou sobre o meu clitóris enquanto movia o dedo mais rápido. — Nino, — eu ofeguei. — O que...

Mais uma vez ele me interrompeu com um beijo quase violento. Eu pisquei, confusa e excitada, e um pouco inquieta, mas não o suficiente para parar. Ele acrescentou outro dedo e eu agarrei seus ombros para me firmar. Ele enganchou uma das minhas pernas sobre o seu quadril, abrindo-me para que ele pudesse bater seus dedos mais profundamente em mim. Eu balancei contra sua mão, agarrando-me a ele enquanto sua boca devastava a minha, o tempo todo seus olhos nunca desviaram dos meus como se ele estivesse tentando me devorar. Como se ele precisasse de mim. Ele sacudiu o polegar sobre o meu clitóris novamente, e eu chorei contra seus lábios quando o meu orgasmo me atravessou. Estrelas explodiram na minha visão, um prazer quase ofuscante. Meus dedos cavaram mais fundo na pele de Nino.

Eu olhei para ele, boquiaberta, ofegante. Ele diminuiu seus impulsos, em seguida, retirou os dedos.

Ele me soltou, mas se aproximou ainda mais até preencher toda a minha visão e respirou duramente enquanto olhava para mim. Ele estava duro, cavando em meu estômago, mas não fez nenhum movimento para levar as coisas adiante, e isso me confundiu, como sua expressão me confundia.

— Nino? — Eu toquei seu peito, arrastando meus dedos sobre ele, em seguida, movendo-me para baixo. Ele não tirou os olhos de mim, mas quando envolvi meus dedos em torno de seu eixo, sua mão desceu sobre eles, e ele se inclinou para frente, sua boca roçando minha orelha.

— Se eu te foder agora, vai ser contra essa parede. Vai ser duro e rápido, e nada como da última vez. Nada como você quer. Nada como você precisa.

Eu tremi com a ameaça subjacente em sua voz. Olhei em seus olhos, e novamente eles oscilaram entre a raiva e a calma absoluta. Eu não estava entendendo nada. A luta o desencadeou tanto assim? Remo e Savio ficaram impressionados com o comportamento dele, então não era algo que acontecia em todas as lutas.

— Você não vai me machucar.

Ele respirou fundo, peito arfando e fechou os olhos. Meu vestido se agarrava ao meu corpo e meus pés nadavam em meus sapatos, mas eu fiquei onde estava, perto de Nino, enquanto ele lutava contra os demônios que a luta tinha invocado. Sua respiração acalmou e sua mão ao redor da minha relaxou até que ele finalmente me liberou completamente.

Mantive meus dedos em torno de sua ereção e levemente escovei meu polegar sobre a ponta sedosa. Os olhos de Nino se abriram, mas desta vez ele não me impediu. Eu movi a minha mão lentamente para cima e para baixo, não com força e rapidez, tentando dar-lhe conforto e sem deixar que isto fosse a saída para a violência que pairava em seu corpo. Ele se apoiou, colocando as mãos em ambos os lados da minha cabeça, e me olhou através dos olhos semicerrados.

Ele balançou seus quadris no ritmo de minhas bombas e, eventualmente, um pouco da tensão se esvaiu. Sua respiração se aprofundou enquanto eu o masturbava, e quando usei minha segunda mão para segurar suas bolas, ele soltou um suspiro baixo e bombeou ainda mais rápido. Eu queria consolá-lo, queria lhe mostrar que eu estava lá por ele.

Nino abaixou a cabeça e eu inclinei a minha para trás para encontrar sua boca em um beijo. Foi gentil, sem pressa e deliciosamente lento. Sem raiva ou violência, apenas maravilhosa sensualidade. Meu próprio corpo respondeu ao beijo e a sensação de Nino se desfazendo ao meu toque. Seus movimentos se tornaram menos controlados e seu beijo mais apaixonado, e então seu corpo enrijeceu, e ele gemeu contra a minha boca. Ele empurrou na minha mão, seus olhos se fechando. Continuei acariciando, e por um longo tempo ele ficou parado, a testa levemente pressionada contra a minha, o peito arfando.

Eu o soltei e a água lavou todos os vestígios dos nossos sucos. Nino abriu os olhos novamente e sua expressão voltou à calma familiar. Estava dividida entre sentir falta da sua versão mais desequilibrada, a que ele nunca tinha mostrado antes, e estar aliviada por Nino não ter se perdido completamente.

Ele se endireitou, roubando-me de seu calor. Ele desligou a água, seus olhos me percorrendo. — Você não pode sair do vestiário com essas roupas molhadas, — ele disse com naturalidade.

Eu procurei em seu rosto pela sugestão de algo, mas ele retornou meu olhar de forma constante, misteriosamente. Ele saiu do chuveiro e pegou duas toalhas. — É provavelmente melhor você se despir e se secar. Vou me vestir e ver se consigo arrumar roupas para você.

Assentindo em silêncio, peguei a toalha, enrolando-a em volta dos meus cachos para impedi-los de pingar por todo o lugar. Eu tirei o vestido encharcado do meu corpo. Apesar de suas palavras, Nino não saiu nem se mexeu para se vestir. Em vez disso, ele me observou tirar meu vestido e minha roupa íntima. — Nino, você está bem? Você está estranho desde a briga.

— Estou bem, — ele murmurou, em seguida, finalmente se secou e se vestiu. — Volto em alguns minutos.

— E se alguém entrar? — Eu perguntei, uma pitada de preocupação rastejando em minha voz.

Nino sacudiu a cabeça. — Ninguém ousará entrar. Confie em mim. Eu não vou demorar muito.

Ele desapareceu e eu envolvi outra toalha a minha volta, olhando para o monte vermelho aos meus pés. O que deu em Nino?

Como prometido, ele voltou alguns minutos depois com jeans e uma camiseta preta simples. — As garçonetes de Roger mantêm roupas sobressalentes para o caso de derramarem algo.

Peguei as roupas e as vesti. Elas eram um pouco grandes demais para mim, mas pelo menos eles tinham um cheiro limpo e estavam secas. Eu me encolhi, pensando sobre o que as pessoas diriam se eu aparecesse com roupas diferentes da anterior.

— Algo está incomodando você, — disse Nino, aproximando-se um pouco, as sobrancelhas unidas.

— Estou preocupada com o que as pessoas vão pensar de mim.

Ele segurou minha cintura e me puxou para ele. — Elas vão pensar que você deu ao seu marido um prêmio por vencer.

Minhas bochechas ficaram quentes. — Sim, isso.

— E? — Ele perguntou baixinho, o brilho estranho ainda em seus olhos. Ele mordiscou minha garganta, então meu ouvido. — Você é minha esposa.

Meus cílios tremeram e soltei uma respiração estrangulada. Eu já estava ficando excitada novamente. Ele pegou meu vestido do chão, torceu e colocou em sua bolsa antes de pegar minha mão. Peguei meus saltos escorregadios na mão livre e segui Nino para fora do vestiário, descalça.

A maioria das pessoas já havia deixado o bar, mas todos que ainda estavam lá nos olhavam. Foi preciso todo o meu autocontrole para não abaixar a cabeça sob a força de seu escrutínio. A presença de Nino ajudou. Ele parecia completamente imperturbável, claro. Quando chegamos à cabine com seus irmãos e Fabiano e Leona, todos eles nos olhavam estranhamente. Meu rosto aqueceu, sabendo o que eles estavam pensando.

O olhar avaliador de Remo foi especialmente difícil de suportar. Seus olhos se estreitaram enquanto se moviam entre seu irmão e eu. — Entendo que você fodeu o estranho comportamento dele?

Minha boca se abriu. — Eu-eu não fiz...

Nino apertou minha mão. — Vamos para casa. Estou farto deste dia.

Remo assentiu e então trocou outro olhar com Fabiano e Savio. Eles estavam tão confusos com o comportamento estranho de Nino quanto eu.

Capítulo Vinte

KIARA

Nino não disse nada no caminho para casa. Eu continuei olhando para ele, mas seus olhos estavam fechados. Havia um corte em sua bochecha e a pele ao redor estava inchando. Pelo menos não estava sangrando.

Remo nos observava ocasionalmente pelo espelho retrovisor enquanto dirigia seu carro, mas não disse nada.

Quando entramos na mansão, Nino foi direto para a nossa ala. Remo agarrou meu pulso antes que eu pudesse segui-lo.

Eu recuei, mas ele não me soltou. — Você vai parar com essa merda? — Ele rosnou. Eu me forcei a encontrar seu olhar zangado. — Fique de olho no meu irmão. Eu não sei o que deu nele. Geralmente ele analisa a luta como um maldito programa de computador. Ele estar assim é um maldito sinal.

— Ele já ficou assim? — Perguntei.

Algo nos olhos de Remo mudou como se tivesse se lembrado de algo. Ele afrouxou o aperto. — Apenas fique de olho nele.

Eu me virei e continuei em direção à nossa ala da mansão, depois subi para o quarto. Nino estava empoleirado na beira da cama, braços apoiados nas pernas enquanto olhava para o chão. Ele estava completamente nu.

Eu me aproximei dele, mas ele não se mexeu. Lentamente, passei meu dedo pelo seu cabelo ainda úmido e, finalmente, ele levantou os olhos para encontrar os meus. — Eu quero você, — ele disse baixinho.

Inclinando-me para frente, eu o beijei, minhas unhas arranhando seu couro cabeludo, fazendo-o estremecer e soltar um suspiro baixo. Ele abriu meu jeans e os empurrou pelas minhas pernas. Eu não estava usando calcinha. Ele se inclinou para frente e beijou meus quadris, mordendo levemente e me fazendo pular. Então ele acalmou o

local com a língua. Lentamente, ele arrastou sua língua para baixo do meu quadril para a minha coxa e, em seguida, entre as minhas pernas.

Eu ofeguei quando ele deslizou sua língua entre minhas dobras. Eu já estava excitada, mas a sensação de sua boca contra a minha carne aquecida aumentou ainda mais. Nino enfiou uma palma debaixo do meu joelho e levantou minha perna, apoiando-a na cama e me abrindo para ele.

Observando-o através dos olhos semicerrados, seus lábios se moveram sobre minhas dobras e sua língua deslizou ao longo do meu vinco, provando-me. Seus olhos encontraram os meus e eu não conseguia desviar o olhar apesar do embaraço que aquecia minhas bochechas. Nunca tirando o seu olhar de mim, ele correu a ponta de sua língua para cima e para baixo antes de circular meu clitóris.

— Nino, — eu ofeguei, abrindo mais as minhas pernas, precisando sentir mais de sua boca em mim. Ele enterrou o rosto no meu colo, sua boca se fechando sobre minhas dobras enquanto sua língua me trabalhava. Suas mãos seguraram minha bunda e ele massageou minhas bochechas, puxando-me ainda mais contra seu rosto. Eu não podia mais me segurar, comecei a tremer e balançar meus quadris quase desesperadamente enquanto segurava os ombros de Nino. Meus gemidos o incitaram, e ele lambeu e mordiscou avidamente até que tive certeza que gozaria novamente, mas então ele se afastou, seu rosto brilhando com a minha excitação.

Seus olhos estavam acesos de desejo. Eu rapidamente puxei a camiseta sobre a minha cabeça, em seguida, mordi meu lábio. — Como? — Eu perguntei baixinho.

Ele enrolou a mão no meu quadril e me puxou para a cama. Eu subi em cima do colchão. — Deite-se de lado, — Nino instruiu em voz baixa.

Surpresa, eu me estiquei, de costas para Nino. Ele deitou atrás de mim e se pressionou contra o meu corpo, sua ereção cavando na minha bunda. Eu fiquei tensa. Sua boca roçou minha orelha. — Confie em mim. Eu não vou fazer anal, Kiara.

Eu me senti tola, mas acenei com a cabeça. Nino deslizou um braço por baixo de mim, em seguida, levantou a parte superior da minha perna com a dele e a moveu levemente para trás, de modo que meu pé descansou em sua forte panturrilha. Então ele pressionou sua pélvis contra minha bunda, e senti sua ponta cutucar minha

abertura. Ele mudou o ângulo ligeiramente e lentamente deslizou para dentro. Eu arqueei de volta contra ele.

Ele não ia tão fundo nesta posição, mas amei a sensação de seu peito contra as minhas costas, sua boca quente contra o meu ombro e pescoço, seus braços em volta de mim por trás. Seus movimentos eram lentos, mas sua ponta parecia esfregar meu clitóris por dentro, e quando ele arrastou a mão para baixo entre as minhas pernas, soltei um gemido baixo.

— Esta posição está bem para você? — Ele murmurou contra o meu ouvido quando seu golpe seguinte me atingiu ainda mais profundo.

— Sim, — eu ofeguei.

A proximidade de Nino, seu abraço caloroso, seus beijos suaves ao longo da minha omoplata... tornavam isso perfeito. Nino segurou meu peito, apertando meus mamilos enquanto a outra mão trabalhava agilmente entre as minhas pernas. Ele bateu em mim uma e outra vez, movimentos lentos e precisos que fizeram meus dedos se curvar e meus olhos revirarem de prazer.

Era lindo e de tirar o fôlego, e me entreguei completamente. Confiei em Nino sem reservas para me guiar até o limite, para cuidar de mim, e ele fez.

Enrijeci quando a minha liberação me atingiu, e gritei o nome de Nino. Ele gemeu o meu no meu ouvido, a palavra quase desesperada quando derramou dentro de mim momentos depois do meu orgasmo. Ele não recuou, segurando-me contra seu corpo, ainda enterrado dentro de mim.

Ele saiu de mim e eu me virei em seu abraço. Eu levemente tracei a pele ao redor do corte em sua bochecha, em seguida, as contusões florescendo sobre suas costelas. Ele ficou tenso sob o meu toque.

— Desculpe, — eu respirei. — Você está com muita dor? Claramente, não tenho nada melhor para fazer do que me esfregar contra você quando está machucado.

Ele emaranhou a mão nos meus cachos, me olhando com uma expressão ilegível. — Fui eu quem iniciou o sexo, Kiara. Eu queria você. Eu... — Ele parou, as sobrancelhas se unindo —... Eu sobrevivi a muitas lutas, vou estar curado em alguns dias.

Eu não disse nada, apenas me aconcheguei no peito de Nino, tomando cuidado para não aplicar pressão em suas costelas. Beijeí sua omoplata, e pronunciei na minha cabeça as palavras que eu nunca diria em voz alta novamente. *Eu te amo.*

Um barulho baixo que eu não pude identificar me arrancou do sono. Mesmo com Nino ao meu lado, eu tinha um sono leve, acordava rápido com o menor ruído. Olhei para o escuro e lá estava novamente: um som rouco cheio de desespero sombrio. O que era isso?

Uma onda de medo passou por mim quando um tom familiar chamou minha atenção.

Nino? Era Nino?

O som agitou memórias dentro de mim, mas as empurrei de lado e rolei. No escuro, eu não conseguia distinguir mais do que o contorno das costas de Nino, mas a cama oscilava pela força dos tremores do seu corpo.

— Nino? — Sussurrei, mas minha voz era tão hesitante e baixa que eu mal podia ouvir.

Meu primeiro instinto foi que poderia ser uma convulsão, algo físico, porque parecia impossível que as emoções tirassem esses sons de *Nino*. Estes rosnados - não gemidos, nem suspiros, mas algo no meio - eram cheios de emoção. Eu não entendia. Lentamente, me sentei, sem saber se deveria acordá-lo, completamente sem saber o que fazer. Nino estava sempre no controle. Ele *era* o controle.

Alcançando meu criado mudo, acendi a luz, precisando vê-lo e ao mesmo tempo aterrorizada com isso. Nino estava deitado de lado, tremendo, uma mão enrolada na beira da cama, apertando-a com força; Suas sobrelanceiras formavam uma linha dura e sua testa estava coberta de suor.

Meus dedos tremiam quando levei a mão até ele. Meu Deus, o que estava acontecendo com ele?

No segundo que meus dedos roçaram seu ombro, seus olhos se abriram e o olhar neles me fez recuar. Nino se lançou para a faca na mesa de cabeceira, segurando-a na mão enquanto cambaleava para fora da cama. Seu olhar rastreou ao redor do quarto, em seguida, pousou em mim, do jeito que eu estava pressionada contra a cabeceira da cama em confusão e medo. Suas pernas cederam. Pressionando a faca contra o peito, ele se inclinou para frente, apoiado no chão com um braço, respirando profundamente.

— Nino? — Eu sussurrei, rastejando até a beira da cama.

Nino disse que não era capaz de emoções, que não podia sentir, mas seus olhos e seu rosto eram pura emoção desenfreada. E ele não conseguia lidar com isso, não sabia como. Talvez essa tenha sido a primeira vez em muito tempo que ele foi submetido a algo assim.

Suas costas estavam arfando, os braços tremendo e, de alguma forma, no brilho difuso da lâmpada de cabeceira, suas tatuagens pareciam ganhar vida, as chamas pintadas saltando, os rostos contorcidos zombando ainda que agonizando ao mesmo tempo.

Minha garganta entupiu de emoção, indefesa e aterrorizada e preocupada que fosse isso, que algo tivesse quebrado a sanidade de Nino - o que restava dela. Meu amor por ele não me deixou cega para a verdade: Nino e Remo eram confusos de uma forma que não poderia ser resolvido com algumas pílulas e inúmeras sessões com um psiquiatra. Algo horrível os havia torcido nisso que eram hoje, amarrando as emoções de Nino em um nó apertado. Algo conseguira desamarrá-lo. Vê-lo assim me fez pensar que talvez houvesse uma boa razão para que sua mente e seu corpo tivessem amarrado esse nó a princípio.

Deslizei para fora da cama e me aproximei de Nino hesitante, mas ele empurrou a cabeça para o lado. — Remo, — ele resmungou. Então falou mais alto, mais desesperado. — Traga Remo!

Tropeçando em direção à porta, eu a abri e corri pelo corredor. Meu coração batia na minha garganta e meus pés descalços batiam ruidosamente contra o granito frio. O que estava acontecendo com Nino?

Medo, cru e enlouquecido, corria por mim. E se eu perdesse Nino para o que quer que isso fosse?

Eu atravesssei a ala leste, o domínio de Remo. Nunca tinha estado aqui antes e sabia que não era bem-vinda, mas Nino precisava de seu irmão, então não importava o quanto estivesse com medo de Remo, eu o levaria.

Levei um momento para me orientar na parte desconhecida da casa. Não sabia ao certo onde era o quarto de Remo e, com o mínimo de luar entrando pela janela no final do corredor, era difícil distinguir mais do que os contornos nebulosos das portas. Em pânico, abri a primeira porta e, mesmo no escuro, consegui distinguir a forma de uma cama. Um cheiro de mofo pairava no ar, algo empoeirado e abandonado. Ninguém o usava há algum tempo.

Havia tantos quartos nesta casa que eu nunca o encontraria a tempo. Senti a parede por um interruptor de luz, mas meu corpo tremeu e não consegui me orientar. A escuridão estava começando a se fechar sobre mim, mas passei para a próxima porta, meu dedo enrolando em torno da maçaneta. Então houve uma respiração quente no meu ouvido e um murmúrio baixo. — Que porra você está fazendo aqui?

Eu gritei e ataquei instintivamente, minha mão colidindo com um queixo coberto de barba por um momento antes de perceber quem eu tinha acabado de acertar. Uma mão forte segurou meu pulso. Eu me acalmei, de repente feliz pelo escuro porque escondia a expressão de Remo.

— Deixe-me ir, — eu sussurrei, a voz tremendo.

Ele me soltou e eu dei um passo para trás. — Sinto muito por bater em você, — eu saí. — Você me assustou.

Ele permaneceu em silêncio por outro momento, elevando-se sobre mim com aquela vibe inquietante de violência. — Responda a minha pergunta, — ele ordenou.

— É o Nino. Eu não sei o que está acontecendo com ele. Ele está transtornado.

— Transtornado, — disse Remo em dúvida.

— Remo, por favor, você pode acender a luz. — Eu engoli em seco. — Está me deixando nervosa estar no escuro com você.

Ele se mexeu e seu braço roçou o meu, então a luz inundou o corredor. Quando meus olhos se acostumaram com a luz ofuscante, Remo entrou em foco, alto e nu, exceto por cuecas. Seus olhos deslizaram pelo meu corpo, vestindo apenas minha camisola fina, antes de voltarem para o meu rosto. Seu queixo estava ligeiramente vermelho de quando eu bati nele.

— Estou perdendo minha paciência aqui, Kiara.

— Nino precisa da sua ajuda! — Eu disse irritada, porque não havia como explicar a situação de Nino para ele. E finalmente algo passou por ele, que se virou e começou a correr. Eu não tinha absolutamente nenhuma chance de alcançá-lo com suas longas pernas.

Ofegante, cheguei ao nosso quarto alguns minutos depois.

Remo estava ajoelhado ao lado de seu irmão, que estava no chão, com a mão no ombro de Nino. Ambos pareciam anjos caídos com suas costas curvadas, suas cicatrizes e tatuagens, os músculos formados por anos de luta. O anjo caído de Remo nas costas com as asas quebradas nunca fez mais sentido do que agora.

— O que está acontecendo? — Eu resmunguei, e Remo olhou para cima de onde estava ajoelhado ao lado de seu irmão. Por um momento, ele parecia tão desamparado, tão aterrorizado quanto eu me sentia, e essa visão me desfez, porque este era Remo, este era um homem sempre dominando, sempre duro, poderoso e cruel e sem medo de nada. Chegou quase como um alívio quando ele estreitou os olhos para mim, sua boca se contorceu em um sorriso torcido, como se isso fosse minha culpa, como se, sem perceber, eu tivesse quebrado Nino, mesmo que eu não tivesse nada perto do poder sobre ele para fazê-lo.

— Saia, — Remo rosnou, mas eu não queria sair. — Saia! — Ele rosnou, e eu sabia que ele me faria sair se não obedecesse, então corri para fora e ao longo do corredor, desci as escadas, e entrei na nossa sala de estar, que não era chamada assim porque a maioria das atividades da sala de estar acontecia na área compartilhada da mansão quando todos os irmãos se reuniam. Este era meu santuário e às vezes o de Nino quando ele tentava simular afeição por mim.

Eu afundei no banco do piano. Meus dedos instantaneamente encontraram as teclas, precisando sentir sua suavidade fria. As primeiras notas da música que escrevi para Nino soaram. Desesperadas, notas baixas a princípio, depois hesitantes, notas mais altas, notas mais claras até que a melodia parecesse quase

animada por seu staccato⁷, seguidas de notas estridentes e opressivas até que finalmente a melodia se tornava um fluxo suave, uma canção de aceitação. Mas este final parecia errado agora, e meus dedos se moveram, as notas ficando mais e mais altas, enchendo-me até que minhas emoções criassem essa melodia.

Eu respirei asperamente quando o desespero de Nino se tornou música, enquanto meu medo deixava a melodia explodir através de mim com notas curtas e duras. Emoção estava por toda parte e eu não conseguia parar e senti que esta era a única maneira que poderia passar por isso.

Passos pesados soaram e meus dedos deslizaram para fora das teclas quando Remo entrou na sala e na minha direção, ainda apenas de cueca e um olhar assassino em seu rosto. Endureci, mas não segui meu impulso de correr. Em vez disso, abaixei minhas mãos trêmulas para o meu colo e retornei o olhar de Remo. Ele parou no meio do caminho como se estivesse dividido entre a raiva e o desespero, mas então preencheu a distância restante entre nós, me encurralando com sua altura e sua presença brutal.

Ele se inclinou e eu recuei, mas não desviei o olhar. — Que porra você fez? — Ele murmurou.

— Eu não fiz nada, — eu disse. O que poderia ter feito para desequilibrar Nino assim? Eu era apenas uma mulher. Não tinha poder sobre ele.

— Besteira.

— Remo, deixe-a sozinha. — Era a voz de Nino, estrangulada, crua e ainda assim fria e controlada. Eu cedi com alívio. Remo se afastou de mim e se virou para seu irmão, abrindo minha visão para Nino também.

Como Remo, Nino estava só de cueca, e ainda havia camadas sobre camadas de barreiras que eu nunca poderia atravessar. Sua expressão era a tela em branco a qual me acostumara, mas havia algo assombrado, *algo preso* em seus olhos cinzentos enquanto olhava para Remo; Um olhar passou entre os irmãos que falavam de horrores que eu não conseguia entender, um olhar que me fez perceber que um irmão nunca poderia ficar sem o outro.

⁷ Staccato é uma forma de articulação musical. Na notação moderna, significa uma nota de duração abreviada, separada da nota que pode seguir-se pelo silêncio. Foi descrito por teóricos e apareceu na música desde pelo menos 1676

O que quer que os tivesse moldado em gelo e fogo, também os forjou juntos de uma forma que não poderia ser quebrada. Talvez Nino tenha se tornado a inundação fria contra o furioso inferno de Remo. Talvez Remo fosse a saída para as emoções que Nino havia trancado atrás de paredes impenetráveis. Eu não poderia e nunca seria capaz de entender esses dois homens.

Nino afastou os olhos do irmão e olhou para mim. Meu peito apertou com alívio e calor, e eu queria ir até ele e abraçá-lo, queria acalmá-lo com palavras, dar-lhe conforto com o meu toque, mas Nino não era assim. Ele não precisava de conforto, ternura *ou amor...*

— Toque essa música de novo, — ele disse baixinho.

Toquei as pontas dos meus dedos nas teclas e comecei a música, uma canção que não era apenas uma série de notas, mas um buraco no meu coração. Nino se aproximou de mim lentamente e, quando o fez, Remo recuou alguns passos, mas continuou nos observando.

Nino se abaixou ao meu lado no banco, mas eu não parei de tocar. Fechei meus olhos e deixei a música fluir, desejando que ele pudesse entender que essa música abrangia tudo o que eu sentia por ele, tudo que eu já senti por ele. Então novas notas soaram, e meus olhos se abriram, meus dedos hesitaram quando Nino começou a tocar a música também. *O quê?*

Ele acrescentou suas próprias notas e percebi que era intencional. Entrei e toquei minha melodia, as duas melodias parecendo fluir ao redor uma da outra. Era mais bonito do que qualquer coisa que eu já ouvi. Os olhos de Nino estavam no meu rosto enquanto ele tocava a música de memória sem hesitar, mas tive que devolver o meu olhar para as teclas, porque não conseguia entender o brilho em seus olhos.

Remo encontrou meu olhar brevemente sobre o piano, e sua expressão era tão ilegível quanto. Então ele se virou e saiu. Eu não entendi nada disso, mas ouvir a melodia de Nino se fundir com a minha, criando algo inexplicavelmente bonito... parecia um presente.

Nino e eu tocamos até o sol se erguer sobre a mansão e encher a sala de luz. Nossa melodia evoluiu, uma série de lindas notas, e meu coração pareceu explodir de emoção quando nossos dedos finalmente saíram das teclas. Nino parecia exausto, e meu próprio corpo ansiava por sono também, mas, ao mesmo tempo, eu senti vontade de gritar meus sentimentos dos telhados.

Eu levantei e peguei a mão de Nino. Seu olhar frio subiu para mim. — Vamos para a cama, — eu sussurrei.

Algo mudou em seus olhos como se por uma vez houvesse algo que o assustou, como se ele não confiasse em si mesmo enquanto dormia.

— Nós não temos que dormir, mas você precisa descansar um pouco, — eu disse a ele, e finalmente ele se levantou do banco do piano e me seguiu para o andar de cima.

Nino deitou-se e eu me estiquei ao lado dele, perto, mas sem tocá-lo. Eu queria me pressionar contra ele, dar-lhe proximidade. No passado, ele me segurou para me confortar, não porque ele exigisse esse tipo de atenção.

Meu olhar cintilou em seu rosto. Seus olhos estavam distantes, e sua boca apertada sugeria que ele ainda estava lutando contra algo dentro dele.

Eu não podia mais me segurar e estendi a mão para ele, colocando uma mão hesitante em seu braço. Era ridículo para mim estar preocupada em tocá-lo. Éramos mais próximos do que isso, mas eu não queria pressionar algo para Nino que ele não queria só porque isso teria me ajudado.

Seus olhos se concentraram em mim, e ele levantou o braço para que eu pudesse me aproximar, e me aconcheguei nele, minha mão descansando em seu abdômen rígido. Eu gostaria de saber se isso era algo que ele queria, algo que precisava, ou se ele fez isso por mim como parte de sua afeição simulada.

Eu não ousei lhe perguntar o que causou este episódio, ou o que ele tinha visto em sua mente para deixá-lo de joelhos desse jeito, mas a questão queimou na minha língua. Talvez um dia ele me dissesse.

Capítulo Vinte e Um

KIARA

Ficamos na cama até o meio-dia e, pela primeira vez, acordei antes de Nino. Eu estava encostada ao seu lado, como de costume, e ele parecia estar dormindo pacificamente, sem nenhum sinal do episódio da noite anterior visível em seu rosto. Seu osso da bochecha estava inchado com um tom azulado como esperado, mas não deixava Nino menos atraente. Por alguma razão, esse pequeno defeito em seu rosto perfeito o deixou ainda mais bonito.

Ele se mexeu e abriu os olhos. Eu sorri para ele. — Como você está se sentindo?

Ele permaneceu em silêncio por alguns segundos. — Diferente.

— Diferente? — Eu repeti, confusa, mas ele não explicou. Desembaraçou-se dos cobertores e sentou-se com um ligeiro estremecimento, a palma da mão contra as costelas.

— Você precisa de algo para a dor?

— Não, — disse ele. — Vai sumir. E a dor é um bom motivador. Da próxima vez terei que ser melhor para que meu oponente não acerte golpes assim.

Eu também saí da cama e fiquei ao lado dele. — Você vai nadar?

Nino assentiu. — Vai ajudar com o cansaço.

Peguei meu livro e coloquei meu roupão enquanto Nino colocava o calção de banho. Ele não se incomodou em ir ao banheiro. Nós estávamos além desse ponto. Nós saímos em silêncio, e eu tomei meu lugar habitual na espreguiçadeira enquanto Nino mergulhava na água. Seus movimentos não eram tão rítmicos ou tão suaves como de costume. Ele esforçou-se mais do que nunca, nadando rápido e quase com raiva. Eu não tinha certeza de como alguém poderia nadar com raiva, mas com certeza parecia isso.

Coloquei meu livro no chão e levantei para ter uma visão melhor. As respirações de Nino eram curtas, menos controladas, enquanto ele nadava uma volta após a outra. Esta foi uma sessão de natação muito mais longa do que seus trinta minutos diários. Preocupação me atormentava enquanto eu o observava esforçar-se demais como se estivesse tentando nadar para longe de alguma coisa.

Finalmente, ele parou e se apoiou contra a parede da piscina, o peito arfando, ofegante. Ele saiu da água, flexionou os braços e cambaleou a seus pés. Entreguei-lhe a toalha e ele a pressionou contra o rosto. Quando ele abaixou para secar o resto do corpo, a calma voltou à sua expressão, mas parecia errado. Fora. Eu não consegui nem identificar o por que.

— Vamos entrar. Eu vou fazer algo para comer.

Nino não se incomodou em trocar o calção de banho e me seguiu até a cozinha. Comecei a reunir o necessário para fazer panquecas. Os sons dos potes batendo fizeram com que Remo se juntasse a nós. Ele estava vestido e parecia surpreendentemente bem descansado apesar da minha intrusão na noite passada.

Seus olhos dispararam de mim para Nino, que estava lendo as notícias em seu telefone sem olhar para cima. Remo se moveu para o meu lado, como de costume, ignorando meu espaço pessoal enquanto seu quadril batia contra o meu. Ele me observou bater a massa.

— Como ele está? — Ele murmurou, seus olhos escuros cheios de preocupação.

Eu parei porque aquela visão ainda me afetava. — Eu não sei. Ele ainda está agindo estranho.

Remo foi até a mesa da cozinha e sentou-se numa cadeira em frente a Nino. — Então você está pronto para o trabalho hoje?

Nino desligou o telefone e olhou para cima. — O que você tem em mente?

— Nós pegamos dois bastardos da Outfit. Eu pensei que poderíamos tirar algumas informações deles. Quando terminarmos, podemos enviá-los de volta para Cavallaro em alguns pacotes bem embrulhados. O que você acha? Será que uma boa rodada de tortura levantará seu ânimo? — Remo sorriu retorcido.

Ele estava falando sério? Ele realmente queria envolver Nino em algo tão brutal quando ele não estava sendo ele mesmo? — Eu não acho que seja uma boa ideia.

Tanto Nino quanto Remo olharam para mim. Nino franziu as sobrancelhas em uma expressão quase confusa enquanto Remo tinha uma assassina no rosto. Eu estava me acostumando com isso.

— É melhor você se lembrar do seu lugar, — Remo disse asperamente.

Nino encontrou meu olhar. — Sua preocupação é desnecessária, Kiara.

Eu duvidei disso, mas mantive minha boca fechada e preparei as panquecas, dividindo-as entre três pratos, e os levei para a mesa.

Remo pareceu surpreso.

— Eu presumi que você gostaria de comer conosco. Mesmo que me ameace, não deixarei você passar fome.

Seus olhos escuros avaliaram meu rosto e eu retornei seu olhar. Ele não insistia sempre que eu precisava aprender a ser uma Falcone? Não me curvar a ele era um bom passo em direção a esse objetivo. Eu não tinha certeza, mas pensei ter visto um lampejo de respeito em seus olhos.

— Eu gosto mais de você agora que não tem mais medo da sua própria porra de sombra.

Dei de ombros. — E eu gosto mais de você quando não está sendo assustador e mandão.

— Então você não gosta de mim com muita frequência, — Remo disse, cavando suas panquecas. Sentei-me ao lado de Nino e ele me surpreendeu colocando a mão na minha coxa e apertando. Quando por acaso olhei para ele, ele estava focado em comer.

— Quando precisamos sair? — Nino perguntou ao irmão.

— Os idiotas estão no porão da Sugar Trap. Savio e Fabiano já estão lá. Eu queria esperar por você antes de começarmos.

Nino assentiu e terminou suas panquecas. — Vou me vestir e depois podemos sair. — Ele se virou para mim e hesitou. — Adamo está aqui?

— Ele deveria estar aqui, mas o idiota escapou esta manhã e pegou meu Bugatti. Se ele voltar, vou chutar a porra da bunda dele. Até lá, sua garota ficará sozinha aqui.

Nino sacudiu a cabeça. — Não. Ela não pode se defender ainda.

Eu fiz uma careta. — A mansão é segura e sou boa com uma arma. Bem... decente, mas isso deve ser suficiente.

— Decente não é bom o suficiente contra a maioria dos nossos inimigos. Cavallaro logo perceberá que estamos com seus soldados. Eu não vou deixar você sem segurança.

— Ela pode vir com a gente, — Remo disse com um encolher de ombros.

Eu sabia que o Sugar Trap era um clube de strip e prostituição. Mas se os inimigos da Camorra eram levados para lá, provavelmente não era tudo para o que era usado.

Nino me olhou. — Aquele é um lugar difícil para Kiara.

— Eu posso lidar, — eu disse com firmeza.

No segundo em que entramos na Sugar Trap, os olhos de todos viraram em nossa direção. Algumas mulheres seminuas estavam reunidas em volta do bar, conversando com um cara alto e negro, escolhendo garrafas. Ele acenou para Remo e Nino, mas me olhou com curiosidade. As mulheres, no entanto, apenas murmuraram algumas palavras de saudação antes de retornarem ao que estavam fazendo. Pólos estavam espalhados pela sala em pequenos palcos, e havia várias portas se ramificando no bar principal. Eu assumi que eram para sessões privadas.

Os olhos duros de Remo apenas roçaram as mulheres como se a simples presença delas o incomodasse. Nino se virou para mim. — Você pode esperar em nosso escritório enquanto Remo e eu vamos ao porão.

Eu balancei a cabeça. — Não, eu vou ficar aqui e conversar com as mulheres.

Remo bufou. — Elas são prostitutas. Falar não é no que elas são boas.

Engoli uma resposta e virei para Nino, tentando esconder minha preocupação. Devo tê-la mostrado porque ele levou minha mão até os lábios e beijou meu pulso. Várias mulheres nos olharam com espanto do seu lugar no bar, e até Remo pareceu pego de surpresa. Demonstrações públicas de afeto não eram geralmente do estilo de Nino.

Nino se inclinou para frente, sussurrando no meu ouvido. — Eu sobrevivi a todos os horrores que você possa imaginar, Kiara. Não desperdice sua preocupação comigo. Torturar os bastardos da Outfit não me atingirá. Eu não sinto o medo deles. Eu não me importo com a clemência deles. — Ele se afastou e soltei um suspiro. Sem outra palavra, Nino e Remo atravessaram a porta dos fundos.

No momento em que eles se foram, as cinco mulheres ousaram me encarar de novo, e o cara atrás do bar também me observou. Eu andei na direção deles. — Oi, — eu disse, tentando esconder o meu constrangimento. — Eu sou Kiara Falcone.

O cara riu. — Todo mundo sabe quem você é, Sra. Falcone. Eu sou Jerry. O que posso fazer por você? — Seus dentes brancos contrastavam com seu rosto escuro e eu gostei dele imediatamente.

As mulheres sussurravam entre si, mas não diziam nada diretamente para mim. Há alguns meses isso me mandaria embora, mas aprendi a enfrentar situações inquietantes.

— O que você tem? — Perguntei a Jerry.

— Tudo o que você quiser. Vinho, cerveja, tequila, coquetéis. E mesmo que não tenhamos, conseguirei para você, senhora Falcone.

Eu não pude deixar de rir. — Não há necessidade disso, por favor. Apenas me dê uma Coca. É muito cedo para vinho.

— Se você me perguntar, cada hora do dia é hora de vinho, — a mulher mais próxima a mim disse erguendo um copo de vinho tinto. Ela era muito alta e tinha longos cabelos loiros e estava muito maquiada como as outras mulheres. Eu supus que isso era necessário em seu campo de trabalho. Eu nunca havia lidado com uma profissional do sexo. Enquanto meus olhos examinavam as cinco mulheres, fiquei imaginando quantas delas haviam começado a trabalhar aqui por livre e espontânea vontade e quantas haviam sido arrastadas para isso por um aliciador ou para pagar suas próprias dívidas. As outras mulheres também tinham taças de vinho na frente delas. Eu supus que o álcool tornava mais fácil viver uma vida assim.

— Dê-me um copo de vinho branco, — eu disse. Não pude deixar de me perguntar com quantas dessas mulheres Nino havia dormido, mas decidi não perguntar.

Jerry riu. — Não deixe o alcoolismo delas passar para você. — Apesar de suas palavras, ele me serviu um copo generoso e deslizou em minha direção.

— Alcool grátis é uma das poucas vantagens de trabalhar aqui, — murmurou outra mulher.

Tomei um gole do meu vinho e olhei para elas, procurando por sinais de abuso. Algumas delas tinham pequenos hematomas nos braços ou nas pernas, mas nada grave.

— Eu sou CJ, — disse uma mulher mais jovem, com longos cabelos castanhos e um sorriso gentil.

— Ela é uma Falcone, — a mulher ao seu lado sibilou.

Tomei outro gole. — Eu sou, — eu confirmei. — E também sou uma pessoa e uma mulher. Você não precisa me temer.

A mulher alta balançou a cabeça. — Você não é uma de nós, com certeza.

— Eu não sou, você está certa, mas entendo mais do que você pensa. Não sou sua inimiga.

CJ deu a volta e encostou-se no balcão do bar ao meu lado. — Ouvimos o que aconteceu em Nova York, o que os Falcones fizeram com seu tio.

Jerry empurrou seu ombro levemente. — Por que você não cala a boca?

Eu engoli, mas depois forcei um sorriso e assenti. — Nino e Remo o mataram.

— Massacraram-no, — a mulher alta falou.

— Teve o que ele merecia, se você me perguntar, — murmurou CJ.

— Muitos homens merecem o mesmo, — disse a mulher alta.

Eu abaixei meu copo e soltei: — Vocês são escravas sexuais?

CJ encolheu os ombros. — Não o tipo sequestrado no meio da noite, não. A maioria de nós começou isso porque não tínhamos escolha. Nós precisávamos do dinheiro, nos sentíamos obrigadas, e a maioria de nós ficou porque, quando você está nisso, é difícil fazer um trabalho normal novamente. Uma vez que as dívidas com a Camorra são pagas, ganhamos um bom dinheiro.

A mulher alta estreitou os olhos para mim. — Há muito poucas mulheres neste negócio que fazem isso porque gostam. Talvez os *Johns* queiram acreditar que a maioria de nós é ninfomaniaca que se tornou puta para conseguir mais pau. Idiotas fodidos. Como se alguma de nós gostasse de chupar o pau de um bastardo velho, peludo e sujo.

— Aí vem o pau responsável pela carne fresca, — CJ sussurrou, e o brilho em seus olhos deixou claro; Ele era a razão pela qual ela trabalhava no Sugar Trap.

Eu me virei e um homem alto de cabelos castanhos, talvez alguns anos mais velho que eu, entrou no clube. Ele era muito bonito e entendi por que ele se tornara o aliciador da Camorra. Era seu trabalho fazer as mulheres se apaixonarem por ele até que estivessem tão envolvidas que fariam qualquer coisa por ele; até mesmo vender seus corpos. Ele não emitia a vibe assustadora que muitos homens fizeram. Ele sabia como esconder isso, o que provavelmente era crucial se você quisesse atrair mulheres para sua armadilha. Seus olhos percorreram as mulheres sem um sinal de culpa. Então eles se instalaram em mim e seu rosto ficou confuso. Eu ainda não o conhecia, ou pelo menos não o tinha notado. Algo em seu comportamento mudou um pouco, como se ele não tivesse certeza de onde me colocar, mas então caminhou em minha direção e o reconhecimento surgiu em seu rosto.

Ele ignorou as mulheres ao meu lado, apertou a mão de Jerry, depois se virou para mim. — Eu sou Stefano, — disse ele em uma voz sedutora. — É um prazer conhecê-la. — Seu sorriso encantador me atingiu com força total.

Remo entrou pela porta dos fundos, coberto de sangue, e bateu no balcão. — Quatro uísques, Jerry. — Então seus olhos escuros se moveram para Stefano. Ele balançou a cabeça e estreitou os olhos antes de caminhar para nos encontrar. Eu não conseguia tirar meus olhos de seus braços e garganta salpicados de sangue. Sua camisa era preta, mas eu tinha certeza que estava encharcada de sangue também.

Ele agarrou o ombro de Stefano. — Isso é uma conquista a qual você não sobreviveria, Stefano. Eu odiaria perder meu melhor aliciador, mas tenho que te decepcionar, e pode me agradecer por isso porque Nino te rasgaria em pequenos pedaços e alimentaria você com eles.

Stefano observou a mão sangrenta de Remo em sua camisa branca, curvando o lábio. — Eu sei quem ela é, Capo. Estava apenas me apresentando.

— Nós sabemos como é. Você os encanta e então eles se apaixonam e perdem seus poucos neurônios restantes. — Remo deu um sorriso cruel para as mulheres reunidas.

Revirei meus olhos. — Primeiro, não vou me apaixonar por ele. Eu sou de Nino. E segundo, tenho mais do que algumas células cerebrais. — Não mencionei que não importava o que Stefano fizesse, ele não poderia ganhar meu coração porque meu coração pertencia a Nino.

Os olhos de Stefano se arregalaram e ele olhou para Remo como se esperasse que seu Capo me matasse pela audácia.

— De fato. — Remo sorriu e soltou Stefano, deixando a marca da mão ensanguentada na camisa do homem. Jerry entregou a Remo uma bandeja com quatro copos de uísque. — Estamos quase terminando, — ele disse para mim, depois para Stefano, — Não toque. — As mulheres recuaram enquanto ele passava por elas com a bandeja.

Stefano soltou uma maldição italiana em voz baixa enquanto considerava sua camisa arruinada.

— Eu suponho que você não vai encantar o coração das meninas com sangue em sua camisa.

Ele encolheu os ombros. — Se eu contasse a história certa, elas acreditariam que eu salvei a vida de um homem e é por isso que tenho essa impressão na minha camisa. As mulheres acreditam em todos os tipos de merda se um homem atraente fizer com que elas se sintam especiais e diga a elas como são lindas, mesmo que sejam medianas no máximo.

Tomei um gole profundo do meu vinho, sem saber o que dizer sobre isso.

Mas CJ encontrou minhas palavras. — Você é um idiota.

Stefano sorriu para ela. — Isso não foi o que você disse quando te fodi e você declarou seu amor por mim.

Ela empalideceu, em seguida, virou-se e desapareceu pela porta atrás do bar.

— Isso foi muito rude, — eu disse. — Não sei por que você acha que pode tratar mulheres assim.

— Porque elas me permitem tratá-las assim, — ele disse baixinho, seus olhos castanhos duros. — Todo mundo recebe o que merece.

Sacudi a cabeça para ele e saí da banqueta para encontrar CJ. Um corredor conduzia a uma porta apenas para funcionários que estava entreaberta, e entrei, encontrando CJ encostada na pia, chorando.

— Ei, — eu disse hesitante, de repente, não tendo certeza se era uma boa ideia eu estar aqui. Eu era a esposa do homem que possuía a Sugar Trap e outros lugares assim. CJ e as outras mulheres pertenciam à Camorra, e basicamente a Nino também. Ele não era Capo, mas nenhuma das decisões de Remo era tomada sem consultar Nino primeiro.

Eu entreguei a ela um lenço. — Sinto muito pelo que ele disse.

— Por quê? É a verdade. Eu me apaixonei por ele porque ele disse exatamente o que eu queria ouvir, o que nenhum homem jamais havia dito para mim. Ele parecia bom demais para ser verdade, mas eu não queria ver os sinais apontando a verdade.

— Às vezes é mais fácil acreditar em uma mentira, — eu disse baixinho, porque também acreditava no afeto simulado de Nino, muito ansiosamente.

Ela encontrou meu olhar. — Eu dormi com Nino.

Meu corpo se encheu de choque. Eu tinha imaginado que algumas dessas mulheres tinham dormido com ele, mas ouvi-la dizer isso ainda doía.

— Mas já faz um tempo. Eu não o vi com nenhuma de nós em semanas.

Parte do peso saiu do meu peito - provavelmente desde que eu disse a ele que queria que parasse de estar com outras mulheres. Então ele manteve a palavra. — Ele dormiu com muitas mulheres antes de mim, — eu disse com um pequeno encolher de ombros.

— Sim, todos eles fazem, — disse ela amargamente.

—... Ele te forçou?

Ela inclinou a cabeça. — Eu sou uma prostituta.

— Isso não significa que você não tem o direito de dizer não.

Ela sorriu. — Não é assim que funciona. Mas ele nunca me forçou. Eu nunca disse não. Por que eu deveria? Há homens muito piores do que Nino Falcone. Ele é bonito e não é cruel durante o sexo. Isso é uma coisa boa.

Eu balancei a cabeça rapidamente, feliz quando ela parou de falar sobre sexo com Nino. — Por que você não vai embora? Ou você ainda está pagando sua dívida?

— Não mais, não. Já foi paga há um ano, mas não tenho nada para voltar. Eu me acostumei com esta vida. Se você está aqui por um tempo, não é como se você pudesse trabalhar normalmente. Nós todas vimos muito. Poderíamos trabalhar como garçonetes em um dos clubes ou bares da Camorra, mas não há muitas outras opções quando você está nisso.

— Então você é uma prisioneira da Camorra.

CJ tocou meu braço. — Não somos todos? Não me diga que sua vida já foi sua?

Não, não foi. Nascida em sangue. Isso era o que toda criança, menina ou menino, era em nosso mundo. Eu não estava mais ligada a Famiglia. Agora eu estava ligada à Camorra. Mas livre? Isso era algo que

eu jamais seria. Não era algo que considerasse uma opção. Um pássaro nascido em cativeiro nunca conhecerá a sensação de liberdade desenfreada que o céu aberto pode oferecer. Como você pode desejar algo que você nunca experimentou?

— Está tudo bem. Não se culpe. Algumas coisas simplesmente não podem ser mudadas.

— Eu sei, — eu disse, mas isso não mudou o fato de que eu queria mudá-las.

Nino estava limpo quando emergiu da porta dos fundos assim como Remo. Eu estava de volta ao bar com CJ sentada ao meu lado, bebendo nossa segunda taça de vinho. — Eu deveria ir, — disse ela rapidamente. — Os primeiros clientes chegarão em breve.

Eu assenti. Tinha toda a intenção de cumprir a meta de visitar as casas de prostituição da Camorra e conhecer as mulheres de lá. Se eu as conhecesse, me sentiria ainda mais obrigada a ajudá-las - mesmo que soubesse que era uma batalha perdida. Remo nunca me ouviria, e nem mesmo Nino me deixaria interferir em seus negócios.

Eu examinei seu rosto enquanto ele se aproximava de mim, procurando por sinais de que o que ele estivera fazendo o incomodara, mas ele parecia calmo, o que deveria ter me aterrorizado, mas estava apenas aliviada. Os olhos de Nino seguiram CJ quando ela se afastou. Então ele franziu a testa para mim.

— O que ela disse?

— Nada importante, — eu disse com um sorriso.

Nino não parecia convencido, mas não insistiu no assunto, apenas envolveu a mão no meu pulso e me levou para fora do clube.

No momento em que estávamos em casa, nos reunimos na sala de estar, e Remo pediu pizza.

— Como você pode estar com fome depois do que fez? — Eu perguntei curiosamente enquanto afundava no sofá.

Nino me deu um olhar vazio. — O corpo ainda requer certa ingestão de calorias para manter suas funções.

Remo revirou os olhos. — Um dia desses, eu vou perder minha cabeça com você quando soa como um maldito livro de texto.

Nino ergueu as sobrancelhas para o irmão. — Você disse isso inúmeras vezes. Perde sua força se não age sobre isso.

Remo sacou a faca e atirou-a em Nino. Eu pulei quando a faca cravou no braço ao lado da perna de Nino. — Você, Savio e Adamo são um saco.

Eu sorri. — Obrigada, — eu disse. Quando Remo me deu um olhar vazio, acrescentei: — Por não me incluir.

— Ela está ficando muito ousada, — Remo murmurou, mas ele não parecia zangado.

Nino parecia relaxado, de volta ao seu habitual eu calmo. Talvez ele tenha superado o que o assombrou na noite passada. — Onde está Adamo? Ele ainda está fora?

O rosto de Remo ficou sombrio. — Adamo! — Ele rugiu. — Traga sua bunda aqui embaixo. — Houve silêncio. Remo pegou o telefone, pediu pizza e chamou de novo. — Adamo, eu juro, se você estiver aí em cima e não descer aqui neste segundo, vou buscá-lo, e você vai se arrepender.

Passos soaram do andar de cima e Adamo apareceu na escada. Ele hesitou no meio dela, parecendo nervoso ao ver seus irmãos mais velhos.

— O que você fez? — Perguntou Nino.

Adamo olhou para Remo, que rosnou. — Não me diga que você bateu com meu Bugatti.

Adamo sacudiu a cabeça. — Há apenas um amassado na traseira porque alguém bateu em mim.

Remo cambaleou em direção ao irmão e segurou-o pelo colarinho. — O que diabos há de errado com você? Eu lhe disse para parar de correr. Você vai se matar.

— E daí? Em algumas semanas, serei iniciado. Eu faria um favor a todos se fosse morto antes de me tornar como você.

Eu segurei minha respiração. Nino também ficou tenso ao meu lado.

Remo puxou Adamo ainda mais perto, olhando para ele. — Você é uma fodida criança. Não sabe do que está falando. Talvez eu tenha te protegido por muito tempo. Talvez eu devesse ter te iniciado mais cedo como Savio.

— Quando você me protegeu?

Remo soltou-o com um sorriso duro. — Eu pedi pizza. Ou você é *bom demais* para comer conosco?

Adamo pairou na escada, em seguida, lentamente, desceu e se aproximou de nós. Ele se jogou no sofá a nossa frente. Deu-me um sorriso e então acenou para Nino.

— Onde está Savio? — Ele murmurou.

— Saiu com Diego, — disse Remo.

— Talvez você devesse sair com mais frequência também, — murmurou Adamo.

Remo sentou-se ao lado de Nino. — Alguém tem que se certificar que o Oeste permaneça em nossas mãos. Eu lutei muito para perder isso por causa da preguiça.

Percebi que Remo e Nino quase nunca saíam. Com Nino, eu achava que era porque agora eu era sua esposa, mas Remo também ficava em casa, a menos que estivesse trabalhando com seus irmãos ou Fabiano. Eles viviam em seu pequeno mundo, um mundo no qual tive permissão de entrar. Eu estava me acostumando a ser uma Falcão.

Nino e eu voltamos para o nosso quarto depois do jantar e de assistirmos a alguns vídeos de corridas antigas com seus irmãos. Nós nos preparamos para a cama. Eu estava sentada na cabeceira da cama quando ele se juntou a mim, parecendo quase cauteloso. Ele estava preocupado com esta noite?

— CJ disse que dormi com ela? — Ele perguntou baixinho enquanto se esticava ao meu lado.

— Sim... ela disse. Mas é passado. Eu não vou usar seu passado contra você. Você não usou o meu contra mim.

Nino franziu a testa. — Não havia nada que eu pudesse usar contra você porque não fez nada de errado.

— Eu sei, — eu disse.

— Sabe?

Suspirei. Em um nível lógico, eu sabia, mas às vezes ainda parecia como se fosse minha culpa, o que era estúpido, mas era algo profundamente enraizado em mim e difícil de arrancar. — Você já se sentiu culpado pelo que faz? Pelo que fez hoje?

Nino considerou isso. — Na verdade não. Como eu disse, realmente não sinto pena. E aqueles bastardos da Outfit teriam feito o mesmo se pusessem as mãos em um dos nossos.

Eu bocejei. Ele levantou o braço e eu me aconcheguei nele, apoiando-me em seu peito e o beijei suavemente. Nós raramente nos beijamos, na maioria das vezes durante o sexo.

Nino gentilmente tocou a parte de trás da minha cabeça enquanto sua outra mão roçava meu braço. — Pelo que foi isso?

— Eu só queria beijar você, — eu admiti. — Ou te incomoda se eu fizer isso? Fora do sexo, quero dizer.

Nino inclinou a cabeça, seu polegar esfregando levemente meu pescoço. — Por que isso me incomodaria, Kiara? Eu gosto de beijar você. Alguma vez te dei razão para acreditar no contrário?

— Não, mas você nunca me beija durante o dia. Nós só nos beijamos quando estamos prestes a fazer sexo.

— Quando você quer que eu te beije?

Suspirei. — Não quero que você me beije porque eu quero. Eu quero que você me beije porque quer fazê-lo, porque sente vontade. — Eu percebi quão tola soei. Nino nunca sentiria vontade de me beijar. Cada ato de ternura era para meu benefício.

Nino procurou meu rosto e me puxou para ele, em seguida, beijou-me, o roçar de seus lábios macios, seus olhos cinzentos quase inseguros.

Eu pisquei para ele. — Porque você fez isso?

— Eu não sei, — ele disse baixinho.

Eu deitei minha cabeça no seu peito nu, minha bochecha pressionando sua pele quente, confusa por suas ações e palavras.

Capítulo Vinte e Dois

KIARA

Naquela noite, sons familiares de angústia me acordaram. Eu me sentei e me atrapalhei com o interruptor de luz, piscando contra o brilho repentino.

Nino deu um solavanco abrupto ao meu lado, sua mão alcançando a mesa de cabeceira e pegando sua faca.

Seus olhos selvagens me encararam, o peito arfando, seus dedos segurando o cabo.

— Vou buscar Remo, — eu murmurei e lentamente deslizei para fora da cama, preocupada com o Nino alarmante. Sua mão livre enrolou em volta do meu pulso, me impedindo.

Eu ofeguei surpresa, meu olhar procurando seu rosto. O desespero selvagem desapareceu de sua expressão, substituído por uma mistura de confusão e o vazio familiar que ele sempre mostrara no passado. — Fique, — ele disse baixinho.

Hesitando, voltei para a cama e Nino me puxou para ele. Eu me acomodei no seu peito. Ele colocou a faca de volta em sua mesa de cabeceira, mas a tensão permaneceu em seu corpo. Traçando as tatuagens em seu torso, tentei contar suas cicatrizes para me distrair, mas era difícil determinar onde muitas delas terminavam e outras começavam.

— Todas essas tatuagens... por que você as fez?

Os dedos de Nino percorreram minha espinha e continuaram até meu pescoço, depois para cima, enroscando-se no meu cabelo. Seus lábios roçaram minha testa e eu olhei para ele. Isso era afeto simulado? Carinho simulado?

— Dor e prazer, — disse ele em voz baixa. — Eu posso sentir isso como qualquer outra pessoa, talvez até mais forte.

— Mas se você sente dor ainda mais forte que os outros, por que se submeter a uma agulha furando sua pele repetidas vezes por muitas horas? Por que você luta na gaiola? Por que você procura dor?

Sua boca torceu. — Para me lembrar de que estou vivo.

Minhas sobrancelhas se uniram.

— Para lembrar quem eu sou, o que eu sou.

— Eu não entendo, — eu admiti. — O que aconteceu com você e Remo para torná-los do jeito que são?

Nino inclinou a cabeça para mim e me olhou. Voltei seu olhar, mesmo que não soubesse o que ele estava procurando. — Como você disse, não é apenas minha história, mas também a de Remo.

— Eu não vou falar com ele sobre isso, — prometi de imediato. Eu nunca pensaria em falar com Remo sobre algo que obviamente afetava tanto ele quanto Nino. Seria suicídio.

— Nossa mãe era louca, — Nino começou em uma voz distante. — Talvez ela sempre tenha sido ou nosso pai a tenha deixado dessa forma. Eu só lembro-me dela assim. Ela tinha dias melhores quando nosso pai a enchia de pílulas, mas nesta época em particular, ela estava grávida de Adamo. Ela não podia tomar as pílulas. Talvez ela quisesse se matar a algum tempo.

Algo apertou meu estômago, e quase pedi que ele parasse porque sabia que naquele dia foi quando a infância de Nino terminou. A mãe de Nino não foi a primeira esposa de um Capo que acabou com sua vida. Ser casada com alguém criado para ser cruel poderia destruir qualquer um.

— Nosso pai nos mandou para nossa cabana nas Montanhas Rochosas porque queria que saíssemos de Vegas. Nós éramos um fardo. Certa noite, nossa mãe me tirou da cama e me levou para o quarto dela. Savio já estava lá, mas ele não estava se mexendo. Ela deu-lhe pílulas para dormir. Eu não sabia o que estava acontecendo, mas ela segurou meus braços e cortou meus pulsos com uma faca. Ela também queria nos matar. Talvez para punir nosso pai.

Eu suguei minha respiração, os dedos agarrando o estômago de Nino, mas ele estava imóvel. Essas cicatrizes em seus pulsos eram resultados daquele dia.

— Eu estava confuso e com medo. — Suas sobrancelhas se uniram como se ele estivesse tentando lembrar como se sentir assustado. — Ela saiu depois disso e voltou com Remo alguns minutos depois. Eu acho que ela o pegou por último porque sabia que ele seria seu maior desafio. A casa estava cheia de fumaça até então. Ela ateou fogo na cozinha e na sala de estar. Remo correu para mim, e ela trancou a porta e enfiou a chave sob a abertura embaixo da porta. Então ela se moveu para cortar os pulsos de Remo, mas ele lutou contra ela, diferente de mim. Ela conseguiu cortá-lo algumas vezes. É daí seu corte no rosto. Quando ela percebeu que não conseguiria contê-lo, ateou fogo nas cortinas e depois cortou seus próprios pulsos. O quarto estava cheio de fumaça e eu sentei no meu próprio sangue. Savio não se mexia na cama.

A voz de Nino era mecânica, desligada, fria. Seus olhos eram suaves e impenetráveis como mercúrio, mas cada uma de suas palavras me queimou, penetrou como uma faca em meu coração. Os horrores que ele descrevia eram incompreensíveis. Eu tinha vivido minha própria parte de horrores, é verdade, mas de alguma forma ouvi-lo descrever o que ele tinha passado quando menino me quebrou. — Como vocês saíram?

— Remo jogou uma lâmpada através da janela e se queimou arrancando as cortinas do teto. Parte de suas roupas começou a queimar também, mas ele não parou. Os homens do meu pai estavam tentando entrar na casa e apagar as chamas. Remo me agarrou e me ajudou a sair pela janela. Eu pulei e quebrei a perna do impacto. Remo saltou com Savio em seus braços. Ele quebrou o cotovelo e o ombro tentando proteger Savio. Nossa mãe foi salva pelos homens do meu pai mais tarde.

Eu engoli em seco, incapaz de falar, e Nino ficou em silêncio também.

— Pareceu demorar uma eternidade enquanto eu observava meu próprio sangue escorrer pelos meus braços. Eu senti a queimadura profunda e foi quase reconfortante. — Ele levantou os braços, pulsos para cima, mostrando-me as cicatrizes longas e finas cobertas pela tatuagem escura. Inclinei-me para frente e beijei ambos os pulsos dele, meu coração doendo por Nino - e por Remo.

Tentei imaginar Nino quando criança, ajoelhado em seu sangue, vendo a mãe dele cortar Remo, sentindo o cheiro da fumaça. Eu podia imaginar o quão assustado ele deveria ter ficado, quão completamente

quebrado e chocado que sua própria mãe tentara matá-los de maneira bárbara. Isso explicava muito, explicava por que ele havia desligado suas emoções e por que Remo se voltou para elas. Diferentes maneiras de lidar com o mesmo horror.

— Onde ela está agora? Seu pai a matou depois do que ela fez com vocês?

Nino sacudiu a cabeça. — Depois que os médicos cortaram Adamo dela, ele a mandou para o hospital psiquiátrico por um tempo, mas eventualmente ele a trouxe de volta para casa.

— Ele os forçou a viver sob o mesmo teto com a mulher que tentou matá-los?

Os olhos de Nino estavam focados em seus dedos, que subiam e desciam pela minha lateral. — Nos primeiros anos. O que não mata te faz mais forte. — O sorriso no rosto dele parecia um balde de gelo. — Mas as coisas eram difíceis. Remo tornou-se mais difícil de controlar, e minha falta de emoções acabou instabilizando muito meu pai, então ele nos mandou para um colégio interno na Inglaterra, no interior do norte de Norwich.

— Mas e Savio e Adamo? Não eram jovens demais?

Nino assentiu. — Adamo tinha quatro anos e Sávio sete quando fomos despachados. Na época, Remo já havia sido introduzido e matado alguns, mas ele não nos deixaria ficar separados, então fomos juntos para a Inglaterra. Claro, isso era o que nosso pai pretendia. Ele queria que Remo e eu partíssemos. Ele estava com medo de nós.

Eu não podia imaginar Remo em um internato elegante. Nino podia parecer um cavalheiro sofisticado quando cobria suas tatuagens e transformava sua expressão em uma cortês, mas Remo estava longe de ser contido e elegante.

— Isso não deu muito certo, — disse Nino calmamente. — Eventualmente, nós fugimos e retornamos aos Estados para matar nosso pai.

— Mas vocês não o fizeram. O Executor de Luca, Growl, fez.

— Isso é algo pelo que Remo nunca perdoará nosso meio-irmão. Ele nos roubou a chance de destruir nosso pai, pedaço por pedaço.

Eu tendia a esquecer de que os Falcons e Grawl eram relacionados. — Sinto muito, — eu sussurrei eventualmente, minhas entranhas se agitando e esperando que Nino não pudesse ver o quanto sua história tinha me afetado.

Nino fez um som baixo em sua garganta, um som que eu só ouvira duas vezes antes, quando ele estava à beira de explodir, mas seu rosto ainda era inquietantemente vazio de emoção. Sua mão da minha lateral mergulhou mais baixo, sobre o meu quadril e entre as minhas pernas.

Eu pulei, surpresa por ele estar procurando por esse tipo de proximidade em uma situação como essa. Seus dedos encontraram meu clitóris. Ele pairou sobre mim e me beijou, mais forte do que nunca, e seus dedos encontraram um ritmo rápido entre as minhas pernas. Apesar da bagunça confusa que eram minhas emoções, meu corpo respondeu aos seus beijos e toques.

De repente, ele se levantou e se moveu em cima de mim, seus braços fortes em ambos os lados da minha cabeça. Fiquei imóvel enquanto ele se apoiava sobre mim, seus olhos não estavam totalmente sem emoção. Em vez disso, sua expressão se contorceu em algo parecido com o desespero. Ele nunca ficou por cima de mim durante o sexo.

— Diga-me que tudo bem para você, Kiara, — ele conseguiu dizer em uma voz crua e sombria. — Não tenho certeza se posso ser tão gentil quanto você precisa que eu seja. Se você não puder fazer isso, me diga e sairei, mas... — Ele balançou a cabeça.

— Tudo bem, — eu sussurrei, porque queria consolá-lo de qualquer maneira que pudesse. Se era isso que ele precisava, eu daria a ele. Eu não tinha medo de Nino ou seu corpo.

NINO

Kiara olhou para mim com a confiança que eu não tive dificuldade de ler em seus olhos. Suas mãos envolveram meus ombros, segurando-me, e eu peguei meu pau e o guiei em direção a sua boceta. Ela estava

molhada e macia, mesmo que estivesse preocupada com essa posição porque a fazia se sentir sem controle, porque minha força física a intimidava. Eu me abaixei para os cotovelos. A proximidade iria acalmá-la, não perturbá-la, e senti seu corpo se tornar ainda mais suave debaixo de mim.

Ela me puxou para um beijo, e eu lhe permiti essa pequena lasca de controle, mesmo que eu estivesse ansiando por algo mais áspero, mais sombrio. Mesmo que eu quisesse exercer domínio e não gentileza.

Mas eu precisava estar dentro dela. Agora. Eu deslizei sem parar, até que sua boceta tocou minha pélvis. Estremeci, precisando mais, precisando rápido, precisando me livrar da pressão repentina no meu peito que nunca tinha estado lá antes.

Obriguei-me a esperar alguns segundos, permiti que seu corpo se ajustasse, empurrando para trás a inundação de necessidade em meu corpo. Eu nunca me senti assim, como se precisasse consumir Kiara completamente. Como se ela fosse a única coisa que pudesse satisfazer uma fome diferente de tudo que eu já senti.

Meu peito estava contraído, meu estômago oco e eu não tinha certeza do que estava acontecendo. Por que de repente, cada olhar de Kiara fez meu interior explodir com fogo, quase dolorosamente, mas bom também.

Eu puxei e empurrei de volta para Kiara, e as unhas dela cavaram nas minhas costas, deixando arranhões. Parecia um alívio, uma saída para a pressão. Meus lábios encontraram os dela enquanto eu batia nela, e ela retornou meu olhar com sua própria necessidade ardente. Mais uma vez, aquela mesma dor por algo que eu não entendia. Eu sempre estivera no controle, mas não conseguia controlar isso. Estendi a mão entre nós e esfreguei o clitóris de Kiara, em seguida, agarrei seu mamilo, sugando e mordiscando enquanto a levava na cama com estocadas longas e duras.

Até o cheiro dela abriu mais o buraco no meu peito. Tudo nela fez meu corpo reagir, me fez ansiar por algo impossível, por algo estranho e inexplicável.

Kiara começou a tremer embaixo de mim, mas eu continuei empurrando mesmo quando suas paredes se apertaram com a força de seu orgasmo. Eu fiquei de joelhos para alavancar mais e continuei empurrando, esperando que isso preenchesse esse buraco no meu estômago, saciasse a fome profunda da minha alma, mas mesmo

quando gozei com um empurrão violento e meu pau suavizou, o desejo permaneceu preso em meu peito.

Afundi em cima de Kiara e respirei duramente contra sua garganta. Seus dedos brincavam com meu cabelo, e ela beijou minha orelha, depois minha têmpora e, por algum motivo, esses dois gestos sem sentido satisfizeram um pouco do meu desejo.

Eu torci meu rosto para olhar para ela. Sua pele estava vermelha e ela estava respirando rápido. Ela parecia atordoada, oprimida quando encontrou meu olhar.

— Eu te machuquei? — Eu murmurei.

Suas sobrancelhas franziram. — Não. Quando você disse que não conseguiria ser gentil, eu esperava pior.

Eu também. Senti como se estivesse à beira de perder o controle, mas de alguma forma Kiara me segurou rapidamente através de tudo.

— Nino? — Ela perguntou baixinho. — Aquele olhar em seu rosto, o que isso significa?

Se eu soubesse.

Ela me beijou. — Sei que nossos passados detêm horrores, mas podemos passar por isso, você não acha?

Acariciei sua bochecha. Eu tinha passado pelos horrores. Eu tinha visto e feito tantas coisas horríveis, como poderia um evento de muito tempo ainda ter algum poder sobre mim?

Capítulo Vinte e Três

KIARA

Na manhã seguinte, encontrei Remo esmurrando o saco de pancadas, mas tudo em que conseguia pensar eram as palavras de Nino, e sabia que nunca mais veria Remo da mesma maneira novamente. Cristo, ele ainda me aterrorizava, mas eu quase o entendia - parte dele de qualquer maneira. Remo era cruel e brutal, impiedoso e rápido em explodir, mas não era tudo o que havia nele.

— Por que você está olhando? — Ele ofegou enquanto fazia o saco voar com outro chute duro.

Eu nem sabia ao certo por que vim aqui. Era onde Nino e seus irmãos jogavam sinuca, assistiam a lutas e discutiam negócios, ou socavam um saco de pancadas durante o dia. À noite, quando jantávamos juntos, minha presença era tolerada, mas eu geralmente ficava longe o resto do tempo, dando-lhes espaço.

Meus olhos foram atraídos para as costas de Remo. Eu nunca tinha estado perto o suficiente dele para perceber que o anjo caído tatuado encobria cicatrizes de queimadura. Eu não tinha percebido que as manchas ásperas nas palmas de suas mãos eram queimaduras e feridas cicatrizadas de afastar sua mãe.

Remo se virou para mim completamente, estreitando os olhos, e por um momento eu quis avançar e abraçá-lo, abraçar o garoto que salvou Nino e Savio e até mesmo o não nascido Adamo, que lutou com uma mãe insana e se queimou para que todos pudessem viver, mas Remo era um homem agora e não do tipo que você queria consolar. Meus olhos se demoraram na cicatriz cruzando a sobrancelha, e me enchi de compaixão por ele. Talvez Remo estivesse além da redenção aos olhos de muitas pessoas, mas ele salvara seus irmãos, salvara Nino.

Eu me perguntei o quanto ele se lembrava daquele dia, mas não fui corajosa o suficiente para lhe perguntar. Remo se aproximou de mim, e eu olhei para o seu rosto quando ele parou bem na minha frente. — Por que você está me dando esse olhar fodido? — Ele rosnou,

mas pela primeira vez não havia apenas raiva em seus olhos... havia apreensão.

Eu balancei a cabeça. — Queria te agradecer por salvar Nino.

Remo endureceu e algo sombrio e perigoso se aninhou na profundidade de seus olhos.

— Duas noites atrás, — acrescentei, porque a autopreservação entrou em cena, mas Remo sabia que não era a isso que eu estava me referindo.

No entanto, ele recuou e deu de ombros tensos. — Alguém tinha que tirá-lo de lá.

Dei um passo para trás também.

— Ah, e Kiara, nem uma palavra sobre isso para Savio e Adamo. Eles não precisam saber.

Sobre o colapso de Nino. Sobre o passado. Eles não se lembravam, não sabiam, e manter essa verdade deles era provavelmente outra maneira de Remo protegê-los.

Meus olhos estavam fechados enquanto ouvia a música, meus dedos deslizando pelas teclas. Nada me trazia mais serenidade do que criar melodias. Era uma saída para o caos de emoções dentro de mim.

— Você é muito boa nisso, — disse Remo.

Eu pulei, meus olhos se abriram e se fixaram em Remo. Ele ficou na porta por um momento, em seguida, caminhou em minha direção. Como de costume, meu corpo ficou tenso em sua presença.

— Ainda assim? — Ele perguntou com um sorriso irônico. Ele se inclinou contra o piano, olhando para mim com aqueles olhos incrivelmente escuros e perigosos. — Ainda tem medo de mim.

Eu ri. — Remo, existe uma mulher em Las Vegas ou em qualquer outro lugar que não tenha medo de você?

Seu sorriso ficou mais largo. — Não existe homem também.

Suspirei. Meu olhar cintilou na cicatriz em seu rosto, lembrando-me da história que Nino me contara, imaginando como um homem capaz de atos indescritíveis poderia ter arriscado sua vida para salvar seus irmãos. Remo Falcone era um completo mistério para mim.

Os olhos de Remo se estreitaram, e ele se aproximou, inclinándose sobre mim, uma mão apoiada nas teclas, fazendo com que o piano soltasse um gemido agudo. — Por que você está me olhando assim? — Ele rosnou. — O que Nino lhe contou?

Engoli. — Não chegue tão perto, — eu disse com firmeza.

Os lábios de Remo se apertaram perigosamente, mas ele endireitou seu corpo, me dando mais espaço. — Eu lhe disse antes e vou lhe dizer novamente: você é do Nino. Você está segura.

— Eu sei, — eu disse. — Mas não posso evitar a reação do meu corpo a você. Talvez isso desapareça.

Ele encolheu os ombros. — Ele falou sobre a nossa mãe, não foi?

Havia um tom em sua voz que fez os pequenos cabelos no meu pescoço se erguerem. — Sim.

Remo deu um aceno de cabeça firme. Então ele avisou em voz baixa: — Algumas coisas precisam ficar enterradas. Isso é uma delas. E as emoções de Nino provavelmente também. Não sei o que você quer dele, mas pelo bem dele e do seu, não o pressione.

Cedo no dia seguinte, Nino e eu partimos para nossa primeira caminhada juntos. Eu não estava muito em forma, mas ter Nino para mim, cercado por belas formações rochosas vermelha, era muito atraente. Ele nos levou de volta ao parque Red Canyon National e ficou quieto durante a viagem, focado na rua, mas seus olhos pareciam ver além da estrada à frente.

Ele me surpreendeu quando pegou minha mão, descansando na minha coxa nua. Seu calor se infiltrou em mim, mas não foi por isso que meu peito aqueceu.

Estacionamos nosso carro e partimos para a trilha circular. Nino estava usando uma camiseta branca apertada e shorts de ginástica, com o cabelo caindo nos olhos. Ele também carregava uma mochila enorme com provisões. Eu tinha optado por shorts e um top. Eram apenas sete horas, mas o dia seria quente.

Nino tocou levemente minhas costas. — Pronta para a sua primeira caminhada?

Eu sorri. — Com você ao meu lado, posso fazer qualquer coisa.

Sua expressão suavizou. Ele me puxou mais perto e me beijou antes de se endireitar e apontar para a trilha. Eu ainda estava surpresa com sua demonstração de afeto. Sem tentar analisá-lo, caí em um ritmo ao lado de Nino. Ele apontou formações de pedra particularmente belas. Elas brilhavam em diferentes tons de vermelho e laranja.

Apesar da beleza da natureza, meu olhar continuava voltando para Nino. Ele estava diferente desde que eu lhe disse que o amava. Ele se sentiu pressionado a fingir emoções com mais frequência? Era por isso que ele estava estranho? Mas eu não podia imaginar que Nino cedesse sob pressão. Nino era forte e endurecido. Ele era um Falcone.

Nino diminuiu o ritmo quando percebeu que eu estava tendo problemas para acompanhar. Eventualmente, ele escolheu um local com vista para um vale de formações rochosas menores, para que pudéssemos fazer uma pausa. Sentamo-nos no chão, de quadril a quadril, e Nino me deu um sanduíche.

— Então? Gosta disso? — Ele perguntou.

Eu inclinei minha cabeça para ele. — A caminhada ou o sanduíche?

— Ambos seriam o ideal.

Eu balancei a cabeça. — *Ótimo...* — Eu coloquei meu queixo sobre seu ombro. —... Aposto que na escola que as outras crianças odiavam o quão inteligente e adequado você era.

As sobrancelhas de Nino se elevaram. — Eu não era adequado. E as crianças me odiavam por muitas razões.

— Mas eu duvido que eles mexessem com você.

— Quando Remo e eu começamos a estudar na Inglaterra, as crianças não sabiam quem éramos. Nós deveríamos nos misturar. Eu estava dois anos adiantado, no mesmo ano que Remo. Muitos dos meninos nas minhas aulas eram mais altos. Eles tentaram me provocar no início.

— Isso não acabou bem.

— Alguns deles tiveram infelizes incidentes levando a internações hospitalares, — disse Nino. — A maioria deles feito por Remo, mas cometi alguns deles também.

— E vocês não foram expulsos da escola?

— Os professores sabiam quem nós éramos, — disse Nino com um sorriso sombrio.

Eu examinei seu rosto, tentando imaginar como ele tinha sido quando criança. Nino encontrou meu olhar, e algo mais suave, mais quente encheu seus olhos. Ele se inclinou para frente, tocou meu quadril e reivindicou minha boca em um beijo. Eu o beijei de volta, e finalmente nos esticamos na pedra quente, Nino se inclinando sobre mim, me beijando, acariciando minha cintura e costelas. Ele nos rolou até que eu estava deitada sobre ele. Suas mãos percorriam minhas costas, mas o som de um galho quebrando nos separou e Nino se sentou comigo ainda em cima dele. Seus olhos examinaram nossos arredores. Então ele relaxou novamente. Seus lábios deixaram uma trilha suave ao longo da minha bochecha até a minha garganta. Sua gentileza, seus gestos amorosos, fizeram meu coração pulsar com amor e desespero.

Ele estava simulando amor por mim. Às vezes, eu esquecia. Mas sempre que me lembrava, a dor era aguda e de partir o coração. Empurrei esse pensamento de lado. Nino segurou meu rosto novamente, inclinando minha cabeça até que nossas bocas se conectassem. O beijo consumiu tudo, e eu me deixei levar, deixando as mãos de Nino banir qualquer pensamento lógico. Quando ele se acomodou entre as minhas pernas e me reivindicou, nada mais importava, apenas ter Nino acima de mim, dentro de mim, sua boca na minha, seus olhos cinzentos acesos com desejo e mais... Eu não me importava se era simulado ou não.

Depois, nos vestimos e continuamos nossa caminhada. Sua expressão era calma e serena enquanto examinava a paisagem ao nosso redor, quando ele não estava tentando simular emoções. Era assim que seríamos, calmos e serenos se não tivéssemos sido sobrecarregados com a capacidade de sentir ao nascer?

Calma e serena. Eu gostaria de poder ser assim, mas meus pensamentos e emoções eram um redemoinho no meu corpo, confuso e aterrorizado e completamente tolo.

Alguns dias depois, Nino foi treinar para uma luta com Fabiano, e fiquei sozinha com Remo. Era a primeira vez que ele me protegeria. Nino havia mencionado que Remo partiria em breve para uma missão no território da Outfit, e por isso estava ocupado com os preparativos de última hora em casa.

Eu o encontrei em seu lugar favorito no sofá, checando algo em seu tablet. Ele não olhou para cima quando entrei e o observei em silêncio.

Ele levantou a cabeça, sua expressão endurecendo. — O que foi agora? — Sua voz era baixa, à beira da raiva.

— Por que você gosta de machucar as mulheres? — Eu sussurrei.

Remo estreitou os olhos. — Eu gosto de machucar as *pessoas*. Não diferencio se é um homem ou uma mulher.

— E ainda assim você pune as mulheres de maneira diferente dos homens, — eu disse.

— Eu faço? — Ele murmurou, olhos escuros queimando em mim. Ele largou o tablet e se levantou. — Elas têm uma escolha. Elas podem se submeter a tortura ou...

— Submeter-se a outra forma de tortura, — eu disse, ficando com raiva. — Você dá a elas uma escolha entre duas formas de tortura.

Ele andou na minha direção, mas pela primeira vez eu não recuei. Quase três meses em sua presença me deram a coragem

necessária, combinada com o conhecimento que Nino confiava em Remo. — Mas uma delas é muito menos dolorosa que a outra. É uma escolha. Mais do que os homens recebem.

Eu estremeci. — Posso assegurar-lhe que foi muito doloroso para mim.

Remo me olhou por um momento. Ele estava perto o suficiente, eu podia ver a miríade de cicatrizes marcando a parte superior do seu corpo. Ele raramente usava camisas em casa. No começo, achei que era para me perturbar ainda mais - como se Remo não fosse perturbador o suficiente por conta própria. — Você era criança. Ninguém toca crianças no meu território nem garotas menores de idade.

— Elas não trazem mais dinheiro? — Eu murmurei.

— Claro. A maioria dos molestadores pagaria uma fortuna para tirar a virgindade de uma menina, mas não permitimos esse tipo de coisa em nosso território.

— Por que não? Você permite a escravidão sexual, não é? Você tem aliciadores que seduzem as mulheres, fazem-nas acreditar que estão sendo amadas e depois as transformam em prostitutas.

Remo zombou. Às vezes eu me perguntava como uma única pessoa poderia abrigar tanta violência e ódio. — Essas mulheres começam a trabalhar como prostitutas porque querem agradar a um homem que deveriam matar. Se uma mulher permite que um homem a trate assim, é tanto culpa dela quanto dele. Elas concordam em vender seus corpos porque acham que estão apaixonados. Isso é estúpido e elas pagam por sua estupidez.

— Elas querem ajudar alguém que amam, — eu disse indignada. — Seus aliciadores as fazem acreditar que estão em dívida com a Camorra, e então as mulheres assumem a dívida e têm que trabalhar como prostitutas. Isso é horrível.

Remo deu mais um passo para perto de mim, mas eu ainda não recuei. — Se as mulheres agem como o sexo fraco, elas serão tratadas dessa maneira. Por que essas mulheres idiotas não mandam meus aliciadores se foder?

— Você nunca vai entender porque nunca amou alguém.

Remo sorriu ironicamente. — Amar alguém que não retribui o seu amor é o maior tipo de estupidez que posso imaginar.

Eu recuei, porque isso chegou muito perto da minha verdade, e porque sabia que ele estava certo. Realização encheu o rosto de Remo e minhas entranhas se contorceram. Agora ele sabia que eu amava Nino. Me virei para sair, mas ele segurou meu pulso.

— Me deixe ir.

Pela primeira vez, ele não o fez. Em vez disso, ele me puxou de volta, então tive que encará-lo. Olhei para seus olhos escuros e cruéis. Ele balançou a cabeça e esperei que ele me provocasse. — Ele não pode sentir.

— Eu sei, — eu murmurei, puxando meu braço, mas seus dedos apertaram em volta do meu pulso. Finalmente, minha raiva e desespero borbulharam. — Você acha que eu não sei disso? Mas não posso mudar como me sinto! Você não acha que eu mudaria se pudesse? Mas o amor não funciona dessa maneira. Você nunca entenderá.

— Você está certa, — disse ele em voz baixa. — Eu não posso e não vou. Por que iria querer ser um idiota?

— Espero que um dia você encontre alguém que queira tanto, que o queime por dentro, e depois conversaremos quando ela não retornar seus sentimentos.

Remo me apoiou contra a parede, sua expressão dura e cruel. — Isso nunca acontecerá. E eu queimei antes, Kiara. Posso enfrentar chamadas e torturas. Não sou fraco como você.

— Eu não sou fraca. — Arranquei meu pulso de seu domínio e o empurrei com força. Ele deu um passo deliberado para trás, encarando minhas mãos ainda pressionadas contra seu peito. Eu as deixei cair rapidamente, me enchendo de choque.

Remo levantou o olhar e eu fiquei tensa, preocupada com a raiva dele, mas ele estava sorrindo. — Finalmente, você não deixou o seu medo ganhar.

Eu pisquei para ele, mas ele deu um passo para trás e se virou, indo em direção à porta, mas antes que a alcançasse, parou e olhou para mim por cima do ombro, com os olhos duros. — Ah, e Kiara, você

nunca mais falará assim comigo de novamente. Eu sou seu Capo. Entendido?

Dei um aceno de cabeça e observei quando ele saiu.

NINO

Fabiano mirou um chute na minha cabeça. Eu me esquivei um pouco tarde demais, e ele roçou levemente meu queixo.

Surpresa cruzou seu rosto, que eu usei para dar dois socos duros contra a parte inferior das suas costas. Ele engasgou, mas rapidamente se recuperou e desferiu um soco.

Ele inclinou a cabeça. — O que está acontecendo com você?

— O que você quer dizer? — Eu perguntei com cuidado, pegando a toalha que joguei sobre a corda. Eu limpei meu rosto e peito.

— Você esteve... menos focado hoje. E aconteceu o mesmo durante a sua luta.

Eu me inclinei contra o poste no canto. Meu estado atual não era algo que eu queria discutir até ter um melhor controle sobre as coisas e tivesse a chance de analisar minuciosamente a minha situação. — Você não gosta da ideia com a sobrinha de Cavallaro.

Fabiano estreitou os olhos, obviamente insatisfeito com a mudança de assunto. — Você realmente acha que o plano de Remo é bom?

O plano de Remo era emocional, alimentado por vingança e ódio. Era perigoso, mas poderia ser eficaz. Eu observei Fabiano. — Você conhece a garota. Você sente pena dela?

Ele fez uma careta. — Você me conhece, Nino. Eu seguirei Remo através do fogo do inferno, mas ao contrário de você, ainda tenho algumas emoções.

— Antes de Leona, você convenceu a todos que não era o caso.

— Antes de Leona, eu me convenci de que não era capaz de ter emoções, — ele disse, depois estreitou os olhos como se estivesse entendendo.

— O plano de Remo criará uma reviravolta na Outfit. A irmã de Cavallaro ficará arrasada porque sua filha foi pega por nós e Dante se sentirá responsável por sua sobrinha. Sua esposa também ficará preocupada por causa de sua própria filha. Esta poderá ser uma das vezes que Dante renunciará à lógica e agirá. Se isso acontecer, podemos vencê-lo.

— Provavelmente. Porque não importa o que aconteça, podemos sempre contar com você para ser a voz da lógica, Nino.

Eu dei um aceno de cabeça tenso. A indiferença e a análise lógica me guiaram a vida toda, salvaram a vida de Remo e a minha em muitas ocasiões, quando seu temperamento o dominou. Mas quando eu estava perto de Kiara, era difícil me agarrar à lógica. Desde a noite em que ela disse que me amava, algo havia mudado. Começara como uma pequena rachadura, mas aumentara continuamente, e eu não tinha como detê-la. — Você tem certeza de que será capaz de fazer o que deve ser feito quando estiver em Chicago? Você não vai se distrair pensando em seu pai?

O ódio brilhou no rosto de Fabiano. — Eu esperei muito tempo. Posso esperar mais algumas semanas ou meses. Você não precisa se preocupar. Eu ficarei ao lado de Remo, não importa quão insano seja seu plano. Duvido que seja apenas motivado por motivações estratégicas.

— Os planos de Remo nunca são. Ele quer jogar com Dante, quer rasgar a Outfit por dentro. Remo é o melhor em jogos mentais.

— Sim. Remo sabe como foder com o cérebro das pessoas, — disse Fabiano com uma risada sombria.

Ele sabia, e Cavallaro e Scuderi logo perceberiam seu erro em foder com a Camorra.

Capítulo Vinte e Quatro

KIARA

Nada me trazia tanto conforto quanto tocar a música de Nino, o que era irônico, considerando que isso me enchia de um desejo esmagador e melancolia ao mesmo tempo.

Quando meus dedos chegaram à parte em que percebi meus sentimentos, a melodia ficou baixa e sombria, como se o piano estivesse relutante em tocar as notas, como se eu estivesse relutando em admitir meus sentimentos para mim mesma.

Nino entrou e me olhou em silêncio por um tempo. Eu não olhei para cima das teclas do piano, tocando a música até o fim, tremendo quando as notas baixas se desvaneceram.

— O que significa isso? — Nino murmurou. — Desde que você começou a música, ela evoluiu mais e mais.

Eu levantei meus olhos para os dele. — É a história dos meus sentimentos por você, — eu admiti. — Como vim a aceitar que eu te amo e que você nunca poderá me amar de volta. — Como de costume, minha garganta apertou com a minha admissão.

A expressão de Nino suavizou um pouco e o calor encheu seus olhos cinzentos e hoje eu não pude aguentar. Essa emoção simulada, não importa o quão bom ele fosse, nunca seria suficiente. Eu sabia disso, no fundo. — Pare com isso, — eu sussurrei duramente.

Seus olhos se estreitaram e ele se aproximou, seus movimentos graciosos como sempre. E eu me resenti mesmo disso. Ele podia ser tão bonito, inteligente e poderoso, mas nunca poderia ser a única coisa que eu desejava: emocional.

Eu olhei para o seu rosto lindamente frio. — Você é muito bom nisso. Bom demais em simular afeto, fingir que você se importa comigo. Tão bom que às vezes quase acredito que você poderia realmente me amar, Nino. — Lágrimas rolaram dos meus olhos.

Fraca. Uma idiota. Do que mais Remo me chamou? Ele estava certo em todos os aspectos.

Nino se apoiou no piano, olhando para mim. — Talvez eu não tenha que simular, — ele disse naquela voz suave. — Talvez eu te ame.

Esta foi a última gota. Eu não aguentava mais. Pulei do banco, desejando que ele pudesse entender como isso me destruía, saber que eu amava alguém que nunca entenderia o que significava olhar para o outro e sentir como se fosse quebrar se essa pessoa fosse tirada de você.

Agarrei a frente de sua camisa, voltando-me para a minha raiva. — Não minta para mim. Eu lhe pedi que não me dissesse essas palavras se não quisesse dizer isso. Então não faça.

Eu soltei sua camisa, atordoada pelo brilho em seus olhos. Parecia que eles estavam queimando de emoção. Quão bom ele era em fingir isso?

Engolindo em seco, me virei, precisando me afastar antes de me permitir ficar presa nessa horrível simulação novamente. Uma nota baixa e clara soou quando eu estava na metade da escada, e congelei, ouvindo a melodia se desdobrando. Era uma linda melodia, cada nota complementando a outra. Era bem composta, mas carecia de emoção. Era uma melodia que um computador poderia ter criado porque era apenas um monte de notas ligadas para agradar ao ouvido comum. Você poderia ouvi-la em um jantar casual com estranhos porque nunca elevaria sua pulsação, nunca rasgaria as cordas do seu coração ou encheria seu corpo de saudade doce. Nunca faria você querer chorar da pura força da emoção que carregava.

Então algo mudou. No começo foi sutil, um ligeiro soluço na composição perfeita. Notas mais sombrias imploravam por atenção e foram seguidas por notas altas e curtas, até que lutaram entre si e o que parecia ser uma composição perfeita. Lentamente, virei-me apavorada com o que veria.

Nino estava sentado ao piano, os olhos fechados, a cabeça inclinada para o lado, enquanto seus dedos voavam sobre as teclas. Ele era um espetáculo para ser visto com suas horríveis tatuagens, incontáveis cicatrizes e aquele rosto perfeitamente esculpido e sem emoção. Eu tinha certeza de que não importava quanto tempo vivesse, nunca veria nada mais deslumbrante do que Nino extraindo notas maravilhosas do meu piano.

A composição perfeita lutou contra as notas desequilibradas e, de repente, inexplicavelmente, elas não estavam mais lutando pelo domínio. Eles se envolveram uma na outra e eram tão perfeitas juntas do que qualquer sinfonia planejada poderia ser porque carregava saudade e esperança, medo e resignação, amor e ódio. Ele carregava tudo isso e eu não conseguia me proteger dele.

As lágrimas que eu estava segurando escaparam, e eu passei meus braços em volta do meu peito como se isso pudesse impedir meu coração de saltar da minha caixa torácica. Quando a última nota morreu, fiquei lá tremendo.

Nino abriu os olhos e olhou para mim. E soube então que, se o que via nos olhos de Nino, o que via em seu rosto, era fingimento, então eu poderia viver com isso porque enchia meu coração com tanto calor que me queimava de dentro para fora.

— O que é isso? — Ele perguntou em uma voz crua.

Eu dei um passo em direção a ele. — O que é o quê?

— Diga-me, — disse ele enquanto se levantava. — O que é isso, se não emoção?

Eu olhei, incapaz de compreender o que ele estava dizendo, sem ousar esperar. — A música... é isso que você sente?

Nino andou na minha direção lentamente e me olhou como se eu tivesse quebrado tudo o que ele acreditava. Ele parou bem na minha frente, de pé dois degraus abaixo de mim, então nós estávamos no mesmo nível, e eu mal conseguia respirar. — Antes de você, havia calma. Havia ordem e lógica.

Eu me lembrei do começo de sua música, aquela composição perfeita. — E agora? — Eu soltei um suspiro rouco.

— Agora, — ele rosnou e sua expressão torceu, — agora há caos.

Engoli. O que eu deveria fazer com esse tipo de revelação? Ele me assustou ao segurar minhas bochechas, aproximando nossos rostos, respirando duramente contra minha boca, seus olhos quase desesperados.

— E você quer a calma de volta, — eu sussurrei.

Suas sobrancelhas se uniram enquanto ele me olhava. Ele baixou a cabeça e me beijou, suave e lento, nada como o que eu esperava pelo brilho em seus olhos. — Sim e não. Possivelmente. Eu não sei — ele disse baixinho. — Leva algum tempo para me acostumar.

E se alojou de novo em meu coração, aquela estúpida esperança de que talvez um dia Nino pudesse... Nino me amaria.

NINO

Remo me observou cautelosamente enquanto colocava mais algumas armas no porta-malas do carro. Ele iria para Chicago em poucas horas com Fabiano. Nos encontraríamos no Sugar Trap em trinta minutos para alguns preparativos de última hora. — Eu ainda acho que deveria ir com você, — eu disse com firmeza. — Você e Fabiano serão uma combinação volátil em Chicago.

— Fabiano sabe mais sobre a Outfit do que qualquer um de nós, e você precisa ter certeza de que nada aconteça aqui. Você pode manter as coisas em ordem se Fabiano e eu não voltarmos.

— Suas chances de voltar aumentariam se eu fosse com você.

— Nas últimas duas semanas, você esteve errático, Nino. Acho melhor você ficar aqui.

Eu fiz uma careta. Tinha melhor controle sobre mim mesmo e os pesadelos pararam. Mas eu não era o mesmo que tinha sido antes. Não havia como negar.

Remo tocou meu ombro. — O que está acontecendo? Eu preciso me preocupar?

— Não sou como costumava ser, — comecei, não tendo certeza de como poderia descrever para ele o que eu mal conseguia entender. — Eu sinto coisas. Ainda é uma luta, ainda não é como as pessoas normais sentem, tenho certeza disso, mas está lá.

Remo ficou muito quieto. — É por causa de Kiara?

Eu assenti. — Por causa dela. Ela lutou contra os demônios de seu passado e me fez perceber que eu também estava algemado a lembranças, controlado por algo que pensei ter descartado.

Remo desviou o olhar, a fúria contorcendo sua expressão. — Nossa mãe deveria estar morta. Nosso pai deveria tê-la matado depois de tirar Adamo dela. Eu deveria tê-la matado quando assumi, mas ela ainda está lá. Ainda viva.

Eu toquei o ombro de Remo. — Ela está praticamente morta. A sombra de uma pessoa. Ela está no passado.

Remo deu um aceno brusco e encontrou meu olhar, algo sombrio e perigoso em seus olhos. Eu conhecia esse olhar e já o tinha visto muitas vezes antes. — Você ainda está ao meu lado agora que você ficou todo mole por causa de Kiara?

Segurei seu antebraço sobre a tatuagem da Camorra e ele espelhou o gesto. — Nós somos irmãos. Não apenas por nascimento, mas por escolha, e ficarei ao seu lado até dar meu último suspiro. Nada vai mudar isso. Kiara sabe disso e aceita. Estou com você. — Eu parei. — E eu não estou ficando mole, não se preocupe. Essas novas sensações... Eu me preocupei que fossem me enfraquecer, que não pudesse mais ser o que você precisa, mas elas não vão e não serão. Ainda não sinto um lampejo de pena ou culpa quando mato e torturo por nossa causa, e isso não vai mudar.

Remo assentiu e me soltou. Para ele, estava resolvido. Ele sabia que eu ainda estava lá por ele. — Agora que eu sei que você pode cuidar de Vegas enquanto eu estiver fora, vou ter que me concentrar em sequestrar a noiva sortuda.

Eu balancei a cabeça. Remo estava obcecado. Eu deveria ter sido a voz da razão nisso e me certificar de que nosso plano realmente funcionasse. Emoções não mudariam o fato de que eu era a voz da lógica entre nós dois. Que eu sempre seria melhor em controlar minhas emoções, mas Remo seguiria seu plano, sem importar o que eu dissesse.

Kiara me libertou dos grilhões do meu passado e eu desejei o mesmo para Remo. Mas Remo era Remo, e ele nunca permitiria que uma mulher visse qualquer lado dele que não evocasse terror e medo.

Quando voltei para casa no início da noite, Kiara estava do lado de fora no jardim praticando como disparar uma arma. Ela melhorou muito desde que segurou uma arma na mão. Adamo estava ao lado dela, ajustando seus braços de vez em quando. Ele seria introduzido em três semanas, em seu décimo quarto aniversário, e agora ele havia se afastado ainda mais de Remo, Savio e eu. A única pessoa com quem ele ainda falava diariamente era Kiara. Ela atirou de novo, acertando o alvo. Adamo sorriu. Então ele me viu e endureceu. Depois de dizer algo para Kiara, ele partiu.

Kiara veio na minha direção, à arma ainda na mão. Ela estava radiante, parecendo orgulhosa e meu coração deu aquele estranho salto de novo. Isso sempre me assustava.

— Você viu isso? — Ela perguntou quando parou na minha frente.

— Você é uma boa atiradora.

Suas sobrancelhas se uniram. — Está tudo certo? Você está com uma cara estranha novamente.

Eu peguei a mão dela e a levei para dentro da mansão. Ela seguiu sem hesitar, mas me dirigia um ocasional olhar confuso. Quando chegamos ao nosso quarto, peguei a arma dela e coloquei na mesinha de cabeceira. Então a puxei contra mim e a beijei. Suas mãos subiram para o meu peito, acariciando e puxando, enquanto sua boca se movia contra a minha. Ela tinha gosto de hortelã e chocolate, e eu não conseguia o suficiente.

Levantando-a, eu a deitei na cama e subi em cima dela, pressionando meu pau duro contra seu centro. Ela gemeu na minha boca e puxou a camisa da minha calça. Sentei-me e rapidamente descartei minha camisa antes de me abaixar novamente para o corpo macio de Kiara.

Suas mãos percorreram minhas costas até o meu pescoço, me puxando para mais perto, e eu a beijei mais forte e balancei meus quadris contra sua pélvis. Ela ofegou. — Nino. Eu preciso de você.

Eu tirei sua camisa sobre sua cabeça, em seguida, chupei seu seio em minha boca através de seu sutiã de renda enquanto minha mão viajava até seu short. Eu os abri e coloquei minha mão em sua calcinha, sobre seu pelo macio e entre suas dobras, encontrando-a quente e molhada e pronta.

Porra. Eu arranquei sua bermuda por suas pernas, em seguida, trabalhei rápido em sua calcinha também e abaixei minhas próprias calças e cueca antes de me mover de volta entre suas pernas e empurrar dentro dela em um movimento profundo e duro. Nós gememos e as unhas de Kiara passaram pelas minhas costas. Eu rosnei quando minhas bolas se contorceram. Eu ergui uma de suas pernas e comecei a fodê-la em impulsos lentos e duros. Seus olhos permaneceram nos meus enquanto eu tirava de seus lábios um gemido após o outro. Havia confiança e amor em seus olhos. Eu podia ver agora. Não tinha certeza porque sempre tive dificuldade em ler essas emoções em seu olhar. Meu próprio peito apertou e meu coração morto inchou com a porra da emoção.

Porra, era doloroso, mas foi a melhor dor que já senti. Eu passei meus braços em torno de Kiara, trazendo nossos corpos ainda mais perto, precisando dela mais próxima porque só ela enchia o buraco no meu peito. Só ela podia olhar para o abismo negro que era a minha alma e encontrar algo amável nela.

Minha garganta ficou apertada, mas forcei as palavras que eu queria dizer por dias agora. — Eu te amo. — Meus impulsos vacilaram quando ouvi essas três palavras em voz alta, ouvi-as derramar dos meus lábios.

Kiara ficou tensa sob mim, seus olhos se arregalaram e eu me recompus e empurrei nela novamente. — Você ama? — Ela sussurrou.

— Eu amo, com meu maldito coração morto. Com cada fodida fibra do meu ser.

Ela ofegou quando aumentei ainda mais meus impulsos, e seus olhos ainda mostravam incompreensão, como se ela não pudesse acreditar. Levei a mão entre nós, tocando seu clitóris, e reivindiquei seus lábios. Ela arqueou, estremeceu, e eu relaxei também. Mantive meus olhos abertos, continuei assistindo o lindo rosto de Kiara se contorcer de prazer. Eu sempre gostei de sexo. Foi o mais próximo que cheguei de sentir, mas o sexo com emoção era algo totalmente diferente. Era a perfeição do caralho.

Eu permaneci em cima de Kiara enquanto amolecia e a beijei mais uma vez.

— Você me ama, — ela sussurrou. — Sério?

— Eu te amo. Sério. Nenhuma afeição simulada ou amor nunca mais, porque com você, eu não preciso fingir. Você arrancou essa parte morta do meu passado de dentro de mim e reviveu. Eu não morri quinze anos atrás, mas também não vivi... até você.

Ela me abraçou ainda mais apertado. — Eu amo você, Nino. Uma parte de mim morreu há seis anos, mas você me ajudou a viver novamente.

Nós dois tínhamos sido marcados pelo nosso passado, mas juntos lutamos contra nossos demônios e saímos como vencedores. Nunca uma vitória pareceu tão boa.

Fim